

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PÓS-GRADUAÇÃO DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-PÓSGRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

REDES MORAIS:

**um estudo exploratório sobre a solidariedade inerente ao cultivo caseiro de maconha
para o uso social recreativo**

Marco Vinicius de Castro

Juiz de Fora

2019

MARCO VINICIUS DE CASTRO

REDES MORAIS:

**um estudo exploratório sobre a solidariedade inerente ao cultivo caseiro de maconha
para o uso social recreativo**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais. Área de Concentração: Cultura, Poder e Instituições. Linha de Pesquisa: Cultura, Democracia e Instituições.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Cesar Pontes Fraga

Juiz de Fora

2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Castro, Marco Vinicius de.

Redes morais : um estudo exploratório sobre a solidariedade inerente ao cultivo caseiro de maconha para o uso social recreativo / Marco Vinicius de Castro. -- 2019.

183 p. : il.

Orientador: Paulo Cesar Pontes Fraga

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, 2019.

1. Redes morais. 2. Ilegalismo popular. 3. Plantio Caseiro. 4. Maconha. 5. Uso recreativo. I. Fraga, Paulo Cesar Pontes, orient. II. Título.

MARCO VINICIUS DE CASTRO


**REDES MORAIS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE A
SOLIDARIEDADE INERENTE AO CULTIVO CASEIRO DE MACONHA
PARA O USO SOCIAL RECREATIVO**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Ciências Sociais da
Universidade Federal de Juiz de Fora
como requisito parcial à obtenção do grau
de Mestre em Ciências Sociais.

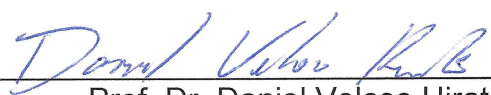
Dissertação defendida e aprovada em 11/03/2019



Prof. Dr. Paulo Cesar Pontes Fraga
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof. Dr. Raul Francisco Magalhães
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof. Dr. Daniel Veloso Hirata
Universidade Federal Fluminense

Agradecimentos

Gratidão ao professor Paulo Fraga, estimado orientador na pós-graduação em Ciências Sociais.

Aos professores Raul Magalhães e Daniel Hirata, por aceitarem compor a banca examinadora.

À Daniela Alves, que na graduação me iniciou na Sociologia.

Aos excelentes docentes da pós-graduação: Felipe Maia, Christiane Jalles, Elizabeth Pissolato e José Alcides.

À Margarete, Marília, Luiz, Pedro, Giovanni, Guida, Patricia, Chico, Mayelli, Sérgio e Flávio.

À “Rasta”, “Aparecida”, “Kell”, “Babosa” e todos mais que participaram indiretamente desse trabalho.

À “Maestro”, “Ronaldo”, “Gilberto”, “Samba”, “Shangri-la”, “Maria Joana”, “Ramos”, “Ruderal” e “Violão”.

Agradeço a CAPES pela bolsa, pois sem o apoio financeiro esta pesquisa jamais seria possível.

E à vida, que por coincidência ou não me deu a oportunidade de fazer este trabalho.

Resumo

Este trabalho resulta de um estudo feito a partir das redes morais de atores sociais que plantam a própria maconha para o uso social recreativo, prática esta que é entendida como um ilegalismo popular. Partindo do objetivo de mapear, a partir de observações, interações e do ponto de vista de atores que plantam a própria maconha para o uso social recreativo, visa-se analisar como esses atores sociais, a partir de suas redes morais, entram em relações e firmam uma solidariedade específica a partir de suas práticas. Para isso é lançado mão de um estudo exploratório inspirado no método etnográfico e no interacionismo simbólico para interagir, observar, seguir e entrevistar qualitativamente atores morais que plantam a própria maconha. Atores que plantam a própria maconha para uso social recreativo firmam uma vida moral de gênero único e, sendo assim, configuram redes morais e relações sociais através de suas práticas. Essa associação moral de atores possui em comuns ideias, interesses e sentimentos que boa parte da população geral não partilha, inclusive diferente de atores que apenas fumam e não plantam a própria maconha. A prática do plantio caseiro da própria maconha é entendida como uma fonte de atividade moral específica, e essas redes morais que os atores firmam ultrapassam o apego individual para o social por esta prática, pois desse apego emerge uma associação restrita no seio da sociedade geral e desprende-se dessa associação uma vida moral de gênero único que considera isso uma atividade normal. Logo, o efeito moral produzido daí suscita um sentimento de solidariedade entre atores morais heterogêneos, formando suas agregações em redes morais, e estabelecendo relações de reciprocidade e de cooperação, assim como reconhecimento e aceitação moral a partir da prática de um ilegalismo popular.

Palavras-chave

Redes morais – Ilegalismo popular – Plantio Caseiro – Maconha – Uso recreativo.

Abstract

This research results from a study carried out from the moral networks of social actors who plant their own marijuana for recreational social use, a practice that is understood as a popular illegalism. The starting point was to map, through observations, interactions and through the point of view of actors who plant their own marijuana for recreational social use, this study aims at analyzing how these social actors, based on their moral networks, get into relations and establish a specific solidarity based on their practices. To this end, an exploratory study inspired by the ethnographic method and symbolic interactionism is used to interact, to observe, to follow and to interview the moral actors who plant their own marijuana qualitatively. Actors who plant their own marijuana for recreational social use establish a very unique moral life and, thus, they build moral networks and social relationships through their practices. This moral association of actors has mutual ideas, interests and feelings that most part of general population does not share. These mutual ideas are even different from actors who only smoke and do not plant their own marijuana. The practice of marijuana own planting is understood as a source of specific moral activity, and these moral networks established by the actors surpass the individual to the social attachment by this practice. Through this attachment emerges a restricted association within the general society and it emerges from this association a very unique moral life that considers this as a normal activity. Therefore, the moral effect produced by this association evokes a feeling of solidarity among heterogeneous moral actors, forming their aggregations in moral networks, and establishing relations of reciprocity and cooperation, as well as moral recognition and acceptance through the practice of this popular illegalism.

Keywords

Moral Networks – Popular Illegalism – Home Planting – Marijuana – Recreational Use.

Lista de ilustrações

Imagem 01 – Foto tirada de alguns clones de “Maestro” quando eu lhe fiz a primeira visita sobre a pesquisa	55
Imagem 02 – Foto tirada de um livro que “Maestro” estuda técnicas de plantio.....	55
Imagem 03 – Foto tirada de um “verde” que “Maestro” fumou misturado com “haxixe” em nosso primeiro contato sobre a pesquisa	55
Imagem 04 – Foto tirada das novas plantas de “Maestro” quando fiz a entrevista com ele ..	69
Imagens 05 e 06 – “Print Screen” tirados de algumas mensagens trocadas com “Maestro” após a entrevista qualitativa.....	70
Imagem 07 – Uma das fotos que “Ronaldo” tirou dos “verdes” que ele colocou na mão de “Gilberto”	73
Imagem 08 – Uma das fotos que “Samba” me enviou de suas plantas	76
Imagem 09 – Uma das fotos que “Maria Joana” e “Ramos” tiraram para mim de suas plantas de maconha camufladas dentre meio outras plantas diversas	86
Imagem 10 – “Print Screen” de algumas regras do “G1”	94
Imagem 11 – “Print Screen” do caso do tomate	96
Imagem 12 – “Print Screen” de alguns comentários do caso tomate	97
Imagem 13 – “Print Screen” de uma postagem lamentando jocosamente por causa de uma planta macho.....	97
Imagem 14 – “Print Screen” de uma publicação com uma legenda professando princípios morais	99
Imagem 15 – “Print Screen” do perfil de um integrante do exército que fazia parte do grupo antes de ser expulso	100
Imagem 16 – “Print Screen” de comentários favoráveis e contras a manutenção do perfil no grupo	100
Imagem 17 – “Print Screen” de uma das publicações que sugerem cautela com “amigos”	101
Imagem 18 – “Print Screen” de uma dúvida sobre a lua e momento da colheita.....	102
Imagem 19 – “Print Screen” de dúvida sobre a planta ser realmente maconha	104
Imagem 20 – “Print Screen” de pedido de dicas e demonstração de observância nas postagens e comentários do grupo.....	104

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I: OBJETIVOS E METODOLOGIA	17
1.1. Objetivo geral.....	17
1.2. Objetivos específicos	17
1.3. Considerações metodológicas	17
CAPÍTULO II: REVISÃO TEÓRICO-ANALÍTICA	22
2.1. As redes morais e os seus conflitos	22
2.2. A lei de drogas do Brasil como um dispositivo de poder	27
2.3. Os controles, as hierarquias e as associações entre poder e “desvio”	38
2.4. Estigma, aceitabilidade e reconhecimento moral	46
CAPÍTULO III: NOTAS SOBRE O TRABALHO DE CAMPO	52
3.1. A inserção e o início das interações com a rede de usuários cultivadores.....	52
3.2. Algumas autuações e contratempos, as primeiras entrevistas	63
3.3. Últimas interações, últimas entrevistas e fim do trabalho de campo	80
3.4. Elementos das observações em grupos do “Facebook”	93
CAPÍTULO IV: EXCURSO SOBRE AS ENTREVISTAS QUALITATIVAS	105
4.1. Os móveis morais do plantio caseiro para o uso recreativo dos entrevistados	105
4.2. As vantagens e as desvantagens sobre cultivar a própria maconha	126
4.3. Os pontos de vistas sobre a legislação de drogas brasileira.....	134
4.4. As percepções dos entrevistados sobre as relações morais com a sociedade	152
4.5. As relações com outras pessoas que também plantam.....	166
CONCLUSÃO.....	174
REFERÊNCIAS	179
GLOSSÁRIO	183

INTRODUÇÃO

O consumo de substâncias psicoativas, que geram o efeito de alterar os estados de consciência, como a maconha, por exemplo, são práticas sociais comumente observadas em nossa sociedade, e tais práticas podem ser tanto recreativas e ocasionais quanto regulares e compulsivas, donde destas últimas podem gerar o que é rotulado como “vício” ou “toxicomania”, o que fez muitas convenções e tratados nacionais e internacionais classificarem certas substâncias como “entorpecentes” ou “drogas” ilícitas (BERGERON, 2012). Bergeron (2012) argumenta, todavia, que existe uma quantidade imensurável de substâncias psicoativas socializadas que atuam na consciência e com o uso a longo prazo também podem produzir o que é taxado como dependência, adição ou vício, como os casos do álcool, tabaco, remédios psicotrópicos controlados, ou mesmo o café, um dos psicoativos mais consumidos no mundo.

Esse debate suscita diversos conflitos, controvérsias e polêmicas inerentes às discussões e legislações que estabelecem o tênue limiar, conforme discutido por Telles e Hirata (2007), que categorizam o que é lícito-ilícito, legal-ilegal, formal-informal e moral-imoral. Essas distinções em relação a outras substâncias, das quais algumas o uso refinado é prezado, consoante Bergeron (2012), define uma clivagem entre drogas psicoativas socializadas, como o álcool, o tabaco, o café e os remédios psicotrópicos em geral, e drogas psicoativas estigmatizadas, como a maconha, a cocaína, a heroína e o crack, onde estas últimas acabam sendo criminalizadas ao serem classificadas como ilícitas. Nessa perspectiva, pode-se admitir que o uso de maconha, assim como de outras drogas ilícitas ou lícitas, configuram relações morais através de seus usos sociais, como nos casos dos usos medicinais, religiosos, científicos ou recreativos da maconha, por exemplo.

A Cannabis sativa L. (cannabis; cannabis; maconha; marijuana) é uma das plantas que maior discussão e dúvidas têm trazido para o ser humano. De um passado de milênios como planta útil para tratamento de diversas afecções humanas, adquire, principalmente no século XX, fama de ser uma droga maldita, erva-do-diabo, sendo até mesmo colocada na Convenção única de Entorpecentes de 1961 da ONU como uma droga particularmente perigosa juntamente com a heroína (CARLINI; RODRIGUES; GALDURÓZ, 2005, p. 8, grifo nosso).

No Brasil, atualmente, vigora a Lei 11.343, de 23/08/2006, que institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas (SISNAD), e essa lei classifica como drogas “substâncias ou os produtos capazes de causar dependência, assim especificados em lei ou relacionados em listas atualizadas periodicamente pelo Poder Executivo da União” (BRASIL, 2006). Mas é a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), através da Portaria nº

344, de 12/05/1998, que estabelece o “Regulamento Técnico” sobre substâncias e medicamentos submetidos a controle especial, e de acordo com seu Art. 2º:

Para extrair, produzir, fabricar, beneficiar, distribuir, transportar, preparar, manipular, fracionar, importar, exportar, transformar, embalar, reembalar, para qualquer fim, as substâncias constantes das listas deste Regulamento Técnico (ANEXO I) e de suas atualizações, ou os medicamentos que as contenham, **é obrigatória a obtenção de Autorização Especial concedida pela Secretaria de Vigilância Sanitária do Ministério da Saúde** (BRASIL, 1998, p. 2, grifo nosso).

Essa lei e regulamentação visam controlar tanto a produção e venda quanto o consumo de drogas consideradas ilícitas, e como a maconha é classificada como uma droga ilícita, isso culmina em uma tentativa de privação de direitos individuais e exclusão de ações subjetivas e coletivas atreladas aos usos sociais dessa planta. Porém, nesse sentido, pode-se presumir também que é impossível uma privação e controle total dessas ações práticas na vida cotidiana dos atores sociais e de suas associações em torno dos usos sociais da planta, pois conforme exposto por Carlini, Rodrigues e Galduróz (2005), os usos de maconha para diversos fins é uma realidade social concreta e milenarmente estabelecida.

Mesmo a Lei 11.343/2006 deixando explícito como se constituem os crimes e as penalidades aplicadas tanto para a produção, comercialização, porte e consumo de drogas ilícitas, no Brasil contemporâneo tem ascendido o número de atores sociais que cultivam maconha em suas casas para o consumo social recreativo dessa planta, assim como para outros usos, como o medicinal, e isso recentemente tem levantado uma série de conflitos que intensificam os pedidos para descriminalizar o cultivo de pequenas plantações domésticas de maconha. Um dos problemas do vínculo que entrelaça o cultivo e uso de maconha à criminalidade é que, concomitantemente à ascensão do cultivo caseiro de maconha para usos individuais e coletivos, tem crescido também o número de autuações de usuários-produtores, tornando a prática do cultivo caseiro de maconha o cerne de uma série de discussões, sejam essas discussões contrárias ou favoráveis à prática.

Sobre as autuações de usuários produtores, nos julgamentos processuais acabam por ocorrer diferenças nas decisões judiciais relativas aos casos, como pode ser visto através de alguns exemplos. Primeiro exemplo interessante a salientar é o do Ras Geraldino que, segundo reportagem da Folha¹, é fundador da primeira igreja rastafári do Brasil e foi preso em 2012 por conta de 37 pés de maconha encontrados em sua igreja, que ficava situada no interior de São Paulo, e posteriormente foi condenado a 14 anos de prisão mesmo alegando uso religioso da *cannabis*. Outro caso é o do professor de tecnologia da informação e

¹Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/05/1285951-criador-da-1-igreja-rastafari-do-pais-e-condenado-a-prisao-por-plantar-maconha.shtml>> Acesso em 24/10/2017.

segurança eletrônica, Sérgio Delvair da Costa, que ficou conhecido como “THC Procê”, e que, segundo uma reportagem da BBC², respondia perguntas e publicava vídeos sobre cultivo de maconha em seu canal no “YouTube”, e acabou autuado com 120 pés de maconha, indiciado sob suspeita de tráfico de drogas e, embora responda o processo em liberdade, pode ser condenado a até 20 anos de prisão em regime fechado. E há outros casos, como da Justiça do Rio de Janeiro que inocentou um homem preso com uma plantação de 63 pés maconha em sua casa, e de acordo com o G1³, ele inicialmente foi acusado por tráfico e passou um dia encarcerado, mas logo foi solto por meio de um *habeas corpus*, posteriormente recorreu e ganhou apoio do Ministério Público que o considerou apenas usuário da droga. Outro caso da Justiça do Rio de Janeiro também concedeu em liminar um *habeas corpus* para evitar que um casal fosse preso por cultivar maconha em sua residência, e de acordo com o Portal UOL⁴, o casal plantava maconha para utilizar no tratamento médico da filha.

Sobre o plantio caseiro de maconha para os seus diversos usos sociais, o último caso, do uso medicinal, assim como para fins de pesquisas científicas, ultimamente tem ganhado respaldo moral e do direito positivo para as circunstâncias destes tipos de usuários, porém têm ocorrido discrepâncias relativas às punições nos casos de uso religioso e recreativo, onde tais discrepâncias podem decorrer da falta de concisão da legislação brasileira para caracterizar o que é a produção para tráfico e o que é a produção para consumo próprio, assim como as definições dessa diferença, uma vez que a particularidade desses casos é que ocorre uma imbricação entre o que é definido como “usuário” e “traficante” pela legislação. Essa falta de clareza das leis têm deixado os critérios de punições à mercê de diferentes interpretações subjetivas das leis feitas por diferentes juízes, o que tem acabado por acarretar diversos pesos e diversas medidas para o tratamento dos casos relativos às prisões que envolvem o cultivo doméstico de maconha. Além disso, as interpelações da PM, quando é o caso, e as autuações dos delegados se constituem fatores cruciais na formação do processo penal.

No Senado Federal tramita a Sugestão Popular nº 8, de 2014, que visa regular o uso recreativo, medicinal e industrial da maconha. Segundo a Agência Senado⁵, o ex-senador Cristovam Buarque (PDT-DF) foi relator da matéria e, em 2015, foi favorável à regulamentação do uso medicinal, assim como aprofundar os estudos dos usos industriais,

²Disponível em <<http://www.bbc.com/portuguese/salasocial-36779463>> Acesso em 29/07/2017.

³Disponível em <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/justica-do-rj-inocenta-homem-reso-com-plantacao-de-maconha-em-casa.html>> Acesso em 29/07/2017.

⁴Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2016/11/22/juiza-impede-que-casal-va-preso-por-cultivar-maconha-em-casa-no-rj.htm>> Acesso em 29/07/2017.

⁵Disponível em <<http://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2015/08/cristovam-buarque-defende-regulamentacao-do-uso-medicinal-da-maconha>> Acesso em 26/03/2017.

porém, nem sequer tocou no assunto do uso religioso, e quanto à regulamentação para o uso recreativo, o senador alegou que ainda não possui informações suficientes para elaborar um bom projeto de lei sobre isso e propôs a continuidade do debate sobre o assunto, buscando orientação nos resultados dos países que já regulamentaram o uso recreativo da maconha.

Em julho de 2017, através da Sugestão nº 25, voltou a ser debatida no Senado⁶ a descriminalização do cultivo caseiro de *cannabis* para uso próprio, inicialmente sob a relatoria do senador Sérgio Petecão (PSD/AC), que desde o início declarou abertamente “ser contra”, porém disse que “topa discutir” sobre o assunto, e acabou por dar o seu parecer contrário à proposta em 07 de novembro de 2017. Em um vídeo publicado no Portal do Senado⁷, Sérgio Petecão tenta justificar em uma entrevista os motivos pelos quais seu parecer foi contra, entre os argumentos ele recorre a apelos morais como: “a maconha é a porta de entrada para as outras drogas”, que deseja “proteger os filhos e as famílias brasileiras, principalmente as pobres”. Ao ser questionado sobre as drogas lícitas, como álcool e tabaco, Petecão argumenta que “deveria ser o contrário, deveríamos é acabar com todas as drogas” e equipara a maconha à cocaína, à heroína e ao crack, e sustenta o argumento de que “o Brasil e sua população não estão preparados para a liberação da maconha”, e que isso “acarretaria um grande impacto nos gastos com a saúde pública”. Para o senador “as pessoas que querem liberar o uso da maconha para fins recreativos estão pegando carona nos casos do uso medicinal”, e que é “contra o uso recreativo e prazeroso” da maconha, assim como do cultivo caseiro para uso medicinal.

Conforme a Agência do Senado⁸, a senadora Marta Suplicy (PMDB/SP) apresentou um voto em separado na discussão da Sugestão Legislativa 25/2017, em que reforçou a posição contrária à descriminalização do cultivo da maconha para uso recreativo, porém sugeriu um projeto que permita o cultivo da planta para fins medicinais. Essa proposta voltou a ser debatida em 26/11/2018, ainda sob a relatoria de Marta Suplicy (MDB/SP), e dessa vez como Projeto de Lei do Senado (PLS) 514/2017, e foi aprovada pela Comissão de Assuntos Sociais (CAS). A matéria depois seguiu para a Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ), mas também deverá ser apreciada e votada pelo Plenário do Senado antes de seguir para a Câmara dos Deputados. Em seu relatório, Marta defende que o tema não pode ser

⁶Disponível em <<https://theintercept.com/2017/11/21/senador-ignora-apelos-e-mantem-relatorio-contrario-plantio-de-maconha-para-uso-proprio/>> Acesso em 05/02/2018.

⁷Disponível em <<https://www12.senado.leg.br/noticias/videos/2017/11/liberacao-da-maconha-teria-grande-impacto-na-saude-publica-diz-petecao>> Acesso em 05/02/2018.

⁸Disponível em <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/11/28/cas-aprova-descriminalizacao-da-maconha-para-uso-medicinal>> Acesso em 05/12/2018.

relegado a uma discussão ideológica ou política, reforçando que não há justificativa plausível para deixar a população brasileira alijada dos avanços científicos desta área.

No Supremo Tribunal Federal (STF) a discussão sobre a descriminalização do uso recreativo da maconha também é pauta de conflitos e controvérsias nos debates que são decisivos para a política de drogas no país, mas o uso religioso também não tem sido pauta de assuntos. Conforme uma matéria do IG⁹, dos onze ministros do STF, Gilmar Mendes, Edson Fachin e Luís Roberto Barroso votaram em setembro de 2015 a favor da descriminalização do uso e porte da maconha. O processo estava sob o pedido de vista de Teori Zavascki, mas a sua morte fez com que o processo recaísse nas mãos de Alexandre de Moraes, ministro que substituiu Teori Zavascki, que liberou o processo para julgamento em 23/11/2018, cujo julgamento estava suspenso desde setembro de 2015, quando o então ministro Teori Zavascki pediu vista do processo para analisá-lo melhor. O STF marcou uma data para julgar o processo sobre o porte de maconha, sendo ela 05 em de junho de 2019, mas, no entanto, há no STF um dissenso inerente ao debate sobre os usos da maconha e de outras drogas, sobretudo em relação à quantidade para definir o que é usuário e o que é traficante de maconha, e nem sequer há uma discussão sobre usuários que cultivam a planta para o consumo próprio. Segundo *O Globo*¹⁰, o ministro Barroso, já se posicionou a favor da descriminalização da maconha, que em fevereiro de 2017 defendeu também a legalização da cocaína com o objetivo de amenizar a crise penitenciária que o Brasil tem enfrentado atualmente.

Outra via de empreendedorismo moral é sugerida por Brandão (2017), visto que as Marchas da Maconha no Brasil desde 2012 têm feito diversas manifestações pelo país com o intuito de reverter o estigma que paira sobre a planta e seus usuários, colocando em marcha argumentos terapêuticos, econômicos, sociais e sobre a segurança que poderiam ser implementados através de alterações legislativas e da eventual normalização das transações que envolvem os diversos usos sociais da maconha. No âmbito das disputas morais e do reconhecimento jurídico, a “Marcha da Maconha” no Brasil pode se apresentar como um *locus* em que as ações intersubjetivas moralmente configuradas em rede, mesmo que de forma muito heterogênea, buscam por alterações nas relações jurídicas que perpassam pelo direito e regulamentações, assim como no plano da moralidade e das regras informais.

A difusão por meio digital, ou seja, pela “*internet*”, se configura como o principal *locus* disseminador de diversas práticas de cultivo doméstico de maconha, o que sugere que as

⁹Disponível em <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2016-08-02/maconha-julgamento-descriminalizacao-stf.html>> Acesso em 29/03/2017.

¹⁰Disponível em <<http://oglobo.globo.com/brasil/barroso-defende-legalizacao-da-maconha-da-cocaina-contracrise-penitenciaria-20858339>> Acesso em 26/03/2017.

interações entre esses atores enredados estão para além das face a face, pois uma simples busca no “*Google*” já traz uma quantidade imensurável de passos a passos e técnicas para o cultivo caseiro de maconha, assim como também pode ser constatada a incessante troca de informações sobre plantio caseiro em grupos de redes sociais, como o “*Facebook*” (LANG, 2015). Dado isso, surgiu uma curiosidade em relação aos principais argumentos dos atores sociais que cultivam maconha em casa para o uso social recreativo, e foi percebido como emerge uma moralidade específica em torno de uma fundamentação de sentidos próprios na relação entre maconha e usuários nas práticas de cultivo para os seus diversos usos sociais. Enfatizando o caso do uso próprio recreativo, foi observado que esses atores sociais constroem uma rede de relações morais para “evitar entrar em contato com o tráfico de drogas” e “não terem problemas com a qualidade” dos produtos adquiridos nas “biqueiras” ou “bocas de fumo”, e assim esses atores constroem os sentidos morais em torno de ir às “bocas de fumo” e entrar em contato com os ditos “traficantes”, atores que geralmente são concebidos pelo senso comum como um de seus principais inimigos sociais, sendo muitas vezes taxados de “marginais” e “criminosos perigosos” devido ao “tráfico armado”.

Em meio a todo esse debate permeado de conflitos e controvérsias que atravessam diversas redes de moralidades, despende-se das ciências sociais para analisar as relações inerentes aos usos de drogas e as legislações que as classificam como lícitas ou ilícitas, pois esse tipo de estudo se mostra relevante na medida em que visa elucidar os debates intrínsecos aos processos sociais e políticos que rotularam certas substâncias como drogas ou entorpecentes. Sendo assim, esse tipo de estudo é importante para construir um entendimento do ponto de vista das ciências sociais sobre as questões relativas aos usos da maconha e sua proibição, sobretudo como isso afeta diferentes atores sociais e suas associações e, desta maneira, trazer mais reflexividade sobre as possíveis implicações disso para a sociedade brasileira como um todo. Nessa perspectiva, a questão cerne desse problema foi a seguinte: por que mesmo passíveis de punições, como sanções morais, serviços comunitários, multa ou encarceramento, muitos atores ainda arriscam e plantam maconha em suas casas para o consumo próprio recreativo?

Existe no Brasil uma lacuna nos estudos de plantas consideradas ilícitas como, por exemplo, a maconha (FRAGA, 2006). “Os estudos e as pesquisas sobre os usos de substâncias variadas que são caracterizadas pelo termo ‘droga’ fazem parte já há décadas das reflexões das ciências sociais” (ALVAREZ, FRAGA e CAMPOS, 2017, p. 1). Nessa perspectiva, de um olhar das ciências sociais, busquei construir uma reflexão sobre como se

agregam e associam as redes morais em torno do cultivo caseiro de maconha, delimitando a ênfase ao cultivo caseiro para uso social recreativo, a partir da observação, interação e dos pontos de vistas subjetivos dos cultivadores de maconha, isto é, dos *growers* e de uma revisão teórica sistemática de autores das ciências sociais.

Sabe-se que há outros tipos de usos sociais da maconha, como para fins religiosos, medicinais, comerciais, dentre outros, mas objetivou-se aprofundar o tema do plantio para fins recreativos, observando que os usos acarretam relações morais diferenciadas. Também levei em consideração os obstáculos inerentes ao trabalho no campo a ser estudado, sobretudo devido às dificuldades de acesso aos atores para observações, interações e entrevistas qualitativas, pois se trata de um tema muito delicado. Feitas essas considerações iniciais, a seguir apresento a estrutura da dissertação.

No primeiro capítulo é exposto o objetivo geral da pesquisa, que foi mapear a partir de observações, interações e entrevistas como se constituem as redes morais e seus conflitos, assim como os objetivos específicos, que basicamente foi mapear como se configuram os móveis morais de plantar a própria maconha, a relação com a legislação e com o meio social em que vivem, e também como se relacionam com outras pessoas que plantam maconha. Além disso, é descrita a metodologia e a operacionalização da pesquisa.

Já o segundo capítulo é voltado para pensar o social a partir de algumas teorias das ciências sociais, assim como das observações feitas nos trabalhos de campos e das entrevistas. Objetivou-se, portanto, abordar como se configuram as redes morais e seus conflitos, também foi feita uma revisão geral de como foi institucionalizada formalmente a legislação de drogas no Brasil e como ela se constitui um dispositivo de poder em relação ao ilegalismo popular de usar e, sobretudo, plantar a própria maconha. Posteriormente também é feita uma análise teórica em relação aos controles formais e informais, das hierarquias e das associações entre poder e desvio e, por último, faz-se uma reflexão sobre como se constitui o estigma sobre o uso e o plantio da própria maconha, assim como decorre uma busca pela aceitabilidade e o reconhecimento moral em relação à prática desse ilegalismo.

O terceiro capítulo é mais descritivo, e nele é relatado como foi feito o mapeamento da rede moral, a inserção no trabalho de campo inspirado no método etnográfico, assim como foram feitas as observações e interações inspiradas na técnica do interacionismo simbólico com a rede de diversos usuários de maconha para, desta maneira, chegar à rede de cultivadores e fazer as entrevistas qualitativas. Também é feita uma descrição e análise de algumas observações realizadas em grupos do “Facebook”.

O quarto e último capítulo foi voltado para analisar as abordagens feitas nas entrevistas qualitativas. Neste capítulo os atores entrevistados relatam, ao responder o roteiro de perguntas semiestruturado, como começaram a fumar maconha e depois foram levados a plantar a própria maconha, assim como quais são as vantagens e desvantagens do cultivo doméstico próprio de maconha para o uso social recreativo, seus pontos de vistas sobre a legislação brasileira e as relações morais com outros atores da sociedade e, por último, como decorrem as suas relações com outros atores que também plantam a própria maconha.

A partir da análise de todo esse conteúdo, tanto teórico quanto empírico, é que se chega à conclusão de que os atores que plantam maconha para uso recreativo firmam uma vida moral de gênero único e, sendo assim, configuram redes morais fundamentadas nas relações sociais estabelecidas em suas práticas, estas que são vistas como um ilegalismo popular. Essa associação moral de atores que plantam maconha em suas casas para uso social recreativo possuem em comuns ideias, interesses e sentimentos que boa parte da população geral não partilha, inclusive diferente de atores que apenas fumam e não plantam.

O plantio caseiro de maconha para uso próprio, nessa perspectiva, pode ser visto como uma fonte de atividade moral específica, e essas redes morais que os atores firmam ultrapassam o apego individual para o social por esta prática, que neste caso é o apego pelo plantio de maconha para o uso social recreativo, pois desse apego emerge uma associação restrita no seio da sociedade geral e desprende-se dela uma vida moral singular. Os sentidos do efeito moral produzido daí suscita um sentimento de solidariedade entre atores morais heterogêneos, formando coesão, conflitos internos e externos, relações de reciprocidade e de cooperação entre eles, assim como o reconhecimento e a aceitação moral assentados na prática de um ilegalismo popular.

CAPÍTULO I: OBJETIVOS E METODOLOGIA

1.1. Objetivo geral

A partir da questão basilar exposta na introdução, este trabalho teve como principal objetivo mapear, a partir de observações, interações e dos pontos de vistas subjetivos de atores que plantam a própria maconha para o uso social recreativo, como se constituem as redes morais e os seus conflitos configurados a partir da prática de um ilegalismo fundamentado no cultivo caseiro da própria maconha, e analisar como esses atores sociais, a partir de suas redes morais, entram em relações sociais específicas a partir de suas práticas de plantio e uso de maconha. Para atingir esse objetivo amplo, foram delimitados alguns objetivos específicos.

1.2. Objetivos específicos

(1) Levantar como estes atores começaram a fumar e plantar maconha, assim como quais são as principais experiências de cultivos e de usos desses atores, suas estratégias de cultivo e como constituem seus móveis morais de plantar maconha para o consumo próprio.

(2) Analisar, a partir do ponto de vista dos entrevistados, quais são as principais vantagens e desvantagens de cultivar a própria maconha para uso social recreativo.

(3) Entender como esses atores percebem a incidência e os impactos da legislação brasileira, que perpassam pelas regras formais, sobre suas práticas de plantio e consumo.

(4) Compreender como esses atores apreendem os possíveis impactos das sanções morais provenientes da sociedade, isto é, das regras informais.

(5) E, finalmente, perceber as interações entre esses atores enredados e, caso elas existam, investigar como elas se configuram e quais as conexões elas estabelecem nessa rede.

1.3. Considerações metodológicas

Para atingir as metas da pesquisa, conforme exposto nas duas seções anteriores, optou-se por um aporte metodológico das ciências sociais. O método de estudo seguiu os critérios do desenho de uma pesquisa qualitativa que, segundo Flick (2009a), têm por objetivo investigar como as pessoas produzem o mundo à sua volta, isto é, como os indivíduos conferem sentido às coisas, de modo que uma parte importante da pesquisa qualitativa seja trazer os resultados referentes às questões relativas ao problema a ser estudado e a transformação dessas situações sociais em textos, sendo necessário transcrever e escrever em geral as preocupações centrais da pesquisa.

Então foi investida uma pesquisa exploratória com o objetivo de proporcionar maior familiaridade com o problema e, desta maneira, torná-lo explícito e construir as hipóteses, tendo como intuito principal o aprimoramento das hipóteses até chegar a uma hipótese mais ampla (GIL, 1991). Para Angrosino (2009) o método etnográfico pode ser utilizado para estudar questões sociais que ainda não são claramente compreendidas e conhecer a perspectiva das próprias pessoas sobre as questões formuladas pela pesquisa, ao invés de simplesmente filtrá-las através da perspectiva externa do pesquisador. Embora não tenha sido realizada uma pesquisa genuinamente etnográfica, ela foi inspirada no método etnográfico, sobretudo no método de trabalho de campo e, desta maneira, estudar de forma exploratória como esses atores que cultivam maconha para o consumo social recreativo produzem o mundo à sua volta, bem como atribuem sentido e significado às suas ações, ou seja, àquilo que pensam e fazem.

Sendo assim, a perspectiva metodológica para a abordagem no trabalho de campo etnográfico foi inspirada no interacionismo simbólico. Essa escolha ocorreu porque “a pesquisa de campo etnográfica, na tradição interacionista, busca desvelar os significados que os atores sociais atribuem às suas ações” (ANGROSINO, 2009, p. 20) e, nessa perspectiva, busquei analisar como os “*growers*” atribuem significado àquilo que pensam e fazem, ou seja, às suas ações práticas de plantar maconha para o uso social recreativo. Essa escolha foi orientada pela perspectiva clássica de Weber (2009), que entende por ação o comportamento humano em que o indivíduo associa a ele um sentido subjetivo e, ação social, como aquela em que o sentido da ação é imputado pelo comportamento de outros indivíduos e por ele se orienta.

Neste sentido, foram produzidos um trabalho e um diário de campo para levantar e registrar informações para o estudo em questão, onde o trabalho de campo não foi feito através da vivência e observação participante frequente com os atores, mas a partir da busca de interação com esses atores e, quando possível, de visitas pontuais para a realização de diálogos e entrevistas. Neste caso, segundo Durham (1986), o pesquisador praticamente não reside e não se isola com os atores da pesquisa e, quando o faz, é por pouco tempo, mas busca a interação simbólica sempre que possível, a identificação dos valores e as aspirações desses atores. Além disso, para Angrosino (2009) as mudanças no século XXI trouxeram mudanças nos contextos de pesquisa, sobretudo quando se trata dos “mundos virtuais”, então foram feitas observações em três grupos do “Facebook”, e o “smartphone” foi um não humano que

mediou, através de uma rede social, a observação de interações entre atores que estavam distantes no espaço.

Foram feitas entrevistas qualitativas semiestruturadas, ou seja, a forma de aplicação das entrevistas foi mediante um diálogo semiaberto com o entrevistado e um conjunto de perguntas (FLICK, 2009b). Foi entrevistado o máximo de pessoas possíveis, totalizando nove pessoas, oito homens e uma mulher. As entrevistas buscaram atingir um critério de saturação satisfatório dos pontos de vistas dos entrevistados, isto é, repetições fartas dos espectros de suas elocuições. Entretanto, esta saturação não chega a ser atingida devido ao número de pessoas que plantam maconha na região que foi realizada o trabalho de campo, pois muitas pessoas não quiseram participar da pesquisa ou não responderam quando foram contatas.

Para mapear essa rede de atores foi utilizada a “técnica de amostragem em bola de neve”, pois conforme Vinuto (2014) esse tipo de amostragem é demasiadamente útil para estudar atores difíceis de serem acessados, principalmente quando o estudo trata questões delicadas, privadas e que requer conhecimento das pessoas enredadas umas nas outras através de cadeias de referências não probabilísticas. Nessa perspectiva, é solicitado aos atores e informantes-chaves que foram inicialmente contatados para que indicassem outros possíveis entrevistados e, desta maneira, colaborarem para a construção de uma rede de entrevistados (FRAGA e SILVA, 2017a).

Em suma, a **amostragem em bola de neve** mostra-se como um **processo de permanente coleta de informações**, que **procura tirar proveito das redes sociais dos entrevistados** identificados **para fornecer ao pesquisador com um conjunto cada vez maior de contatos potenciais**, sendo que **o processo pode ser finalizado a partir do critério de ponto de saturação** (VINUTO, 2014, p. 204, grifo nosso).

A pesquisa não foi submetida à Plataforma Brasil, mas cumpriu as formalidades que garantem a ética no tratamento dos dados. Os entrevistados também não assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o consentimento e conformação para usos acadêmicos e científicos foram dados de forma verbal no início das gravações das entrevistas. As identidades dos entrevistados foram tratadas com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo à legislação brasileira, em especial à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, e as informações foram e serão utilizadas somente para fins acadêmicos e científicos.

Para não correr o risco de fazer perguntas que pudessem surpreender os atores, o roteiro foi enviado uma semana antes da entrevista para as pessoas. O roteiro das entrevistas contou com as seguintes perguntas semiestruturadas: (1) Por que e como você começou a

plantar maconha; quais suas principais formas de cultivo e uso da planta; já parou de plantar ou pensa em parar? (2) Do seu ponto de vista, quais as principais vantagens e as desvantagens de cultivar maconha para o uso próprio? (3) O que você pensa sobre a lei de drogas brasileira; quais consequências você acredita que isso pode acarretar à sua prática de cultivo e uso; acredita que a legislação deveria mudar; se sim, como? (4) Como você percebe os impactos morais da sociedade sobre sua prática; têm amigos que não plantam e não usam; qual a sua relação com pessoas que não plantam e não usam (como no caso de vizinhos e familiares); você costuma ocultar suas práticas de outras pessoas? (5) Você conhece ou se relaciona com outras pessoas que também cultivam maconha para o uso recreativo; se sim, como decorre tal relação; e poderia indicar mais pessoas que possivelmente cederiam entrevistas?

Essas questões foram formuladas de acordo com os objetivos da pesquisa, ou seja, para levantar indicadores e fornecer respostas às principais questões levantadas no estudo, sendo elas: (1) a motivação de plantar maconha para o uso social recreativo; (2) quais as vantagens e desvantagens da prática; (3) como as pessoas percebem a incidência das leis sobre suas práticas; (4) como os atores lidam com as sanções morais da sociedade sobre suas práticas; (5) como ocorrem as interações e relações com outras pessoas a partir do plantio e uso de maconha.

Desta maneira, a seleção dos entrevistados dessa pesquisa qualitativa não pôde seguir os procedimentos da pesquisa quantitativa, pois diferentemente da segunda, que visa contar opiniões e pontos de vistas, a primeira visa explorar o espectro das opiniões e pontos de vistas dos atores entrevistados, assim como as diferentes argumentações sobre o assunto em questão, com o objetivo de apresentar uma rede das relações dos espectros desses pontos de vistas subjetivos (BAUER e GASKELL, 2010). A tarefa de definir e ordenar o social, nessa perspectiva, ficou a cargo dos próprios atores envolvidos no desdobramento das redes morais em que se emaranham, e foi necessário rastrear as conexões entre esses atores e entender como eles desdobram seus próprios cosmos (LATOUR, 2012). A pesquisa com entrevistas qualitativas, nessa perspectiva, foi tomada como um processo social, uma interação ou empreendimento cooperativo em que as palavras foram o meio principal de troca de ideias e significados, de modo que tanto os entrevistados quanto o entrevistador fossem envolvidos na produção de conhecimento de forma mútua e simétrica.

Sobre a ética neste tipo de pesquisa, segundo Flick (2009b), ela envolve a necessidade de estabelecer uma relação com os entrevistados próxima o suficiente para conseguir falar sobre temas delicados e, ao mesmo tempo, ela também busca evitar gerar

falsas expectativas nos entrevistados. Nesse sentido, ficou claro que a relação foi específica da pesquisa, sem dar aos entrevistados a sensação de serem devassados ou de sofrerem abusos por parte do pesquisador. Desta maneira, foi levado em consideração alguns princípios básicos para uma pesquisa eticamente sólida:

1) o **consentimento informado**; 2) **evita-se enganar os entrevistados**; 3) a **privacidade dos participantes é respeitada** e sua **confidencialidade, garantida e mantida**; 4) a precisão dos dados e sua interpretação são princípios orientadores, **não ocorrendo qualquer omissão ou fraude com a coleta e análise de dados**; 5) em relação aos participantes, **o respeito à pessoa é considerado essencial**; 6) **consideração pelo bem estar dos participantes**; 7) **tratar a relação de benefícios e ônus para os participantes da pesquisa** (FLICK, 2009b, p. 96-97, grifo nosso).

Esses princípios foram importantes para planejar a pesquisa com responsabilidade e cuidado, assim como o foco das perguntas da pesquisa, que é uma das questões éticas fundamentais, pois elas visaram garantir que não houvesse confronto nem engano dos participantes (FLICK, 2009b). Foram utilizados pseudônimos para os entrevistados e lugares no decorrer dos resultados e discussões, visando assegurar o anonimato integral dos mesmos.

A entrevista em profundidade é uma técnica conveniente e estabelecida na pesquisa social, uma vez que estes textos e falas referem-se a pensamentos, sentimentos, memórias, planos e discussões das pessoas, e algumas vezes dizem mais do que seus autores imaginam, de modo que a análise de conteúdo permitiu reconstruir indicadores permeados de cosmovisões, valores, atitudes, opiniões, dentre outros, e compará-los (BAUER e GASKELL, 2010). Os dados, tanto das entrevistas quanto das observações, interações e leituras de referenciais teóricos, foram analisados a partir do material teórico coletado no decorrer da pesquisa, de modo que teoria e problema foram responsáveis pela seleção e categorização dos materiais em texto, isto é, tanto implícita ou explicitamente no decorrer do *corpus* textual da pesquisa.

CAPÍTULO II: REVISÃO TEÓRICO-ANALÍTICA

2.1. As redes morais e os seus conflitos

Ao invés de grupo ou outros modelos *socius* para fazer análises nas ciências sociais, a noção central utilizada para compreender os atores sociais que plantam maconha para uso recreativo é a de rede. Essa ideia de rede foi mantida mesmo sabendo que ela pudesse se relacionar com outras ideias ainda que consideradas discordantes, como as noções de moral e conflito, assim como outras noções presentes no texto, como poderá ser visto a seguir. Sendo assim, muitas controvérsias entre autores foram ignoradas e suas ideias foram articuladas em um constructo de ferramentas conceituais.

Uma rede pode ser pensada como uma grade com seus quadrados vazios, um plano cartesiano em que o mapa das associações compõe um mundo social, onde é desejável que certos atores sejam seguidos para descrever as suas marcas e trilhas produzidas nesse plano através de suas associações (LATOUR, 2012). Essa forma de abordar o social e de pensar é interessante porque ela leva em consideração a mutabilidade do que é estudado, como foi no caso do plantio caseiro de maconha para os seus diversos usos sociais, como o medicinal, o religioso e o recreativo. Esse tipo de abordagem do social leva em consideração as incertezas, sobretudo quanto a “natureza dos grupos, da ação, das coisas, dos fatos e sobre o modo de conhecer e escrever sobre o social” (LATOUR, 2012, p. 14). Desta maneira, os atores que plantam maconha para o uso próprio aqui são entendidos como uma associação em rede, esta que é heterogênea e mutável, e não como um grupo.

De acordo com Latour (2008, p. 39) “ter um corpo é aprender a ser afectado, ou seja, «efectuado», movido, posto em movimento por outras entidades, humanas ou não-humanas. Quem não se envolve nesta aprendizagem fica insensível, mudo, morto”. Ao dissertar sobre como um humano aprende a ser afetado por um inumano, isto é, explicar como decorre o aprendizado do uso de maconha por um indivíduo, Becker (1953) pressupõe uma sequência de passos, de mudanças de comportamentos e nas perspectivas do indivíduo para compreender o fenômeno do aprendizado de uma técnica correta de fumar maconha e ter o efeito psíquico, ou melhor, o “barato”. A execução correta da técnica de fumar pode requerer um estágio de aprendizado, principalmente quando se trata de indivíduos que não fumam tabaco, e a importância de utilizar o método adequado de aspiração da fumaça é fundamental nos primeiros passos da carreira do fumante, pois caso contrário pode ocorrer a não obtenção da dosagem dos princípios ativos necessária para alteração do estado psíquico (MACRAE e SIMÕES, 2000). Nesse sentido, plantar maconha em casa para consumo próprio também

demanda o aprendizado da execução correta de algumas técnicas de plantio, que vai desde a preparação do solo, passa pelos cuidados com a planta, como adubagem e outros, até terem a substância final pronta para ser utilizada e alterar o estado psíquico.

Segundo Becker (2009) o aprendizado do uso de maconha requer tanto o reconhecimento dos efeitos quanto associá-los ao consumo da substância por parte das pessoas que fumam, ou seja, é necessário aprender a identificar os efeitos, as sensações e a experiência de ter o “barato”, isto é, ficar “stone” (*stoned*), até que seja desenvolvido um gosto individual e socialmente adquirido pelos efeitos alcançados nessa efetuação. É interessante salientar que nessa relação entre humano e maconha pode também ocorrer o contrário, ou seja, um desgosto individual ou social pela relação. No caso do plantio caseiro de maconha para uso próprio também é necessário aprender algumas de uma infinidade de técnicas sequenciais de plantio que, conforme Veríssimo (2017), basicamente perpassam pela germinação, crescimento, floração, secagem e cura da planta, e só depois desse processo a maconha estaria pronta para ser fumada ou utilizada para outros fins. Desta maneira, pode-se pensar do mesmo modo que Bergeron (2012) pensa o uso das drogas lícitas e ilícitas, ou seja, como um modo de vida e uma atividade social comum em que o sentido é imputado pelo comportamento dos outros, pois os atores que usam drogas, como a maconha ou o café, sobretudo os que plantam tanto um quanto o outro para o próprio consumo, não são aqueles que se imaginam vivendo 24 horas gozando da euforia hedonista, mas atores que aprenderam a racionalizar suas práticas, afirmando pessoalmente que podem controlar seu consumo e que a droga não causa dependência, invertendo a relação entre desvio e normalidade.

A maconha, nessa perspectiva, é entendida como uma entidade inumana por excelência e não como uma mera projeção simbólica, e sua conexão nessa rede se torna um dos cerne da questão, pois é justamente em torno dela, sobretudo quando se trata de como ela pode afetar ou não os humanos, tanto no ato de plantar quanto de consumir, ou mesmo no ato de julgar e estabelecer outras relações sociais, é que se associam concepções morais, sociais, políticas, tecnocientíficas e culturais tanto divergentes quanto convergentes. Isso sugere que existe uma infinidade de complexidades que perpassam pelos conflitos morais e ideológicos atreladas aos juízos legitimadores de deliberações políticas sobre os usos e tráficos de drogas, sobretudo em relação às razões alternativas contraditórias dessas políticas, que configuram uma competição entre autonomia, isonomia e externalidades (MAGALHÃES, 1994).

Para Magalhães (1994) o ato de fumar maconha longe dos olhares possivelmente delatores demonstra a intenção de não perturbar uma ordem estabelecida, e embora possam

existir pessoas que se inclinam a correr o risco em locais perigosos e causar desordem a este estado de coisas, ambos os movimentos tratam-se da afirmação de princípios morais que esses atores professam. A transgressão do controle social pode ser visto como uma escolha resultada da apreciação dos benefícios e ônus interligados às diferentes opções de ações, de modo que a moral se constitui através de uma série de interconexões das motivações morais entre atores sociais, estas que vão desde a iniciação, continuação e/ou cessação do consumo, centralizando as escolhas e os processos de decisão no ato de se envolver com a droga (BERGERON, 2012). Os atos de plantar e consumir maconha para diversos fins sociais, sobretudo o recreativo, podem também perpassar por uma série de entrelaçamentos de escolhas dos atores que compõem a malha desse plano cartesiano, e essas escolhas decorrem dos movimentos estabelecidos através dos princípios morais com que os atores se conectam e professam.

Durkheim (1983a) pressupõe que indivíduos que têm em comuns ideias, interesses, sentimentos ou ocupações que o resto da população não partilha com eles podem se atrair pelas semelhanças e entrarem em relações, estas que aqui são entendidas como associações restritas em redes no seio da sociedade, desprendendo-se dessas associações vidas morais específicas. O plantio caseiro de maconha para uso próprio pode ser visto como uma fonte de atividade moral específica, e essas redes morais que os atores firmam ultrapassam o apego individual para o social por alguma coisa, que neste caso é o apego pelo plantio de maconha para o uso recreativo, pois desse apego emerge uma associação restrita no seio da sociedade geral e desprende-se dessa associação uma vida moral própria.

Uma associação não é apenas uma autoridade moral que rege a vida de seus membros, mas também é uma fonte de vida *sui generis*, uma vez que o efeito moral produzido daí suscita um sentimento de solidariedade entre duas ou mais pessoas, formando sua coesão (DURKHEIM, 1983a). Por essa via de entendimento, pôde-se conjecturar que a partir da rede de atores que plantam maconha para o uso social recreativo surge uma vida moral capaz de se integrar, mesmo que de forma conflituosa, ao corpo social, pois a moral é a fonte de agregação social e visa assegurar sua ordem através do estabelecimento de interdependência e cooperação com os diversos indivíduos da sociedade geral, sendo que esses últimos podem estar conectados direta ou indiretamente à rede de relações sociais ou não dos *growers*.

“Vivemos em **grupos que parecem firmemente estabelecidos**; mas, então, como **se transformam** com tamanha rapidez?”. “**Somos levados a fazer coisas por intermédio de outras agendas sobre as quais não exercemos nenhum controle** e que parecem absolutamente **óbvias e costumeiras**.”. “**Pesa sobre nós, invisível, algo mais sólido que o aço, e, no entanto, incrivelmente instável**” (LATOURE, 2012, p. 41, grifo nosso).

Para Latour (2012) o senso de uma única integração entrou em colapso e a percepção dessa crise leva a acompanhar novas conexões no movimento particular de reassociação e reagregação social, sobretudo no plano do direito, onde é desejável que este não seja explicado pela “estrutura social”, mas sob sua lógica interna que faz uma associação durar mais e se estender por um espaço maior dentro do plano cartesiano que compõe a rede. Por essa linha de pensamento, Latour (2012) propõe que os atores humanos não devem ser restringidos a informantes de casos de tipos bem conhecidos, pois é preciso devolver a eles a capacidade de elaborar suas próprias teorias sobre a constituição do social, onde a tarefa não consiste em impor uma ordem, mas acrescentar alguma lucidez à sua prática, que pode até ser considerada irracional ou ilógica ou imoral. Sendo assim, entende-se que atores associados em rede devem ser seguidos para tentar compreender suas inovações e analisar a existência dessas associações em rede e o que perpassam em suas práticas e modos de pensar, sendo útil para buscar descrever e entender como diferentes atores entram em conflitos entre si para reagregar e inovar o social, sobretudo quando o ser social se encontra no movimento que às vezes consegue traçar uma nova conexão, ou até mesmo redesenhar parte da rede em questão.

Nesta perspectiva de pensamento, os atores associados em rede podem desdobrar seus próprios e diversos cosmos morais, e não importa o quão irracional ou imoral eles possam parecer à primeira vista por outros atores, ou mesmo pelo analista social, eles devem necessariamente ser levados a sério e em consideração, pois conferem sentidos específicos para aquilo que pensam e fazem. Esse tipo de análise sustenta a possibilidade de rastrear relações em consolidação ou consolidadas, e assim mapear padrões que também podem ser reveladores quando se mostram instáveis e mutáveis, sendo mais interessante mapear o porquê deles serem instáveis ao invés de querer estabilizá-los.

Metaforicamente Latour (2012), em uma nota de rodapé, utiliza um exemplo sobre o ativismo propiciado pelos portadores de síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS), que possuem uma forma específica de fazer política com o retrovírus, que é uma entidade inumana, e a organização dos pacientes constitui exatamente o tipo de inovação que, através dos conflitos que suscitam, exigem novas definições do social. O mesmo pode ser observado na Marcha Mundial da Maconha e a Marcha da Maconha no Brasil. Acerca desta última, Brandão (2017) apresenta uma síntese de três momentos que podem ser entendidos como permeados de disputas, controvérsias e, sobretudo, os conflitos morais sobre o uso da maconha, sendo eles: (1) as argumentações científicas que acabaram por estigmatizar a maconha no Brasil na primeira metade do século XX; (2) a cruzada moral empreendida pelos

ativistas da Marcha da Maconha do Brasil em prol da legalização desta planta; (3) os discursos mobilizados pelos marchadores para reverter o estigma que recai sobre eles.

No trabalho de Brandão (2017) o primeiro momento é interessante para observar como uma rede se configurou a partir da moralidade baseada nos discursos médico-científicos de Dória (1916), pois estes discursos levantaram argumentos que configuraram uma rede moral sobre o uso de maconha daquela época, e que talvez ainda façam parte do ideário moral dos brasileiros até os dias atuais. Sendo assim, pode-se entender que as regras perpassam pelas leis, tradições, consensos ou em acordos, porém a tarefa de afirmá-las e legitimá-las, por essa via, podem partir do monopólio de um corpo de saber especializado, ou seja, das instituições tecnociência, justiça, ou comitê de ética médica (ALVAREZ, FRAGA e CAMPOS, 2017).

Durkheim (1983a) propõe que o vínculo de solidariedade correspondente ao direito repressivo é aquele cuja ruptura constitui o crime e, conseqüentemente, a pena, onde esta última tem por finalidade destruir as ameaças à coletividade através da punição e vingança da sociedade contra o crime. Portanto, as leis de repressão e proibição às drogas, como a maconha, por exemplo, não apenas a legislação brasileira, mas também de muitos outros países, podem ser vistas como produtos do entrelaçamento de sentimentos e dogmas de redes morais que criaram vidas morais próprias sociedades afora e foram institucionalizadas com o intuito de coibir seus usos.

É sabido que muitas substâncias psicoativas que podem causar a adição, como o álcool, tabaco, café e remédios psicotrópicos, não são classificadas como entorpecentes ou drogas ilícitas, o que nos sugere a pensar que todas as drogas consideradas ilícitas, como é o caso da maconha, cocaína, crack e heroína, nem sempre foram categorizadas como tal (BERGERON, 2012). Nesta perspectiva, Bergeron (2012) pressupõe que a categorização do que é uma droga ilícita poder ser um produto de lutas simbólicas e científicas, tanto quanto políticas, morais, culturais e sociais, de modo que a fronteira que separa os psicoativos e as drogas lícitas das ilícitas seja provisória, assim como tênue e permeável. Por ser tênue e permeável, isso suscita inúmeros conflitos morais.

Ao entender que toda interação é uma forma de sociação, o conflito, como uma das mais vívidas formas de interação, deve ser considerado também uma forma de sociação, pois é uma forma de resolver dualismos divergentes e conseguir algum tipo de unidade, seja pacificamente ou através da aniquilação de uma das partes conflitantes, sendo esta última o paralelo mais violento do sintoma (SIMMEL, 1983). A lei de drogas no Brasil pode ser vista

como parte de um conflito que, através da proibição e repressão, visa aniquilar uma das partes. Porém, nessa mesma linha de pensamento, Simmel (1983) também considera que não existe uma unidade social onde visões convergentes e divergentes estão separadas, mas sim entrelaçadas, e essa unidade resulta da síntese total da diferença entre pessoas, energias e formas, estabelecendo um sentido mais abrangente para o termo unidade, possibilitando também a consideração das unidades conflituosas. Nessa perspectiva, por outro lado existe uma rede de atores morais que mesmo proibidos e repreendidos, quando é o caso, e também de forma ilegal, usam drogas, e no caso da maconha alguns firmam conflitos morais mais acirrados nos atos de plantar a própria maconha em suas casas.

Para Magalhães (1994) a moral é o mundo do conflito dogmático e tal conflito é semelhante ao estado de natureza hobbesiano às avessas, e o conflito é uma forma de interação onde é possível a catarse, sobretudo quando se trata de um crime, e também o conflito é uma exibição virtual de poder frente ao mundo, colocando limites entre opressão e autonomia, às vezes também estabelecendo agregação dos dois lados conflituosos. Desta maneira, entende-se que os conflitos morais oriundos da prática do cultivo caseiro de maconha para uso recreativo próprio, são conflitos que buscam estabelecer uma unidade não somente endógena entre os “*growers*”, mas também exógena entre estes e os de fora, isto é, entre estes atores e os que não fumam e não plantam, assim como com a lei, pois o ato de ocultar a prática de plantio e uso pode ser visto como o apontamento para uma unidade que agrega esses diferentes polos associados em redes morais distintas e heterogêneas. Sendo assim, o conflito aparece como algo positivo e integrador, pois ele preserva os limites internos e externos das redes morais ao mesmo tempo em que também estabelece unidades tanto homogêneas quanto heterogêneas dentro e fora delas.

2.2. A lei de drogas do Brasil como um dispositivo de poder

As diversas utilizações sociais das propriedades psicotrópicas da maconha não é uma prática recente no Brasil, pois há um debate aceitável de literaturas que atribuem tal prática aos povos africanos escravizados desde a colonização (MACRAE e SIMÕES, 2000). As fontes históricas dos médicos e farmacêuticos do período colonial do Brasil já revelam uma moral reguladora sobre os usos de drogas (CARNEIRO, 1994). O Brasil, segundo Barros e Peres (2012), foi um dos primeiros países do ocidente a editar uma lei contra o plantio, venda e uso da maconha, pois em 04/10/1830, na cidade Rio de Janeiro, capital do Brasil naquela época, foi editada a primeira lei contra o “pito de pango”. Ao analisar os escritos que

basearam os argumentos que tornaram os usos sociais da maconha ilegal no Brasil, Saad (2013) pressupõe que a introdução da planta e dos usos de maconha também se remete aos hábitos trazidos pelos povos africanos escravizados, que naquela época eram considerados como “raça” inferior, sugerindo que a proibição da maconha no Brasil possa remontar à visão que associava os hábitos e práticas dos povos africanos como obstáculos aos anseios de uma suposta nação civilizada, pois se acreditava naquela época, e talvez até hoje, que o consumo de maconha poderia ser um dos empecilhos à modernização e ao progresso.

No Brasil foi a partir do início do século XX, segundo Brandão (2017), que se começou a difundir hipóteses que associavam o uso de maconha ao desenvolvimento de doenças e distúrbios mentais e sociais. Dória (1916) foi um dos pioneiros nos argumentos médico-científicos para a proibição do uso da maconha no Brasil, recorrendo desde princípios de uma suposta “moralidade sã” até ao “conhecimento médico” do mal inerente ao comércio e uso da erva, alegando que a proibição da planta poderia conter a violência, num ato de empreendedorismo moral fulminante, sobretudo contra os hábitos dos povos africanos, que o autor considerava selvagem e ignorante. Os argumentos dos autores médicos e cientistas seguintes se mantiveram na mesma linha proposta por Dória (1916), e estes não se mantiveram baseados apenas nas teorias raciais associadas ao estilo de vida dos povos africanos, mas também na associação entre maconha e loucura, como uma substância altamente perigosa e capaz de levar ao cometimento de crimes ditos bárbaros (SAAD, 2013).

Becker (2009) analisa a Lei de Tributação da Maconha nos Estados Unidos, esta que visou reprimir o uso dessa planta denominada droga, e pressupõe que naquele contexto havia valores morais que conferiram legitimidade à tentativa de evitar o uso de narcóticos, que geralmente eram oriundos de empreendedores morais que superaram a apatia pública e que acabaram conseguindo a aprovação da legislação federal nos Estados Unidos. Segundo Becker (2009) os valores morais base neste país foram: a ética protestante, a desaprovação do estado de êxtase causado pela substância, e o humanitarismo. Tais concepções morais também foram relevantes em outros casos que envolveram a proibição de narcóticos, como nos casos do álcool e ópio. É interessante notar que tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, embora os dois países apresentem semelhanças e diferenças diversas, havia concepções morais emaranhadas nos argumentos que visavam conferir legitimidade às leis de proibição e repressão dos usos de maconha, assim como de outras substâncias que causam o efeito de alteração da consciência.

Um dos relatos policiais exposto por Becker (2009) traz a história de uma família que foi brutalmente assassinada por um jovem que supostamente era viciado em maconha, e depois cinco dos dezessete artigos publicados naquele período repetiram a mesma história, e a polícia também associava grande parte dos crimes à influência do uso de maconha e recorriam, principalmente, ao exemplo do assassinato em massa ocorrido na Flórida ao falar sobre o assunto. No Brasil, conforme o texto de Dória (1916), os lugares onde ocorria o uso da diamba, vulgo maconha, os “embriagados” ficavam rixosos, agressivos e até cometiam práticas de crimes e violências caso não fossem contidos, as consequências do uso eram consideradas desastrosas, como brigas e agressões, e seu texto traz até um relato sobre uma situação em que um soldado sob os efeitos da diamba tentou matar um capitão.

Tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, conforme os argumentos do próprio Dória (1916) e as exposições de Becker (2009), argumentos morais se mostraram imprescindíveis para associar o uso da maconha às práticas violentas e ao cometimento de crimes. Becker (2009) relata que nos Estados Unidos a indústria de óleo e comida de pássaros apresentaram objeções à proibição da maconha, mas os usuários apáticos e desorganizados não tiveram representantes nas audiências públicas e seus pontos de vistas não foram registrados nos anais, e sem oposição o projeto foi aprovado na Câmara e no Senado, concebendo os usuários de maconha como uma associação de *outsiders*. Algo semelhante aparenta ter se apresentado no Brasil, pois de acordo com o texto de Dória (1916), a maioria dos usuários de maconha daquela época era descendente de diversos povos africanos e escravos recém-libertos, o que aponta que possuíam pouca ou quase nenhuma articulação política para defender seus hábitos e práticas culturais. Nesse sentido, a criminalização da maconha no Brasil, entendida como um ato corriqueiro de empreendedorismo moral, foi associada à criminalização de práticas culturais de seus usuários a partir de ideais morais supostamente civilizatórios, como também foram os casos dos cultos religiosos afro-brasileiros, das rodas de samba e das rodas de capoeira, sob a argumentação de que eram comportamentos primitivos a serem extintos, pois os indivíduos de cultura primitiva seriam mais suscetíveis à loucura (FRY, 1978).

O uso da maconha era algo recorrente nas práticas rituais das religiões de matrizes africanas. Conforme Barros e Peres (2012) em 1890 foram declarados um Código Penal e a “Seção de Entorpecentes Tóxicos e Mistificação” com a finalidade de combater esses cultos de origem africana, que eram considerados de “baixo espiritismo” e faziam o uso da *cannabis*. Na década de 1940, no governo de Getúlio Vargas, declara-se que as religiões dessa matriz

eram práticas inofensivas, porém a polícia comumente invadia e quebrava os terreiros que insistiam no uso da maconha, e “ao mesmo tempo em que eram descriminalizadas as religiões de origem africana, a capoeira e o samba, a maconha foi criminalizada pelo artigo 281 do Código Penal de 1940” (BARROS e PERES, 2012, p. 13).

Sinteticamente, em 1932 entrou em vigor no Brasil um decreto que penalizava o usuário de maconha, que o diferenciava quase nada do traficante, e em 1968, no auge da ditadura militar, o usuário foi equiparado ao traficante e eram atribuídas penas idênticas aos mesmos, e só em 1976 voltou a ser distinta novamente a tipificação entre usuário e traficante (BARROS e PERES, 2012). Isso sugere que se cristalizou no Brasil, entre o ideário moral das autoridades políticas, médicas e policiais, a associação entre pobre, negro, marginal e bandido na figura do maconheiro (MACRAE e SIMÕES, 2000). No entanto, a classe média sempre pôde usufruir do uso sem maiores problemas, pois gestão diferencial de ilegalismos e seletividade penal são coisas distintas. Em 2006 foi sancionada a Lei 11.343, esta que se encontra vigente até os dias atuais, e acabou com a pena de prisão para os usuários de substâncias ilegais e para o pequeno plantio de maconha para consumo próprio. No entanto, a confusão entre o que é considerado “usuário” e “traficante” pelo dispositivo penal acontece recorrentemente em diversas autuações que acontecem Brasil afora, ainda mais quando se trata do cultivo caseiro da própria maconha.

No Brasil de hoje tem-se mostrado evidente a constante ascensão do número de atores que plantam maconha para consumo próprio, ou seja, de usuários-produtores de maconha, e concomitante a isso têm ocorrido frequentemente muitas autuações desses atores, algumas culminando em diversas medidas e podendo até chegar a anos de prisão. Foucault (2015) propõe que o ideário sobre o criminoso o coloca como um inimigo social, pois este supostamente ataca a sociedade ao cometer delitos. Essa ideia do indivíduo como oposto à sociedade pode ser entendida como um produto de conflitos morais entre diversos atores heterogêneos, como entre usuários e produtores de maconha e pessoas que não fumam e repudiam moralmente tais práticas. A reclusão como forma de punição aos inimigos sociais, conforme definido por Foucault (2015), pode ser algo bem difundido, sobretudo no Brasil, onde a reclusão tem se mostrado como uma das principais punições como defesa da sociedade. Porém, quem é a vítima do crime quando se trata do uso de maconha – assim como de outras substâncias consideradas drogas – ou mesmo do plantio caseiro para uso próprio?

Pode-se ver aí, com efeito, ao mesmo tempo o reconhecimento, [...], de que a prisão não pode ser uma solução para os usuários, mas ao mesmo tempo uma vontade forte de exaltar o valor do proibido por uma política autoritária e

extensiva, em que se põe em prática uma resposta judiciária (BERGERON, 2012, p. 121, grifo nosso).

Para Foucault (1999) se constitui como papel do sistema penal gerir diferencialmente os ilegalismos populares, isto é, controlar e codificar as práticas lícitas e ilícitas, assim como as infrações a serem passíveis de punições. Nesse sentido, pode-se pensar a legislação brasileira como um dispositivo de poder que gerencia as transgressões das regras formais, definindo também tanto as transgressões toleráveis quanto as intoleráveis, em que nestas últimas pode ser infligido o castigo da prisão como punição, como tem ocorrido em alguns casos sobre plantio caseiro de maconha para autoconsumo no Brasil. Isso decorre de uma possível confusão da legislação brasileira que não define claramente uma separação entre o que é considerado “usuário” do que é considerado “traficante”, uma vez que a oposição entre esses dois polos traz ideias demasiadamente controversas, pois mesmo havendo discricionariedade, é provável que a perseguição de classe e “raça” fosse continuar. Mesmo assim, haver distinção é importante, pois o “traficante” no Brasil é considerado um dos maiores inimigos sociais.

Como pode ser visto, no Brasil, segundo a Lei 11.343, para o consumo próprio é definido como punição:

Art. 28. Quem adquirir, guardar, tiver em depósito, transportar ou trazer consigo, para consumo pessoal, drogas sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar será submetido às seguintes penas: I - advertência sobre os efeitos das drogas; II - prestação de serviços à comunidade; III - medida educativa de comparecimento a programa ou curso educativo (BRASIL, 2006, grifo nosso).

Mais adiante, no mesmo *caput*, especificamente nos parágrafos 1º e 2º, essas regras formais estabelecem que o mesmo possa se aplicar a quem semeia, cultiva ou colhe plantas para consumo próprio, principalmente em pequenas quantidades, porém, determinar se a quantidade é destinada ao autoconsumo muitas vezes acaba por ficar a critérios subjetivos dos policiais, quando abordados, assim como dos delegados, quando autuados, e dos juízes, quando julgados, pois são estes últimos que julgam os casos que envolvem essas circunstâncias, e muitas vezes o julgamento pode ser feito a partir das condições sociais e pessoais desses indivíduos processados. As diferenças dos critérios subjetivos dos juízes podem acarretar inconsistências na aplicação da economia da punição nos julgamentos dos processos. Conforme Foucault (1999) a economia da punição perpassa pela proporcionalidade entre delito e punição. A falta de concisão da Lei 11.343 no Brasil possivelmente tem acarretado diversos pesos e diversas medidas na economia das punições em relação ao plantio

caseiro de maconha para o consumo próprio, como pôde ser visto nos exemplos expostos anteriormente na introdução, sobretudo nos casos de “Ras Geraldino” e “THC Procê”.

O crime exprime um novo valor moral e, nessa perspectiva, considera-se crime atos que invocam contra seu autor uma reação punitiva por parte da sociedade (MAGALHÃES, 1994). Ao tratar dos crimes e suas penalidades, no que tange à produção de drogas, sobretudo quando o crime se associa ao que é taxado como “tráfico”, como pode ser em alguns casos do plantio caseiro de maconha, a Lei 11.343 expõe o seguinte:

Art. 33. Importar, exportar, remeter, **preparar, produzir, fabricar, adquirir, vender, expor à venda, oferecer, ter em depósito, transportar, trazer consigo, guardar**, prescrever, **ministrar**, entregar a consumo ou fornecer drogas, ainda que gratuitamente, **sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar: Pena - reclusão de 5 (cinco) a 15 (quinze) anos e pagamento de 500 (quinhentos) a 1.500 (mil e quinhentos) dias-multa.** § 1º **Nas mesmas penas incorre quem: [...] II - semeia, cultiva ou faz a colheita, sem autorização** ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar, **de plantas que se constituam em matéria-prima para a preparação de drogas** (BRASIL, 2006, grifo nosso).

Acontece que muitas vezes os usuários-produtores de maconha para consumo próprio são autuados nesse artigo, o que tem causado inconsistências na economia da punição e controvérsias acirradas nos debates sobre deixar ou não os juízes definirem a pena a partir de seu critério moral subjetivo. Ao analisar 135 acórdãos do Tribunal de Justiça de São Paulo (TJSP), Silva (2016) aponta que o TJSP estabelece diversos conflitos e controvérsias nas tipificações penais relativas ao cultivo caseiro de maconha, uma vez que este pode se apresentar tanto para consumo próprio quanto para o “tráfico”.

Em 2010, ainda como Deputado Federal, Osmar Terra (PMDB/RS) apresentou o Projeto de Lei (PL) nº 7663¹¹ para alterar a Lei 11.343 de 2006, que em 2013 virou o Projeto de Lei da Câmara (PLC) nº 37-2013, que tem ganhado celeridade no congresso a partir do final de 2017. Consoante uma reportagem de O Globo¹², Osmar Terra, que nessa época se encontrava na condição de ministro do Desenvolvimento Social, apresentou em dezembro de 2017 uma nova política de drogas sem o debate inerente à legalização para uso recreativo e religioso, numa proposta que ignora a lei antimanicomial e inclui comunidades terapêuticas no tratamento compulsório, parecendo até recorrer a argumentos morais inerentes às concepções de Dória (1916) no ato de empreendedorismo moral daquela época. Esse projeto não condiz com um viés menos punitivo, muito pelo contrário, e Osmar Terra argumenta que a “orientação central da política nacional sobre drogas deve considerar aspectos legais,

¹¹ Disponível em <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=2AEA93F05116A232E966B697B4DD9082.proposicoesWebExterno1?codteor=789804&filename=PL+7663/2010> Acesso em 09/02/2018.

¹² Disponível em <<https://oglobo.globo.com/sociedade/governo-propoe-nova-politica-sobre-drogas-sem-legalizacao-22211526>> Acesso em 05/02/2018.

culturais e científicos”, em especial “a posição majoritariamente contrária da população brasileira quanto a iniciativas de legalização das drogas”, e enfatiza a “promoção da abstinência” e “redução de danos”. Esses argumentos apontam para uma coisa já percebida por Vidal (2009), isto é, que a regulamentação do porte, cultivo e distribuição tanto comercial quanto não comercial de maconha é um paradigma legal de redução de danos.

Em nota veiculada no site *Smoke Buddies*¹³ o ativista e advogado da Marcha da Maconha no Brasil, André Barros, alega que esse projeto provocaria um retrocesso para a legalização da maconha, sobretudo para o uso recreativo, pois considera o ex-ministro Osmar Terra o maior inimigo da maconha e de seus usuários no Brasil. As questões imanentes aos conflitos e debates morais sobre o uso de drogas e sua legalização, como é o caso da maconha, levantam questões em diversas instâncias da sociedade, configurando diversos conflitos morais, desde formais até informais, pois o debate tem o intuito de instaurar uma rede de punição, “reinserção” e “ressocialização” para as pessoas que não se enquadram nas normas, enquanto que por outro lado busca-se o reconhecimento e aceitação moral das práticas atreladas aos usos sociais da maconha.

Em primeiro de março de 2018, de acordo com uma reportagem da revista Exame¹⁴, a Sexta Turma do Supremo Tribunal de Justiça (STJ) decidiu que policiais podem fazer buscas caso sentirem forte odor de maconha, mesmo se não tiverem mandato para tal. Pode-se ponderar que isso sempre ocorreu, mas o STJ liberou após um caso em que a polícia militar (PM) abordou uma pessoa na rua sem documentos, e ao acompanhar a pessoa até sua casa e constatar um forte cheiro de maconha, a PM efetuou uma autuação em flagrante de tráfico depois de encontrar 667 porções de crack, 1.605 de maconha, 1.244 de cocaína e 35 frascos de lança-perfume. É interessante salientar que o delegado narra o fato de acordo com os materiais apreendidos, tais como tipo e quantidade das substâncias ilícitas encontradas, e os relatos dos policiais envolvidos na ação são configurados como testemunhos de acusação (RODRIGUES, RIBEIRO e FRAGA, 2017).

No caso dos usuários-produtores de maconha essa decisão pode acarretar problemas para as suas práticas, pois a interpelação da PM, em conjunto com as inconsistências na economia da punição pelos delegados e juízes, pode aumentar o risco do número de autuações desses atores, principalmente de autuações como de “tráfico” de drogas, pois existe uma

¹³Disponível em <<http://www.smokebuddies.com.br/retrocesso-na-legalizacao-da-maconha/>> Acesso em 05/02/2018.

¹⁴Disponível em <<https://exame.abril.com.br/brasil/stj-libera-policia-a-fazer-buscas-por-cao-de-cheiro-de-maconha/>> Acesso em 03/03/2018.

confusão na definição que separa o que é usuário-cultivador para consumo próprio e de produção para “tráfico” de drogas na legislação brasileira.

Em dezembro de 2018, conforme reportagem de O Globo¹⁵, juristas preparam uma proposta de lei antidrogas que descriminaliza uso, pois uma comissão designada pelo Congresso pretende estabelecer quantidades de entorpecentes para diferenciar o consumidor do traficante, numa tentativa de atualização da atual legislação brasileira. Porém a proposta não traz mudanças significativas, pois a equipe que elabora a proposta visa colocar algumas salvaguardas no projeto, ou seja, vai deixar restrito o cultivo da maconha apenas para entidades ou empresas cadastradas e fiscalizadas pelo Poder Público, mantendo o plantio caseiro de forma individual proibido e passível de punição. Uma das críticas à atual lei é a falta de especificação de uma quantidade para caracterizar o consumo próprio e o diferenciar do tráfico, deixando a critério das autoridades policiais e do Judiciário definir se um flagrante é tráfico ou porte para uso (FRAGA e SILVA, 2017b). Mas assim como a Lei 11.343, que foi criada com o intuito de implementar um viés mais terapêutico e menos punitivo, e não conseguiu efetivar essas mudanças, a nova proposta de lei que pode propor quantidades para diferenciar usuários de traficantes pode também não trazer mudanças para o sistema carcerário, pois ela não propõe um viés menos punitivo para atores autuados no cultivo caseiro de maconha, e principalmente para os autuados como traficantes, mantendo o encarceramento como punição. A questão é que a prisão, tanto dos usuários quanto dos traficantes, não resolve o problema e sim o agrava mais ao superlotar o sistema penitenciário, pois esse sistema não consegue corrigir as práticas indisciplinadas, além de configurar um mecanismo de punição-reprodução de ilegalismos populares (FOUCAULT, 1999).

O que é considerado “tráfico” de drogas e o cultivo de plantas que geram o efeito da psicoatividade para uso próprio, como a maconha, por exemplo, são atividades específicas e que demandam associações diferenciadas entre os atores e suas tarefas (BLOOMER, 2009). Ao analisar a participação feminina tanto nos mercados quanto nos plantios ilícitos de maconha no Vale do Rio São Francisco, Fraga e Silva (2017a) argumentam que a legislação brasileira às vezes trata essas duas atividades como análogas e prevê a mesma penalidade para ambas, embora trate de ilegalismos distintos. Sobre o cultivo caseiro de maconha para consumo próprio, tanto para o consumo recreativo quanto para os demais, alguns juízes podem autuar esses tipos atores como traficantes, pois pode ocorrer do juiz não levar em

¹⁵ Disponível em <https://oglobo.globo.com/sociedade/juristas-preparam-proposta-de-lei-antidrogas-que-descriminaliza-uso-23284057?utm_source=Facebook&utm_medium=Social&utm_campaign=O+Globo&fbclid=IwAR3xVReOysKnlM0fUALK7SM6dYHa7XLywpinaXOlnNCx51bJ8_Qdg3iBWVY> Acesso em 19/12/2018.

consideração que se trata de ilegalismos diferenciados, sem contar o aspecto moral subjetivo de quem julga e as características particularidades de quem é julgado.

Ao presumir que o direito de punir está estreitamente ligado à defesa da sociedade, e de que tal direito traz em si um princípio de cálculo e de uma tecnopolítica da punição, Foucault (1999) pressupõe que esse direito de punir determina como os crimes devem ser punidos, de acordo com quais medidas, e quais utilidades o castigo tem na economia do poder de punir. A prisão e a polícia formam um dispositivo geminado, pois asseguram, em todo o campo dos ilegalismos, a diferenciação, o isolamento e a utilização de uma prática categorizada como delinquência, de modo que os três termos polícia-prisão-delinquência se apoiem mutuamente formando um circuito ininterrupto (FOUCAULT, 1999). No caso de autuações de atores que plantam maconha para o autoconsumo recreativo, se o plantio não configura fins comerciais ou de distribuição, sentenças judiciais que enquadram essas situações como caso de “tráfico” podem arquitetar discrepâncias na economia da punição na legislação vigente no Brasil, e isso pode continuar na legislação que está sendo estudada pela comissão designada pelo Congresso para ser futuramente implementada.

Outra perspectiva trazida por Foucault (2015) é de que o poder de punir também se encontra difundido pela sociedade, sugerindo que uma rede de poder punitiva também se encontra diluída informalmente pela mesma. Redes morais estabelecidas no plano da informalidade podem ser vistas como um *locus* interessante de uma tecnopolítica da punição específica e diferenciada, pois já que a sociedade pune informalmente as pessoas a partir de julgamentos morais previamente definidos, isso pode acarretar numa diversidade de punições informais para os casos de usos de drogas, sobretudo quando se trata do plantio caseiro de maconha para seus usos sociais específicos.

Conforme Becker (2009), usuários de narcóticos podem ser capazes de se ocultarem dos não usuários com que se associam e interagem, e isso também é o caso de muitos atores que plantam maconha para uso recreativo. Para Becker (2009) uma pessoa “normal” também não deve satisfazer seus interesses por narcóticos, pois coloca moralmente em jogo o prazer com muitas outras coisas, como o emprego, a família, reputação com vizinhança, dentre outras. Isto também pode se aplicar às pessoas que têm interesse por narcóticos, sobretudo aos indivíduos que plantam a própria maconha para uso social recreativo, pois diversas sanções morais informais podem ocorrer no plano punitivo que perpassa pelas rotinas cotidianas, como nas rotinas que se estabelecem no trabalho, vizinhança, família e outras instâncias da vida cotidiana. Sendo assim, os atores que plantam maconha em suas casas tendem a ocultar

essa prática de seus vizinhos, assim como de parentes, e até mesmo de amigos próximos quando suas casas são visitadas, uma vez que a punição no plano das informalidades podem acarretar julgamentos morais diversos, e até denúncias para a polícia e poder judiciário, transitando do julgamento informal para com as instâncias formais da lei.

A relação entre poder, segurança, população e governo, de acordo com Foucault (1979), perpassa pelo triângulo soberania, disciplina e gestão governamental, e tendo a população em mira, as práticas disciplinares teriam por objetivo governar os indivíduos, onde a governamentalidade da população é tanto alvo quanto instrumento nessas relações que perpassam pelo poder, sobretudo no poder de punir e condenar moralmente.

Sua noção de dispositivo de poder (Foucault, 1979), por exemplo, busca descrever como se constituem historicamente conjuntos heterogêneos formados por discursos, instituições, leis, medidas administrativas, enunciados morais, científicos etc. que procuram dar respostas a determinadas situações consideradas problemas e que em seu funcionamento produzem jogos e estratégias de poder que perpassam por toda a sociedade. Sob este prisma, as políticas proibicionistas podem ser observadas como dispositivos específicos, ao criminalizar a questão e estigmatizar, por meios diversos, grupos sociais específicos (ALVAREZ, FRAGA e CAMPOS, 2017, p. 6, grifo nosso).

O sistema penal brasileiro, pelo ângulo de alguns preceitos de Foucault (1999), pode ser visto como um dispositivo, e isso também configura uma comunicação simbólica, pois o teatro dos castigos vistos em algumas punições das regras formais, como o encarceramento, por exemplo, faz com que o poder de punir percorra por toda rede social, uma vez que a prisão aparece como o poder de punir institucionalizado. A vigilância configurada a partir desse dispositivo de prevenção do crime pressupõe uma disciplina que coaja por meio do olhar, uma vez que o poder da norma estabelece o normal como um princípio de coerção que funciona através de uma rede de relações de cima para baixo que tende a coibir o que é considerado crime. Essa combinação entre vigilância hierárquica e sanção normalizadora assegura a função disciplinar desse dispositivo de poder, assim como seus assujeitamentos. Por outro lado, os dispositivos de poder que visam disciplinar corpos e mentes a determinadas práticas não conseguem conter as resistências, pois onde há poder há resistências (FOUCAULT, 1999). Práticas discursivas, como o cultivo da própria maconha para uso social recreativo, também transformam discursos em práticas e uma remoralização de baixo para cima, e isso produz novas realidades, como as redes morais de pessoas que plantam a própria maconha ilegalmente para seus diversos usos sociais.

Nessa perspectiva, pode-se presumir que no Brasil, desde os seus primórdios, as tentativas de proibição do plantio, uso e venda da maconha sempre estiveram entrelaçadas a argumentos morais, assim como em argumentos científicos e políticos, e isso também

suscitou argumentos racistas que associavam os hábitos e práticas dos descendentes de povos africanos aos supostos problemas inerentes à modernização e progresso do país. Outros argumentos também conectavam – ou talvez ainda conectem – o uso de maconha às práticas de crime e violência, envolvendo relatos de assassinios e mortes em que os praticantes fizeram uso da planta. Essas premissas podem ter visado conferir aspectos de legitimidade moral à proibição da maconha no Brasil, assim como de outras substâncias que causam o efeito da alteração de consciência. Sendo assim, as práticas discursivas atreladas aos usos sociais da maconha foram transformadas pela lei em ilegal e, desta maneira, se tornaram vítimas de uma violência política institucionalizada num dispositivo de poder penal.

Mesmo assim no Brasil o número de atores autuados por plantar a própria maconha para consumo próprio tem se mostrado recorrente, e o ideário de criminoso como um inimigo social tem colocado usuários cultivadores em situações corriqueiras com a justiça e com o plano informal das punições, uma vez que o “traficante” é visto como um dos maiores inimigos sociais no Brasil. O sistema penal como um dispositivo que tem o poder de punir traz uma conjunção entre moral e legalidade, estabelecendo um controle moral e político através da repressão. Plantar maconha para consumo próprio é um ato ilegal e, portanto, considerado crime, mas também um crime em que a vítima não é claramente identificada, o que coloca um problema sério no papel do sistema penal de gerir esse ilegalismo popular. Então o que é considerado crime, neste caso, aparece como um vivo protesto da individualidade humana, e isso também produz uma realidade discursiva.

O poder de punir, além de ser formalizado pelo sistema penal, também se mostra como um dispositivo informalmente diluído pela sociedade, pois nas redes que envolveram a proibição do plantio e uso da maconha configuraram-se punições formais e informais diversificadas, pois as regras nunca preenchem apenas todo o campo legal, mas elas também sempre vêm acompanhadas de um conjunto de entendimentos morais implícitos e que não estão no papel. Essas penalidades que perpassam pelo plano da informalidade mostram tecnologias e economias da punição de formas específicas e diferenciadas, e podem acarretar uma quantidade imensurável de punições morais na vida cotidiana de quem planta a própria maconha. Nessa perspectiva, pode-se considerar que no Brasil, tanto as punições quanto as transgressões das regras que envolveram e envolvem o plantio e o uso de maconha, foram tecidas a partir dos conflitos entre redes configuradas no decorrer da dinamicidade do tempo, essas que são, basicamente, redes de controle e punição, de um lado, e redes de ilegalismos, de outro, e ambas são redes morais, e nesse meio o crime aparece como um instrumento

político, pois configura um confronto entre ilegalismo e dispositivo de poder, como poderá ser visto no próximo subcapítulo.

2.3. Os controles, as hierarquias e as associações entre poder e “desvio”

Uma das pressuposições de Bergeron (2012) é que os ideários morais comumente relacionados ao uso de drogas consideradas ilícitas são enfadonhos, pois eles associam estreitamente o uso ao vício, crime, violência e marginalidade social. Nesse sentido, categorizar uma substância como droga lícita ou ilícita pode ser também algo proveniente de conflitos e convenções sociais, assim como morais, políticas, culturais e tecnocientíficas, o que estabelece ligações complexas e configurações de múltiplos agenciamentos dentro de uma ampla rede de moralidades diversas e heterogêneas, onde essas moralidades configuram as mais diversificadas conexões específicas. Segundo Garland (2005) as instituições de controle do crime e justiça criminal têm certas condições de existência e, nesse sentido, elas fazem parte de uma rede de governo e produção de ordem social, que são sustentados por outras instituições e controles sociais. Sendo assim, estes entrelaçamentos se baseiam em configurações e associações específicas oriundas de ações sociais, morais, culturais, políticas, tecnocientíficas e econômicas, essas que ocorrem entre atores heterogêneos através dos diferentes conflitos que suscitam nos contextos em que se estabelecem.

O controle do que é considerado crime, consoante Garland (2005), é caracterizado por dois padrões de ação que estão estreitamente interconectados e são mutuamente dependentes: os controles formais, exercidos por agências estatais e pela justiça criminal enraizada, e os controles sociais informais, inerentes às atividades diárias e interações cotidianas. Nesse sentido, as instituições formais de controle do que é considerado crime tendem a ser reativas e adaptativas, pois complementam os controles sociais informais da vida cotidiana. E à medida que o caráter da vida cotidiana muda, seus hábitos e rotinas em mudanças geralmente produzem consequências nas redes desses controles informais que, por sua vez, podem gerar problemas tanto para o funcionamento quanto para a eficácia das instituições do controle formal.

Becker (2009) pressupõe que existem três principais tipos de controles sociais sobre os usos de maconha, a saber: “(a) controle pela limitação do fornecimento da droga e do acesso a ela; (b) controle pela necessidade de evitar que não usuários descubram que a pessoa é usuária; (c) controle pela definição do ato como imoral” (BECKER, 2009, p. 71). O primeiro tipo de controle é oriundo das leis formais que tornam o cultivo, posse ou venda de

maconha passíveis de punições institucionalizadas, já os dois últimos tipos podem ser encarados como conflitos morais inerentes às relações sociais da vida cotidiana, uma vez que o sigilo coloca a questão da inconveniência do julgamento moral das pessoas usuárias cultivadoras como tais, assim como a moralidade exige dos indivíduos a responsabilidade sobre o seu bem estar e do seu comportamento, pois carregam estereótipos e estigmas como os de “drogado”, “delinquente”, “criminosos”, dentre outros. Os plantios caseiros de maconha dessas redes de usuários cultivadores tentam – e na maioria das vezes conseguem – transgredir esses controles formais e informais.

Ao tratar das regras e sua imposição sobre os *outsiders*, estes últimos que não se conformam com tal imposição e concebem que os desvios estão nas regras e em seus impositores, Becker (2009) propõe que os estágios de imposição e conformação às regras são conflituosos, pois certos valores morais gerais que permeiam as regras formais geralmente podem ser guias insatisfatórios para outras redes morais específicas, como foi o caso da “Lei Seca” nos Estados Unidos, assim como pode ser no caso das leis sobre o plantio-uso de maconha no Brasil e em outros países. Nesse sentido as regras formais podem ser vistas como produtos de iniciativas de empreendedores morais, e estes podem ser de duas espécies, os criadores e o impositores morais, pois quando uma cruzada moral de cunho regulatório se torna institucionalizada, ela ganha um aparato policial e repressivo para exercer uma vigilância moral formalizada (BECKER, 2009). Exemplos de cruzadas morais regulatórias institucionalizadas podem ser a “Lei Seca” e a “Lei de Tributação da Maconha” dos EUA, conforme citado por Becker (2009), assim como também é a vigente Lei 11.343/2006 do Brasil e outras leis que visam regular a produção e consumo de maconha mundo afora.

Whyte (2005), através de uma experiência profícua de trabalho de campo e observação participante, tenta demonstrar em seu trabalho que a vida social de “Cornerville” se organizava de acordo com padrões de comportamento e hierarquias de relações recíprocas bem definidas, entendendo aquele universo social como uma organização hierárquica de partes intimamente entremeadas, onde são conhecidas as posições das pessoas e suas obrigações mútuas. Por essa via, Whyte (2005) descreve as organizações das gangues de esquina, da máfia e dos policiais, até mesmo a política e a estrutura social a partir da hierarquia de relações pessoais baseadas em sistemas de obrigações recíprocas. As interações entre atores morais enredados podem constituir relações de hierarquias diversas, uma vez que podem erigir diferenças de posições hierárquicas no poder de punir ou de fazer, em que deste

último pode erigir contornos da organização e da ordem dentro do estabelecimento de hierarquias morais, o que gera uma diferenciação hierárquica através do poder de fazer.

Velho (2008) parte da utilização de tóxicos por grupos de pessoas das camadas médias urbanas para analisar os estilos de vida e visões de mundo associadas a esse comportamento, que muitas vezes é considerado transgressor ou anormal. Nesta perspectiva, Velho (2008) pondera que sobre o uso de tóxicos é interessante que isso seja entendido de acordo com o contexto, pois no Brasil o uso de tóxicos pode se apresentar como um símbolo de diferenciação, e o comportamento desviante pode ser um mecanismo fundamental de hierarquização, pois independentemente dele ser visto como positivo ou negativo, as hierarquias erigidas servem para estabelecer algumas fronteiras entre indivíduos e suas associações em redes. É interessante salientar que essas fronteiras são tênues e permeáveis.

As fronteiras marcadas pelos usos de tóxicos podem ser frouxas, pois ao mesmo tempo em que aproximam certos atores, demarcam também seus limites, como as fronteiras vistas nas interações entre jovens suburbanos e de classe média no uso de drogas, entre “careta” e “não careta”, dentre outras (VELHO, 2008). Nessa perspectiva, pode-se sugerir que existem diferentes formas de distinção e hierarquização nas associações em redes que se configuram através dos usos de drogas. O plantio caseiro de maconha para uso próprio pode ser visto como um mecanismo de distinção, diferenciação e hierarquização por excelência, pois estabelece certos poderes de classificação ou ordenação segundo os critérios morais que se entrelaçam através das redes de relações sociais desses atores.

A autonomia da ação implica na concentração de poder nas mãos de quem a detém, onde se apresenta “o problema do controle da ação autônoma. A hierarquia normativa *versus* a autonomia do agente enquanto unidade de interesse” (MAGALHÃES, 1994, p. 120). As classificações arbitrárias, e muitas vezes desnecessárias, que categorizam substâncias como drogas ou entorpecentes a partir de certos mecanismos e processos políticos, científicos, sociais e morais, em determinados contextos e épocas, e que são juridicamente classificadas como tal pelo direito, podem estabelecer hierarquias entre as substâncias e seus usuários (BERGERON, 2012). Sendo assim, o plantio-uso de maconha marca outros tipos de distinções sociais, pois se configura como um meio de reafirmar outro tipo de hierarquia social, pois esses atores gozam de um acesso exclusivo aos usos e efeitos dessas substâncias (DUGARIN e NOMINÉ, 1987). Desta maneira, verifica-se que existem hierarquias diferenciadas nessas redes morais, e através do plantio-uso de maconha configuram-se

hierarquias diversas, como entre os não usuários e usuários, assim como entre os usuários cultivadores e apenas usuários, por exemplo.

A droga e seu uso, como o caso do plantio-uso de maconha, segundo o ideário moral comum, é investida do poder de subjugar as almas, perverter as vontades e dissipar toda a moralidade da pessoa usuária, ou seja, o uso de drogas é desde muito tempo moralmente reprovado, medicinalmente apreendido e juridicamente sancionado (BERGERON, 2012). No caso do plantio doméstico a subjugação se mostra maior, pois se associam o plantio e o uso de maconha à introdução dos sujeitos na animalidade, assim como na decadência moral e social. Isso ocorre porque existem muitos preconceitos sociais cristalizados nos usuários de maconha, pois estes estão associados e se remetem aos sinônimos de “drogado”, “doente mental”, pessoas “improdutivas”, “parasitas” e/ou “moralmente nocivas”, que são unicamente motivados pelo desejo de “evadir-se da realidade” (MACRAE e SIMÕES, 2000).

No entanto, nesse encadeamento de redes de relações sociais oriundas das experiências de efetuação com os psicoativos, como no caso do usuário de maconha, decorrem um saber de natureza específica em relação às propriedades e o uso adequado da substância, e embora não se trate de um saber científico, não pode ser considerado falso, pois uma regulação e controle informal da prática de consumo estabelecem referências que distinguem o “uso” do “abuso” (MACRAE e SIMÕES, 2000). Nessa perspectiva, Velho (2008) também chama a atenção sobre como os atores sociais buscam aprender a evitar que os usos de psicoativos, como quando efetuados pela maconha, afetem suas performances físicas ou sociais, de modo que estes atores não deem “bandeira”. Nesse sentido, diferentemente da ideia de fuga da realidade atribuída aos usuários de maconha pelos caretas, os primeiros se munem de saberes específicos para configurar regras informais para restringir usos demasiados e criar padrões de usos controlados, e quando se trata do plantio para o uso recreativo, a busca para evitar dar “bandeira” se apresenta maior.

Os estudos sobre os usos controlados e habituais entre indivíduos de camadas médias tendem a contrapor e substituir as concepções convencionais que condenam o uso de maconha e associam o uso ao que é comumente chamado de marginalidade social (VELHO, 2008; MACRAE e SIMÕES, 2000). Isso sugere que embora se configure uma hierarquia arbitrária dos atores que não usam e suas sanções sobre os que usam maconha, assim como os que plantam para usar, sejam sanções formais ou informais, estabelecem-se também diferentes critérios de sujeição e subjugação de uns pelos outros, configurando nessas redes morais

diversos aspectos de subjetivação, tanto pelos impositores de regras quanto pelos transgressores delas.

A ação reflexiva e a interação surgem em contraposição sem perder suas determinações essenciais, principalmente do ponto de vista das pessoas que se encontram subjugadas, pensando os sujeitos sociais como emergências de suas subordinações experimentadas, uma vez que esses sujeitos estabelecem novos valores e produzem outros assujeitamentos, ou seja, outros sujeitos (MISSE, 2010). Nessa perspectiva, Misse (2010) constata que há diversos tipos de subjetivação que processam sujeitos não revolucionários, não democráticos, não igualitários e não voltados ao bem comum, tomando como exemplo a categoria de “bandido” no Brasil, um sujeito criminal produto, para além das interpelações policiais, das associações morais imanentes às concepções que perpassam pelas leis formais e pelas regras informais da moralidade pública. Neste sentido, enfatiza-se que a ideia de “bandido” traz um sujeito especial, pois a morte ou desaparecimento podem ser moralmente desejados, devido aos valores repulsivamente atribuídos às suas práticas, sendo um sujeito ao qual se reserva uma reação moralmente forte e uma punição dura, seja pela morte, reconversão à moral ou às associações que o acusam. Por conseguinte, surge uma questão interessante para se pensar: atores que plantam maconha em suas casas para o uso próprio podem ser considerados “bandidos”?

Os crimes cometidos pelos “bandidos”, de acordo com Misse (2010), diferenciam-se dos crimes de outros atores, porque o que é definido como crime se dá no plano das moralidades que se tornam canônicas, pois estas venceram as cruzadas morais e se tornam inscritas nos códigos jurídicos e leis regulatórias. Isso sugere que o reconhecimento de uma ação como desviante depende de um julgamento fundamentado numa ideia de normalidade, e que essas ideias de normalidade são rótulos produzidos contextualmente entre os agentes envolvidos, onde o ideário de normalidade é referencialmente contextualizado (BECKER, 2009).

Não pode haver sujeição criminal sem incriminação, mas pode haver incriminação sem sujeição, e o que distingue a incriminação de um indivíduo é que ele pode ser associado à diferenciação entre o que é considerado socialmente como “bandido” e “não bandido” (MISSE, 2010). Sendo assim, Misse (2010) chama a atenção para que, embora o termo “bandido” se remete à integrante de um bando, ela ganhou uma conotação individualizante, e assim passou a ser associada aos agentes cuja sujeição criminal já está em curso ou consolidada. Na perspectiva das redes morais algumas normalizações de tipos de condutas

formam-se por associações que visam produzir dispositivos de autocontrole pessoal pela reação moral e, conseqüentemente, pela incriminação, como pode ser no caso da criminalização da produção, venda e do consumo de drogas. Essa questão da incriminação se complica ainda mais quando se trata do cultivo caseiro de maconha para o uso social recreativo.

Entende-se que o cerne do desvio pode ser que ele seja criado e contraposto por associações que se formam pelas sociedades afora, e essas associações são mutáveis conforme estabelecem novas configurações nas redes morais que erigem. As causas do desvio estão localizadas na situação social do rotulado como desviante e nos fatores sociais que incitam sua ação, ou seja, “grupos sociais criam o desvio ao fazer regras cuja infração constitui o desvio” (BECKER, 2009, p. 21-22). Portanto, um ato só é desviante conforme as outras pessoas reagem a ele e, desta maneira, “o desvio não é uma qualidade que reside no próprio comportamento, mas na interação entre pessoa que comete um ato e aquelas que reagem a ele” (BECKER, 2009, p. 27). Sendo o plantio caseiro de maconha a transgressão de uma regra imposta por associações de atores heterogêneos que se formam pela sociedade, neste trabalho busca-se desvelar o outro lado do fazer e aplicar regras, ou seja, sobre as pessoas que estão sujeitadas às regras formais e informais. Essa ideia ocorreu, pois, de acordo com Becker (2009), o fazer e aplicar regras, assim como as transgressões das mesmas, são coisas estreitamente ligadas a diferenciais hierárquicos de poder.

As pessoas rotuladas que infringem regras, de acordo com Becker (2009), geralmente não aceitam a imposição de uma regra pela qual é julgado, pois podem encarar que os julgadores não são competentes ou que não são legitimamente autorizados para fazê-lo e, nesse sentido, “aquele que infringe a regra pode pensar que seus juízes são *outsiders*” (BECKER, 2009, p. 15). Os atores que plantam e usam cannabis – na perspectiva de Magalhães (1994) – agem de tal maneira porque acreditam dogmaticamente que podem contornar uma ordem para estabelecer uma “boa” ordem.

Sendo assim, indivíduos que plantam maconha para o uso recreativo, assim como pra outros usos sociais da planta, infringem regras, tanto formais quanto informais ao fazê-lo, assim como também infringem muitas hierarquias morais impostas por não acreditar que seus julgadores estão aptos a fazê-lo, e formulam uma hierarquia própria de diferenciação através da transgressão de regras formais e informais. Então decorre daí que, intrinsecamente à situação de transgressão e imposição das regras estabelecidas nos processos e relações entre essas pessoas, ou seja, das que infringem e impõem regras, os atores transgressores

“desenvolvem ideologias completas para explicar por que estão certos e porque os que os desaprovam e punem estão errados” (BECKER, 2009, p. 16-17).

Durkheim (1983) chama a atenção para a simetria entre os caracteres da moral e da imoralidade, principalmente sobre a mesma natureza de ambos. Segundo Magalhães (1994), podemos afirmar que os atos punidos como imorais não possuem nada em sua natureza que os diferencie dos atos considerados morais, pois se trata de atos da mesma espécie, então eles não produzem uma desagregação, mas uma reagregação, formando uma nova agregação em torno dos atos punidos como imorais. Uma acusação de imoralidade é produto de um conflito entre ordens distintas, ou seja, é resultado do conflito desigual entre diferentes moralidades (MAGALHÃES, 1991). Na perspectiva das redes morais, considera-se também o princípio da simetria moral, pois todos nós somos atores morais e também pensamos de acordo com esses princípios, e é exatamente isso que causa os conflitos entre diversas ordens morais distintas. Desta maneira, sejam os que impõem ou os que infringem as regras, sejam essas regras formais ou informais, nessas redes morais todos os atores e seus argumentos são cruciais para serem mapeados, uma vez que são todos atores morais, mas principalmente os argumentos dos atores que atribuem formas diferenciadas de poder, como no caso de plantar a própria maconha para seus usos sociais, pois estes trazem especificidades em suas relações morais.

Aplicar o rótulo de “desviante” às pessoas que plantam maconha para o autoconsumo, nessa perspectiva de simetria, seria aceitar os valores das associações que formularam tal julgamento. Como diferentes atores consideram diferentes coisas como “desviantes”, considera-se interessante analisar como se constitui o olhar sobre o desvio dos julgadores a partir do ponto de vista dos rotulados como *outsiders* pelas regras (BECKER, 2009). Para Becker (2009) a função das associações entre atores é um produto decidido no conflito político e não foi dada na natureza da tentativa de organização. “Se isso for verdade, comportamentos vistos como desviantes e pessoas rotuladas como *outsiders* devem também ser encarados como políticos” (BECKER, 2009, p. 20).

Magalhães (1994) sugere que os problemas colocados pelos transgressores de regras, quando se trata da ordem social e sua antítese, perpassam por critérios intrínsecos às ações sociais e aos conflitos políticos que suscitam, pois a política está relacionada a qualquer ação intencional e estratégica que envolve problema de poder, seja este formal ou informal, tornando as disputas de certos atores com seus eventuais acusadores em um conflito político. Nessa perspectiva, ignorar o aspecto político do fenômeno de poder plantar maconha em casa para seus diversos usos sociais, que aqui o enfoque foi o uso social recreativo, seria o mesmo

que limitar a compreensão sobre o problema que se estabelece nessa relação entre imposição, sujeição e transgressão das regras formais e informais configuradas dessa prática ilegal, ou seja, dessa rede de ilegalismo configurada a partir de uma dissidência moral para atacar as coerções formais e informais que sofrem. Nessa perspectiva, transgredir uma lei é torná-la impotente e irreal.

A partir da discussão dessa seção, pode-se presumir que o ideário moral dominante relacionado ao uso de drogas consideradas ilícitas associa o uso ao vício, crime e violência, pois a classificação de uma droga como ilícita surge do entrelaçamento de convenções erigidas a partir de conflitos sociais, políticos, tecnocientíficos e, principalmente, de conflitos morais. O controle do crime e do ato considerado imoral, nesse sentido, perpassa por configurações tecidas nas teias que se entrecruzam nas relações entre as regras informais e formais, e seus conflitos moralmente suscitados. Decorre então que as atividades que tentam impor a produção de uma ordem social, sejam formais ou informais, se defrontam com outras associações de atores com suas vidas e hábitos diários que tentam reagregar e redefinir suas redes morais através das “desordens” oriundas de suas práticas, criando uma nova ordem a partir de suas redes morais específicas, fazendo com que os mecanismos de poder disciplinar enfrentem uma multiplicidade de resistências, isto é, contrapoder, e isso aumenta a grandeza útil da multiplicidade e simetria do ato de poder.

A imposição de regras, nessa perspectiva, pode ser vista pelo ângulo de uma tentativa de hierarquização de algumas associações morais erigidas em redes, esta que visa o poder sobre o controle do que é informal e formalmente rotulado de desvio, pois as relações de hierarquias estabelecidas na imposição de regras formais e informais podem estabelecer diferenças hierárquicas no poder de punir nesses dois planos. Nessa perspectiva, as hierarquias, no âmbito das redes morais, visam edificar relações de obrigações recíprocas, de distinção, punição, afastamento e de aproximação, onde os contornos dessas tentativas de organizações hierárquicas, sejam elas formais ou informais, suscitam diversos conflitos morais sobre as regras, assim como de suas aceitações e imposições. As fronteiras hierarquicamente estabelecidas, embora elas tendam a demarcar limites, também são frouxas e permeáveis.

A ação negadora, reflexiva e contraposta às associações formais de poder estabelecem novos valores e outros sujeitos e, nessa perspectiva, entrelaçam-se diversos tipos de subjetivação que processam sujeitos diversos a partir do poder de transgressão, de modo que transgredir uma lei é torná-la impotente. O que define como crime o plantio e uso de

maconha, desta maneira, pode ser algo definido no plano das moralidades e de suas redes, podendo em geral trazer a sujeição moral e criminal associada a rotulações, estigmas e tipificações desses atores sociais em um processo de incriminação. Por outro lado, também se configuram redes de associações morais transgressores por parte dos atores subjugados, estes que infringem as regras formais e informais pela desordem inerente ao ato de plantar e consumir maconha, e assim desenvolvem suas reagregações do social e uma nova forma de poder. Nessa linha de pensamento, o que é considerado “desvio” pode também ser visto como um ato de poder, pois ele é criado e contraposto por associações em redes morais que se formam pela sociedade afora, e essas associações são mutáveis e podem estabelecer novas configurações e reagregações nas redes morais em que se configuram a qualquer momento, assim como estabelecer novas relações de poder.

2.4. Estigma, aceitabilidade e reconhecimento moral

Conforme Telles e Hirata (2007) é tênue o limiar que estabelece as fronteiras porosas entre o legal-ilegal, formal-informal, moral-imoral e lícito-ilícito de trabalhadores que compõem o bazar metropolitano, e os atores que vivem e praticam ações nesse contexto negociam critérios de aceitabilidade moral, assim como podem se engajar ou não em carreiras delinquentes e criminais. Cultivadores de maconha para consumo próprio também podem viver nos trânsitos estabelecidos entre lícito-ilícito, formal-informal, moral-imoral e legal-ilegal. Estes atores também negociam em cada contexto em que estabelecem suas associações em redes critérios de aceitabilidade moral de seus comportamentos e de suas escolhas com os outros atores sociais com quem se relacionam.

A teoria do reconhecimento de Honneth (2003) parte da ideia de que a consternação e os desrespeitos morais podem se constituir como uma das principais motivações das ações individuais para a constituição das transições sociais que lutam por reconhecimento e respeito. Sendo assim, essa luta por reconhecimento e respeito pode ser entendida como o princípio das mudanças sociais e, conseqüentemente, das transformações morais das sociedades, pois a ausência de reconhecimento e os desrespeitos morais são os princípios provocadores dos conflitos e das vicissitudes sociais. Portanto, a falta de reconhecimento moral e social pode ser entendida como a epígrafe dos conflitos e metamorfoses sociais, sobretudo aqueles que buscam o reconhecimento e respeito moral, assim como o respeito e a inclusão jurídica.

A Marcha da Maconha no Brasil, consoante Brandão (2017), é um movimento social que, amparados pelo direito de liberdade de expressão da opinião, entrou numa cruzada moral

que reivindica mudanças nas normas impostas, reversão do estigma inerente ao uso da planta e o reconhecimento social de valores universais válidos. Além disso, a Marcha da Maconha pode também ser vista como uma via de negociação de aceitabilidade e busca por reconhecimento dentro do âmbito das redes morais em que se configura. Em relação à maconha e seus usos pelos humanos, por mais diversos que sejam as formas de usos sociais e a heterogeneidade moral em torno disso, pode-se considerar que existe um sentimento de solidariedade em torno da maconha e de seus usos sociais. Sendo assim, existe uma força que agrega esses atores, e ela é um sentimento pré-reflexivo e pré-racional, ou seja, o amor. Isso ocorre porque o amor é um dos estados de sentimentos mais poderosos em relação aos móveis morais das ações concebíveis (MAGALHÃES, 1994).

Os atores sociais, pelo fato de aprender a assumir as normas sociais de ação do “outro generalizado”, procura alcançar a identidade de um membro socialmente aceito de sua coletividade, pois na medida em que as pessoas se reconhecem em seus parceiros de interação pela via da interiorização de suas atitudes normativas, ela própria pode saber-se reconhecida como um membro de seu contexto social de cooperação (HONNETH, 2003). Isso pode convergir com a ideia de uma relação de redes de reconhecimentos mútuos, pois o processo de formação de um sentimento comum em torno de alguma coisa pode decorrer de um processo de ampliação gradual de reconhecimentos morais entre atores heterogêneos.

Segundo Honneth (2003) existem três instâncias que possibilitam o estabelecimento de reconhecimento intersubjetivo e a formação de identidades entre as pessoas, sendo elas: (1) o *amor*, existente nas relações primárias, como entre dois parceiros, nas amizades e entre pais e filhos. Esta é a primeira etapa do reconhecimento recíproco, pois este reconhecimento permite a afirmação da autonomia como elemento necessário ao particularismo moral. (2) O *direito*, que perpassa pelas relações jurídicas e nos ensina a reconhecer os outros membros da coletividade como portadores de direitos, ou seja, como pessoa de direito, no sentido de que podemos estar seguros do cumprimento social de algumas de nossas pretensões. Sendo assim, possuir direitos individuais significa poder colocar pretensões aceitas para dotar sujeitos individuais com a possibilidade de uma atividade legítima, com base na qual ele pode constatar que goza do respeito de todos os demais. (3) A *solidariedade*, presente na comunidade de valores e que designa uma relação de reconhecimento própria da estima simétrica e mútua na comunidade de valores em que toda forma de reconhecimento por estima está incrustada de modo necessário. A estima social, nesta perspectiva, se aplica às propriedades particulares que caracterizam os seres humanos em suas diferenças pessoais,

esta que expressa as propriedades diferenciadoras dos atores humanos, sendo que esta estima social é organizada segundo um padrão de *status*, então as formas de reconhecimento associadas a ela assumem o caráter de relações simétricas por dentro, mas assimétricas por fora, estabelecendo a experiência da distinção social que lhe corresponde.

Na perspectiva da luta por reconhecimento, “o caráter público que os direitos possuem, [...] autorizam seu portador a uma ação perceptível aos parceiros de interação, o que lhes confere a força de possibilitar a constituição do autorrespeito” (HONNETH, 2003, p. 197) e a solidariedade, que é capaz de gerar a autoestima, “está ligada ao pressuposto de relações sociais de estima simétrica entre sujeitos individualizados (e autônomos)” (HONNETH, 2003, p. 210). “Simétrico” significa que todos os atores recebem a chance, sem graduações coletivas, de experiências de si mesmos, em suas próprias realizações e capacidades, como algo valioso para a sociedade. Nessa perspectiva, “estimar simetricamente” significa considerar-se reciprocamente à luz de valores que fazem as capacidades e as propriedades do respectivo outro aparecer como significativas para a práxis comum, e as relações dessa espécie podem se chamar “solidárias”, porque elas não despertam somente a tolerância para com a particularidade individual da outra pessoa, mas também o interesse afetivo por essa particularidade. É por isso também que só as relações sociais que tenham em vista o conceito de “solidariedade” podem abrir o horizonte em que a concorrência individual por estima social assume uma forma isenta de dor, isto é, destituídas de experiências de desrespeito (HONNEETH, 2003).

Em relação à Marcha da Maconha no Brasil, Brandão (2017) destaca que sua análise não visa enfatizar os conflitos e as controvérsias que rondam as teorias dos novos movimentos sociais, mas visa esclarecer como são inseparáveis, nas experiências das ações coletivas da marcha, as emoções, moralidades e reconhecimentos. Segundo Brandão (2017) o estigma associado ao uso da maconha ocorreu concomitantemente à hegemonização das hipóteses sobre os efeitos supostamente deletérios da maconha, e isso influenciou a política de segurança nacional no Brasil a partir da década de 1930. Esse estigma, assim como a incriminação, a hierarquização, o desrespeito moral e a imposição de regras formais e informais, se constituíram através dos conflitos oriundos das redes morais que se associaram em torno dos usos sociais da maconha.

O estigma, conforme proposto por Goffman (2004), perpassa por uma marca que atribui ao indivíduo algum rótulo que o diferencia dos demais, colocando-o numa situação de inabilitação de plena aceitação moral e social. Neste sentido, o estigma de “maconheiro” pode

ser uma categoria que algumas associações de atores morais atribuíram a outras associações, isto é, ele possui um atributo que o torna diferente de outros atores. Este tipo de estigma, conforme estabelecido por Goffman (2004), pode estar associado ao ideário moral depreciativo inerente à carreira moral do estigmatizado, em que os atores estigmatizados incorporam o ponto de vista dos ditos “normais”, porém há muitos ciclos de incorporação conflituosos, pois pode acontecer tanto a rejeição do estigma quanto sua aceitação.

Velho (1981) atribui à categoria “drogado” como um ato de acusação moral e social que, no Brasil, se constitui como um dos rótulos de estigma mais acionados no dia a dia. Tal estigma pode estar também associado à categoria “maconheiro”, ou seja, essa categoria também aciona um estigma. Além disso:

[...] drogado é uma acusação moral e médica que assume explicitamente uma dimensão política, sendo, portanto, também uma acusação totalizadora. A ideia é que há acusações que são parciais porque ficam no nível de segmentos ou aspectos particulares do comportamento, enquanto existem outras que contaminam toda a vida dos indivíduos acusados, estigmatizando-os de forma talvez definitiva. [...] No entanto, mais e mais, dependendo do contexto, a droga assume uma dimensão política. O fato de os acusados serem moralmente nocivos segundo o discurso oficial, pois têm hábitos e costumes desviantes, acaba por transformá-los em ameaça ao *status quo*, logo em problema político (VELHO, 1981, p. 60, grifo nosso).

Nessa perspectiva, Velho (1981) argumenta que o drogado, além de poder ser julgado como doente mental, também é questionado diretamente ao grau de sua moral, e ao assumir uma dimensão subversiva, tal categoria acaba servindo para julgar e estigmatizar a identidade dos acusados como tal. O “maconheiro”, ao se associar à categoria de “subversivo”, constata-se uma referência ao domínio político, ligando-se à problemática do Estado, sua legitimidade e produção de ordem. Por outro lado pode haver também uma tentativa de reversão de tal acusação moral.

Conforme Brandão (2017) a Marcha da Maconha no Brasil pode ser vista como uma ação coletiva moralmente empreendida para a reversão do estigma associado ao uso da erva, e destaca os argumentos que os marchadores mobilizam para reverter o estigma que os assola. Os argumentos postos em marcha para reverter os estigmas associados ao uso perpassam pelas seguintes temáticas: (a) os benefícios da maconha para a saúde humana, sobretudo os que perpassam pelos trabalhos pioneiros da homeopatia; (b) no âmbito da economia trazem questões sobre a maconha servir como matéria-prima para a produção de tecidos, papel, combustível, alimentos para pássaros, dentre outros; (c) e na segurança pública, pois com a legalização findaria com a guerra às drogas e a falência do sistema prisional que envolve o uso de maconha e outras drogas (BRANDÃO, 2017).

Algumas questões que também foram postas pelos indivíduos entrevistados que plantam maconha para o uso social recreativo, sendo elas: (a) não precisar recorrer ao tráfico para adquirir maconha; (b) diminuir o risco sobre a saúde inerente à baixa qualidade dos produtos oriundos do narcotráfico de maconha; (c) suprimir a alimentação financeira do narcotráfico de drogas que provém do contrabando e comércio ilegal de maconha; (d) não fomentar a violência oriunda do tráfico de maconha; (e) escolher a espécie que vai plantar e fumar; (f) e principalmente não precisar gastar dinheiro para comprar maconha. Percebe-se que as questões levantadas em torno do reconhecimento moral e reversão do estigma em relação aos diferentes usos sociais da maconha englobam causas diversas e, portanto, moralidades heterogeneamente profusas.

Com o passar do tempo, o aprendizado e a aquisição do controle e costume de consumir maconha aos poucos faz com que desapareçam nos consumidores as possíveis resistências iniciais que compunham a associação do uso de maconha às coisas marginais, dependência ou alienação, e o uso passa então a assumir uma conotação habitual de algo prazeroso, pacífico e inócuo (MACRAE e SIMÕES, 2000). Numa situação de estigma do consumo de maconha, Velho (2008) propõe que fumar servia, ou talvez ainda possa servir, como sinal de reconhecimento moral entre atores de determinadas atitudes sociais, políticas, morais e culturais de caráter extraordinário, se opondo veementemente à ordem do cotidiano e aos caretas. Então, os conflitos morais exprimidos nos atos considerados crimes mobilizam estados fortes de consciência e, conseqüentemente, a catarse (MAGALHÃES, 1994). Isso ocorre, pois, “o conflito é para o ator uma exibição virtual de poder frente ao mundo” (MAGALHÃES, 1994, p. 178). Sendo assim, considera-se que esses atores adquirem e assumem a identidade e o estigma de “maconheiros” e, desta maneira, eles formulam justificativas e associam visões de mundo a partir das redes morais em que se emaranham.

O Estado, através do sistema penal e de sua rede de controle, não regulamenta todas as necessidades sociais e ao mesmo tempo impede algumas, e os atores só podem realizá-las transgredindo as regras do Estado (MAGALHÃES, 1994). O poder de punir também está difundido sociedade afora (FOUCAULT, 2015). Essas colocações, por outro lado, podem sugerir que muitos atores são impelidos a infringirem regras formais e informais, ou seja, as regras impostas pelo Estado e pela sociedade, e através dos conflitos morais que suscitam erigem associações em redes morais, como é considerado no caso do plantio caseiro de maconha para uso recreativo. Essa rede moral se configura através de um ilegalismo popular e cria um sentimento moral a partir dessa prática.

Ao discorrer sobre o estado ébrio Magalhães (1994) aponta que, de acordo com o método sociológico durkheimniano, o uso de drogas pode ser considerado um fenômeno normal, visto que nossa sociedade contemporânea tolera algumas drogas psicoativas ao mesmo tempo em que proíbe e estigmatiza outras. Nessa perspectiva, o Estado também configura um problema público ao tentar equacionar a ilegalidade com uma repressão policial aos usos de drogas, sobretudo ao plantio e consumo de maconha para os seus diversos usos sociais. Porém é inegável que em torno da maconha e de seus usos sociais configuram diversos motores morais, estes que promovem agregações e reagregações morais em torno da maconha e de seus usos sociais. Essas redes morais se formam para exprimir os conflitos morais que perpassam pelas tentativas de coibir os exercícios das paixões ébrias que entram em choque com outras redes morais através de valores contemporâneos fundamentais, onde o principal valor é a liberdade da ação individual sobre suas propriedades inquestionáveis, que são o corpo e a mente.

A paixão pela vontade inebriante, nesse sentido, constitui um motor capaz de mover céus e terras para contornar a privação de suas causas, mesmo que tais vontades sejam movidas por razões moralmente condenáveis (MAGALHÃES, 1994). Pode-se observar que esses motores já não podem ser considerados apenas individuais, pois quando se trata do plantio caseiro de maconha para uso recreativo, esses motores já ganharam uma conotação social de grandes proporções, uma vez que esse sentido é imputado pelos comportamentos uns dos outros. O aspecto social inerente à prática do ilegalismo popular de plantar a própria maconha pode ter decorrido das redes morais firmadas a partir do reconhecimento e da aceitação moral agregados em torno dessa prática, e isso formou uma vida moral de gênero único e que se distingue dos que apenas fumam maconha. Nessa perspectiva, foi observado que o ato de plantar a própria maconha para o uso social recreativo tem se tornado uma prática cada vez mais normal entre os atores que se associam nessa vida moral que se desprende dessa rede de atores.

CAPÍTULO III: NOTAS SOBRE O TRABALHO DE CAMPO

3.1. A inserção e o início das interações com a rede de usuários cultivadores

Antes de fazer a pesquisa em si, foi feito um levantamento prévio sobre a possibilidade de seguir ou não adiante com a mesma. Sendo assim, no ano de 2017, especificamente no segundo semestre, comecei a entrar em contato com algumas pessoas que plantam – ou como foi em alguns casos, plantavam – maconha para o uso social recreativo. A primeira pessoa que entrei em contato, via “Whatsapp”, foi o “Rasta”¹⁶, este que me disse: “Poxa, cara! Eu não planto mais, plantava quando morava em república só com estudantes, e como eu casei, fica difícil plantar, pois minha esposa é professora na universidade e qualquer B.O. pode trazer alguma consequência indesejável para sua carreira. Mas eu conheço uma pessoa que planta e posso te indicar”. Durante a conversa “Rasta” me indicou “Ruderal” e passou-me o seu contato, e também me relatou que o pessoal de sua antiga república, em grande maioria, já tinha se formado na universidade e ido embora da cidade, que aqui será chamada pelo nome fictício “Greenville”, e que inclusive já tinham uns dois anos que a república “Cabrobró” tinha se desfeito. Confesso que por um lado fiquei consternado por saber que essa rede de atores tinha se desfeito, pois somente na república “Cabrobró” tinham oito moradores, e no terraço e quintal da casa, que era de dois andares, cada um dos moradores plantava e cuidava de suas próprias plantas de maconha, mas por outro lado também fiquei contente em saber que esses atores já tinham se inserido em trabalhos, pós-graduações ou casado, e que somente um ainda plantava. Este último, aqui chamado de “Mãe”, passou em um concurso para professor do Estado e morava em São Paulo, contatei-o e fiquei de ir visitá-lo para uma entrevista, mas posteriormente ele parou de plantar e eu desisti de ir lá para interagir e fazer a entrevista.

Através das redes sociais, principalmente “Whatsapp” e “Facebook”, fui conversando com algumas pessoas que eu sabia que em algum momento da vida havia plantado, mas a maioria das pessoas que plantava havia parado por algum motivo, então a solução foi tentar levantar uma nova rede, ou pelo menos a que no momento da pesquisa estava em vigência, para assim conseguir seguir adiante com a pesquisa. Percebi que havia uma instabilidade em relação à prática de plantio da própria maconha, então é interessante salientar que os atores entrevistados para essa pesquisa podem futuramente não plantar mais e

¹⁶ Este capítulo descreve como decorreu o mapeamento da rede moral de usuários-produtores em uma cidade universitária interiorana. Sua escrita foi inspirada no livro de White (2005), e assim como em “Sociedade de esquina”, todos os nomes dos atores e de lugares serão nomes fictícios para se tratar de lugares e pessoas reais, pois preservando os nomes das pessoas e lugares é maior a possibilidade de resguardar o sigilo e anonimato acerca das identidades dos atores que participaram direta ou indiretamente dessa pesquisa.

essa rede pode se desconfigurar a qualquer momento. Nesse meio tempo conversei com “Kell”, que estava morando junto com “Quinze” em um sítio, ambos eram estudantes da “Universidade de Greenville”, e estavam praticamente em uma união estável informal. “Kell” me disse que ela e o “Quinze” estavam plantando e que poderiam me conceder duas entrevistas para a pesquisa, pois ela achou o tema muito interessante e ficou entusiasmada em participar diretamente. “Kell” também me indicou “Maestro”, e disse que ele havia começado a plantar e que ele estava ficando bom na prática, pois ele estudava muito sobre o assunto e eles sempre trocavam ideias sobre as práticas de cultivo. Como eu já conhecia “Maestro”, então eu fiquei de entrar em contato com ele posteriormente para fazer uma sondagem da possibilidade de conversarmos.

Em outubro de 2017 fui à “Greenville” para visitar a “Universidade de Greenville”, fiquei uma semana na cidade e aproveitei para conversar com algumas pessoas, e então entrei em contato com “Ruderal” e “Maestro”. Não conhecia “Ruderal” pessoalmente, então fiquei com receio dele não querer conversar comigo, mas entrei em contato e expliquei que era o “Rasta” que tinha me passado o seu contato e tudo mais, ele então foi muito solícito e concordou de me encontrar na universidade para nos conhecermos e fazermos o nosso primeiro contato interativo. Fui então à universidade, e chegando lá encontrei “Raio”, um conhecido que fazia doutorado em física, e começamos a conversar, ele então me disse que havia mudado para um sítio recentemente, então o perguntei se ele estava plantando, e ele disse que tinha começado a experimentar. Enquanto conversava com “Raio”, chegou “Ruderal”, e ao nos encontrarmos, apresentei-me e expliquei para ele o tema da pesquisa e o receio de não conseguir seguir adiante com a mesma, uma vez que se tratava de um tema muito delicado e as pessoas poderiam não aceitar participar das entrevistas qualitativas, mas ele gostou muito da pesquisa, achou deveras interessante e importante, inclusive ficou de ceder uma entrevista no momento propício e se possível ia tentar me conectar a outros atores de suas redes de sociabilidade para eu possivelmente conhecer, interagir e fazer mais entrevistas. Esse então foi meu primeiro contato com o “Ruderal”. Depois de conversar com “Ruderal” na frente de “Raio”, pois não tive outra saída e não queria apresentar ninguém a ninguém e estabelecer ligações entre os atores no decorrer da pesquisa, este último tirou com o primeiro algumas dúvidas, alegando que estava iniciando e tal, “Ruderal” respondeu várias dúvidas, inclusive sobre a preparação do solo, pois ele fazia doutorado na área de solos e era muito experiente nesse assunto. Segui e fiquei de futuramente entrevistar ambos, um experiente e um iniciante.

Nesses mesmos dias também entrei em contato com “Maestro”, e como já o conhecia, fui à sua casa tomar um café e fazer nosso primeiro contato sobre essa pesquisa. Tomamos um café e ele fumou um “green” com “haxixe” em minha frente enquanto conversávamos, uma mistura que ele chamou de “imperial”. Nesse meio tempo ele me mostrou seu guarda-roupa, este que servia como um “grow” para cultivo “indoor”, um livro sobre plantio de maconha, vários clones pequenos e alguns grandes, e alguns “camarões”. “Maestro” também me indicou uma pessoa que eu conhecia, mas que eu não sabia que estava plantando, que aqui será chamado de “Samba”. Eu disse que posteriormente ia entrar em contato com “Samba”, pois meus dias de estadia em “Greenville” seriam poucos. Além disso, “Maestro” me indicou um grupo no “Facebook” de troca de informações de pessoas que plantam, que aqui será chamado apenas de “Grupo Plantar¹⁷” para tentar evitar a localização do grupo via seu nome real, na mesma hora peguei o celular e enviei solicitação para fazer parte dessa rede social. No dia seguinte fui aceito pelos moderadores, que também moderam as postagens dos membros do grupo. Depois disso solicitei participar de mais dois grupos, e fiquei observando as interações nos três, e a partir daí eu comecei a fazer observações das interações entre os atores que estavam nesses grupos dessa rede social.

Ainda nesse empreendimento de inserção, também mandei mensagem via rede social para uma pessoa que eu sabia que plantava no passado, e essa pessoa, que aqui será chamada de “Ronaldo”, ficou de me encontrar na hora do almoço na universidade para interagir. Na nossa interação, falei com ele sobre a pesquisa, expliquei e tudo mais, ele ficou assustado e receoso, mas disse: “Cara, eu tenho medo dessas coisas, mas como é você e eu já te conheço, eu aceito participar, inclusive tem um amigo meu que mora comigo no sítio e ele também pode dar entrevista, vou conversar com ele sobre isso”. Percebi a princípio um ar de desconfiança na feição do “Ronaldo”, mas também que ele possivelmente contribuiria com uma entrevista para essa pesquisa apenas por me conhecer a uns três anos, caso contrário eu teria de conquistar a sua confiança, assim como eu teria de conquistar a confiança de “Ruderal”, pois eu não o conhecia e tinha feito o primeiro contato com ele nestes dias. Nesses primeiros contatos percebi que existia uma questão chave para o sucesso da pesquisa, e essa questão era conquistar a confiança dessa rede de atores, e para isso deveria interagir e conversar com eles sempre que possível, assim como sair para festas e participar das atividades que organizavam ou faziam parte, ou seja, estar sempre presente e não me apresentar como uma ameaça às suas práticas de cultivo caseiro de maconha.

¹⁷ Ainda neste capítulo será aberta uma seção para tratar das relações tecidas nos grupos dessa rede social.



Imagem 01: Foto tirada de alguns clones de “Maestro” quando eu lhe fiz a primeira visita sobre a pesquisa.

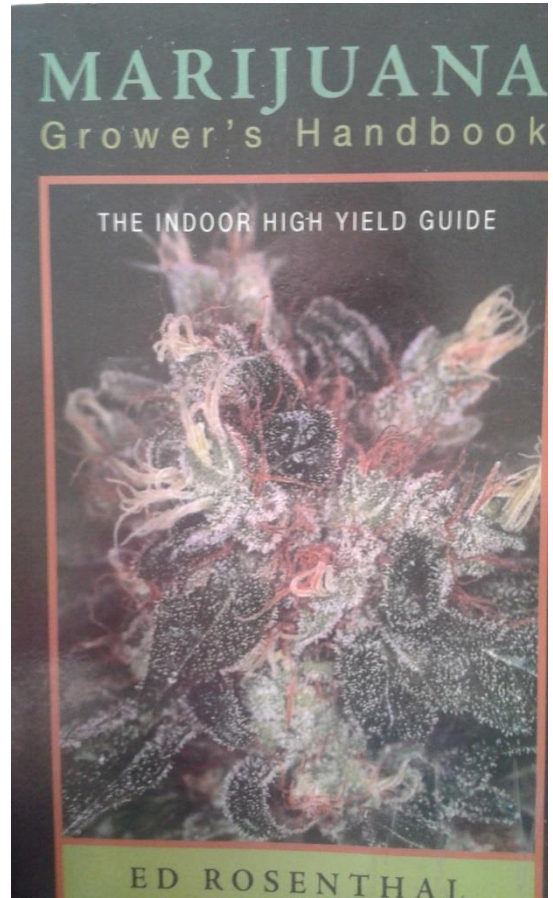


Imagem 02: Foto tirada de um livro que “Maestro” estuda técnicas de plantio.



Imagem 03: Foto tirada de um “verde” que “Maestro” fumou misturado com “haxixe” em nosso primeiro contato sobre a pesquisa.

Nessa primeira ida à “Greenville” eu não consegui encontrar com “Samba”, mas ao voltar para a cidade em que eu estava residindo eu mandei uma mensagem para ele via “Whatsapp”, através do contato que me foi passado por “Maestro”, e conversamos sobre a pesquisa, expliquei que daria no final uma dissertação de mestrado, e outros detalhes. Ele curtiu demasiadamente a ideia e disse: “Animo muito participar, dar entrevista e tal, esse assunto precisa muito ser debatido, ainda mais academicamente”. Então ficamos de marcar posteriormente a entrevista, quando eu fosse de fato para campo fazer a pesquisa e, conseqüentemente, as entrevistas, pois expliquei que no primeiro momento o contato era apenas uma sondagem para verificar a possibilidade de seguir adiante ou não a pesquisa, uma vez que ainda passava por minha cabeça mudar de tema caso eu verificasse uma impossibilidade de seguir adiante com esta.

Conversando com algumas pessoas sobre a minha possibilidade de pesquisa, na cidade que eu estava morando, que não era “Greenville”, duas pessoas me indicaram o “João”, então o adicionei numa rede social, no “Facebook”, entrei em contato com esse ator, expliquei a origem do contato, pois isso foi crucial para ele me aceitar e não desconfiar, e fui visitá-lo. Chegando à sua casa conversamos muito sobre a pesquisa, ele disse que gostou muito do tema, que acreditava muito na minha pesquisa, e que seria uma honra participar caso eu realmente fosse seguir adiante com a mesma. “João” estava de mudança de cidade, inclusive eu percebi que as coisas de sua casa já estavam quase todas embaladas, ele até desembalou as coisas de seu “grow” e me mostrou, disse também que estava plantando “indoor” no banheiro, pois as espécies que cultivava gostavam muito de umidade. “João” morava com a sua companheira e sua filha de apenas três anos, e me contou que estava desanimando de plantar por causa da filha, pois estava na hora dela começar a aprender e não esquecer as coisas. Na casa desse ator havia também muitas outras plantas, como amora, abóbora e outras coisas, e isso tudo era dentro de um apartamento no centro da cidade. “João” então disse que poderia me indicar outras pessoas que também plantavam e que ele conhecia, uma das pessoas era músico e tocava em uma banda, e outra era adepto do “Santo Daime”, uma religião, e que nos cultos eles usavam maconha com fim religioso e a chamava de “Santa Maria”. Esta pessoa ficou de me fornecer esses contatos, mas acabou que isso não aconteceu, pois “João” estava de mudança de cidade e não conseguimos estabelecer uma relação próxima e confiável o suficiente para trocarmos essas informações.

A partir desses primeiros contatos, decidi então seguir com a pesquisa sobre a moralidade dessa rede de atores que plantam maconha para o uso próprio, com ênfase sobre o

uso social recreativo, uma vez que surgiu a hipótese da formação de uma rede moral através de sentimentos comuns inerentes à prática do ilegalismo de plantar a própria maconha para o uso social recreativo. Desde esses primeiros momentos eu tentei estabelecer informantes-chaves para a pesquisa, isto é, formar relações de confiança com atores que possivelmente seriam guias no processo de pesquisa, como foi o caso do ator “Doc” para a pesquisa de White (2005), em “Sociedade de Esquina”, ou do ator “Ézio” para Veríssimo (2017). Porém, no decorrer de toda a pesquisa não foi possível estabelecer uma relação desses tipos com qualquer um dos atores, e embora eu sempre procurasse interagir e participar de suas atividades diárias, as relações estabelecidas eram mais distantes do que próximas, diferentes das citadas pelos dois autores apontados neste parágrafo. Então a solução que encontrei foi sempre buscar estar presente em quase tudo que essas pessoas fizeram, organizaram e participaram em suas vidas sociais no momento da pesquisa.

Em dezembro de 2017 eu decidi mudar para “Greenville”, pois tive certeza de que lá seria melhor para fazer a pesquisa, uma vez que não consegui estabelecer contatos suficientes dessa rede moral na cidade em que eu estava residindo, enquanto que em “Greenville” eu já tinha no mínimo cinco atores para seguir sociedade afora. Em fevereiro de 2018 eu comecei a sondar nos grupos de repúblicas alguns possíveis lugares para eu ir morar no mês seguinte, e a princípio procurei por pessoas que possivelmente poderiam plantar maconha para uso próprio, em razão de poder morar com alguém e acompanhar de perto as tensões que se desdobram na prática ilegal do cultivo caseiro de maconha para o uso próprio. Nos grupos que oferecem vagas em república não vi ninguém que eu conhecia e que plantava, mas um conhecido, que não planta e não fuma maconha, curiosamente me passou o “Whatsapp” de um ator que plantava maconha, este que estava com vaga em sua república e procurava por uma pessoa em que pudesse confiar, essa pessoa será chamada aqui pelo pseudônimo de “Veloso”. Adicionei o contato e conversei com “Veloso” pelo “Whatsapp” sobre a vaga na república, inclusive sobre o tema de minha pesquisa de mestrado e outras coisas. Ele disse: “Cara, será muito bom você vir morar com a gente, aqui serão quatro moradores no total, eu e mais um plantamos, o outro morador não planta e nem fuma, mas respeita a gente, se você vier morar com a gente vai sair daqui praticamente com a pesquisa pronta, e vai poder plantar o seu também, se quiser”.

Confesso que a princípio fiquei extremamente tentado a ir morar com estas pessoas, não porque poderia plantar e sim por poder acompanhá-las mais de perto, mas acabei desistindo dessa ideia, pois essa república ficava localizada na zona rural, em um sítio, e

embora eu pudesse contar com caronas de dois moradores para ir e voltar para a cidade ou universidade, eu não possuía condução particular, isto é, bicicleta, carro ou moto, e os ônibus urbanos tinham horários extremamente reduzidos, sendo um de manhã, um de tarde e outro a noite, e assim eu ia ficar praticamente confinado no sítio e poderia ter meu trabalho comprometido. Como o mês de fevereiro estava acabando e eu tinha planejado de me mudar para essa cidade em março, comecei a olhar outros lugares, e ao comentar em diversas publicações dos grupos de repúblicas do “Facebook” que ofereciam vagas, recebi uma mensagem de “Kell”, esta dizendo que tinha terminado o relacionamento com “Quinze” há uns dois meses e estava montando um apartamento para dividir apenas com uma pessoa, porque não queria morar em república com muitas pessoas, e me ofereceu a vaga. “Kell” poderia ser uma informante-chave, embora ela não fosse praticar o plantio, ela tinha me indicado o “Maestro” e sua rede de amizades era muito ampla e, sendo assim, eu poderia ampliar também meus contatos para esta pesquisa, então, uma vez que precisava de um lugar com urgência e o dia programado para mudar estava batendo na porta, fechei com “Kell” de dividirmos o apartamento.

No dia 09/03/2018 cheguei de mala e cuia em “Greenville”, e fui morar nessa cidade para fazer o trabalho de campo, e assim que eu cheguei ao apartamento que ia dividir o aluguel e as contas com “Kell”, fui apresentado a um casal de maconheiros que seriam nossos vizinhos pelos próximos meses, pois moravam no apartamento ao lado e, assim que entramos, eles já estavam fumando um “prensado”. Na primeira conversa com “Kell”, ela me contou o motivo do término do namoro com “Quinze”, e também ela estava conversando com os vizinhos sobre a possibilidade de plantarmos na cobertura, pois morávamos no último andar do prédio e tínhamos acesso à cobertura, porém eles nunca levaram essa ideia adiante, até mesmo porque eu não tinha interesse em plantar, mas apenas em pesquisar. E embora eles receberam na primeira semana que eu estava morando naquela casa a ilustre visita de “Maestro”, que os deu uma pequena “consultoria” de como fazer um plantio ali, “Kell” apenas germinou sete sementes, mas não seguiu adiante com a ideia, ninguém cuidava e as plantas acabaram morrendo com o tempo.

Ao chegar à cidade, comecei a pensar em como interagir e participar das atividades dessa rede de atores que plantam maconha para o uso próprio, e como já conhecia a cidade, assim como a universidade e sua rotina, na primeira semana letiva eu fui várias vezes a um ponto de passagem onde as pessoas ficam nos intervalos entre as aulas e o horário de almoço, assim como no intervalo da janta, pois dali as pessoas iam para o restaurante universitário e

antes disso ficavam por ali interagindo ou fumando maconha. Esse lugar real será chamado aqui pelo nome fictício de “Point”. Olhando de frente para o “Point”, ele possui uma área central vaga onde são realizadas diversas atividades, como danças e outras apresentações artísticas e culturais, do lado esquerdo e direito têm várias mesas e bancos fixos, configurando tipo uma “praça”, no fundo da área vaga, o lugar possui uma lanchonete que é chamada de “barzinho”, embora não sejam comercializadas bebidas alcoólicas ou cigarros neste estabelecimento. Na parte da frente da lanchonete possui uma área coberta com umas duas mesas de sinuca, uma de totó, e ficam várias mesas móveis do “barzinho”, e na coberta ficam pendurados, no decorrer do ano, os cartazes das festas que acontecerão na cidade, principalmente daquelas regadas a bebidas liberadas.

À esquerda dos bancos da esquerda, fica um gramado com vários bancos fixos em volta, e no fundo do “barzinho”, fica uma piscina. Esse lugar é o centro de vivência de uma universidade e, sendo assim, pode ser considerado um espaço cosmopolita, uma vez que é frequentado por estudantes brasileiros e estrangeiros, professores, nativos da cidade, hippies vendendo suas artes, transeuntes em geral, enfim, o público que passa por ali é o mais diverso possível. Os bancos à esquerda, o gramado e a piscina, esta última restrita apenas aos estudantes e a entrada só ocorre mediante a apresentação da carteirinha de estudante, embora muitas pessoas também entrassem sem apresentar a carteirinha, são espaços “legalize”, isto é, embora o uso seja proibido pelas leis formais e também informalmente repreendido, o termo legalizar “[...] consiste em sinalizar que o consumo de maconha pode ser praticado com uma razoável probabilidade de que não ocorram contratempos ou retaliações (ou mesmo incriminações)” (VERÍSSIMO, 2017, p. 133). Legalizar, nesse sentido, é legitimar, ou seja, nesses lugares contextuais a lei que não é legitimada, configurando-se em um espaço de sociabilidade autônomo e fixo, onde se formam rodas de fumo efêmeras e em constante fluxo. Sendo assim, optei por frequentar cotidianamente essa área “legalize”, participar das conversas, observar e interagir com as pessoas que também frequentavam esse espaço e, desta maneira, me inserir na rede de relações sociais tecida nesse espaço de sociabilidade.

Assim como Veríssimo (2017), este trabalho também foi construído a partir da interlocução com muitos maconheiros, sobretudo com os que fumavam apenas maconha “prensada”, e este tipo de maconha não existe apenas numa modalidade, pois podem existir “prensados” melhores que “verdes” ou também “prensados” podres. Como já conhecia previamente uma parcela dos atores que frequentavam essa área, no decorrer da primeira semana de convivência e interação com essas pessoas eu procurei saber e participar de festas e

atividades que também seriam “legalize”. E assim descobri que nas próximas semanas iam acontecer alguns eventos e resolvi participar deles, sendo eles uma “dobradinha de rock” em dois bares lado a lado, em que cada momento ia tocar uma banda em um deles, e um “reggae na roça”, um evento voltado ao reggae e que aconteceu em um sítio. Sobre este último evento eu fiquei conversando com o organizador, que coincidentemente era o “Rasta”, quase todos os dias no “Point” durante a divulgação da festa, e em um dos dias “Ruderal” chegou lá e conversou muito conosco, foi aí que eu fiquei sabendo que ele também era DJ e ia tocar nesse evento.

O primeiro evento que fui foi a “Dobradinha de rock” com “Kell” e “Maestro”, pois este último além de estudante também é músico profissional e ia tocar nesse evento. Fomos de carona com “Maestro”, e ele, sua irmã e “Kell” já foram fumando um “*green*” dentro do carro. Chegando aos bares, conversei muito com “Maestro”, e nessas conversas ele me explicou que mudou de casa, uma vez que procurava um lugar mais em conta para morar, e que seu “*grow*” iria demorar em torno de quatro meses para voltar a produzir novamente. Tomamos algumas cervejas, depois saí e deixei “Kell” e “Maestro” conversando e fui interagir com outras pessoas, algumas que eu já conhecia, inclusive.

Como dentro dos bares era difícil conversar, devido ao som das bandas, resolvi ficar do lado de fora para interagir e conversar com as pessoas, até mesmo porque do lado de fora era o espaço “legalize”. Encontrei com uma conhecida, aqui chamada de “Aparecida”, que além de estudante também é nativa de “Greenville”, e com ela fiquei conversando durante muito tempo. Durante as conversas ela me indicou algumas pessoas que eu poderia vir a entrevistar, inclusive “Maria Joana”, uma pessoa que eu também já conhecia e não sabia que plantava, e que futuramente estabeleci contato e entrevistei. Enquanto estava conversando com “Aparecida”, dois rapazes acenderam um “*green*” atrás de nós, identificamos pelo cheiro, e já olhamos e eles deram uma risada, a partir daí começamos a interagir. Nessa roda eu conheci “Vitor” e logo apresentei a pesquisa e tudo mais, ele disse que plantava, mas não estava plantando mais, porque tinha mudado de casa e o novo local era difícil de ocultar a prática, e eles estavam fumando um de sua colheita passada. Peguei o “Whatsapp” desse ator e tentei conversar com ele várias vezes, mas ele sempre se esquivou quando eu tocava no assunto das entrevistas. Esse foi um dos muitos contatos sem sucesso, porque muitos atores (acredito que a maioria deles) mostraram receio de gravar uma entrevista sobre o assunto. Acredito que a falta de confiança e o medo de serem identificados e, conseqüentemente,

sofrerem alguma sanção formal ou informal foram os principais motivos dos receios de aproximação e gravar entrevistas por parte de algumas dessas pessoas contatadas.

A outra festa, “Reggae na roça”, foi excelente para ampliar a rede. Primeiramente porque “Ruderal” tocou nessa festa, então pude beber algumas cervejas com ele e observar enquanto ele fumava alguns “verdes” de sua produção, essa foi a primeira vez que conversamos muito sobre a pesquisa, e assim eu pude tentar estabelecer mais confiança no processo e relação da pesquisa. “Rasta” também é músico e sua banda tocou neste evento, durante o qual conversamos muito, e em um momento ele foi fumar um com “Shagri-la” e “Violão”, e eu coincidentemente também já conhecia essas pessoas e fui interagir com eles, e eles estavam plantando, disseram que pouco, porque só queriam ter um diferente para ocasiões especiais, e de prontidão concordaram em participar da pesquisa e íamos marcar a entrevista no momento propício. Na fala de “Violão”, quando ele disse: “queremos apenas ter um diferente para fumar em ocasiões especiais”, comecei a prestar atenção na hierarquia de diferenciação de uso do “verde” em relação ao “prensado”, pois ter um “*green*” para fumar quando não se têm uma produção autossuficiente, ele só é fumado em ocasiões especiais e, portanto, extraordinárias.

“Shagri-la” e “Violão”, nesta festa, contaram-me que moravam em uma casa de dois andares, e eles disseram que no andar de baixo os moradores também cultivavam, e coincidentemente uma das pessoas que morava lá era “Maria Joana” e o outro morador “Ramos”, e eu também já conhecia previamente “Ramos”, então tive mais um motivo para contatar essas pessoas, coisa que fiz posteriormente no momento oportuno. Durante o “Reggae na roça” eu fui conversando e interagindo com o máximo de pessoas que pude, e no meio disso, ainda encontrei “Babosa”, pessoa que interagi durante muito tempo tentando entrevistar no decorrer da pesquisa, mas essa pessoa também não concordou em participar e ceder entrevista em momento algum. Conversei com outra pessoa, o “Miro”, esse também me disse que tinha parado de plantar e que ia me indicar alguém, quando ele foi me apresentar a pessoa era ninguém mais ninguém menos que “Ruderal”. Foi neste evento que consegui mapear para seguir sociedade afora boa parte da rede moral de atores configurada a partir do ilegalismo inerente ao cultivo caseiro de maconha para o uso social recreativo em “Greenville”.

Passado essas festas, por ora não vi outras em que eu poderia participar para possivelmente interagir com atores e ampliar a rede, então passei a frequentar o “Point” cotidianamente, e estabeleci um horário para ficar por ali interagindo com as pessoas, sendo

assim quase todos os dias em que eu fiquei na cidade, entre as 11 e 14 horas. Em um dos dias encontrei “Ronaldo” e ficamos conversando durante um bom tempo, e nesta conversa ele disse que deu um tempo no cultivo, pois teve problemas com a vizinhança do sítio em que mora, mas disse que isso era temporário e que ia voltar a plantar, inclusive que também ia me apresentar o seu colega de república que também cultivava, isto é, o “Gilberto” – este nome fictício foi o próprio “Ronaldo” que deu a ele no momento da entrevista. Acredito que “Ronaldo” tinha dúvidas sobre participar ou não da pesquisa, e eu ainda não conhecia o “Gilberto”, e seria mais um ator a conhecer e conquistar confiança.

Mais para o final do mês de março encontrei com “Babosa” em uma das mesas do lado esquerdo do “Point”, eu estava sozinho, porque a maioria das pessoas estavam indo ou voltando do almoço, e como ele era um dos que voltavam do almoço e eu também já tinha almoçado, ele fumou um “*green*” de digestivo por ali mesmo. Nas interações ele me informou sobre um evento que iria acontecer na universidade, o “Evento Cannabis”, em nome fictício, e ele me contou muito sobre como seria ou poderia ser este evento, porque ele foi um dos organizadores. Duas semanas depois, já no início para o meio do mês de abril, encontro com “Babosa” no “Point”, e dali nós fomos para a piscina, uma vez que lá acontecem várias rodas de fumo de uso social recreativo de maconha para além das aulas de natação, inclusive as primeiras acontecem mais do que as segundas, e lá ele fumou um “*green*” com uma roda gigante, eu não contei, mas tinham mais de 10 pessoas nessa roda, e ele falou muito sobre o evento que estava organizando com as pessoas que ali estavam e eu sobre a pesquisa, pois sempre tentava expandir a rede. Por volta das 14 horas, quando as pessoas começaram a sair para ir às aulas, ele enrolou mais um “verde”, já que tinha menos pessoas naquele momento, pois foram todos para as suas respectivas aulas, e ele não tinha aula, e enquanto ele fumava este baseado, esta foi a primeira vez que eu toquei no assunto sobre entrevistá-lo para esta pesquisa, ele pareceu não agradar da ideia de participação, olhando-me com cara de muito desconfiado, a princípio, percebi então um receio enorme de sua parte em participar desta pesquisa cedendo uma entrevista.

Nesses dias também conversei com “Mãe” via “Whatsapp”, exatamente no dia 31/03/2018, e foi nesta conversa que eu soube que ele parou de cultivar a própria maconha. Quando o perguntei sobre o porquê de ter parado, ele respondeu: “Mano, meus pais vêm me visitar direto, aí quando eles vinham eu tinha que guardar os pés na casa do meu vizinho, que é maior ‘sujeira’, aí eu preferi parar de correr o risco de me encrencar com a família ou, através do vizinho, com a polícia”. Nesta fala copiada de nossa conversa, mostra-se evidente

como a relação do plantio caseiro e família pode geralmente não ter aceitabilidade moral, em alguns casos pode até ocorrer essa aceitabilidade em relação a familiares, como mãe, pai e irmãos, mas ocultar a prática de plantio de familiares próximos é uma coisa que se mostrou recorrente ao longo dessa pesquisa, e isso poderá ser observado melhor ao longo desse texto.

Sendo assim, esses foram os primeiros contatos e interações para estabelecer as primeiras conexões dessa associação moral em rede de atores. Feito isso, decidi então que era hora de tentar começar a marcar com algumas pessoas para fazer as primeiras entrevistas, dado que o tempo para a pesquisa era curto, estava com menos de um ano para fazê-la, escrever a dissertação de mestrado e defendê-la. Logicamente não abandonei as interações e as possibilidades de estender a rede de atores para serem entrevistados, inclusive ampliei as interações. Então comecei a marcar as primeiras entrevistas.

3.2. Algumas autuações e contratemplos, as primeiras entrevistas

Na primeira quinzena de abril de 2018 (as datas precisas serão preservadas), em uma segunda-feira, estava interagindo com alguns maconheiros no “Point” e fiquei sabendo da prisão de “Veloso”, justamente aquele que eu cogitei em dividir república em um sítio, que também seria possível entrevistado para esta pesquisa, e pensei: “Ufa, ainda bem que desisti da ideia!”. Sendo assim, passei a frequentar mais o “Point” para interagir mais com as pessoas que lá frequentavam e ouvir o que elas tinham a dizer sobre o ocorrido, e o assunto entre os maconheiros era só a prisão de “Veloso” e se ele comercializava maconha ou não. Havia suspeitas de que ele e outro ator que morava na mesma república vendiam para estudantes na universidade um “kit maconheiro” (25 gramas de maconha prensada, um maço de sedas, dichavador e isqueiro)¹⁸, ou seja, eles plantavam para consumo próprio e comercializavam “prensado”. Durante a primeira semana, entre meio a rede de pessoas na qual interagi, esse assunto por enquanto estava inconclusivo. Nesses dias eu também encontrei com “Samba” e “Ruderal” no “Point”, conversei com eles sobre as autuações e também sobre a possibilidade de marcarmos entrevistas. “Samba” disse que naqueles dias estava cheio de provas e trabalhos, e que não daria para marcar. “Ruderal” me disse que por enquanto não poderia, e que ia tocar em um bar e me convidou para ir lá, fui, pois seria interessante para interagir com ele e possivelmente expandir a rede.

Então fui ao bar em que “Ruderal” tocou e, além de beber e descontrair, pude também interagir com uma pessoa que ele me apresentou, aqui chamada de “Áurea”. Ela

¹⁸ Existe uma diversidade imensurável de produtos associados à ideia de “cultura canábica” e que dão a ela sua materialidade, para mais detalhes sobre isso ver Veríssimo (2017), “Capítulo 2, Seção 2.3: Usos e Mercados”.

estava com “Ruderal”, enquanto ele tocava eu interagi muito com “Áurea” e com outras pessoas, mas neste evento só “Ruderal” e “Áurea” eram cultivadores. Dentre os mais diversos assuntos apareceu uma pessoa que é chefe de cozinha, e embora ela não goste de fumar maconha, ela disse que achava interessante a ideia de cultivar maconha para harmonizar na culinária, pois ela já tinha feito isso antes e achou ótimo, mas que tinha medo de cultivar e não sabia nada sobre o assunto. Depois de terminar de tocar, fui conversar com “Ruderal” e tomar uma cerveja, e ele disse que estudou engenharia florestal, e agora está no doutorado, e que conhece muitos profissionais bons sobre o plantio de maconha, porém muitos foram embora do Brasil e que inclusive pensa em fazer o mesmo depois de terminar o doutorado, porque ele já morou na Califórnia e gostou muito de lá.

Depois desse evento, resolvi passar próximo a outro bar que era no caminho de casa e ver como estava o movimento. No meio do caminho avistei em outro bar algumas pessoas conhecidas, dentre elas estavam “Aparecida” e “Maria Joana”. Achei interessante, pois estavam juntas duas pessoas e uma delas havia me indicado a outra para este trabalho, então resolvi me juntar àquelas pessoas. Chegando lá “Aparecida” e “Maria Joana” estavam de saída para o bar que eu já ia passar, então fomos para lá, pegamos uma cerveja e fomos para o lado de fora, porque era “legalize”, então foi o momento de sondar “Maria Joana”. Ela então me disse que poderia participar da pesquisa sim, mas disse cultivar pouco, só para ter um diferente do prensado para fumar vez ou outra, e ficamos de marcar uma entrevista no futuro. Achei interessante porque aqui apareceu mais uma vez a questão do “diferente”, ou seja, ter um “verde” para fumar era algo extraordinário, ordinário era o “prensado”. Depois de tomarmos três cervejas, paguei uma e fui embora.

Na próxima segunda-feira, uma semana após a autuação de “Veloso”, que foi no sábado anterior, eu estava no “Point” interagindo com diversas pessoas quando de repente fiquei sabendo da prisão de “Alex” e “Pezão”. Estes cultivavam maconha para consumo próprio, e “Alex” era muito amigo de “Maestro”, pois também tocava em banda, e além de trocarem conhecimentos sobre plantio caseiro de maconha, também trocavam sobre música, então em uma de nossas conversas “Maestro” tinha ficado de fazer uma ligação com “Alex” para esta pesquisa. “Alex” era suspeito de comercializar drogas sintéticas, especificamente LSD, porque sua prisão confirmou essa suspeita, e em sua residência também foram encontradas plantas de maconha, além da droga apreendida, segundo a polícia. “Pezão” foi atuado por tráfico de cocaína. Ambos moravam em repúblicas diferentes. Os outros moradores dessas repúblicas também tiveram suas plantas apreendidas, porém ninguém foi

autuado por tráfico de drogas, pois tinham poucas plantas, apenas quatro, mas tinham vários potes de vidro cheios de maconha na fase de cura. Tentei então contatar os outros moradores dessas repúblicas, mas eles sumiram de suas redes de sociabilidades. Passado algumas semanas, encontrei um deles pessoalmente na universidade, mas ele recusou totalmente a falar sobre o assunto, e disse que nem fumando maconha estava mais e ia dar um tempo.

Esse momento foi muito específico, pois em 4 meses de campo no ano de 2018 foram autuadas e encarceradas 3 pessoas que plantavam maconha para consumo próprio, embora elas estivessem também relacionadas com o comércio ilegal de outras drogas, como “Pesão” e “Alex”, ou com o comércio ilegal de maconha prensada, como foi o caso de “Veloso”. Autuações envolvendo plantas de maconha haviam ocorrido anteriormente em “Greenville” no ano de 2014, estas em que os atores tinham muitas plantas, mas não comercializavam. Entre esse tempo não correram autuações e prisões, e isso pode ter afetado de forma ruim a pesquisa, uma vez que eu tinha acabado de chegar à cidade querendo entrevistar alguns cultivadores, então é provável que isso tenha trazido mais dificuldades e resistências nas possíveis participações.

Alguns dias depois eu estava indo a pé para a universidade e encontrei com “Daniels” no caminho e fomos conversando. Alguém que eu não lembro tinha me dito que ele estava cultivando, e enquanto íamos andando e conversando o assunto não era outro senão as prisões ocorridas nos dois últimos finais de semana. Quando paramos no “Point” ele começou a “dichavar” um baseado, posteriormente, enquanto ele fumava, eu o indaguei sobre a participação na pesquisa, expliquei sobre as entrevistas e tudo mais. Então ele me disse que estava com uns pés pequenos de maconha no sítio em que mora, porém pretendia dar um fim neles, porque tinha receio de ser denunciado, pois o clima estava tenso e ele era vizinho de “Veloso”, e que também estava com uma filha recém-nascida, além de muito atarefado com a graduação, o que estava complicando seu comprometimento para com o cuidado das plantas. Ficamos de conversar mais sobre a pesquisa posteriormente. Antes do almoço “Babosa” apareceu no “Point”, interagimos, ele fumou um “verde” com algumas pessoas e fomos almoçar, depois do almoço voltamos para o “Point” e lá estava cheio de maconheiros, e o assunto entre eles eram apenas as prisões, se as pessoas autuadas vendiam ou não. No fim das contas eles realmente comercializavam, algumas pessoas atestaram terem “pegado” (comprado) alguma coisa ou outra ora com um ou outro. Nestes dias o clima no “Point” era de apreensão total e todas as pessoas nunca observadas e não conhecidas por ali passaram a ser suspeitas de serem policiais disfarçados, ou seja, os chamados “P2”.

Ainda neste mesmo dia, antes de ir jantar no restaurante universitário (RU), resolvi dar uma ida ao “Point” e lá encontrei “Pedro”, lembrei que “Maestro” havia me dito que este ator também estava cultivando, e como já o conhecia previamente, sentei à mesa em que “Pedro” estava, conversamos um pouco sobre diversos assuntos e, quando nós estávamos a sós eu falei sobre a pesquisa, inclusive eu estava com um documento que tinha os objetivos da pesquisa e as perguntas, mostrei para ele que, calmamente, leu e só afirmou com a cabeça de forma positiva. Ele disse que naquele momento não poderia, mas poderíamos marcar depois em um momento favorável. Nesse meio tempo “Pedro” avistou “José”, seu amigo de república e acenou para ele de longe, até mesmo porque o estava esperando. Logo ele me apresentou “José”, que eu não conhecia, e conversamos sobre a pesquisa. “José” pareceu não agradar muito da ideia da entrevista, embora a princípio tivesse concordado em marcarmos posteriormente. Sempre tentei marcar essas entrevistas, mas “Pedro” nunca tinha uma data que poderia, enquanto “José” nem mesmo aceitou minha solicitação de amizade no “Facebook”, e esses também foram mais dois atores que eu nunca consegui marcar entrevista para este trabalho e acabou ficando por isso mesmo.

Na quinta-feira dessa semana eu almocei mais cedo e fui para o “Point”, e lá encontrei “Babosa” e mais três maconheiros. “Babosa” era o único usuário cultivador naquela ocasião e “dichavava” à tesoura um “verde”, logo me juntei à reunião para interagir e observar. O assunto não era outro senão as prisões ocorridas. Nesse meio tempo chegaram mais duas pessoas, o “verde” já estava rodando. Um desses dois últimos a se juntar à reunião era muito próximo de “Alex”, um dos autuados nessa operação contra o famigerado tráfico de drogas, e ele expôs:

- O “Alex” rodou de bobeira, ele tinha acabado de mudar para aquela casa, justamente para o lugar do “Pezão”, que morava lá, e procurando o “Pezão”, que estava com a pasta base de coca, acabaram encontrando “Alex”, que foi encontrado no quarto dele com os doces [LSD]. A polícia chegou lá com o mandado, a galera disse que o “Pezão” já tinha se mudado, mas polícia já estava com o mandato e quiseram entrar assim mesmo, aí encontraram a droga do “Alex”, mais os “verdes”.

- Então a pasta base não era do “Alex”? (Perguntei).

- Não, mas os doces sim, ele estava vendendo porque bateu o carro de um amigo e precisava levantar a grana para pagar (respondeu)...

Depois disso “Babosa” comentou: Estão vendo, caso baterem o carro de alguém não venda drogas para pagar, recorra aos pais de vocês, que fique a lição...

- Boa (comenta alguém)... (vários risos)

“Babosa”: Aposto que chegaram aos verdes por causa da busca a outras drogas, a galera que só planta para fumar eu duvido que eles vão na casa assim, só em caso de denúncia. E se chegarem lá em casa atrás de maconha eu só mostro os potes e os pés e falo que sou usuário, a polícia só vai confiscar os pés e os potes, só vou na delegacia e assino, depois respondo em liberdade... e nem dá nada.

- É... (comenta alguém)...

“Babosa” finaliza antes de sair: Vou almoçar e depois a gente conversa mais, até.

Nesse meio tempo várias pessoas saíram para almoçar e outras chegaram do almoço, como eu já tinha almoçado, fiquei por ali mesmo observando e interagindo com todos os maconheiros que apareceram. O carro da PM passou várias vezes na rua ao lado, as pessoas que passaram e ficaram por ali naquele momento, em grande parte, eram usuárias de maconha, e o comentário mais escutado naquela ocasião era o seguinte: “ainda bem que não tenho nada...”. No chega e sai de pessoas, sentou um conhecido, que também é usuário, do curso de educação física (EFI), conversamos por muito tempo, pois ele estava procurando alguém para “salvar”. Enquanto estava só eu e ele interagindo, também estávamos comentando sobre as prisões, e ele disse o seguinte:

- O “Pezão” é da EFI, eu pegava baseado com ele, só que não era aqueles verdes daquela foto não, acho que aquilo era do outro cara, do “Alex”.

- Entendi! Então o “Pezão” não plantava, só vendia?

- Eu acho que sim, e se ele plantava devia ser só para fumar, ele não vendia “verde”.

- Você conhece alguém que planta? (perguntei).

- Não mais, conheço o “Veloso”, ele é conhecido meu tem muito tempo, somos da mesma cidade, mas ele rodou na semana passada. Eu estive lá no sítio pouco tempo antes dele rodar e vi os pés, dá dó só de pensar que a polícia levou tudo e vai jogar fora, estavam bonitos.

- Eu não conhecia o “Veloso” pessoalmente, mas uma pessoa me passou o contato dele, quase fui morar lá, pois estava acertando com ele uma vaga na república, só não fui morar porque não tenho carro e lá é sítio, como estou fazendo estágio de docência da licenciatura, ficaria impossível sair de lá e ir à escola às 7 da manhã (eu disse).

- “Putz”, que sorte “cê” deu irmão, poderia ter rodado com eles, o outro está foragido, mas quem vendia mesmo era o outro, os pés de verde eles dividiam para fumar.

- Não sabia, achei que “Veloso” vendia também.

- Bom, não que eu saiba.

- Entendi! Enfim, dei sorte!

Depois de algum tempo de interação sobre o mesmo assunto, este ator disse:

- Um professor da EFI fez piada na sala de aula outro dia com “fulano”, que era amigo e andava muito de “bike” [bicicleta] com “Pezão”, e fez um trabalho da disciplina com “Pezão”, o professor indagou para “fulano” quando ele foi apresentar um trabalho ‘você só usa drogas ou trafica também?’, fulano ficou assustado, pergunta o “Hugo” depois.

Fiquei atônito e sem resposta em meio à observância do efeito dos dispositivos de poder disciplinar e de que realmente existe uma imagem de que o “traficante” é um dos maiores inimigos sociais no Brasil, e esse sentimento é comum até mesmo entre usuários de maconha. Coincidentemente “Hugo” chegou pouco tempo depois, que é amigo meu de grande data e não planta, mas é maconheiro, e ele era o “salvador” daquele momento. Eles fumaram um e enquanto isso “Hugo” confirmou a história da piada do professor com o estudante em sala de aula. Para apenas uma quinta-feira foi um dia de boas interações.

No dia 25/04/2018, fui mais cedo para a universidade e fiquei na biblioteca, e como virou praxe, dei uma passada ao “Point” antes de ir almoçar e lá encontrei “Gilberto”, que divide o sítio com “Ronaldo”, e ambos também plantam e dividem a própria maconha. Depois de cumprimentá-lo, aproveitei que ele estava só e indaguei: “Quando vamos fazer aquela entrevista? Falei com ‘Ronaldo’, e ele me disse que mora contigo, e que eu poderia fazer a entrevista contigo também”. Ele respondeu: “Vamos marcar! Vamos te levar lá em casa, mas não temos muitas plantas, estávamos de férias e ficamos parados”. Nesse meio tempo chega “Samba”, e eu falo: “Vamos marcar aquela entrevista também?”. “Semana que vem, tenho duas provas essa semana”, disse ele. Nesse meio tempo mandei mensagem via “Whatsapp” para o “Maestro”, pois ele tinha me dito que na última semana do mês de abril estaria tranquilo para fazer a entrevista, e de prontidão ele marcou da gente jantar no restaurante universitário naquele mesmo dia, e depois irmos à sua casa. Conversamos durante muito tempo sobre plantio caseiro de maconha, sobre os cuidados com a planta, e tudo mais, depois disso eu fui almoçar.

Nesse mesmo dia, por volta das 17 horas, mandei mensagem via “Whatsapp” para “Maestro” e assim verificar se ele já havia jantado. Ele respondeu que ainda não, e marquei de jantar com ele, porém a fila do restaurante estava demasiadamente grande, então preferimos esperar um pouco no “Point” antes de jantar, assim como esperar sua irmã para ir embora. Ele fumou uma ponta de “prensado” que alguém tinha, ele não anda com os “verdes” e só os fuma

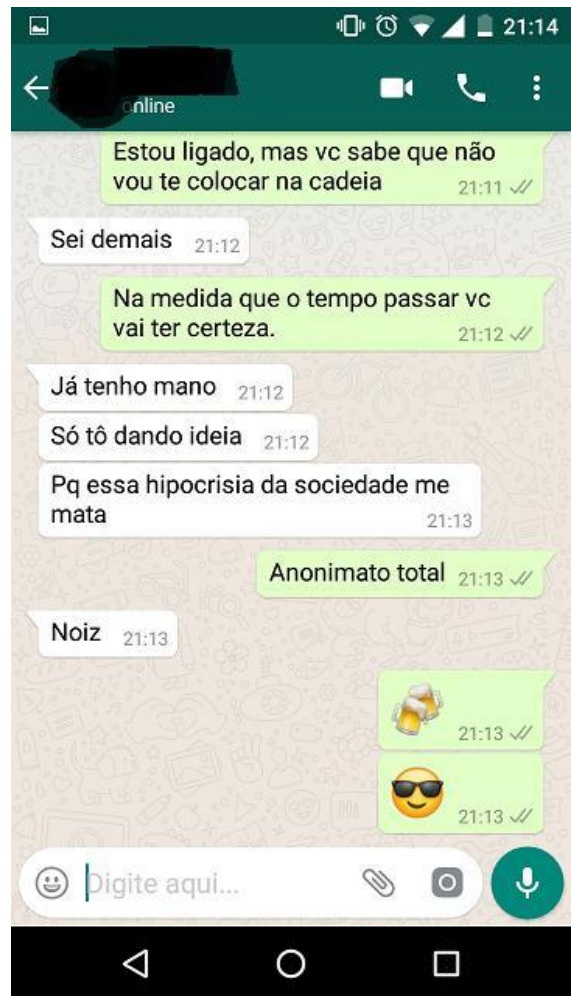
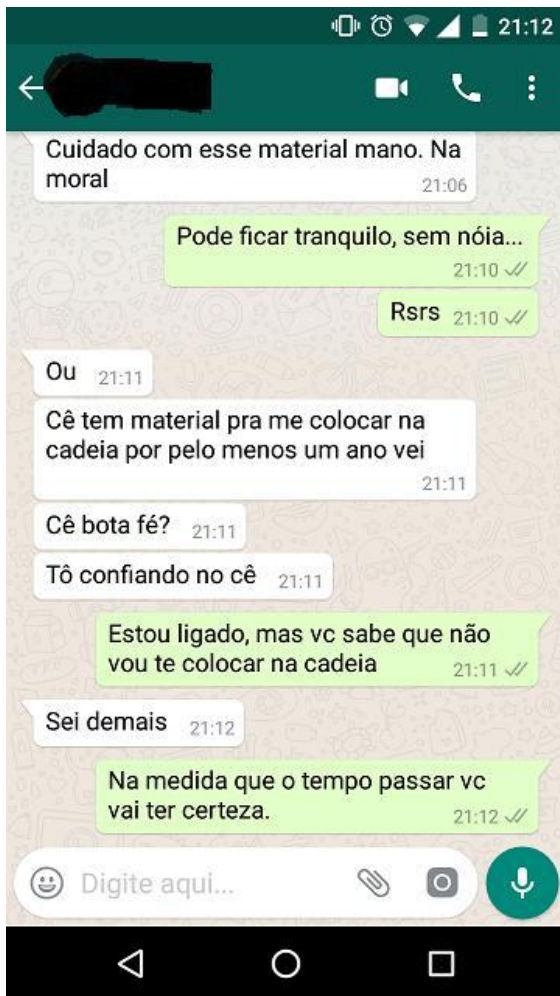
ocasionalmente, ou seja, só em ocasiões extraordinárias. Após isso fomos jantar, e depois de lá fomos para a sua casa, e lá fizemos a primeira conversa/entrevista¹⁹ dessa pesquisa. “Maestro” mora em um apartamento com sua irmã, o bairro é vizinho ao centro da cidade, e antes da entrevista, ele tomou um banho e passou um remédio nas costas, pois tinha esfolado em um tombo de skate, também disse não florir plantas em sua casa, que apenas faz os clones e deixa para um conhecido florir as plantas “outdoor”, ou seja, ele possui um “grow” na metade do guarda-roupa, este que me mostrou e depois ele tirou uma foto, disse que lá ele coloca para crescer as mudas “indoor” até elas adquirirem certo tamanho, depois ele leva para outra pessoa colocar a planta para florir. Perguntei se ele poderia me passar o contato dessa pessoa e ele disse que eu já conhecia e que inclusive eu ia entrevistar. E embora ele não me disse quem eram as pessoas, pude presumir que eram “Ronaldo” e “Gilberto”, mas até então eu não tinha certeza de que realmente eram eles, mas eles me disseram isso depois.



Imagem 04: Foto tirada das novas plantas de “Maestro” quando fiz a entrevista com ele.

¹⁹ O próximo capítulo será aberto exclusivamente para expor as abordagens das entrevistas qualitativas.

“Maestro” realmente não tinha plantas grandes em casa, ele me mostrou o guarda-roupa antes da entrevista e lá só tinham duas mudas grandes, o resto eram clones pequenos, mas ele estava com um cabide de pendurar roupas com alguns “verdes” pendurados em fase de secagem, estes que ele não quis tirar foto para mim, ele então tirou fotos apenas do guarda-roupa, então eu não insisti para ele tirar foto das flores em secagem. Ele também tinha uns potes com uns “verdes” em fase de cura, inclusive ele fumou um “prensado” misturado com um pouco de um de “verde” de um dos potes, demorou quase uma hora para fumar esse híbrido de “prensado” e “verde”, esse baseado praticamente durou toda a entrevista, que foi em torno de 50 minutos. Embora ele não coloque as plantas para florir em sua casa, alguém de fato deveria florir e dividir essas plantas, pois “Maestro” tinha plantas em fase de secagem e cura. Nesta primeira entrevista comecei a observar como se erigiam as relações de reciprocidade e um tipo de sistema meeiro em torno do plantio caseiro de maconha.



Imagens 05 e 06: “Print Screen” tirados de algumas mensagens trocadas com “Maestro” após a entrevista qualitativa.

No dia seguinte fui para a universidade, e chegando lá fui diretamente para o “Point”, e não havia nenhum “*grower*” por ali antes do almoço. Sentei sozinho numa cadeira que levei para debaixo de uma árvore e lá fiquei até chegar algum conhecido e mais algumas pessoas, aqui chamado de “Eduardo”, este que por coincidência era um maconheiro. Ele começou a “dichavar” um “prensado”, e ele logo disse: “Vamos fumar na piscina, está sujeira aqui, cheio de P2”, disse aos demais. Alguém respondeu: “Que nada, por aqui é tranquilo, o problema seria se a gente vendesse por aqui”. E ele respondeu: “Boto fé, então vamos ficar aqui mesmo”. Passado alguns minutos mais duas pessoas já tinham se juntado a nós, “Cachoeira” e “Teixeira”. “Teixeira” tinha um baseado “prensado” horrível, segundo as pessoas que estavam lá e fumaram, mas estava com receio de “dichavar” e enrolar ali no “Point”, então “Cachoeira” ficou com a missão de enrolar. O baseado era tão ruim que o pessoal nem fumou ele todo, e “Teixeira” guardou a metade para fumar depois. Como estava acontecendo um evento de dança, fui almoçar. A questão de ser “legalize” ou não estava em dúvida entre alguns maconheiros que frequentavam o “Point”, e enquanto isso algumas pessoas fumavam por ali mesmo e outras tentavam evitar. Aos poucos o “Point” voltou a ser “legalize” como antes, pois com o tempo as pessoas perderam o medo de fazer o uso social recreativo ali.

Voltando do almoço havia uma galera de maconheiros sentados num canto, “Babosa” estava com eles, mas peguei uma cadeira e sentei longe, do outro lado, não conversamos neste dia e só nos cumprimentamos. Como deu o horário das aulas pós-almoço iniciarem, às 14 horas todas as pessoas que estavam por ali foram para suas aulas e eu fiquei sozinho. Depois passaram por ali onde eu estava acomodado duas pessoas, “Gilberto” e “Ronaldo”, um tempo depois “Samba” também apareceu com um amigo e se juntaram a nós para jogar xadrez. Nessas conversas combinei com “Gilberto” e “Ronaldo” de fazermos a entrevista no final de semana, com ambos, eles me convidaram para almoçar na casa deles e eu aceitei de prontidão o convite, depois disso eles foram para as suas aulas, atrasados. Conversei um pouco com “Samba”, que estava jogando xadrez, e ficamos de fazer nossa conversa/entrevista na semana seguinte. Sendo assim, estava com mais três entrevistas marcadas para os próximos dias. Além disso, fiquei sabendo, via panfleto entregue por um integrante de um grupo religioso da universidade, de um evento contra o uso de drogas na universidade que aconteceria no dia seguinte, especificamente 27/04/2018, então eu resolvi ir para observar e documentar o que seria abordado neste evento, mas não teve nada muito significativo.

No dia 28/04/2018 estava combinado com “Gilberto” e “Ronaldo” de almoçarmos e fazermos as entrevistas, era um sábado, e eu fui para o “Point” às 11 horas da manhã esperar a carona, pois tínhamos combinado esse horário. Por volta das 11:30 “Ronaldo” apareceu de carro para me buscar, e também pegou mais duas pessoas para irem à sua casa. Chegando lá no sítio eles fumaram um “verde”, depois nós almoçamos e eles fumaram outro “verde”. Na casa tinha mais pessoas, uma mulher, namorada do “Gilberto”, “Ronaldo”, eu e mais dois rapazes, “Guto” e “Careca”, estes últimos que foram de carona comigo. Depois disso fomos fazer a entrevista, fiquei com receio das outras pessoas atrapalharem, mas elas ficaram na sala enquanto nós fomos para a mesa de uma área no fundo da cozinha. Eu queria fazer a entrevista com “Ronaldo” e “Gilberto” separados, mas ambos queriam responder as perguntas simultaneamente, o clima era de tensão, porque eles pareciam preocupados com a participação na pesquisa cedendo entrevista. O fato da presença do gravador de áudio já era um elemento que causava um sentimento ruim neles, tipo o depoimento de um crime, segundo minha sensação, e isso também ocorreu em outras entrevistas, como poderá ser visto mais adiante.

O jeito então foi fazer as entrevistas com os dois de uma só vez, até mesmo porque era melhor isso do que nada. A entrevista foi rápida, a julgar que foi com duas pessoas simultaneamente, ela durou 39 minutos. Eles responderam rapidamente as questões, pois estavam apreensivos com a prisão de “Veloso”, que também residia em um sítio próximo, ou seja, eles eram relativamente vizinhos. Os argumentos foram interessantes, pois mesmo eu apresentando as perguntas antes, deu para perceber que nem pensaram muito e responderam de forma espontânea. Eles falaram nas entrevistas que não tinham plantas de maconha em casa, mas acredito tinham e elas estavam escondidas do lado de fora e em um quarto, este último que vi uma luz ultravioleta pela fresta da porta, então acredito que faziam o estado de vegetação e crescimento da planta “*indoor*”, dentro de um quarto trancado, e o estado de floração no “*outdoor*”, do lado de fora. Depois da entrevista isso relativamente se confirmou, pois tanto “Ronaldo” quanto “Gilberto” apontaram para a porta, e disseram que tinham plantas ali, mas não queriam deixar essa informação gravada na entrevista.

Após a entrevista pedi para “Ronaldo” tirar umas fotos dos “verdes” que estavam em cura dentro dos potes de vidro que ele me mostrou, ele pegou um de cada espécie que tinha, colocou em cima da mesa e tirou umas fotos, que não ficaram muito boas por causa do sol. Pedi para ele tirar na mão para a luz do sol não atrapalhar, “Ronaldo” então colocou os verdes na mão de “Gilberto” e tirou algumas fotos. Eles não abriram a porta do quarto e não tiraram

fotos dos pés. No sítio que eles moram é tipo uma vila com várias casas. Não foi observado plantas no quintal, pelo menos da parte que tive acesso, pois o quintal é bem grande e só devo ter visto 20% da área. Depois disso também jogamos um jogo de tabuleiro chamado “War” durante toda a tarde, numa partida que durou mais de 3 horas. O pessoal fumou mais um “verde” de outra espécie durante o jogo. Durante essa partida todos que ali estavam já sabiam qual era meu trabalho, e por causa disso tive de lidar com a paranoia de “Careca”, porque ele ficou falando o tempo todo que eu era policial disfarçado e que as prisões acontecidas eram por minha causa, que eu ia prender todos, que se fosse ele não participaria da pesquisa cedendo entrevista, dentre outras coisas relativas. Findando a partida do jogo, ganhei uma carona de volta até a cidade e fiquei em um lugar próximo de minha casa.



Imagem 07: Uma das fotos que “Ronaldo” tirou dos “verdes” que ele colocou na mão de “Gilberto”.

Já haviam se passado dois meses de trabalho de campo, março e abril, então comecei os trabalhos de maio. No dia 02/05/2018 fui cedo para a universidade, e chegando lá eu encontrei “Samba”, conversamos sobre a entrevista e combinamos para daí a dois dias eu ir à sua casa na parte da noite. Fui almoçar e voltei para o “Point” no intuito de interagir com algum “*grower*”, e logo em seguida chegaram “Samba”, “Ronaldo” e “Gilberto”, eles estavam juntos, foram almoçar e estavam voltando, então fiquei conversando com os três durante algum tempo. A partir desse momento eu comecei a perceber que nenhum desses “*growers*” ficava enrolando “verdes” à revelia, e a única pessoa que estava fazendo isso era “Babosa”, mas isso foi temporariamente e durou até o evento em que ele trabalhou na organização acontecer. Nesse contexto pude começar a perceber que os “verdes” só apareciam em momentos em que o seu uso apresentava uma diferenciação em relação ao uso do “prensado”. “Ronaldo” e “Gilberto”, por exemplo, não compravam fumos “prensados”, pois conseguiam o sustento próprio com suas plantas de maconha, e também não fumavam maconha o tempo todo pela universidade, seja “verde” ou “prensado”, mas “Samba” sempre tinha um “prensado” para fumar pela universidade, uma vez ou outra ele aparecia com um “verde”. Eu compreendi o motivo disso como algo excepcional, pois fumar um “verde” era apenas em ocasiões especiais, ou seja, o seu uso social recreativo era algo extraordinário nesse contexto. Além disso, pode-se perceber também, assim como Veríssimo (2017), uma interessante coerência entre os termos agricultura e subsistência, uma vez que alguns maconheiros que plantam a própria maconha tentam deixar de sustentar o mal afamado “tráfico” de drogas, este último que muitos pensam que o mercado da maconha prensada se insere.

Depois de um tempo “Maestro” apareceu e se juntou a nós. Percebi então que essa associação de indivíduos, “Samba”, “Ronaldo”, “Gilberto” e “Maestro” estavam sempre nos mesmos espaços de sociabilidade e eles sempre conversavam sobre todos os assuntos possíveis, essa foi a rede que eu mais observei e interagi em todo o trabalho de campo e também foi a que eu mais presenciei trocas de informações sobre o plantio de maconha, como podar, adubar, fazer um “*flush*” (banho de água na terra para tirar excessos de nutrientes), dentre outros cuidados. Esses quatro atores trocavam informações recorrentemente, o mais experiente na questão do saber plantar era “Ronaldo” e, ao ir morar com ele, “Gilberto” também estava adquirindo muita experiência, enquanto “Maestro” e “Samba” já tinham saído do *status* de iniciantes e já estavam bem avançados na prática do plantio caseiro de maconha. As trocas de experiências sobre plantio de maconha constituíam relações de reciprocidade, cooperação e solidariedade, e isto pôde ser muito observado na relação desses quatro atores.

No dia seguinte fui para a universidade e, como quase sempre, no “Point” encontrei com “Ronaldo” e “Gilberto”, eu fiquei conversando com eles antes do almoço, depois chegou “Samba”, interagimos um tempo e confirmamos a entrevista para o dia seguinte. Chegando ao “Point”, no dia seguinte, 04/05/2018, estavam lá “Ronaldo” e “Gilberto” e eles já tinham almoçado. Então eu fiquei lá um tempo conversando com eles, posteriormente fui almoçar e voltei. Quando voltei do almoço, encontrei com “Samba” lá entre eles, e estavam também outras pessoas que eu não conhecia. Ficamos lá conversando durante um tempo, rolou uns fumos “prensados”. Depois disso combinei com “Samba” de nos encontrarmos às 16 horas, jantar e irmos à sua casa fazer a entrevista. Mas acabou que “Samba” não teve a aula das 14 horas, e quando ele voltou para o “Point” mandou-me uma mensagem via “Whatsapp” e, por conveniência, fizemos a entrevista na universidade mesmo.

Procuramos uma área com pouco movimento de pessoas, afinal, não queríamos ser interrompidos. Após a entrevista ficamos conversando um pouco no lugar onde estávamos, e ele me contou um relato de que tinha comprado umas sementes de “automáticas” (plantas de uma genética específica que entre três a quatro meses já é possível colher) pela *internet*, mas que havia ouvido um relato que o deixou preocupado. O relato era sobre algumas pessoas de uma república que haviam comprado umas sementes pela *internet* duas vezes, na primeira vez as sementes chegaram, mas na segunda as sementes não chegaram e, após uns quatro meses, a pessoa dessa república que comprou as sementes em seu cartão de crédito recebeu uma intimação da Polícia Federal (PF) para ir depor em uma unidade da Justiça Federal de uma cidade próxima. Embora essa pessoa intimada estivesse com algumas plantas de maconha em sua casa, ela não atinou que a PF a estaria intimando para depor sobre as sementes, pois ela tinha sofrido um acidente de carro numa rodovia federal (BR) e pensou que a intimação fosse sobre isso.

“Samba” estava muito preocupado, pois tinha três plantas em casa e estava com receio da PF bater lá, e mesmo pedindo para entregar as sementes em outro local, a encomenda foi feita por um cartão de crédito em seu nome, e ele possuía diversas contas em seu nome, como *internet*, luz e boleto do cartão de crédito que chegavam a seu endereço. Então ele estava com muito receio de que chegassem à sua casa e encontrassem as plantas. Como eu não fui à sua casa para fazer a entrevista, como tinham sido as outras entrevistas até o momento, pedi a ele para me mandar umas fotos de suas plantas para eu inserir nesse texto, e como ele tinha tirado umas fotos recentemente, enviou para o meu “Whatsapp” naquela mesma hora.

Ainda nessa mesma conversa, após a entrevista, “Samba” me disse que existia uma pretensão de formar “clubes canábicos” na cidade, inspirados nos “clubes canábicos” do Uruguai. Logicamente, diferente dos clubes do Uruguai, esse seria um clube ilegal, e ele tinha ciência disso. Segundo seu relato, todas as sextas-feiras eles se reúnem em um bar da cidade em que a rua fica cheia de gente, que também têm muitas mesas e, como era sexta-feira, ele me convidou para ir beber com eles. Fiquei contente com o convite e aceitei de prontidão. Quando eu e “Samba” voltamos para o “Point” eu encontrei “Shangri-la” procurando alguém para jogar xadrez, pois era praxe de algumas pessoas fumarem uns baseados e ficar às mesas jogando xadrez, mas o tabuleiro que tinha no “barzinho” do “Point” havia sumido, ou sido roubado, segundo outras especulações, então falei com ele sobre a entrevista e combinamos para a segunda-feira 07/05/2018.



Imagem 08: Uma das fotos que “Samba” me enviou de suas plantas.

Nessa mesma sexta-feira que entrevistei “Samba”, às 20 horas cheguei ao bar combinado após a entrevista, e “Maestro” estava lá sentado sozinho em uma junção de três mesas, tomando uma cerveja enquanto lia um livro. Cheguei juntamente com “Tattoo” e sua namorada, e já fomos enchendo uns copos que estavam sobre a mesa nos esperando. “Tattoo” também é cultivador, inclusive o observei em um dos grupos do “Facebook” de troca de informações sobre plantio de maconha, tanto respondendo quanto fazendo perguntas, e embora ele também fosse um agregado dessa rede, ele também nunca quis conceder entrevista para essa pesquisa. Depois de um tempo chegaram mais quatro pessoas, “Ronaldo”, “Gilberto”, “Samba” e sua namorada. “Maestro” estava lá desde cedo, pois saiu da universidade e foi direto para o bar para reservar uma mesa para nós.

“Samba” já chegou com um “dichavador” (utensílio da cultura canábica utilizado para triturar maconha prensada, geralmente os “verdes” são “dichavados” na tesoura) e um baseado, sendo assim, o primeiro que eles fumaram naquele momento foi um “prensado”. Em interação com “Ronaldo” e “Gilberto”, eles me contaram sobre a sexta-feira da semana anterior, esta que tinha um movimento intenso de polícia e fiscalização das mesas da rua, pois as mesas deveriam estar dentro de uma faixa. Eles relataram que a fiscalização passou à mesa deles e um fiscal disse para os rapazes: “coloquem as mesas no lugar, e se tiver maconha fuma tudo, porque a polícia vai passar olhando”. Muito assustado, “Ronaldo” comeu dois “camarões” (forma como os “verdes” inteiros e soltos são chamados), e afirmou que era até mesmo melhor se livrar daquilo do que a polícia achar e ir à sua casa, podendo até achar as plantas. Demos algumas risadas sobre esse episódio, pois todos concordaram que a fiscalização usou a polícia para fazer uma coerção moral, pois a PM não passou conferindo as mesas e ele comeu os “camarões” à toa.

Como “Maestro” estava lá desde cedo, ele ia à sua casa tomar um banho e voltar, mas nesse meio tempo apareceu um ator de passagem com um “verde” já enrolado, aqui chamado de “Marcelo”, e “Maestro” então ficou mais um pouco para fumar o primeiro “verde” daquela noite. Esse ator que chegou do nada, eu não o conhecia, coincidentemente ele apareceu como sugestão de amizade no “Facebook” no dia seguinte, eu sempre achei essas sugestões de amizades das redes sociais suspeitas, mas adicionei e daí alguns dias eu fui aceito. “Marcelo” foi embora rapidamente do bar, só passou por ali e acendeu um “verde”. “Maestro” então foi à sua casa tomar um banho e, quando voltou, chegou jogando uma embalagem de “Kinder ovo” nas mãos de “Samba” e dizendo: “Faz aí pra nós!”. “Ronaldo” foi ao seu carro buscar para inteirar. Entre risadas de todos sentados às mesas e com um

sorriso também estampado em seu rosto, “Samba” então já pegou uma tesoura e começou a triturar o “verde” ali no meio da rua mesmo, pois ele era o “bolador” daquela rede, ou seja, ele sempre enrolava os baseados. Sentado às mesas, entremeio várias pessoas que bebiam próximo às mesas ou em pé na rua, ali mesmo um “verde” foi triturado, enrolado, acendido e fumado, no meio da rua cheia de gente como se fosse a coisa mais normal do mundo, então eu pude perceber que toda área “legalize” possui uma normalidade contextualizada em relação ao uso social recreativo de maconha. Esse foi o segundo “verde”. Depois disso aconteceu mais duas vezes, foram fumados quatro “verdes” no meio da rua como uma coisa extremamente normal.

Fora isso, enquanto conversava com “Gilberto”, ele me disse que eu poderia ir ao bar com eles todas as sextas-feiras, e que caso eu fosse também na sexta-feira seguinte, ele ia me colocar em um grupo do “Whatsapp” dessa rede moral. Fiquei animado para ir na sexta-feira da próxima semana, pois era uma chance de entrosar e interagir mais com essa rede de atores morais e participar mais de seus contextos e atividades recreativas de vivência. Por volta de meia-noite essas pessoas da mesa começaram a se dispersar e ir para suas respectivas casas, e depois que todos foram embora eu fiquei por lá mais um tempo conversando com outras pessoas conhecidas que encontrei até também ir embora.

Na segunda-feira seguinte fui para a universidade tentar interagir com algum cultivador e, chegando lá, encontrei “Babosa” fumando um verde com algumas pessoas, me juntei a eles e conversamos sobre assuntos diversos. “Babosa” foi almoçar logo em seguida, então não conversamos sobre entrevista ou qualquer coisa relacionada à pesquisa. Fiquei lá algum momento, até que encontrei “Ronaldo” e “Gilberto”, conversei um pouco com eles e depois fui almoçar. Fiquei na universidade até mais tarde, e antes do horário da janta encontrei “Shangri-la” no “Point”, pois havíamos combinado a entrevista para este dia, 07/05/2018. Porém ele disse que ia ter que trabalhar até mais tarde, fazer hora extra, porque ele era pesquisador colaborador na universidade e surgiu um trabalho para o horário da noite. Sendo assim, ficamos de marcar a nossa entrevista/conversa para algum dia do meio da semana.

Na terça-feira, dia seguinte, fui para a universidade e no “Point” encontrei com “Maestro”, então conversamos durante muito tempo sobre assuntos diversos. Depois chegou “Samba”, ficamos nós e mais algumas pessoas que chegaram posteriormente. Dentre as diversas conversas, combinamos de ir a um bar em que o chope estava em promoção, saindo cada um de 500 ml a R\$4,50 reais, no horário entre 18 e 20 horas. Neste dia jantamos um

pouco no restaurante universitário, ou melhor, forramos o estômago, pois íamos beber. Fomos então para o “pub”, e dentre as pessoas que foram estavam “Samba”, “Maestro” e “Tattoo”.

Como nossa mesa estava na rua, eles fumaram uns baseados “prensados” por ali mesmo. Enquanto fumavam o terceiro baseado chegaram duas pessoas “farejando” a maconha, então ficamos apreensivos e assustados com a situação, pois poderiam ser policiais, e algumas pessoas portavam maconha naquele momento. Então “Tattoo” foi conversar com essas pessoas, que estavam querendo saber onde tinha maconha boa para comprar. Ninguém que tinha maconha arriscou comercializar, embora “Tattoo” insistiu que fosse tranquilo vender caso alguém quisesse e, sendo assim, eles reacenderam o baseado que estava rodando e passaram para essas pessoas fumarem, ou seja, os “salvaram”, eles fumaram e ficaram lá à outra mesa do lado de fora. Por volta de 20 horas e com o fim do “happy hour” fomos embora, pois o chope passaria para R\$ 8,90. Nesse dia também fui adicionado ao “grupo do Whatsapp” que “Maestro” criou, e esse grupo tinha por objetivo conectar a rede de cultivadores, assim como amigos que não plantam e não fumam, para tomarem cervejas todas as sextas-feiras, no mesmo bar e horário da sexta-feira passada. A foto do grupo era um “camarão”, este que “Maestro” disse ter fumado com “Tattoo” no dia em que criou o grupo, e lá essas pessoas compartilhavam informações de onde iam sair para beber. A descrição do grupo era: “leve maconha na sexta-feira!”. Então a partir daí eu passei a acompanhar e interagir com essa rede de atores configurada a partir desse grupo.

Passando alguns dias, no horário do almoço encontrei “Shangri-la” no “Point”, conversamos e ficamos de fazer a entrevista no dia seguinte, na universidade mesmo, devido à inviabilidade de irmos à sua casa no dia marcado, mas eu também fiquei de entrevistar “Violão”, que era seu companheiro de república, e que eu também havia contatado na festa “Reggae na Roça”, então eu poderia ir lá entrevistar esse segundo ator e ver as plantas nesse dia. “Shangri-la” fumou um baseado “prensado” que uma amiga enrolou para eles. Nesse momento, enquanto eu olhava o “Facebook” vi “Ruderal” confirmar presença em um evento sobre o “Dia Nacional do Reggae”, este que ocorreu em uma tabacaria, em meados do mês de maio. Vi que ele ia tocar, então logo confirmei presença no evento, afinal, ele era um dos atores que eu estava seguindo sociedade afora, até mesmo porque eu havia mandado uma mensagem para ele via “Whatsapp” na semana anterior, tentando marcar nossa conversa/entrevista, e ele só visualizou a mensagem e não me respondeu, então eu achei que poderia ser uma boa ideia ir ao evento e interagir pessoalmente com ele e, desta maneira, evitar uma possível evasão de entrevista.

No dia 10/05/2018 fui para a universidade, almocei e logo em seguida fui para o “Point” encontrar “Shangri-la”, pois havíamos marcado este horário no dia anterior e, chegando lá, ele já estava me esperando e me disse de cara: “Vamos lá?”. E eu respondi: “Vamos!”. Fomos então para o mesmo local que eu fiz a entrevista com “Samba”, porque eu já sabia que era um lugar tranquilo. Chegando lá ele já tirou um baseado enrolado e o acendeu, eu já senti o cheiro e pensei: “Não é um verde! É um prensado”. Mas eu já tinha visto ele e “Violão” no “Reggae na Roça” com um “verde”, então comecei a entender que eles também não conseguiam fazer um plantio e colheita autossustentável de maconha, e os “verdes” também eram apenas para ocasiões especiais. Depois de ele fumar o “prensado”, expliquei para ele novamente os objetivos da pesquisa e mostrei as perguntas, e aí gravamos a nossa entrevista/conversa, perfazendo a quinta entrevista dessa pesquisa. Depois da entrevista eu pedi a ele que me enviasse fotos de suas plantas para eu inserir no texto, assim como solicitei para “Samba”. Ele ficou de tirar as fotos e me enviar posteriormente, mas isso nunca ocorreu.

3.3. Últimas interações, últimas entrevistas e fim do trabalho de campo

Já tinha passado de meados do mês de maio, e como planejei o trabalho de campo para quatro meses, sendo eles março, abril, maio e junho, entendi que meu tempo estava acabando e tinha que dar agilidade ao restante do trabalho de campo e entrevistas. Em um dos dias, durante a tarde entrei em contato com “Violão” via “Whatsapp” para tentar marcarmos a entrevista, ele disse que estaria disponível para entrevista somente no final do mês. Então enviei as perguntas e objetivos da pesquisa para seu e-mail e ficamos de marcar um dia durante as próximas semanas.

No dia do evento “Dia Nacional do Reggae”, na tabacaria, eu fui seguir “Ruderal” e lá nos encontramos, primeiramente ele disse que estava viajando a trabalho, pois faz doutorado em solos e foi fazer algumas análises em uma serra, por isso não havia respondido minhas mensagens. Durante maior parte do tempo, enquanto “Ruderal” tocava, fiquei sozinho um tempo, mas na medida em que foram chegando alguns conhecidos, também conversei com pessoas diversas. Encontrei coincidentemente “Zé Pequeno”, um velho conhecido que eu sabia que plantava uns “verdes” no passado, nos cumprimentamos, depois eu resolvi e fui puxar assunto com ele, e eu disse: “Fala camarada, beleza! Quanto tempo! Pensei que você já tivesse ido embora daqui”. Ele respondeu: “Pois é, já pensei em ir embora várias vezes, mas ainda não fui, formei e fiquei por aqui, durante um tempo peguei algumas designações para

dar aula, mas esse ano não consegui”. Depois de algum tempo de conversa sobre diversos assuntos, toquei na pesquisa e indaguei: “Você ainda planta? Estou procurando pessoas que gostariam de dar entrevistas...”. “Zé Pequeno” respondeu: “Cara, não planto mais, mas se você quiser eu tenho muita história para contar”. Ele estava com um olhar de desconfiança, e como ele não quis falar muito sobre o assunto, mudamos os rumos da conversa. Posteriormente tentei entrar em contato com ele pelo “Facebook”, mas ele não respondeu minhas mensagens.

Pouco tempo depois também encontrei “Babosa” por lá, e como eu já ia pegar mais um chope, “Babosa” chegou e foi pegar um também, brindamos e falei com ele: “vamos lá para fora, cheio e muito calor aqui dentro”. Ele respondeu: “Sim, vamos!”. Enquanto íamos saindo ele parou para conversar com alguém no meio do caminho, eu fui para fora e fiquei lá sozinho um tempo. Infelizmente não consegui conversar mais com “Babosa” neste evento. Quando trocou de DJ, “Ruderal” chegou e começou a conversar comigo, ele me disse que poderíamos marcar a entrevista no início do mês seguinte, e que inclusive ele ia tentar arrumar mais entrevistados, “Áurea”, que ele já havia me apresentado, e mais algumas outras pessoas que ele conhecia, mas que íamos conversar sobre isso depois. Ele me deixou conversando com uma pessoa que faz graduação em nutrição, aqui chamada de “Letícia”, e ela me disse que ia fazer iniciação científica sobre as possibilidades nutricionais da semente de maconha. Depois de algum tempo de conversa ela disse que não planta para fumar, e que ia conseguir importar as sementes para fazer as suas análises científicas. Trocamos algumas ideias, contato e depois ela foi embora. Fiquei lá sozinho novamente.

Nesse meio tempo notei “Ruderal” saindo com uma pessoa para o outro lado da rua e entrar em outra rua, lá eles encontraram mais uma pessoa que ia para tabacaria. Acenderam um cigarro, que eu acredito que era um “verde”, e foram andando para essa rua adentro. Quando estavam voltando percebi que realmente estavam fumando um baseado enquanto andavam no meio da rua, pois estavam revezando o cigarro. Quando ele voltou para o local do evento, ficou por ali e conversou com várias pessoas. Depois conversamos mais um pouco. Ele percebeu um movimento de alguns de seus conhecidos do outro lado da rua e disse que ia lá fumar um, e eu disse que ia de companhia. Chegando do outro lado da rua as pessoas não estavam fumando maconha, era cigarro de palha. Consternado, “Ruderal” me disse: “Vamos ali no carro comigo, e você já está bêbado, ainda bem que você mora no prédio aqui do lado, qualquer coisa é só apertar o botão de ejetar”. Com esse comentário demos várias risadas e saímos andando rumo ao seu carro. Chegando ao carro ele pegou uma ponta e disse: “Essa

ponta dá para mim, baseado bom, genética ‘gringa!’”. Em diversas conversas com “Ruderal” ele havia me dito que morou nos Estados Unidos, fazia faxina para ganhar uma grana, e até plantava maconha lá também. O “verde” realmente tinha cheiro o muito bom, era diferenciado.

Sáímos andando com o carro enquanto ele fumava e dirigia, e eu observando, acredito que eu também fiquei sob efeito por estar também dentro do carro fechado, pois ele ia levar o carro para mais próximo do bar em que tocou, pois o equipamento que estava sendo tocado pelo outro DJ era dele. Passamos por uma rua cheia de pessoas bebendo, inclusive era a rua e o bar que eu ia beber às sextas-feiras com os outros cultivadores, e de repente ele virou e me disse: “Abaixa o vidro, vou soprar na cara da sociedade”. E eu respondi: “Vou registrar essa frase!”. E demos algumas risadas. Quando paramos o carro, eu desci e bati a porta do carro com um pouco de força, e o alarme do carro da frente começou a tocar. Rindo muito ele virou em tom jocoso e disse: “Você trouxe toda a zoeira que estava ‘naquela rua’ para cá”. Desculpei-me, e voltamos rindo para a tabacaria. Chegando ao bar, ele foi pegar mais uma cerveja e eu mais um chope. Lá ele foi conversar com algumas pessoas e eu com outras. O som já tinha parado de tocar, pois tinha dado o horário. Então ele desmontou o som, depois parou o carro em frente, guardou os seus equipamentos, cumprimentei-o pela última vez. Ele parou o carro onde estava antes e foi conversar com uma mulher. Eu fui para outro lugar, procurava um lanche, afinal, estava com fome e fui comer alguma coisa para depois dormir.

Nos próximos dias da terceira semana de maio continuei indo à universidade e frequentando o “Point”, mas não aconteceu nada de muito significativo durante esses dias, e como de costume, “Ronaldo” e “Gilberto” estavam sempre por ali e eu sempre parava para interagir com eles. Um amigo de “Gilberto” estava vendendo cigarros de palha para estudantes ou pessoas que frequentavam o “Point”, e embora não podia fazer esse tipo de comércio na universidade, ninguém foi repreendido durante o tempo que frequentei essa mesa do “Point”, pois ela virou um ponto em que todos os maconheiros passavam, seja para comprar um cigarro, pedir uma seda, procurar um salve, fumar um baseado ou apenas para cumprimentar os outros maconheiros. Nesses dias ninguém apertou um “verde”, só “prensado”, observei que “Ronaldo” e “Gilberto” não participavam dessas rodas, e sempre evitavam fumar dos “prensados”.

Próximo ao final de semana eu estava para viajar, mas desisti e resolvi ficar para tentar fazer mais entrevistas. Contatei “Ruderal” via “Whatsapp”, conversamos um pouco e ficamos de marcar, comecei a ter a impressão de que “Ruderal” estava a se esquivar em

relação a participar da entrevista. A conversa no “Whatsapp” terminou com a minha pergunta: “que dia você pode?”. Ele nem visualizou a mensagem. Então dei um tempo e fiquei de tentar entrar em contato depois. Contatei também pelo mesmo aplicativo “Violão”, que divide república com “Shagri-la”, ambos contatados no “Reggae na Roça”. “Violão” pediu o questionário novamente, pois disse ter apagado o e-mail que enviei anteriormente e perdido o arquivo, então mandei o documento novamente e ficamos de marcar na semana seguinte. Lembrei-me de um dia que eu estava jantando no restaurante universitário com “Ronaldo” e “Gilberto”, e neste mesmo dia chegou um conhecido, aqui chamado de “Manoel”, e sentou-se à nossa mesa. Conversamos e falei da minha pesquisa, pois eu me lembrei de que ele no passado cultivava, então fui sondar se ele ainda cultivava. “Manoel” disse que ainda cultivava e que poderíamos conversar sobre ele conceder uma entrevista, então eu me lembrei disso e entrei em contato pelo “Facebook”, porém ele demorou mais de uma semana para visualizar a mensagem e também não respondeu.

Na sexta-feira fui para o “Point” antes do almoço, e lá encontrei com “Samba”, “Ronaldo”, “Gilberto” e “Maestro”, todos juntos à mesma mesa em que tinha um rapaz vendendo os cigarros de palha. Conversamos e confirmamos de tomar as cervejas no mesmo local da semana passada, essa informação foi compartilhada através do “grupo de Whatsapp”. Antes do almoço uma moça que chegou para comprar um cigarro de palha e ficou sentada à mesa conosco, disse ter ocorrido uma operação da PM no dia anterior (quinta-feira), em que a polícia estava dando blitz em uma rua que possui uma esquina perpendicular à rua em que íamos beber. Segundo a moça, que abriu ao celular e leu uma reportagem sobre a operação, a PM, fiscalização e juizado de menores de idade, fizeram uma operação com o intuito de coibir o consumo de álcool e drogas entre pessoas menores de idade, assim como as festas em repúblicas que perturbavam a ordem em algumas ruas. “Ronaldo” ficou apreensivo, disse que mais tarde não ia levar baseado “verde” para a rua, e que se levasse seria apenas um já enrolado. “Gilberto” e os demais também ficaram alarmados.

Neste dia eu ia almoçar sozinho, e antes de entrar no restaurante universitário, ainda na fila, encontrei “Ramos”, este que eu sabia que morava e dividia república com “Maria Joana”, e como eu já tinha conversado com “Maria Joana” sobre a pesquisa, puxei assunto no momento oportuno, disse a ele que já havia conversado com “Maria Joana” e o indaguei se ele também gostaria de participar da pesquisa. Ele disse que eles estavam apenas com quatro plantas e que ainda faltava um tempo para colher, mas que sim, que era só marcar o trabalho.

Mais tarde, quando cheguei à minha casa adicionei “Ramos” na rede “Facebook”, pois não o tinha mais, devido à exclusão e criação de outro perfil por ele.

Mais tarde, conforme combinamos pessoalmente e pelo “grupo do Whatsapp”, fomos para a rua beber, afinal, era sexta-feira. Chegando lá encontrei “Samba” e sua namorada, “Olga”, eles não haviam encontrado mesa. Chegou uma moça participante do grupo, “Fernanda”, que não fuma maconha, mas ela era uma agregada e sempre que podia estava presente nas atividades recreativas feitas por essa rede de pessoas. Eu, “Samba”, “Fernanda” e “Olga” pedimos uma cerveja e aguardamos vagar uma mesa para sentarmos, pois estávamos num banco que fica pouco à frente das mesas. Finalmente vagou uma mesa e fomos para lá. Depois chegaram “Ronaldo”, “Gilberto” e “Guto”, este último que está sempre conosco e não planta, só fuma. Assim que eles chegaram “Samba” rodou um baseado prensado, e dessa vez “Ronaldo” e “Gilberto” fumaram prensado, coisa que eles raramente faziam.

Todos estavam apreensivos, “Ronaldo” perguntou à garçonete sobre o ocorrido no dia anterior, e a garçonete respondeu que havia muitos menores de idade bebendo e consumindo drogas por ali, então a polícia veio dar um fim naquilo, e que era para inclusive nós não deixarmos drogas em cima da mesa (havia a ponta do baseado que “Samba” rodou para o pessoal em cima da mesa). Dito isso, “Ronaldo” ficou mais tranquilo. Depois mandamos algumas mensagens via “grupo do Whatsapp” para sondar se mais alguém ia lá beber conosco. “Maestro” disse que ia tocar em outro bar naquele dia, então não poderia ir. Passadas umas duas horas, tínhamos uma mesa pequena e 13 cadeiras em volta. Alguém tinha um baseado “prensado” enorme, por sinal, então resolveu acendê-lo, pois tinham muitas pessoas à mesa e ele daria para todas. Esse “prensado” rodou umas 10 vezes pelas pessoas à mesa e foi apelidado de ‘o imortal’, no final ninguém mais aguentava fumar.

Passado mais um tempo “Ronaldo” acendeu um baseado, muitas pessoas arregalaram os olhos, pois obviamente pensaram: “Oh, finalmente um verde!”. Mas o baseado era um prensado. Depois perguntei a “Ronaldo” por que ele não levou nenhum “verde” e a resposta foi a seguinte: “Esse baseado foi a ‘Eduarda’ que pediu para eu acender, é dela, eu não trouxe maconha porque se a polícia chegar e achar um baseado comigo, se eles desenrolar o baseado, poderiam ver que era ‘verde’ e resolver ir à minha casa”. Eu questionei: “Difícilmente algum policial ia saber fazer essa diferenciação, não acha?”. Mas ele disse que era melhor prevenir e não arriscar. Depois de um tempo o pessoal resolveu ir para outro bar, mas eu não fui, resolvi ir para casa, porque era mais próximo.

Na última semana do mês de maio, era véspera de feriado, e na terça-feira fui almoçar no restaurante universitário. Ao invés de ir diretamente para o restaurante, dei uma passada no “Point” para ver se encontraria alguém para interagir, então encontrei “Ramos”, que mora com “Maria Joana”. Este me cumprimentou e já disse diretamente: “Está vazio aqui hoje, se soubesse teria trazido um para fumar”. Ficamos conversando com mais dois conhecidos que estavam sentados à mesma mesa que nós. Então chamei “Ramos” para almoçar e depois ir à minha casa para ouvirmos música e conversarmos, já que eu morava muito próximo à universidade.

Chegando à minha casa, ficamos conversando e ouvimos algumas músicas, e enquanto isso nós conversamos muito sobre Heavy Metal e outros estilos musicais afins. Depois da conversa comentei com ele sobre a entrevista e tal, ele respondeu: “Então, eu e a ‘Maria Joana’ temos uns pés lá, mas não é muita coisa, como eu te falei, é só para ter um diferente do ‘prensado’ para fumar de vez em quando mesmo. Pode me explicar melhor como seria essa entrevista?”. Tirei o documento impresso de uma pasta que estava em minha mochila, este que continha o resumo, objetivos e as perguntas da pesquisa, eu mostrei isso para ele e expliquei o mais detalhadamente possível. Ele então me solicitou o documento digital para ler as perguntas e disse que faríamos a entrevista no próximo final de semana, após o feriado, pois no meio da semana as tarefas do doutorado tomam muito o seu tempo. Então ficou assim, de eu mandar o documento e ele ler as perguntas e pensar sobre as respostas. Assim que ele saiu de minha casa eu procurei “Maria Joana” no “Facebook” até encontrar e adicionei, até mesmo porque já era para eu ter feito isso antes.

Era feriado e eu estava de bobeira em casa, até então não tinha muito a fazer. Quando de repente recebo uma mensagem de “Ramos” via “Facebook”: “Bom dia, Marcão!”. No dia anterior em que “Ramos” esteve em minha casa, ficamos de fazer a entrevista nos próximos dias, eu respondi, e de repente ele respondeu de volta: “Vai arrumar o quê à tarde?”. Respondi: “Nada, vou ficar em casa mesmo, vou ficar transcrevendo umas entrevistas e tal”. Aí ele responde: “Se quiser colar aqui, pra gente fazer a entrevista”. Então resolvi deixar de fazer o que estava fazendo e ir à sua casa, e lá aconteceram as entrevistas com “Ramos” e “Maria Joana”.

Chegando à casa dessas pessoas, assim que entrei já me deparei com uma garagem sem carro cheia de plantas, e ali estavam três plantas de maconha camufladas entre as demais plantas, tinha que prestar muita atenção para ver essas plantas de maconha ali dentre meio as outras. Quando entramos “Ramos” me mostrou uma planta que estava em seu quarto, disse

que poderia colher daí um mês mais ou menos. “Maria Joana” fez um café para nós e fomos para a sala tomar o café e gravar nossa conversa/entrevista. Nesse dia eu pude observar mais uma vez que realmente nem todos ‘*growers*’ dessa rede que fumam maconha diariamente conseguem um plantio autossustentável, e também que a prática de cultivar maconha para o autoconsumo demanda tempo, paciência e não significa sempre ter maconha “verde” para fumar, isso foi o caso de poucos entrevistados dessa pesquisa, dos nove entrevistados apenas três conseguiam um plantio autossustentável e não compravam maconha “prensada”. Sendo assim, plantar e colher a própria maconha não é como recorrer ao comércio ilegal e já ter sua maconha à mão pronta para fumar, é algo que está para além dessa questão, pois demanda tempo, paciência, conhecimento prático e organização.



Imagem 09: Uma das fotos que “Maria Joana” e “Ramos” tiraram para mim de suas plantas de maconha camufladas dentre meio outras plantas diversas.

Em um dos últimos dias do mês de maio aconteceu o “Evento Cannabis”. O evento foi interessante, pois trouxe vários argumentos morais e acentuou conflitos. Tinham dois médicos que faz uso de óleo de maconha para tratamentos de diversas enfermidades, como epilepsia e esclerose múltipla, participaram também um representante de uma empresa privada que tinha interesse em produzir produtos à base de maconha, uma representante da ANVISA, além de uma palestra sobre solos e estufas, e outra pessoa que fez um apanhado sócio, antropológico, político e histórico da maconha no Brasil, esta que enfatizava o racismo na proibição da maconha. Neste dia na hora do almoço “Ramos” e “Maria Joana” estavam com algumas pessoas sentadas no gramado próximo ao “Point”, então me juntei a eles e fui interagir um pouco antes de voltar para o evento. Eles chamaram “Cacá” e falaram da minha pesquisa. Este disse que poderia participar com uma entrevista, desde que fosse anônima. Expliquei a pesquisa, inclusive reforcei o anonimato dos participantes, então ficamos de fazer a entrevista no dia seguinte após o almoço, na universidade mesmo, mas Cacá não apareceu.

Durante todo o evento eu fiquei à companhia de “Ronaldo”, “Gilberto” e “Samba”, além de outros atores apenas usuários que sempre estavam junto deles, como “Guto” e “Careca”, por exemplo. “Ruderal” e “Áurea” também estavam participando, e durante um dos intervalos conversei muito com eles e combinei de fazer as entrevistas no final de semana, sábado ou domingo, parece que as abordagens do evento animaram ambos. No intervalo de 16 horas eu conheci também um ator de outra cidade que tinha ido ao evento, “Frederico”, que salvou um “verde” para o pessoal, inclusive ele falou o nome da genética da planta, esta que eu esqueci. Peguei o contato desse ator e falei da pesquisa que eu estava fazendo, e ele disse que talvez eu pudesse ir à cidade que ele atualmente mora, ficar em sua casa e fazer o trabalho com ele e outros conhecidos de suas redes, pensei seriamente na possibilidade de marcar uma entrevista com ele e com os atores de sua rede de sociabilidade, mas posteriormente entrei em contato e não fui respondido.

Maio passou e junho chegou, e este era o último mês dentro do meu cronograma para fazer os trabalhos de campo a partir de observações e interações. Na primeira semana deste mês, após voltar de uma viagem, fui direto para o “Point” da universidade antes do almoço, como sempre fazia. Chegando lá encontrei “Maestro”, posteriormente chegam “Gilberto”, “Ronaldo” e “Samba”. “Maestro” e “Samba” estavam sem maconha, então arrumaram um contato para fazer pegar um “prensado” de boa qualidade e barato, cuja ideia era pegar uma maior quantidade e dividir para o pessoal, e quanto maior a quantidade menor era o preço do fumo. A ideia foi lançada no “grupo do Whatsapp”, e somente “Maestro” e “Samba” se

interessaram. “Ronaldo” e “Gilberto” não se interessaram e não entraram na jogada, afinal, eles tinham seus cultivos que possivelmente dava para se sustentarem, embora eles negassem isso o tempo todo. Depois “Maestro” e “Samba” foram arrumando mais pessoas até dar para comprar o fumo a um preço bom. Com isso mais uma vez ficou evidente que nem todo “*grower*” consegue um plantio capaz de gerar o sustento próprio de maconha.

A partir da segunda semana do mês de junho as interações ficaram mais difíceis, pois era final de período acadêmico e todos estavam estudando muito para as provas, então as pessoas passaram a frequentar menos o “Point”, nem mesmo o vendedor de cigarros estava aparecendo lá nos seus horários de venda, e muitas pessoas que eram fregueses e sempre me viam sentado àquela mesa perguntaram se eu tinha visto o “menino do cigarro” ou se ele ia voltar. Então nesses dias eu interagi pouco pessoalmente com as pessoas, mas mandei muitas mensagens para vários que ainda não tinham feito entrevista para saber se iam fazer e tal. Mandei mensagem para “Ruderal”, “Violão”, “Manoel”, “Miro”, “Babosa”, dentre outros. Quase nada de significativo nas interações aconteceu nesses dias, nem as bebidas aconteceram nas sextas-feiras, nada.

Uma das coisas significativas que aconteceram foi o aniversário de “Gilberto”, que foi mais ou menos em meados de junho e a festa foi no sítio em que morava com “Ronaldo”, e eu tive a satisfação de ser convidado e participar dessa festa de aniversário. Quem fosse participar levaria sua bebida ou outras drogas e psicoativos de sua preferência, eu então levei umas cervejas. Fui de carona com “Ronaldo”, pois este foi para a cidade pegar algumas pessoas e eu fui uma delas, e o carro foi espremido, com seis pessoas. Chegando ao sítio cumprimentei as pessoas que já estavam lá, inclusive “Gilberto” e dei o abraço e as felicitações do aniversário, e fui para a área do lado de fora onde tínhamos feito a entrevista para fumar um cigarro de palha, quando de repente chega “Ronaldo” perto de mim e pergunta: “Você viu?”. Respondi: “Eu não, o quê?”. Ele apontou para o meio de umas plantas e enquanto sorria disse: “Ali tem uma planta florindo, mas não fala nada com ninguém, porque está quase escurecendo e não quero que mais ninguém veja”. Ao prestar muita atenção para onde ele estava apontando, finalmente consegui distinguir a planta que estava camuflada dentre meio as outras, e respondi: “Vi, agora que você me mostrou eu vi”.

Um tempo depois chegaram “Maestro”, sua irmã, sua namorada, “Samba” e sua namorada, eles vieram de carro com “Maestro”. Quando “Maestro” chegou disse: “Vamos fumar maconha”. E passou um pote grande para todos colocarem a maconha para fumar durante a festa dentro, as pessoas que iam fumar depositaram a maconha ali, salvo “Ronaldo”

e “Gilberto” que não colocaram, eles falaram que depois iam enrolar um baseado deles. Então nesse pote só tinha “prensado”, e deu uma quantidade boa, e eles já enrolaram dois para iniciar a festa. Saímos então dessa parte dos fundos e fomos para a área que fica na parte da frente da casa, porque tinham sido armadas duas mesas grandes nesse lugar, então fomos para lá e começamos a beber. Chegou depois de carro “Rivaldo”, novo morador do sítio e tinha um mês que estava morando ali com “Ronaldo” e “Gilberto”, então o conheci. Uma coisa que estava atrapalhando a festa era que um dos cães do sítio estava com um problema e estava dando diversas crises convulsivas, então durante um dos baseados que rodaram alguém teve a ideia de soprar a fumaça na cara do cão, devido ao “Evento Cannabis” um médico palestrante falar que usava óleo de maconha no tratamento contra epilepsia e crises convulsivas, mas o cão não melhorou com isso. Curiosamente chegou uma convidada que era estudante de medicina veterinária, que ligou para alguém, conseguiu um remédio e solucionou o problema do cão, pelo menos naquele instante.

No meio da festa, quando todos os convidados já estavam presentes, “Ronaldo” e “Gilberto” falaram que iam apertar o baseado deles, todos ficaram contentes, afinal, era um “verde”, mas aí “Samba” disse que ia colocar um haxixe para inteirar, então fizeram uma mistura de “verde” com “haxixe”, o famoso “imperial”, deu um cigarro modestamente grande. Depois disso “Maestro” deu a ideia de comprarem um LSD, pois estava uma lua maravilhosa e tinham algumas pessoas falando em passar a noite toda ali, mas essa ideia não foi adiante e as pessoas desistiram. O único “verde” da noite foi esse, depois não teve mais, só foram os “prensados” do pote até acabarem. “Gilberto” e “Ronaldo” praticamente não fumaram do “prensado”. Por volta de 1 hora da madrugada acabaram as cervejas, então as pessoas começaram a se dispersar. Eu ia voltar de carona com “Maestro”, mas acabou que eles saíram antes e acabei voltando de carona também com “Ronaldo”. Despedi das pessoas que iam ficar por ali e fomos para a cidade. Quando estávamos voltando ultrapassamos o carro de “Maestro”, que estava andando bem devagar e tinha saído uns 10 minutos antes de nós, então nós olhamos para eles dentro do outro carro, que estava com a luz interna acesa, e eles estavam fumando um baseado, então “Ronaldo” disse: “Aposto que é um imperial, ‘Maestro’ e ‘Samba’ não colocam os ‘verdes’ deles na roda quando tem muita gente”. Pude então perceber mais uma vez o quão um “verde” estabelece uma hierarquia de diferenciação quando se trata do seu uso, pois ao mesmo tempo em que pode agregar, ele também pode separar os diferentes.

Nos dias seguintes continuei frequentando o “Point”, porém o movimento de pessoas continuava escasso, mas continuei indo assim mesmo, observando e interagindo com quem aparecia. Em um dos dias “Tattoo” apareceu e enrolou um “verde” por ali, estava só eu e ele neste dia. Então o perguntei mais uma vez sobre a participação na pesquisa mediante entrevista, e ele respondeu: “Cara, eu não estou plantando mais, esse aqui foi um amigo que me deu”. Confesso que não acreditei nele, mas não insisti, até mesmo porque eu sempre tentava ao máximo evitar causar constrangimento nas pessoas.

Outra coisa que aconteceu também foi o sumiço de “Guto”, um dia estava conversando com “Gilberto”, “Ronaldo” e “Samba”, e eles tinham falado que o “Guto” tinha parado de fumar maconha, até tinha cortado os “*dreadlocks*”. Até então eu não tinha notado isso, mas depois atinei que dos agregados ele era o único que não compareceu à festa de aniversário do “Gilberto”. Perguntei a eles se sabiam o porquê, e “Gilberto”, que era seu amigo mais próximo, respondeu: “Ele estava indo mal na faculdade, e os pais dele descobriram que ele estava fumando maconha, aí o ameaçaram de levar ele embora caso ele não conseguisse passar nas disciplinas”. Na última semana do mês de junho eu estava indo para a universidade e encontrei com “Guto”, quase não o reconheci por causa do cabelo, uma vez que os “*dreadlocks*” eram um de seus caracteres distintivos, mas parei e conversei um pouco com ele, ele afirmou que tinha parado de fumar maconha e que ia focar apenas nos estudos. Percebi que “Guto” se dissociou da rede.

De meados para o final do mês de junho começaram a acontecer os jogos da “Copa do Mundo”, então os integrantes do “grupo do Whatsapp” começaram a organizar algumas atividades nos dias dos jogos da seleção brasileira, e eu fui assistir os primeiros jogos com eles, o primeiro na casa de “Maestro” e o segundo na casa de “Samba”, ambos regados à muita maconha “prensada” e alguns “verdes”. Eu era o único que torcia contra a seleção brasileira. No primeiro jogo a seleção empatou, mas as pessoas me zoaram muito no segundo jogo, pois a seleção brasileira ganhou. Nesse tempo eu já havia percebido que tinha quase minado as possibilidades de interações face a face, então eu estava em constante contato via redes sociais com outros possíveis entrevistados. Então entre muitas conversas com diversas pessoas via redes sociais, consegui marcar com “Ruderal” a entrevista para o dia 30/06/2018.

No dia combinado entrei em contato com “Ruderal” na parte da manhã para ver se ele poderia me dar uma carona até sua casa, mas ele me disse que tinha sofrido um acidente de moto e tinha operado a mão, então não estava dirigindo naqueles dias, inclusive estava de atestado médico. Ele então me passou a localização via “Whatsapp”, era um lugar bem longe

do centro da cidade, uma localidade no tênue limiar rural e urbano. Ele me disse que se eu quisesse poderia ir mais cedo que a gente almoçava lá, mas eu resolvi ir depois do almoço, porque eu queria ver o jogo entre França e Argentina pela Copa do Mundo. Após o almoço peguei um ônibus que ia até o ponto mais próximo do local, depois andei a pé em torno de 4 quilômetros até chegar à sua casa. Sua casa ficava num local que era tipo uma vila em que todas as casas eram iguais, tinha em torno de oito casas. Ele me falou o número de sua casa, mas pelo cheiro de maconha eu fui direto ao local e o chamei, ou seja, nem precisei olhar o número da casa, pois o cheiro já foi o suficiente para encontrá-la. Ao me atender, ele estava almoçando, chamou-me para entrar e pediu para eu esperar ele terminar.

Ao terminar o almoço ele então disse que ia apertar um “verde” para digestão, como eu vi que “Ruderal” estava com a mão enfaixada, perguntei se ele queria ajuda, mas ele negou e pediu apenas para eu “dichavar” na tesoura. Feito isso, ele tinha comprado uma “máquina de enrolar cigarro”, e lá foi enrolado esse baseado. Depois que fumou ele então me mostrou algumas mixagens que fez em seu computador, posteriormente ele também me mostrou seus discos de vinil, inclusive ele perguntou se eu queria algum, pois eu também coleciono, mas embora ele tivesse alguns que me interessava, eu não disse nada. Depois disso ele me mostrou o seu quarto e lá tinham vários pés de maconha colhidos pendurados de cabeça para baixo em fase de secagem, em baixo dos pés tinham duas cuias cheias de “camarões” também em fase de secagem, mas já tirados do caule principal, e também tinham muitos potes de vidro com “camarões” de diferentes espécies em fase de cura. Em seguida ele me levou para o seu quintal e lá tinham várias plantas, e atrás de umas plantas tinha uma espécie de estufa “*outdoor*”, esta que tinha as laterais feitas de um plástico branco e o teto de telhas transparentes. Para chegar a essa estufa tinha que passar uma espécie de trilha no meio de um mato no canto, ele passou e quando eu já ia passar ele disse: “Cuidado com meus guardiões”. E apontou para uma caixa enorme de marimbondos que estava camuflada no meio do mato. Passei com cuidado para não esbarrar naquela caixa até chegar à sua estufa, e lá tinham uns 10 pés de maconha, alguns pequenos, mas a maioria já em fase de floração, aí ele virou e me perguntou: “Que mal estou fazendo para a sociedade com isso?”. Só olhei para ele e acenei positivamente com a cabeça, não respondi por palavras. Pedi a ele para tirar uma foto e me enviar para inserir nesse texto, mas ele recusou e disse ter receio do local ser identificado.

Depois disso entramos e fomos para a sala, ele fumou mais um “verde” e fizemos a entrevista. Após a entrevista ele me disse que tinham dois vizinhos seus que também cultivavam, e saiu para ver se eles estavam em casa, um não estava e o outro estava

almoçando e ia lá depois, de repente poderia fazer mais uma entrevista. Começou então a passar o jogo entre Uruguai e Portugal pela Copa do Mundo, e ele enrolou mais um “verde” para fumar e começamos a assistir ao jogo. Quando ele estava quase no final desse baseado alguém o chamou, aí ele disse: “Putá que pariu, é o ‘Leo’, um amigo meu que faz jujútsu comigo na academia, ele é policial e acho melhor apagar o baseado por respeito, porque ele não fuma”. Ele apagou o baseado e atendeu “Leo”, que entrou aos risos e disse: “É ‘Ruderal’, qualquer hora vou ter que te prender”. “Ruderal” então respondeu: “Acho difícil, ‘Leo’, muito difícil”. E assim todos nós rimos, até eu ri muito da situação. Continuamos então a assistir ao jogo de futebol, e nesse meio tempo chegou “Martinho”, o vizinho de “Ruderal”, só que não tocamos nada do assunto da entrevista, pois tinha um policial ali e todos nós sabíamos disso. Ao término do jogo já era final da tarde e resolvi ir embora, pois eu tinha que caminhar um bom pedaço de estrada de chão para voltar por um trecho que não tinha luminosidade, então eu acabei por desistir da entrevista com o vizinho de “Ruderal”, o “Martinho”, e ir embora o quanto antes. Despedi de todos, inclusive de “Leo”, e fui embora.

Primeira semana de julho foi minha última semana em “Greenville” e, conseqüentemente, de trabalho de campo, pois eu já tinha passado a minha vaga no apartamento que dividia com “Kell” para outra pessoa e tinha de sair até o dia 09/07/2018. Pensei que minhas possibilidades de entrevistas tinham acabado, por enquanto, pois muitas pessoas já estavam de férias e tinham viajado, mas mesmo assim continuei mandando mensagens através das redes sociais para várias pessoas que eu já tinha contatado, e nisso “Violão” me chamou para ir à sua casa fazer a entrevista, esta que ocorreu no dia 05/07/2018. Neste dia fui à casa de “Violão”, e lá estava ele, “Shangri-la” e mais duas mulheres, eles fumaram um “prensado” assim que eu cheguei. “Violão” então me chamou para o seu quarto para fazermos a entrevista. Ele pediu para eu mostrar o roteiro das perguntas novamente, eu mostrei e ele disse que poderíamos começar a entrevista.

Começamos então a gravar a entrevista, comecei pela primeira pergunta, como sempre, mas em menos de dois minutos de gravação ele começou a gaguejar e não conseguiu responder a questão, praticamente travou. Ele então pediu para eu começar a gravar novamente, pois estava nervoso, mas eu desliguei o gravador e disse que ele poderia fumar mais um “prensado” para acalmar. Enquanto ele enrolou o “prensado” para fumar, fumei um cigarro de palha, e conversamos sobre o que tinha acontecido. “Violão” disse: “Cara, que medo de gravar essa entrevista e a polícia vir aqui em casa por causa disso”. Enquanto ele fumava o baseado nós conversamos e eu tentei tranquilizá-lo em relação a isso, reafirmei o

anonimato, falei um pouco da ética e que se ele não quisesse até poderíamos não gravar a entrevista. Depois de fumar esse baseado ele animou e fizemos a última entrevista dessa pesquisa, esta que durou mais de 50 minutos. Depois da entrevista ele me levou ao quintal, vi as duas plantas de maconha entre outras plantas, uma que estava começando a dar flor e outra que já estava bem florida e próxima da colheita. Próximo aos pés tinha um pé de “*Argyrea nervosa*”, uma planta cujas sementes dão um “barato” semelhante ao LSD e que as pessoas chamam de LSA. Eu não conhecia essa planta e ele que me falou o que era. Vi que essa planta estava cheia de sementes, “Violão” então me ofereceu algumas sementes, eu agradei e não as aceitei. Depois disso eu fui despedir de “Shangri-la” e das garotas e ir embora.

Após essa última entrevista eu findei o trabalho de campo feito a partir de observações diretas e interações face a face com essa rede moral de maconheiros cultivadores. Esta etapa de campo foi interessante para participar de um aspecto real das vivências e relações dessa rede moral de atores, que era basicamente composta de estudantes universitários. Nesse trabalho de campo puderam ser observados elementos empíricos da solidariedade e reciprocidade dessa rede moral, assim como seus conflitos internos e com outras redes morais que visam o controle de suas práticas. Ademais das interações e observações face a face, também foram feitas observações virtuais, isto é, em redes sociais, e esse é exatamente o tema do próximo subcapítulo.

3.4. Elementos das observações em grupos do “Facebook”

Para além dos trabalhos de campo através de observações e interações face a face com maconheiros na “Universidade de Greenville”, para assim descobrir e seguir os que plantavam e possivelmente fazer entrevistas qualitativas, também foi feito um trabalho de observação em três grupos do “Facebook” de atores que plantam maconha para uso social recreativo. Desde que “Maestro” me indicou um grupo do “Facebook” em outubro de 2017, solicitei aos moderadores a participação nesse grupo, e também procurei outros grupos sobre a mesma temática, e embora na procura eu encontrei muitos outros grupos, solicitei participar para observar apenas de três deles, que aqui serão chamados de “G1”, “G2” e “G3”. “G1” tem mais de 50 mil membros, enquanto “G2” tem mais de 4800 membros e “G3” está chegando aos 4000 membros. Então eu fui observando as interações que os atores estabelecem nessas redes sociais. Em momentos distintos da pesquisa eu enviei uma publicação para cada um dos grupos falando da pesquisa para averiguar se alguém gostaria de participar cedendo uma entrevista qualitativa para a pesquisa via “Skype”, mas os moderadores de “G1” e “G2” não

aprovaram minha publicação nos grupos, a publicação foi aceita apenas no “G3”, mas apenas duas pessoas curtiram e ninguém entrou em contato com interesse em conceder entrevista qualitativa. A primeira coisa observada é que dois dos três grupos possuíam regras informais, e as regras deles eram muito parecidas em alguns aspectos, mas diferentes em outros.

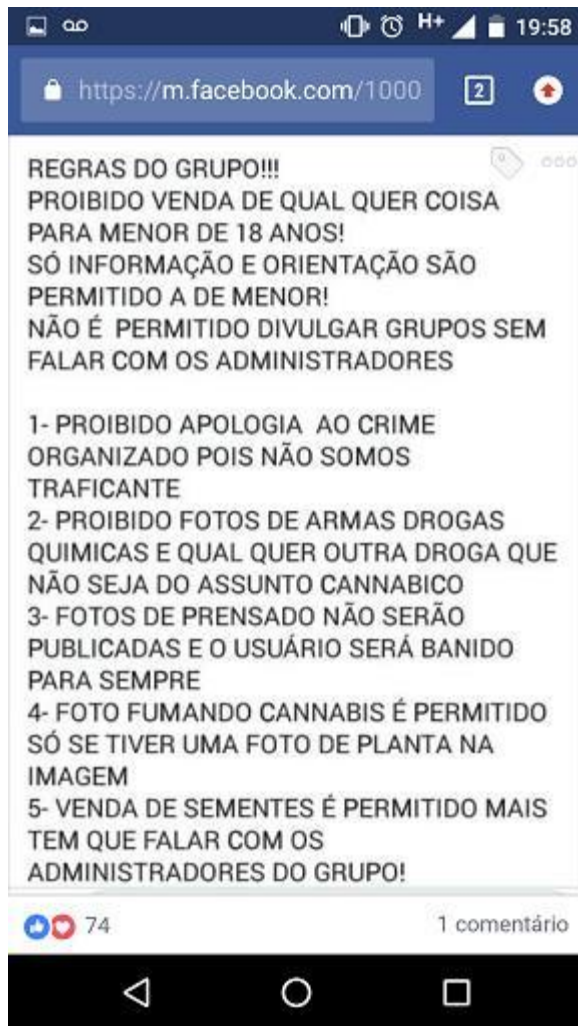


Imagem 10: “Print Screen” de algumas regras do “G1”.

As regras do “G1” podem ser sintetizadas nos seguintes tópicos: (1) proibido apologia ao crime, não somos traficantes; (2) proibido fotos de armas, drogas químicas e qualquer outra droga que não seja a cannabis; (3) fotos de prensadas não serão publicadas e o usuário será banido para sempre; (4) foto fumando cannabis só será permitida se estiver junto com a planta na imagem; (5) venda de sementes é permitida apenas mediante conversa com administradores do grupo; (6) venda de materiais a respeito do cultivo de cannabis é permitido; (7) quem estiver no grupo tem de ajudar a todos com dicas de cultivo; (8) doações de sementes ou vendas que não forem entregues, o vendedor será banido do grupo para sempre; (9) não serão permitidas palavras ofensivas a membros do grupo; (10) proibido publicações de outros grupos que não estejam unidos a nós; (11) Obrigado aos membros, estamos juntos e não vamos mais tolerar esse

absurdo! Observei que muitas dessas regras informais não são seguidas à risca e muitas coisas que elas proibiam foram publicadas e geraram conflitos morais diversos entre os membros.

O “G2” também possui algumas regras e algumas dicas, sendo elas: (1) é proibida a venda de qualquer coisa, incluindo suplementos, adubos, sementes, plantas, etc... Doações de sementes são aceitáveis. Doações de planta, não; (2) todos que tentarem vender qualquer tipo de produto levarão banimento de uma semana; (3) estamos aqui para aprender a cultivar, identificar problemas e termos um auto sustento para sermos livres do tráfico; (4) para todos os interessados em cultivar este remédio eu sugiro fortemente que estude o ciclo completo da

planta; (5) temos muito material de apoio no grupo, na aba “arquivos” temos uma ampla variedade de informações; (6) a cannabis é uma planta bem resistente, mas para conseguir boas flores é necessário uma boa terra; (7) dica de todos os moderadores: Invistam em um bom substrato. Além dessas regras e dicas, “G2” possui também guias de estudos para iniciantes e intermediários em arquivos publicados que abordam todo o ciclo de vida da planta, sendo eles germinação, vegetação, floração, colheita e cura. Ademais, guias que falam sobre como fazer fertilização orgânica, receitas de inseticidas caseiros para a prevenção e combate de pragas em seus jardins, guias sobre como produzir suas próprias sementes e reproduzir sementes de bancos estrangeiro para minimizar o risco decorrente da importação. Há também sugestões para evitar serem vítimas de golpes em vendas de utensílios para cultivo e informações jurídicas, onde se recomenda o estudo da Lei nº 11.343 de 23 de agosto de 2006 (Lei de Drogas), principalmente o Artigo 28, parágrafo 1º que discorre sobre a produção para consumo próprio. E por último indicam alguns livros e canais do “Youtube” sobre cultivo próprio e caseiro de maconha.

Nos grupos “G1” e “G3” no ano de 2017 as publicações não passavam por aprovação dos moderadores, então quaisquer publicações poderiam ser feitas nos grupos, mas apareceram pessoas com fotos de “prensado”, outras tentando vender sementes e outros utensílios, e isso causou uma reação conflituosa com muitos integrantes do grupo, os moderadores foram acionados e essas publicações foram apagadas. Além disso, certa vez apareceu alguém oferecendo notas falsas e cartões de crédito para vender em “G1”, isso também causou conflitos e a pessoa que publicou foi banida rapidamente. Outras publicações que também causaram problemas foram de alguns golpes em vendas de sementes no “G1”, a partir de então todas as publicações do “G1” passaram por aprovações ou desaprovações dos moderadores. Em “G2” as publicações sempre passaram por autorizações dos moderadores desde quando entrei no grupo, mas nos outros não era assim que funcionava e com o passar do tempo isso foi concretizado.

Nos três grupos as trocas de informações sobre plantio de maconha são abundantes, principalmente quando se trata de cultivadores experientes e intermediários sanarem as dúvidas de iniciantes. A maioria das publicações é de usuários iniciantes pedindo ajuda, mas também têm muitas publicações de cultivadores experientes e intermediários ostentando diferencialmente suas plantas, suas formas de cultivo, dentre outros. As dúvidas dos iniciantes são muitas, muitos desses cultivadores mal germinam a semente e mandam fotos perguntando o sexo da planta, se já podem colocar fertilizantes e tudo mais.

Sobre a questão do sexo da planta, iniciantes muitas vezes mandam fotos das plantas pequenas indagando sobre o sexo, e isso ainda quando a planta nem mesmo adquiriu uma idade razoável para demonstrá-lo. Em torno dessas dúvidas os usuários mais experientes e intermediários estabelecem com os iniciantes muitas “relações jocosas”. Radcliffe-Brown (1973) sugere que o termo “relação jocosa” significa uma relação entre duas ou mais pessoas nas quais algumas delas têm permissões de zombar ou fazer graça com as outras que, por seu turno, não se ofendem.



Imagem 11: “Print Screen” do caso do tomate.

O ato de zombaria ou fazer graça com cultivadores iniciantes é muito comum. Casos comuns são quando iniciantes postam fotos de plantas machos perguntando se elas são fêmeas. Nessas postagens costumam fazer graça com os termos “sacudo”, “é macho, sai fora”, “macho não serve pra nada”, “uma planta cheia de saco, triste!”, “vai fumar saco?”, enfim, observei uma infinidade de gozações quando as plantas eram machos. Um episódio peculiar também ocorreu quando um iniciante postou a foto de um pé de tomate dentro de um vaso com a seguinte legenda: “é macho ou fêmea?”. Isso desencadeou uma chuva de gozações que depois até o próprio ator que postou zombou de si. Depois disso vi algumas postagens que antes perguntavam se era maconha mesmo as plantas que tinham nascido nos vasos para depois solucionar dúvidas. As reações do “Facebook” eram “haha”, “triste” ou “grr”, em alguns casos. Mas

os comentários também traziam motivações, incentivos, encorajamentos, ou seja, muitas outras formas de instigar o ânimo do cultivo próprio.



Imagem 12: "Print Screen" de alguns comentários do caso tomate.



Imagem 13: "Print Screen" de uma postagem lamentando jocosamente por causa de uma planta macho.

É interessante perceber como que em torno do sexo da planta e de algumas dúvidas de iniciantes se configuram relações sociais específicas, sobretudo quando se trata de uma forma lúdica de interação, ou seja, interações alegres e divertidas que provocam reações de risos em todos participantes do grupo. Dentro do que foi testemunhado o caso do tomate foi o ápice dessas relações, mas sobre as questões que envolvem o sexo das plantas também é comum que essas relações jocosas se configurem, até mesmo porque esses casos são mais regulares. Vale também salientar que essas relações jocosas foram observadas apenas nos grupos que eu segui nas redes sociais, já nas relações face a face foi observado outra coisa, não que as relações jocosas não existam, mas que todas as questões observadas foram tratadas com mais seriedade por parte dos atores envolvidos nas interações face a face, que também configuraram relações de reciprocidade em torno dos conhecimentos sobre a planta.

Nos grupos tinham também muitas outras dúvidas de cultivadores iniciantes e intermediários, que geralmente eram sobre o solo, o substrato, o adubo para crescimento, as podas das plantas, as amarras nas plantas, sobre a engorda da floração, a hora da colheita, o tempo de secagem, e de como fazer a cura, enfim, uma infinidade de dúvidas para serem sanadas. Essas questões eram tratadas com mais seriedades pelos membros. Nos comentários de algumas dessas dúvidas muitos atores comentavam “A/C” para irem acompanhando as dicas das pessoas que tinham mais experiência e conhecimento sobre a prática do cultivo, em especial sobre a qual se remetia a dúvida. Interessante é que todas as dúvidas eram respondidas de diferentes formas, diferentes soluções para uma mesma dúvida era comum, e depois um retorno se funcionou ou não. Os grupos do “Facebook” foram um exemplo crasso de como uma rede de atores, distantes no espaço uns dos outros, formam uma associação moral – assim como estabelecem conflitos e outras relações sociais – em torno de uma prática considerada ilegal e imoral, isto é, de plantar maconha para o consumo próprio, consolidando uma solidariedade moral *sui generis*, no sentido durkheimniano, em torno dessa prática.

Uma das principais dúvidas dos atores que plantavam “outdoor”, ou seja, em alguma parte fora de casa, como quintais, lajes, terraços, sacadas, dentre outros espaços. As dúvidas em torno disso giravam, basicamente, sobre como camuflar as suas plantas para que elas não fossem visualizadas e identificadas por vizinhos com o objetivo de não serem denunciados para a polícia. Existiam várias dicas, uma das principais era para as pessoas também plantarem outras plantas, o que fazia as pessoas também plantarem outras coisas em suas casas, como couve, abóbora, manjeriço, dentre muitas outras plantas diversas. Existiam outros métodos, alguns que até suscitavam controvérsias, como cortar as pontas das folhas e deixá-las com a ponta quadrada. Muitas pessoas não concordavam com isso, alguns atores alegavam que isso poderia atrapalhar o desenvolvimento da planta. Em torno de muitas dúvidas, assim como das tentativas, erros, acertos, as trocas incessantes de informações nas malhas dessas redes morais eram tecidas, consolidando uma reagregação moral em torno da prática do ilegalismo de plantar a própria maconha para o uso social recreativo.

As dúvidas dos que plantavam dentro de casa, “indoor”, como em armários, guarda-roupas, cômodas, ou algo do gênero, eram sobre a ventilação e troca de fotoperíodo. Observei também, para ambos os casos, ou seja, no cultivo “indoor” e no “outdoor”, várias dúvidas e sugestões para diminuir o cheiro das plantas em floração para este não chegar aos vizinhos. Os vizinhos muitas vezes eram vistos como um problema para lidar. Eu observei um caso de uma pessoa postou uma foto das plantas cortadas, ela disse que foi abordada pelo vizinho e

este falou que viu as plantas e que era para a pessoa dar um fim naquilo, senão ele ia chamar a polícia. Esse último episódio também desencadeou uma chuva de compartilhamentos de sentimentos e emoções comuns nos comentários.



Imagem 14: “Print Screen” de uma publicação com uma legenda professando princípios morais.

Assisti também uma quantidade considerável de postagens de inúmeras fotos com as mais diferentes legendas, principalmente dos cultivadores mais experientes e intermediários, e as legendas diziam coisas como: “plantar para não financiar o tráfico”, “plantar para não comprar”, “legalize”, “resistência”, “procurando o autossustento”, “paz”, “plantando é que se colhe”, “liberdade para a planta”, enfim, uma infinidade de sentimentos expostos nas legendas. As postagens tinham muitas reações do “Facebook”, como “curti”, “amei” e “uau”. Os comentários eram sempre preenchidos de elogios e afirmações dos princípios expostos nas legendas. Nos comentários também apareciam curiosidades, tipo: “como você fez essa planta engordar assim?”, “ela cresceu pouco e deu muito, foi poda?”. E ali as interações e relações de reciprocidade iam, basicamente, se desenvolvendo também em torno dos elogios, afirmações de princípios e solução de curiosidades.

Uma coisa que sempre gerava desconfiança nos grupos eram os “fakes”, isto é, os perfis falsos, pois eles também geravam muitos conflitos e desconfianças. Muitas pessoas usavam perfis falsos para interagir e postar as dúvidas e soluções no grupo, pois tinham receio de fazer isso com o perfil verdadeiro, mas também tinham muitas pessoas com perfis falsos que postavam coisas inaceitáveis para parte do grupo, isso foi mais evidente no “G1”, uma vez que este tinha mais membros e, conseqüentemente, mais “fakes” e moderadores. Em torno dos perfis “fake” suscitaram diversas desconfianças de ter polícia observando o grupo.

Inclusive teve o caso de um integrante do grupo que era suspeito de ser “fake”, e em seu perfil havia uma referência ao exército brasileiro, que logo foi expulso do “G1”.



Imagem 15: “Print Screen” do perfil de um integrante do exército que fazia parte do grupo antes de ser expulso.

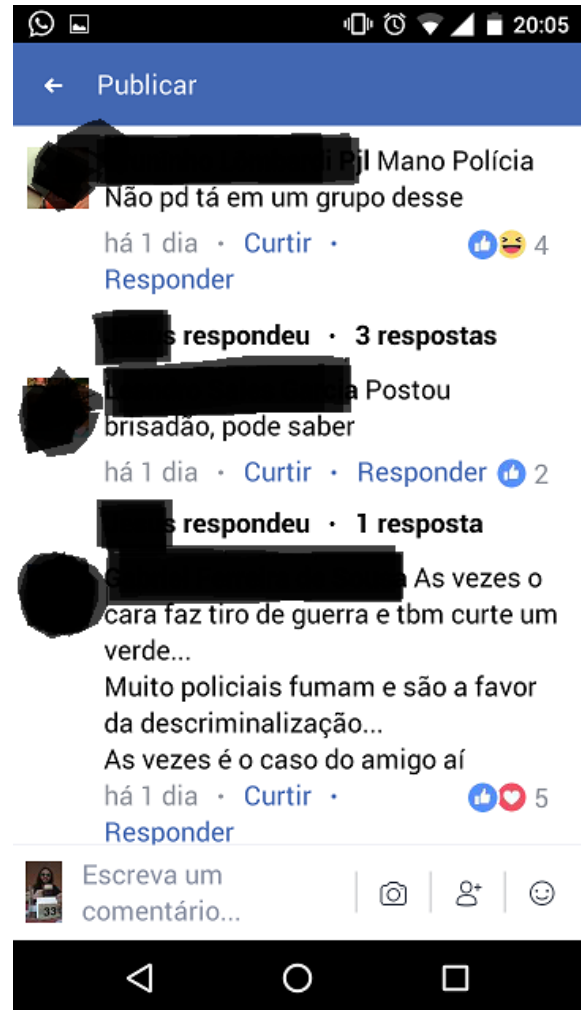


Imagem 16: “Print Screen” de comentários favoráveis e contras a manutenção do perfil no grupo.

Essa publicação foi interessante para observar como o dissenso e os conflitos morais também são comuns no grupo, pois nos comentários os membros não chegaram a um consenso se o perfil era “fake” ou verdadeiro, e também se era um problema ou não o perfil continuar como membro do grupo. No fim das contas esse perfil acabou sendo expulso do grupo pelos moderadores, mesmo sem muitos membros concordarem com isso, o que aponta que o reconhecimento e a aceitação moral também perpassam por conflitos dentro de um mesmo meio moral. Muitos membros são demasiadamente desconfiados e não aceitam esse tipo de perfil no grupo, enquanto outros membros já são mais tranquilos em relação a isso, então o nível de aceitação e reconhecimento moral é heterogêneo em relação aos membros.

Ainda em relação à desconfiança, foi percebido nos grupos que ela vem de todos os lados, e alguns membros são mais desconfiados do que outros, sendo que muitos desconfiam até mesmo dos amigos mais próximos, e o “olho gordo”, expressão utilizada algumas vezes nos grupos para designar a inveja, apareceu em algumas publicações como fonte de desconfiança de amigos próximos. Isso ocorreu por causa de suspeitas de denúncias, a princípio as denúncias são suspeitas de virem de vizinhos caretas, mas amigos de “olho gordo” também são suspeitos de denunciar por causa da inveja. Esconder e manter em segredo que planta a própria maconha então é algo que para muitas pessoas vai além de vizinhos e parentes próximos, mas se estende inclusive a amigos próximos que também fumam maconha.



Imagem 17: “Print Screen” de uma das publicações que sugerem cautela com “amigos”.

Outra coisa apreciada nos grupos foram as controvérsias sobre a fase da lua na hora da colheita, uma vez que muitas pessoas indicavam colher na lua cheia, sob a alegação de que a seiva da planta estava concentrada na copa nesse período. Outras pessoas diziam que isso era bobeira e que a lua não fazia diferença, sendo apenas necessário observar o momento propício da colheita. O debate em relação à lua para colher configura muitas controvérsias e debates nos grupos. O estágio final de floração também era questões de dúvidas e debates, e muitos cultivadores intermediários e iniciantes tinham dúvidas sobre o momento da floração que era ideal para colher, pois a partir de um momento da floração a planta teria um declínio de THC (Tetraidrocanabinol) e um aumento de CBD (Canabidiol), duas das 113 substâncias canabinoides encontradas na maconha, sendo que o THC é o essencial para o uso social recreativo e o CBD para o uso social medicinal.



Imagem 18: “Print Screen” de uma dúvida sobre a lua e momento da colheita.

A partir das observações feitas face a face e em redes sociais online, pode-se perceber que o cultivo caseiro de maconha para uso próprio, sobretudo para o uso social recreativo, mesmo sendo uma atividade formalmente considerada ilícita, ilegal, informal e imoral, tem cada vez mais crescido como um modo de vida e uma atividade social comum, ou seja, como uma atividade social normal por esses atores morais. Plantar maconha em casa para consumo próprio também demanda o aprendizado da execução correta de algumas técnicas de plantio, que vai desde a preparação do solo, passa pelos cuidados com a planta, colheita, secagem e cura, até terem a substância pronta para alterar o estado psíquico. Pode-se então considerar que esses atores morais possuem em comuns ideias, interesses, sentimentos que a maioria das pessoas não partilham entre si, pois se trata de uma atividade ilegal, ou melhor, de um ilegalismo popular, e esses atores morais se atraem e se agregam em torno dessa semelhança. A partir daí esses atores entram em relações sociais, e dessas associações em redes morais restritas no seio da sociedade desprendem-se vidas morais próprias.

Foi observada também uma ineficiência do controle do que é considerado crime, uma vez que as atividades de atores e agências privados com suas vidas e hábitos diários, estes últimos que podem tanto manter e legitimar o controle moral, através da ordem, quanto tentar reagregá-las e reafirmá-las através da “desordem” e “subversão”, como no caso do plantio caseiro da maconha para uso recreativo próprio. Os plantios caseiros de maconha dessas redes de usuários cultivadores tentam – e na maioria das vezes conseguem – transgredir controles formais e informais. A moralização demasiada das leis refletem em toda a sociedade uma falta de cooperação, aceitação, reconhecimento e respeito moral, o que faz com que relações sociais diferenciadas sejam fundadas em diferentes padrões de interação, formando redes de reconhecimentos morais recíprocos, e a partir dessas relações de reciprocidade se configuram normalidades contextualizadas, pois nos espaços que formam redes de coesões morais também se formam solidariedades, mesmo que heterogêneas e distintas.

Esses atores associados em redes morais, como as observadas no caso do plantio caseiro de maconha para uso social recreativo, podem desdobrar seus próprios e diversos cosmos morais, e não importa o quão imoral eles possam parecer à primeira vista por outros atores, ou mesmo pelo analista social, eles conferem sentidos específicos para aquilo que pensam e fazem, e também formam um sentimento de agregação em torno desse sentimento. As leis de repressão e proibição às drogas, como a maconha, por exemplo, também podem ser vistas como produtos do entrelaçamento de sentimentos e dogmas de redes morais que criaram vidas morais próprias e se institucionalizaram sociedades afora com o intuito de

formar dispositivos para coibir seus usos. A partir dessas análises foi entendido que a interação entre esses polos podem ser conflituosas, e os conflitos oriundos dessa relação social visam resolver os dualismos divergentes e conseguir algum tipo de unidade, seja pelo lado da lei, que visa a aniquilação de uma das partes e, portanto, se configura como o paralelo que provoca a violência inerente nessa relação, ou também pelo lado dos atores que contrariam a lei e buscam pacificamente se agregar aos demais, seja pelo ocultamento de suas práticas ou pela busca de reconhecimento e aceitação moral, assim como reversão do estigma que paira sobre a prática ilegal de plantar a própria maconha.



Imagem 19: “Print Screen” de dúvida sobre a planta ser realmente maconha.



Imagem 20: “Print Screen” de pedido de dicas e demonstração de observância nas postagens e comentários do grupo.

CAPÍTULO IV: EXCURSO SOBRE AS ENTREVISTAS QUALITATIVAS

4.1. Os móveis morais do plantio caseiro para o uso recreativo dos entrevistados

Neste capítulo serão abordados os pontos de vistas subjetivos das entrevistas em profundidade. Ademais, busca-se a plurivocalidade através da polifonia de vozes, ou seja, é dada ênfase às vozes dos atores entrevistados com o intuito de representar o máximo de vozes e perspectivas possíveis e conferir um aspecto de autoria coletiva neste capítulo (CALDEIRA, 1988). Cada subcapítulo será voltado para o tratamento de uma das questões abordadas. Neste subcapítulo considera-se a paixão pela vontade inebriante como constituinte de um motor capaz de contornar a privação de suas causas, mesmo que tais vontades sejam movidas por razões moralmente condenáveis (MAGALHÃES, 1994). Sendo assim, considera-se que essas motivações ultrapassam o apego individual e tem conotação social. Além disso, estima-se interessante analisar como se constitui o olhar sobre o desvio a partir do ponto de vista dos rotulados como *outsiders* pelas regras formais e informais (BECKER, 2009). Portanto, buscase compreender a natureza dos conflitos morais suscitados por estes atores que plantam maconha em suas casas para o consumo social recreativo. Então foi feita uma pergunta ampla, constituída pelo seguinte bloco de perguntas feitas aos poucos: (1.1) Por que e como você começou a usar maconha; (1.2) e a plantar; (1.3) quais suas principais formas de cultivo e uso da planta; (1.4) já parou de usar ou plantar, ou pensa em parar? Seguem então os desfechos.

A primeira entrevista qualitativa foi com “Maestro” e ocorreu em 25/03/2019. Ele já tinha conhecimento do roteiro semiestruturado de perguntas, e eu mal disse que liguei o gravador e, ansiosamente, ele já começou expondo:

“Maestro”: Eu vou começar do começo, né! Eu comecei a plantar tem, vai fazer um ano que comecei, e colhi poucas plantas, ainda, porque ao contrário do que a galera acha, plantar maconha não é ter maconha sempre, por a gente ser usuário diário, tem que ter um cultivo muito grande e muito espaço para poder colher uma quantidade suficiente para se autossustentar. Já entrando no adendo das questões, a gente sempre se preocupa com o número que a gente vai plantar por causa da ilegalidade e tal, se a polícia chegar e achar 50 pés, ela vai achar ruim porque têm 50 pés, mas se tiver 6, vai falar: “o cara é usuário mesmo”, né? E isso é meio que um padrão dos ‘*growers*’ que conheço, eu não gosto de crescer demais como usuário não por causa disso mesmo, e isso é com quase todo mundo, é mais para ter um diferente para fumar mesmo, não é para passar, então acaba que tem um fator de restrição, que acaba sendo a lei e por isso tem a quantidade de pés que a gente planta. Mas eu comecei há um ano e colhi poucas plantas, planto maconha estritamente para meu uso, eu nunca vendi, eu

comecei a plantar maconha para parar de comprar, então não faço questão nenhuma de vender, até mesmo porque é muito mais caro por ser uma maconha muito melhor, e o maior medo que tenho de estar plantando é por ser ilegal, como a gente já conversou aquela vez. [...] A última vez que a gente conversou, eu falei para você, têm várias paradas que nos impulsionam a plantar, uma é: “você quer parar de comprar, você não quer gastar mais grana com aquilo ali”. Então não faz sentido, porque se você comprar uma semente na internet de R\$40,00, que é o preço de meia 25 gramas de “prensado” ruim, essa planta vai te dar 40 gramas, está ligado? E 40 gramas você fuma por bastante tempo, então não faz sentido você não plantar. E porque não faz sentido você comprar, porque você tem dois polos de ilegalidade, e ambos são ilegais, como posse/consumo e comprar. Se você está comprando, você está participando do tráfico, só existe tráfico porque existe usuário e só existe usuário porque existe o tráfico, como a gente é usuário, também somos produto final do tráfico, a gente está alimentando alguma coisa que não é legal, não tem discernimento, que ninguém controla aquilo ali, é muito grande, flagra? Então entre ficar nesse tráfico e ficar na outra ilegalidade, que é plantar, e sair dessa ilegalidade que é o tráfico, e chegar para uma juíza, do jeito que estou falando para você, ou para um juiz: “entre subir o morro e comprar de um Zé de 12 anos que fica lá, levando buchinha para baixo e para cima para os outros, nem sei quanto tempo aquele menino vai durar ali, eu preferi colocar um pé dentro do meu guarda-roupa”. Se a polícia chegar lá em casa, não tenho nada a ver com o tráfico, só quero fumar maconha. Eu sou adulto, pago minhas contas, e vivo minha vida, estudo, estou gerando lucro, produtividade cultural, o problema é o brasileiro, o problema é ao redor, acho que eu deveria ter esse direito, está ligado?

Eu: Só para fazer um parêntese, que você planta maconha tem um ano, mas que você fuma tem quantos?

“Maestro”: Tem cinco anos que fumo rotineiramente, antes de eu começar a plantar eu já fumava.

Eu: Mas você fumava o prensado?

“Maestro”: Sim, só fumava o prensado. Nunca tinha visto um “*buddie*”, flagra? Por isso que eu comecei a plantar, porque os caras que me ensinaram a plantar salvaram um “*buddie*”, aí eu vi como é que era, eu fumei uns “*buddies*” algumas vezes, e pensei: ‘não, eu quero fumar só ‘*buddie*’ agora’. Aí você fica naquela, né cara? Você não tem porque, você só tem porque eles não deixam ter, flagra? Porque é uma planta como qualquer outra [...].

Eu: Qual sua principal forma de cultivo? Pelo que eu vi aqui é dentro de um guarda-roupa [...].

“Maestro”: É o “*indoor*”, dentro do guarda-roupa, é um forma de cultivo muito usada no Brasil, guarda-roupas, cômodas, por existir as plantas que são de crescimento meio que controlados, as mestiças, então você escolhe a planta exatamente do tamanho que você quer que ela fique. Então têm plantas que vão ficar grandes e têm as que vão ficar pequenas, depende do tamanho do seu “*grow*”.

Eu: Você aprendeu a plantar no guarda-roupa com livros? Com indicações de pessoas?

“Maestro”: Eu comecei a plantar não foi no guarda-roupa, foi no quarto, em vasos e potes no chão [...], e as plantas ficavam tampadas, por acaso de um terceiro ver, porque eu não podia plantar em casa, aí a gente estudava, eu sempre estudei sobre, sempre li e tenho vários guias de crescimento tanto brasileiros quanto internacionais, mas sempre optei pelo “*indoor*”, aí [...] acabou que misturei, fui para um “*out*” e no mais, quando eu fui passando muita e muita raiva, eu falei assim: “agora vou plantar só no guarda-roupa!”.

Eu: Só “*indoor*”, no guarda-roupa?

“Maestro”: Não é só não, pois quando chega num estado vegetativo eu levo para o “*out*”, mas sempre “*semi-in*” e “*semi-out*”, está ligado? Aí no caso dos “*outs*” são terceiros que fazem a fértil, a fase de florescência para mim, então acaba que meu ganho da planta é sempre menor que eu tivesse se eu tivesse colocado para florir aqui no guarda-roupa, eu sempre divido minhas plantas pela metade, eu nunca colhi uma planta inteira para mim. Aí acaba que fico meio condicionado porque preciso de um lugar, né velho? Às vezes uma planta dá 30 gramas e eu só fico com 15 dela, porque a metade fica com o cara que floriu para mim, porque ele também corre os mesmos riscos. Só que ele tem um lugar para florir.

Eu: Florir “*outdoor*” é melhor?

“Maestro”: E a planta fica muito mais bonita. Quando você coloca uma planta no “*out*”, desde o começo no “*out*”, é outra planta, até o caule vai ficar mais grosso, ela vai ficar mais bonita, necessariamente o “*out*” vai fazer toda a diferença. Têm caras que falam que o “*grow in*” é tão bom quanto o “*out*”, mas eu não concordo não, eu acho que a luz não consegue chegar na energia que o sol dá para a planta não, sabe? Mas meu cultivo é meio “*in*” e meio “*out*”, todas as minhas plantas são assim, eu nunca flori uma planta aqui em casa, dentro de um “*grow*”, ainda não, né?

Eu: Você já parou de usar ou plantar, ou pensa em parar?

“Maestro”: Eu já parei de usar, mais de uma vez, parei uma vez que namorava, fiquei uns 60 dias sem fumar nada, teve uma vez que parei por vontade mesmo, fiquei uns dias sem fumar. Mas plantar eu nunca parei, parei de plantar quando minhas plantas todas morreram.

Eu: Você falou que mudou de local também, isso interferiu?

“Maestro”: Quando eu mudei de local parei de ter o controle, né. Porque acabou que ficaram mais sobre a posse de outras pessoas, mas eu ainda continuava plantando porque as plantas eram minhas, a genética é minha, as outras pessoas só ficaram florindo mesmo.

Nas falas de “Maestro” eu comecei a observar como foi a primeira vez que as pessoas fumaram um “verde” e assim foram afetados e postos em movimento, conforme Latour (2008), por essa forma de maconha sem ser prensada e, portanto, como isso se iniciava através de uma relação social (BECKER, 1953) quando eram apresentados a essa forma de maconha que é plantada e colhida em casa. Além disso, suas falas mostraram que ele começou a plantar para parar de comprar, pois o risco tanto de comprar do tráfico ou plantar em casa seria relativamente o mesmo, e as maconhas plantadas em casa seriam melhores e causaria menos danos à saúde. Dá para começar a perceber também como existe um ideário moral constituído em torno do que viria a ser o “tráfico” ou “tráfico”, pois começa a ficar evidente uma busca para desvencilhar sua imagem da imagem do “tráfico”, uma vez que este último, como já foi discutido anteriormente, pode ser considerado um dos maiores inimigos sociais no Brasil. Foi possível identificar também que existe um sistema meeiro diferente do identificado por Fraga (2006), em que o agricultor plantava e o “patrão” vendia e dividiam o dinheiro, mas quando “Maestro” relata que planta “semi-in” e “semi-out”, em que ele fazia uma parte “in” e outra pessoa a parte “out” e depois dividiam a colheita para fumar, pode se configurar também como um sistema meeiro de divisão para consumo próprio. “Maestro” relatou ter parado de fumar, e de plantar só quando suas plantas morreram, mas que atualmente não pensa em parar de fumar nem de plantar.

A segunda entrevista ocorreu em 28/04/2018 com “Ronaldo” e “Gilberto” simultaneamente. Diferentemente de “Maestro” que parecia muito empolgado, esses dois demonstraram nervosismo para com o gravador e a situação, então eu tive a sensação de que enquanto eles respondiam, eles tinham um sentimento de que estavam delatando a si mesmos o tempo todo. Após relatar que eu estava gravando, pedi para eles dizerem que estavam de acordo com a gravação e que permitiam os usos de suas falas na pesquisa, eles afirmaram e eu comecei.

Eu: A primeira pergunta é grande, mas podem responder por partes, e a primeira parte é a seguinte: Por que e como vocês começaram a usar e plantar maconha?

“Gilberto”: Porque eu comecei a fumar, né? Eu acho que tanto eu quanto o “Ronaldo”, a gente começou a fumar muito por influência de amigos que já fumavam e por muita curiosidade, por muitas pessoas fumarem e a galera falar que: ‘Não é tão assim!’.

“Ronaldo”: A primeira vez que eu quis fumar maconha foi por causa disso, porque antes eu tinha criado a expectativa de que todo mundo falou que maconha é uma coisa absurda, que você ia fumar e que você ia perder a noção de tudo, que você vai “fazer isso e vai fazer aquilo”, minha mãe já tinha falado isso para mim várias vezes. Aí eu vi amigos meus que fumavam e ficavam normais, rindo, felizes, eu fui, pesquisei e falei: “Pô velho, como assim? Como que faz mal e a galera fuma e fica de boa, não sei o quê e não sei o quê!”. Então eu fui e experimentei, gostei e comecei a fumar maconha [a fala foi seguida de muitos risos].

Eu: E a plantar maconha?

“Gilberto”: Acho que depois de um tempo fumando, você percebe...

“Ronaldo”: Por causa das experiências, né!

“Gilberto”: Por causa das experiências e tudo, e morando em um lugar propício, você quer experimentar uma coisa natural, uma coisa que..., é uma maconha de verdade, não é misturada com nada, não é prensada, não adicionam coisas nela.

“Ronaldo”: Eu acho que quando a gente teve o primeiro contato com um “buddie” de verdade é que a gente teve interesse de plantar.

“Gilberto”: Sim!

“Ronaldo”: Aí você percebe que é uma coisa pura, uma onda completamente diferente, uma onda mais leve, mais pura, você fica menos chapado e mais feliz, flagra? Aí falei: ‘Quero ter a curiosidade de plantar isso aí e não precisar comprar no morro ou em favela’.

Eu: Você tocou em um assunto interessante, qual a primeira vez que você teve contato com um “buddie” de verdade, assim [apontei para os “verdes” dentro do pote], isso é uma coisa que eu não tinha pensado em perguntar, mas suscitou curiosidade.

“Gilberto”: A minha primeira vez foi com um amigo nosso [ele olhou para o “Ronaldo” e sorriu], a gente foi na casa dele, uma amiga estava fazendo os ‘dreads’ dele.

Eu: Aqui nessa cidade mesmo?

“Gilberto”: Sim, nessa cidade. Aí ele cultivava, já cultivava há um tempo já.

Eu: Ele cultivava, mas não cultivava mais?

“Gilberto”: Não cultiva mais [e olhou para “Ronaldo” e sorriu novamente].

Eu: Então, vocês já pararam de usar ou plantar, ou já pensaram de pensar em parar? Ou já tiveram algum problema com isso, ou talvez mudança, ou outras coisas?

“Gilberto”: Então, parar de plantar a gente sempre pensa em parar de plantar, porque infelizmente é complicado, infringindo muitas leis e tem gente “rodando” [referência aos casos de “Veloso”, “Alex” e “Pezão”], aí é complicado, né?

“Ronaldo”: Isso é uma coisa que não era para ser dessa forma, mas pela opressão que a gente sofre, várias vezes a gente para ou pensa em parar de plantar.

Eu: Mas vocês já pararam ou plantam desde quando vocês começaram?

“Ronaldo”: A gente parou, a gente infelizmente agora não tem mais [e olhou para “Gilberto”], mas a gente pretende voltar, com as leis melhorando, mas está muito difícil, infelizmente a cultura nossa é muito pesada em relação a isso, eu acho que peca muito.

“Ronaldo” e “Gilberto” ocultaram durante toda a entrevista que estavam cultivando, suas respostas eram demasiadamente desconfiadas e tomaram todo cuidado para não ser gravado que eles estavam plantando, até mesmo porque eram relativamente vizinhos de “Veloso”, mas depois da entrevista, em momento oportuno, eles apontaram para a porta de um dos quartos e disseram que lá tinha plantas. Futuramente, especificamente no dia do aniversário de “Gilberto”, eles disseram que não tinha problemas colocar que eles estavam plantando no relatório da pesquisa, já que eles não seriam identificados, pois estavam com receio por serem vizinhos de “Veloso” e terem problemas com as leis. Ocultar que planta a própria maconha começa a aparecer como algo normal não só nessa entrevista, mas também na anterior e nas demais. Pode-se presumir que eles se colocam moralmente em jogo com as regras formais e informais (BECKER, 2009), estas últimas que podem acarretar algumas punições tanto formais quanto informais para as suas práticas (FOUCALT, 2015).

Ademais, eles disseram também que começaram a fumar e plantar por experiências que tiveram em relações sociais desencadeadas por suas redes de amizades, pois através dessas redes morais em que se associaram é que eles começaram a perceber que “não é tão assim” tanto fumar quanto plantar. Aqui começa a ficar evidente que com o passar do tempo, o aprendizado e a aquisição do controle, além do costume de consumir maconha, assim como o de plantar a própria maconha, aos poucos faz com que desapareçam as possíveis resistências iniciais que compunham a associação do uso de maconha às coisas marginais, dependência ou alienação, e o uso e o plantio passa então a assumir uma conotação habitual de algo prazeroso, pacífico e inócuo (MACRAE e SIMÕES, 2000).

Começar a plantar também se mostra como algo desencadeado pela experiência de fumar o “verde” pela primeira vez através de relações sociais que estabeleceram (BECKER, 1953). Além de afirmarem plantar para não comprar, acredito que também tentaram separar suas imagens da do “tráfico”, e apontaram que a maconha plantada e colhida em casa é uma coisa “pura” e “diferente”. A questão da “pureza” da maconha também começa aparecer como algo interessante, e embora alguns entrevistados procuravam fumar apenas do “verde”, esse critério de “pureza” não era uma coisa impermeável, pois aconteceu algumas vezes em que fizeram uso do “prensado” sem menores problemas e demonstraram que a barreira da “pureza” é tênue o suficiente para ser ultrapassada. Embora eles falaram que pararam de plantar, isso não é verdade, como me disseram depois, em outras interações ambos afirmaram que não pensam em parar de plantar e nem de fumar. Plantar a própria maconha pode ser visto como sinal de aceitação (TELLES e HIRATA, 2007) e reconhecimento moral (HONNETH, 2003), e entre esses atores aparecem determinadas atitudes sociais, políticas, morais e culturais de caráter extraordinário, uma vez que estes se opõem veementemente à ordem do cotidiano através de suas práticas (VELHO, 2008).

A próxima conversa/entrevista foi com “Samba” e aconteceu na universidade por questão de conveniência, conforme foi exposto no capítulo anterior, e foi no dia 04/05/2018.

Eu: [...] Está gravando, você não precisa falar seu nome, é anônimo. Eu só gostaria que você falasse que você autorizou a gravação, autorizou o uso da entrevista na pesquisa, e aí nós vamos partir para o roteiro.

“Samba”: Beleza! Está autorizado, vamos bater um papo aí.

Eu: Então vamos para a primeira pergunta, [...]: por que você começou a usar maconha e a plantar maconha?

“Samba”: Olha, eu comecei a usar com uns 14 anos mais ou menos, eu acho que por um ato de rebeldia, meus pais separaram na época, então eu passei por um momento psicológico, e eu acabei me recorrendo ao uso da cannabis, mas hoje eu já uso como uma maneira mais recreativa, um pouco controlada também, por causa da hiperatividade, eu acho que ela já dá uma relaxada e tal, sabe? Eu fico mais tranquilo. E eu comecei a plantar quando eu vim para “Greenville”, em 2015, e estava osso depender do tráfico, e o mal que isso traz para outras pessoas, e assim, é uma coisa que é ligada a somente a mim, ao meu uso, e talvez às pessoas que estão ao meu redor, que fazem o uso também, mas eu não preciso envolver terceiros nesse processo, aí eu resolvi fazer o plantio por causa disso.

Eu: Quais as suas principais formas de cultivo, porque de uso você já falou, mas seria de cultivo e de uso?

“Samba”: [...] Hoje eu planto no sistema “indoor”, que é dentro do guarda-roupa, com as lâmpadas e tudo direitinho, e eu costumo usar diariamente, eu tento controlar isso, minha vontade mesmo era de fumar fim de semana, só do plantado ali, aquela coisa boa e tal.

Eu: Então você não fuma só do plantado?

“Samba”: É... Então, hoje eu não tenho uma produção que me atende totalmente, então eu acabo que tendo que recorrer ao “prensado”.

Eu: Você já parou de plantar ou pensa em parar?

“Samba”: Já, já! Já parei (de plantar) duas vezes nesse tempo que eu tentei. Primeiro por inexperiência mesmo, pois deu errado na primeira vez e eu acabei desistindo. E da segunda por causa de, a gente tem um pouco de medo de dar errado, porque um dos rapazes que morava comigo não gostava, então por respeito a ele eu acabei desfazendo da segunda vez. Só que parar de fumar eu não pretendo, e atualmente parar de plantar eu também não pretendo, porque eu prefiro correr o risco mesmo que existe, porque não tem como.

Diferentemente dos entrevistados até então, “Samba” atribui o início de sua carreira moral como fumante de maconha a um ato individual de rebeldia, mas que isso depois mudou e ganhou outra conotação, sendo esta recreativa. Porém eu discordo da colocação do interlocutor e acredito mais no que foi proposto por Becker (1952), que o consumo nada tem a ver com uma predisposição psicológica individual, muito menos com um problema psíquico, mas é simplesmente o resultado de um aprendizado oriundo de um processo de interação social, então é presumível que o início do uso de maconha só é possível quando a pessoa conhece outras pessoas para lhe apresentar a maconha pela primeira vez, ou seja, mediante uma relação social.

A plantar, que eu vejo como resultado de um processo social, ele também pondera que foi para parar de comprar, e que os usos dessas plantas se restringem apenas a si e às pessoas mais próximas, ou seja, o uso social recreativo de sua própria produção não restringe apenas a si, mas à sua rede de amizades mais próxima, e que também não fuma só do plantado em casa, pois seu espaço é pequeno e a produção é ínfima, então ele sempre tem de recorrer ao “prensado” oriundo do tráfico para poder usar diariamente, embora ele relatou que gostaria de ter só do “verde”, também tentou distanciar sua imagem da do “tráfico”. Pode-se notar que depois de conhecer e ser afetado pelo “verde” a relação entre humano e inumano (LATOUR, 2012) ganha outro sentido, e os atores passam a ser afetados de outra forma pelo inumano.

Ademais, ele ainda disse também que parou de plantar duas vezes, uma por inexperiência e outra por morar com uma pessoa que não poderia confiar, onde se pode perceber que as regras informais influenciaram nessas escolhas, mas que atualmente não pensa em parar de fumar e plantar a própria maconha.

Também conversei sobre essas mesmas questões com “Shangri-la” em 10/05/2018.

Eu: [...] Por que e como você começou usar e a plantar maconha?

“Shangri-la”: Então, eu estava lembrando aqui... Eu lembro que eu tinha alguns amigos que fumavam maconha que não eram muito próximos, isso assim, com 15, 16 anos. E eu não tinha vontade nenhuma de fumar, mas achava uma coisa tranquila, só não tinha vontade mesmo de experimentar. E aí eu lembro que um dia no churrasco de formatura meu do terceiro ano, aí alguém falou: “Vamos fumar um e tal”. Eu falei: “Uai velho, vamos”. Já estava meio bêbado e falei: “Vamos, demorou e tal”. Aí fumamos lá, foi até com um professor do cursinho lá. Mas eu lembro que, tipo assim, eu nem sei se bateu, porque eu já estava tão bêbado que eu nem sei se bateu. [...] Aí depois eu comecei a fumar mais esporadicamente. Os amigos meus que eram mais próximos, às vezes, a gente andava com um pessoal que era irmão de um dos amigos nossos que era mais velho e que fumava. E aí a gente vez ou outra dava uma bola e já ficava muito chapado, assim, ria, “zoi” [olho] ficava sangrando, ficava rachando os bicos, achava aquilo engraçado, mas era assim, uma vez a cada dois meses, uma vez no mês. [...] Aí eu fui gostando mais. [...], aí eu me mudei pra Lavras, fui morar em Lavras. Fui fazer faculdade lá e fui morar com um amigo que fumava, da minha cidade também, foi junto no mesmo curso, a gente foi pra mesma reta, aí que a gente começou a virar muito *brother*. E ele fumava já bastante, plantava, plantava um esquema bruto mesmo, tinha estufa, gastava dinheiro pra caramba, era um processo bom [...], e ele estudava como é que fazia e mandava bem mesmo. [...] Aí nessa república, no primeiro período, aí no segundo período que eu morava na república, mudou um cara pra lá que fumava muito, mas fumava muito mesmo, [...]. E eu ficava de cara e falava: “Ou, como é que você consegue acordar e fumar um baseado, velho?”. [...] aí eu já estava assim, todo dia queria fumar. Todo dia queria um baseadinho e aí porque eu gostei da, de como a sensação que a droga me proporcionava, assim, de ficar relax, de pô, curtir uma música muito mais profundamente assim. No começo as sensações ficam muito mais exacerbadas do que depois de anos fumando, né! E aí comer, tudo ficava mais gostoso e eu ficava mais tranquilo e ia curtir som, [...]. Aí depois eu vi que pra estudar, eu concentrava melhor também, fazia melhor estudar, pra eu próprio sentar ali e concentrar, e aí virou um hábito diário. Depois disso não larguei mais, virou tipo um uso

medicinal. Lógico que uso recreativo também, que eu fumo exageradamente em certos momentos, mas por outro lado, também um uso medicinal de controlar a ansiedade. Eu foco, eu concentro, eu fico tranquilo, os problemas vai se resolver, sacou. Pra controle de ansiedade foi isso que... Aí plantar, a primeira vez que eu peguei pra plantar mesmo foi aqui, quando eu cheguei aqui em “Greenville”, que eu fui morar numa casa no centro, aí eu falei: “Não, quero plantar, quero morar numa casa que role de plantar”. Aí começou as primeiras experiências plantando sozinho ali. Eu plantei umas cinco plantas e colhi bem devagar, uma coisa bem experimental ainda. Aí passou mais alguns anos e eu mudei de casa. Na outra casa que eu fui morar os meninos já plantavam também, já era uma galera mais velha, mas eu não me envolvi muito lá. Aí nessa casa que eu moro já tem quatro anos, [...], lá tem um terreno grande, interno, um quintal gigante, aí lá eu comecei a plantar, mais sério, de controlar mesmo, cavar um buraco, fazer uma terra boa, todo o processo, cuidar. E comecei a colher com mais frequência, mas não consigo manter uma sustentabilidade não. Acaba que varia, meu consumo fica no variando entre essa plantação e o comprar “prensado” mesmo.

Eu: E por que você começou a plantar maconha?

“Shangri-la”: Porque é muito melhor a planta [...], pra quem fuma e se envolve bem, você plantar sua planta e colher é uma parada até ritualística. Tem todo esse aspecto ritualístico de você ver a planta crescer e depois você fumar ela, é uma sensação bem melhor do que você ir lá comprar um “prensado”. [...] ontem mesmo tive que fazer um corre de “prensado”, nossa senhora! Eu fui a três bocas diferentes. Maior correria. Isso é ruim. Então você poder plantar e ter o seu ali, colhendo de casa, uma coisa boa, qualidade muito maior do que o “prensado”, ter a própria planta é o sonho de quem gosta mesmo de consumir a parada.

Eu: Quais as principais formas de cultivo eu acho que você já falou aqui no terreno, “outdoor” e tal. Você já parou de usar ou plantar ou pensa em parar de plantar? Já teve algum problema com vizinho, familiares ou polícia?

“Shangri-la”: Praticamente 10 anos que eu fumo, eu nunca parei, pensei em parar também não e até hoje eu não penso em parar de plantar também não. Na verdade eu penso em conseguir me estabilizar num local em que eu vou plantar pra eu só consumir o que eu planto e criar uma sustentabilidade. Mas penso em plantar também só pra mim. Acho que também, dependendo da situação econômica da pessoa quando ela começa a plantar, se ela planta bastante, sobra e ela percebe que se ela vender um pouquinho ali, um pouquinho dela tira um dinheirinho a mais pra ela também fazer o corre do dia a dia dela, não é? Isso não configura tráfico, eu acho, é mais uma questão de sobrevivência mesmo ali. Até porque eu

penso se fosse situação econômica agora e tivesse maconha pra vender, tipo assim, pra consumir sobrando pra vender, eu venderia pra fazer um dinheiro extra. Mas se eu tivesse um emprego já, estabilidade econômica, tranquilidade, eu plantaria só pra mim mesmo e o que sobrasse eu daria pra amigos pra fortalecer. Pra não cair no caráter de ilegalidade, mas dependendo da situação econômica, foda-se a ilegalidade. Você precisa da sua subsistência ali, então eu venderia mesmo. Sabendo da ilegalidade, sabendo da preocupação que você fica de tá fazendo uma parada que pode dar merda uma hora. E até plantar assim fico preocupado. As plantas, nessa casa que eu planto hoje, é uma encosta de um morro, então é visado por todo o terreno ao redor, todos os prédios, então é uma preocupação minha também de não deixar crescer umas maconhas que vai ficar de 3 metros de altura e todo mundo vai ver, se preocupando com uma coisa a mais, botei umas plantas do lado, vários matos pra disfarçar. Então uma preocupação grande é essa questão da ilegalidade, de rodar com isso, de ser preso. Eu não entendo, porque é só uma planta, né véi!

Em suas falas “Shangri-la” também deixa claro que começou a fumar e a plantar através de suas relações com algumas redes morais específicas de suas amizades, inclusive como foi se dissociando das amizades que não fumam maconha e o julgavam para se agregar cada vez mais às redes morais que fumam e, também, que plantam. Pode-se observar, assim como Becker (1952), que os motores que instigam a plantar já não podem ser considerados apenas individuais, pois quando se trata do plantio caseiro de maconha para uso recreativo, esses motores já ganharam uma conotação social de grandes proporções. Conforme Velho (1981) os maconheiros carregam estereótipos e estigmas como os de “drogado”, “delinquente”, “criminosos”, dentre outros, e isso foi observado nas falas de “Shangri-la”, assim como nas de outros entrevistados, então se dissociar de redes morais de atores que os colocam em situação de inabilitação de plena aceitação moral e social, tanto para fumar ou plantar, aparece nesta pesquisa como uma coisa normal.

Para “Shangri-la” o “tráfico” não é um problema, inclusive pode ser uma solução, ainda mais por não possuir um plantio da própria maconha que seja capaz de sustentar seu uso. Diferentemente dos entrevistados até aqui, ele não vê o “traficante” como um inimigo social e, ao contrário, relativiza e relata que se tivesse uma produção mais do que suficiente, ele tranquilamente venderia o excedente e que isso não seria “tráfico”. Interessante notar que ao mesmo tempo em que tenta separar sua imagem da do traficante, ele também diz não ter problemas ao comercializar um eventual excedente que poderia ter. A imagem do que é considerado “tráfico” aparece cada vez mais como um ponto paradoxal dessa pesquisa.

A primeira vez que ele entrou em contato com o “verde”, ou melhor, foi afetado diferencialmente por esse inumano (Latour, 2012), foi em outra universidade. “Shangri-la” também entrou em contato com a prática de cultivo lá, mas começou a plantar só quando veio estudar na “Universidade de Greenville”. Dentre os motivos que o levaram a começar a plantar foram: a qualidade melhor da maconha plantada em casa, não precisar comprar e recorrer ao tráfico, embora ainda faça isso, pois não tem um cultivo suficiente para sustentar a si próprio, e que considera ritualístico plantar, cuidar, colher e fumar a própria maconha. A partir dessa colocação sobre o ritualístico, comecei a perceber a domesticação mútua, assim como Veríssimo (2017) expõe em sua pesquisa, em que no ato de cultivar a própria maconha, tanto o cultivador domestica a planta quanto a planta o domestica, de modo que a principal “magia” do jardim canábico não seja propriamente a produção da planta, mas também a parte da domesticação do jardineiro pela planta. Além disso, a relação ritualística do humano com o inumano, desde plantar até fumar, aponta para uma relação diferenciada entre ambos e, portanto, de um sentido próprio.

A próxima conversa foi simultaneamente com “Maria Joana” e “Ramos”, no dia 22/05/2018, perfazendo a segunda entrevista com duas pessoas ao mesmo tempo.

Eu: Por que e como vocês começaram a usar e plantar maconha?

“Maria Joana”: No meu caso as duas coisas foram em momentos diferentes, usar e plantar. Eu comecei usar bem mais nova, eu acho que meu irmão já fumava e eu acabei experimentando, fumando também. E plantar foi só depois que eu vim pra “Greenville”.

“Ramos”: Eu também comecei a usar antes, antes eu bebia, mais quando era mais novo, tinha experimentado e não gostava muito, mas por volta dos 17 e 18 anos, depois que eu parei de beber, eu comecei a gostar mais da maconha, pois achava que ela me deixava mais relaxado, e aí desde então eu uso, desde mais ou menos os 18 anos. E plantar foi também depois que eu vim para “Greenville”, nunca tinha tido uma experiência de sucesso, aqui tem bastante gente que planta, até pelo curso de agronomia ser muito forte, muita gente que entende e tem experiência de plantio de diversas coisas e que também sabem plantar maconha, e que acabam ensinando a outras pessoas.

Eu: Uma pergunta que não está no roteiro: qual foi o primeiro contato de vocês com o “buddie/verde”? Foi aqui ou em outra cidade? Igual vocês falaram que começaram a plantar nessa cidade, vocês também fumaram o “verde” pela primeira vez aqui?

“Maria Joana”: Eu não, comigo foi na Bahia. Eu lembro que comprava na época R\$5,00 uma mão cheia, o quanto que você conseguisse enfiar a mão dentro do saco e tirar era

R\$5,00. Aí a gente sempre escolhia sempre quem tinha a maior mão da galera para enfiar lá e tirar mais [risos, muitos risos de todos].

“Ramos”: Eu já ouvi falar mesmo que em vários lugares do Nordeste eles vendem assim, é o saco cheio e R\$5,00 é o tanto que você conseguir pegar. Mas minha primeira experiência de verdade foi aqui sim, igual eu falei, até na minha cidade, eu e outras pessoas também já tinham tentado plantar, mas pela própria falta de informação, e você não saber ao certo, por exemplo, quando sua planta está boa ou que você tem de fazer para ela crescer direito, e mesmo por você não ter o local, quando você mora com seus pais, por exemplo, para fazer esse plantio, então foi só aqui mesmo que eu fui ter contato com o “buddie” de qualidade, porque eu conheci uma galera que plantava mesmo, é isso.

Eu: Embora eu vi ali fora, vou perguntar: quais são suas principais formas de cultivo da planta? Vocês cultivam “indoor” ou “outdoor”?

“Ramos”: Eu morei uma época em sítio, nessa época em sítio a gente tentou fazer “outdoor”, que eu acho que a planta fica um pouco maior, fica legal você plantar na natureza, sem contar que o custo e gasto de energia muito menor, em termos de produção o custo é muito menor, mas tem essa questão de problema, que infelizmente na época a gente teve vizinhos que foram muito de boa com a gente, que eles viram que a gente estava plantando e eles mandaram uma carta falando para gente parar de plantar no “outdoor”. E depois disso a gente começou a fazer “indoor” nessa época, então eu tive essas experiências com os dois tipos. O “indoor” também dá uma qualidade muito boa também, você tem as condições ali mais controladas, mas tem essa questão do custo de energia, pois a conta vem mais alta.

“Maria Joana”: Meu cultivo nunca foi “indoor”, sempre “out”, pois eu nunca tive espaço nem dinheiro para fazer “indoor”, pois tem de ter lâmpada, não sei mais o quê.

“Ramos”: Eu também quando tive essa experiência foi porque um dos meninos já tinha tido todo esse equipamento e experiência, ele já tinha plantado “indoor” antes, porque realmente se fosse para adquirir todos os equipamentos seria difícil. Mas hoje em dia dizem também que com as lâmpadas de “led” tudo ficou muito mais barato fazer. Mas na época, que eu lembro que a gente plantava com as lâmpadas de vapor de sódio, que precisava de reator, e ela também tem um consumo muito mais alto porque ela precisa de bastante energia na forma de calor, aí acaba que diz que diminuiu mais o custo, mas naquela época era bem caro o preço do reator e da lâmpada. Aí a gente só fazia porque ele já tinha todos os equipamentos.

Eu: E o uso do “verde”, vocês conseguem ser autossustentáveis? Ou é só de vez em quando que tem? Como seria o uso especificamente do “verde”?

“Maria Joana”: De vez em quando, porque a gente não tem um cultivo programado para fazer todas as etapas da planta e o tempo todo estar gerando a flor, então a gente não consegue fazer isso, igual hoje, a gente tem três vasos, e quando for colher elas serão colhidas ao mesmo tempo, e até ter outras demora um tempo, e a gente acaba fumando do “prensado”.

“Ramos”: Pois é, eu acredito que posso até estar errado, mas eu acho que para o uso conseguir se sustentar das próprias plantas seria até mais fácil no ciclo “indoor”, você ter plantas um pouco menores e que daí você consegue pegar isso em menos tempo e fica mais fácil de você ter todas as etapas. Pode até muitas vezes, que nem nessa época naquela casa, quando a gente fazia “indoor”, a gente tinha dois ambientes, o de vegetação e o de floração, então acaba que a gente conseguia deixar umas vegetando e outras florindo, e quando colhia as que estavam florindo, iam para florir as que estavam em vegetação, e a gente já tinha tirado os clones, e esses iam para a vegetação. Aí conseguia ter um ciclo mais contínuo, e hoje em dia é mais difícil fazer isso.

Eu: Vocês já pararam de usar ou plantar maconha? Já pensaram nisso? Desde quando vocês começaram a usar já plantam? Ou começaram a plantar muito depois de usar?

“Maria Joana”: Tipo, a gente não tem uma frequência certa de plantar, a gente nem sempre planta. E você perguntou se eu fiquei sem fumar ou plantar, eu fiquei 3 anos sem fumar, não queria fumar mais e fiquei 3 anos sem fumar.

“Ramos”: Eu acho que do plantio mesmo eu fiquei um bom tempo sem, só agora que eu voltei a plantar, eu acho que o momento agora é novo. Até porque essa galera que eu morava no sítio e depois, tipo, eu me mudei, eu tinha saído do Brasil para um intercâmbio, e quando eu voltei daí a casa lá não tinha mais vaga, essa galera foi presa, né! Inclusive! Então eu acho que isso abalou muitas pessoas do nosso grupo, quando você tem uma galera conhecida sua que foi presa, eles não ficaram muito tempo presos, acho que foi uma semana, mas deu para dar uma assustada em todo mundo.

Eu: Eu me lembro desse episódio, foi em 2014?

“Ramos”: Sim, foi em 2014, isso mesmo.

“Maria Joana”: E fizeram um circo na cidade, na imprensa...

“Ramos”: Eu lembro que eu convivia com essa galera, são pessoas normais e estudantes como outro qualquer, mas assim, na universidade a galera coloca...

“Maria Joana”: Nas reportagens a galera colocou mais de 100 pés de maconha, mas na verdade era tudo “clonezinho” assim [mostra um tamanho entre o dedão e o indicador]...

“Ramos”: Sim, sim, tudo pequeno, dava nada...

“Maria Joana”: Nem todos iam vingar [sobreviver], alguns não iam crescer...

“Ramos”: É, e a galera falando também, tipo assim, no “Facebook” e redes sociais, que eles eram uns monstros, não respeitavam a sociedade, então você vê o quão problemático é isso, que aqui a galera da universidade nossa e a sociedade vê isso como algo tão perigoso como um assassino, ou estuprador, ou assaltante, uma pessoa que planta maconha.

“Maria Joana” e “Ramos” também começaram a fumar e plantar em momentos distintos, ambos começaram primeiro a fumar e depois, através das relações sociais que estabeleceram, a plantar. “Maria Joana” experimentou o primeiro “verde” na Bahia, e dentre os nove entrevistados ela foi a única pessoa que não teve o primeiro contato com a maconha desse tipo em “Greenville”, enquanto “Ramos” e os demais entrevistados também conheceram o “verde” em “Greenville”, e a partir de então começaram a ter outra relação com o uso quando resolveram a plantar. Ambos relataram que a quantidade que plantam não é possível para sustentar os próprios consumos, então eles têm de recorrer ao comércio ilegal para conseguir manter o consumo diário.

Por fim eles terminaram as falas dessa primeira questão relatando sobre algumas prisões ocorridas em “Greenville” em 2014, apontando como percebiam as reações inerentes às punições formais e informais sobre a prática. Em suas falas foi possível constatar como que o termo maconheiro como um ato de acusação moral e social que, no Brasil, se constitui como um dos rótulos de estigma recorrentemente acionados no dia a dia (VELHO, 1981) e, além disso, também nesse contexto o uso social recreativo da maconha assume uma dimensão política quando os envolvidos optam por plantar a própria maconha.

Depois fiz a entrevista com “Ruderal”, em 30/06/2018, e decorreu o seguinte.

Eu: Por que e como você começou a usar e a plantar maconha, como ocorreu esse processo em sua vida?

“Ruderal”: Eu comecei a fumar quando eu tinha uns 14 a 15 anos, e sempre mexi com plantas em casa, e desde sempre eu comprava maconha “prensada” e via as sementes, eu já ficava curioso para germinar, quando eu tinha uns 15 ou 16 anos eu coloquei para germinar as primeiras sementes, e não consegui chegar ao final do ciclo porque eu morava com a minha mãe, e quando elas começavam a ficar muito grandes eu tirava de lá ou eu matava, velho! E sempre que eu tirava de lá eu nunca consegui um lugar seguro para continuar o ciclo também, e eu também não tinha informação o suficiente para entender a planta ainda. Mas, aí eu acho que depois que eu entrei na universidade, comecei a frequentar república dos amigos e tal, aí eu comecei a presenciar os ciclos, a planta fêmea, a planta macho, a galera começou a

comprar sementes fora do Brasil e começaram a trazer genéticas já melhoradas, que a galera usa hoje em dia, e a partir daí que eu comecei o processo, ainda na graduação eu fui morar com outro amigo, a gente montou uma república, e foi a primeira vez que eu fiz o ciclo inteiro da planta, e a gente deve ter morado lá um ano, deu pra gente fazer dois ciclos tudo de semente. E foi assim que eu comecei a plantar, e depois, quando eu terminei a graduação eu fui morar fora do Brasil, fazer um intercâmbio, eu conheci uma galera que tinha nos EUA isso, eles tinham uma licença medicinal para plantar cannabis, e lá, foi lá que eu tive assim um banho de informação agrônômica sobre a planta, sobre o cultivo mesmo, do que ela precisa ali nas fases, como clonar a planta, saca? Várias coisas, vários processos de aumentar a produção, para mim foi uma revolução depois que eu conheci essa galera lá, e inclusive eu comprei uma literatura totalmente especializada na área e tudo mais. [...] no começo a gente usava semente, depois a galera começou a trazer essas sementes ‘gringas’, que vem de fora do Brasil, e como as sementes custam caro e é difícil ficar mantendo o ciclo de semente, para você ficar produzindo semente é um pouco mais complicado do que o processo que a gente acabou adaptando aqui, que é a clonagem. Então a gente compra as sementes, seleciona as melhores e a partir dali a gente começa a tirar os galhinhos dela e a fazer clone delas mesmo, e vamos mantendo elas produzindo só com os clones, né! E de vez em quando a gente renova, compra sementes novas, não com tanta frequência, entendeu?

Eu: Entendi. A sua forma de cultivo, igual você me mostrou ali, é “outdoor”, né?

“Ruderal”: É “outdoor”, é custo baixo, né! Custo baixo de energia, de substrato, a gente tem um conhecimento de fertilidade legal, de como preparar um substrato legal, que a planta não vai precisar de tanta coisa depois e durante o processo que ela vai ter ali no vaso muita coisa que ela precisa, e a gente dá só um complemento com outros fertilizantes orgânicos que a gente tem também, que está no mercado aí, você pode comprar hoje legal no Brasil em qualquer loja aí de hidropônico, de casa de plantas, você pode comprar esse adubo, ele é específico para cannabis, por incrível que pareça, mas ele é vendido também para outras plantas, você pode aplicar aí também no seu tomate, morango, não tem problema nenhum, ele é de cunho orgânico também, sacou?

Eu: Saquei! Você já parou de usar ou plantar alguma vez? Ou por algum motivo teve algum problema?

“Ruderal”: Não, eu já tive umas pausas assim, de plantio, porque tive que viajar, uma vez também teve um episódio de polícia, mas não foi aqui e nem nada. A gente teve um susto aqui perto de onde a gente mora, e a gente deu um tempo, só para esfriar mesmo e ver se tinha

alguma coisa errada, né! Foi só um mal entendido mesmo, e já tem, sei lá ao certo, mas uns 8 anos que eu não compro maconha dessa “prensada”, que eu não me envolvo com o tráfico. O tempo que eu morei nos EUA também, lá eu consumia maconha ilegal, às vezes, dependendo no Estado em que você está. Só que lá é coisa de outra qualidade, né cara! Não é igual aqui, que além da gente consumir um produto ilegal, a gente consome um produto insalubre também, um produto sem controle de fungos, [...] o interessante é que ele não tenha semente também, né cara? Isso é uma das coisas também do cultivo que você tem de ficar atento, nos machos e nas fêmeas, separar. Se você tem interesse de produzir semente, você seleciona os machos, separa e usa na hora certa, porque senão sua planta vira só sementes. E esses prensados, esses não tem controle nenhum, não tem cuidado nenhum, você não sabe o que jogou ali para adubar, você não sabe o que os caras fazem naquele processo, chega um produto em sua mão que você não tem nada, ninguém tem que te dar satisfação nenhuma, muitas vezes você tem de subir em um morro para buscar, se envolver com coisas que transformam a coisa. Igual eu te mostrei ali o tamanho do espaço que eu uso para cultivar minhas plantas, sabe? O que isso tira aqui no meu quintal? O quê isso está oferecendo de risco para a sociedade em volta de mim? Isso não é nada, cara! Não tem nada ali, se têm ali uns vasos com plantas, para mim facilita a vida, já tem uns 8 anos que eu não me envolvo com o tráfico de drogas, subir o morro, ou ir ali buscar com o fulano, ligar para o outro ciclano, sabe? Eu tenho aqui na minha casa o processo inteiro. Se um dia a polícia entrar aqui, tipo assim: “Massa!”. Eu não tenho nem medo e nem nada, eu consigo provar que é para o meu próprio consumo, sabe? E outra, eu não sou a parte da sociedade que a lei é mais agressiva, eu já tenho um nível educacional mais elevado, minha ‘raça’ aqui é considerado como branca, eu sou considerado branco, então para mim é um pouco menos complicado do que para uma pessoa de baixa renda e que tem a mesma situação que eu, e possa fazer a mesma coisa e seja dele, eu tenho certeza que ele vai enfrentar muitos mais problemas, às vezes, do que eu para conseguir provar que aquilo era só pra ele consumir e ficar tranquilo.

“Ruderal” começou a fumar maconha jovem, com 15 anos de idade, e isso também decorreu através de suas redes de amizades e interações. Relatou que já naquela época colocou as primeiras sementes para germinar, tendo as primeiras experiências e relações com alguns ciclos da planta, mas não conseguiu completar o ciclo e colher para fumar, pois morava com a família e isso foi um grande empecilho. Também foi afetado e posto em movimento pelo “verde” pela primeira vez em “Greenville”, até mesmo porque este ator é o único nativo da cidade que foi entrevistado, e esta é uma cidade propícia para conhecer

relações para conhecer essa modalidade de maconha. Posteriormente, quando foi morar em república e se associou a uma rede de relações morais em torno dessa prática, conseguiu fazer o ciclo completo da planta e ter suas primeiras experiências bem sucedidas. Achei interessante que têm 8 anos que “Ruderal” não compra maconha, e ele é o entrevistado que há mais tempo consegue plantar e sustentar seu consumo, tendo uma relação diferenciada com este inumano. Outros cultivadores que também conseguem se sustentar com suas plantas são “Ronaldo” e “Gilberto”, mas tem pouco tempo, pois pelo que eles me relataram, eu pude perceber que o sustento próprio deles tem pouco mais de um ano. “Ruderal” então diz que foi motivado a plantar para não comprar, não consumir um produto insalubre e que não tem controle de qualidade, assim como os demais entrevistados.

A última entrevista foi com “Violão”, em 05/07/2018, e ele disse o seguinte.

Eu: Então vamos lá. Por que você começou a usar e a plantar maconha?

“Violão”: Cara, a usar, como eu estava te dizendo, acabou sendo mais pelo meio no qual eu estava envolvido né. As pessoas já utilizavam e aí tem esse “Q” também, da rebeldia né! Daquilo que não se pode fazer [...] é sempre mais saboroso, né! Daí eu tive a minha primeira experiência num campeonato de skate e ali eu não gostei muito, foi assim [...], normalmente caminhando, não sabia pra onde estava indo, quando vi eu já estava no meio de uma roda de maconha, tá ligado! Aí chegou um perto de mim e falou: “Fuma aí”. Respondi: “Me dá isso aí, me dá isso e tal”. E fumei. Aí eu não gostei muito, cara! Mas como eu estava envolvido no meio de pessoas que já usavam, ali por volta dos meus 15 anos de idade, meu amigos já usavam também, então já tinha experimentado, disse: “Por que não, né?”. Fui usando, usando, usando, depois acabou se tornando rotineiro assim mesmo. E ao passar do tempo, dos tempos, assim foi formando outros sentidos, né! A gente sabe do problema que o tráfico gera e do problema que gera o tráfico, né! Então assim, sabendo dessas coisas, tendo acesso a algumas leituras e as experiências vindo, o uso vai tomando outro sentido e acarreta levando a ideia do plantar pra quebrar com essa lógica de fomentar o tráfico e, no fim das contas, acaba sendo o que é mais enviesado assim pra se conformar, por exemplo, a nossa legislação de drogas é a luta contra o tráfico. Então, acho que a minha parte é por aí, né! O plantar vem dessa ideia. Plantar vem da ideia de consumir também algo de qualidade, algo que a gente sabe que de qual foi todo o processo e algo que você cuidou. Então a ideia de plantar assim foi unicamente isso, assim traçando essa coisa do produto de qualidade, e também pra poder se de fato existir a guerra contra o tráfico, a minha contribuição, ela vai nesse sentido, de não fomentar mais violência.

Eu: Eu vou te fazer uma pergunta que não está aqui no roteiro. Qual foi a primeira vez que você entrou em contato com o “verde”?

“Violão”: Ah sim! Cara, isso foi uma experiência bacana! Foi, eu me lembro bem. Foi em 2007. Foi em 2007 no município “Greenville”. Eu fui prestar vestibular e ali eu acabei numa república onde eu não conhecia as pessoas, mas um grande amigo meu que estava comigo me levou, lá eu conheci o pessoal e ali não só tive o primeiro contato com o “buddie”, como tive também o primeiro contato com o cogumelo, chá de cogumelo. E assim, todo processo do “buddie” era diferente, até então como eu só conhecia só o “prensado”, a qualidade era outra, a forma de fazer o cigarro, fazer o cigarro de maconha, de fazer o baseado era muito diferente, fazer ali na mão mesmo. Eu fazia ali no caso com o “prensado” ali na mão mesmo e... O cara colocou o “verdinho”, o “buddie”, com todo o cuidado ele pegou assim o negócio bonito, eu cheirei, que cheiro gostoso! Ele colocou dentro de um copinho de vidro, pegou a tesoura e começou a cortar, eu perguntei: “Por que você não corta na mão?”, “Porque se não os cristaizinhos agarra tudo na mão”, ele respondeu. Aí o processo era todo diferente, quando dei o primeiro trago naquilo, que coisa maravilhosa! Que isso, nossa! Que explosão de sabores! Era boa! Que coisa linda, cara! Foi bom demais! Foi bom demais e foi uma viagem com maconha como eu nunca tinha tido até então, né! Inclusive a qualidade, como eu estou te falando, envolve tudo isso né: o sabor, a qualidade da viagem que você tem também, do ativo, princípio ativo da reação que ele causa em você é muito diferente. O “buddie” é muito melhor, ele está muito à frente. É isso!

“Eu”: Isso te motivou a vir plantar depois? Quanto tempo depois?

“Violão”: Demorei alguns anos, mas com certeza depois que eu experimentei isso já ficou guardado na minha cabeça: “Nossa, você está maluco, eu preciso plantar, eu preciso ter isso, eu preciso ter acesso a essa maravilha”. Assim mesmo, sacou? Todo dia da minha vida.

“Eu”: Entendi. Quais foram as principais formas de cultivo? Como que você cultivou?

“Violão”: Eu te falei, tive uma única experiência assim em que eu concluí todas as etapas de produção. As outras foram mais de ver, ou então de estar morando com pessoas que cultivavam. Então o processo, o que eu experimentei ali foi o tido: eu comecei com a germinação da semente, com uma receitinha ensinando como é [...]. Arrumei a semente, fiz vários, porque sempre ouvi dizer que poderiam dar muitos machos. O pé bom é a fêmea, né! [...] Então germinei várias sementes, fiz ali por volta de 18 a 20 pés, 18 a 20 mudas, e fui deixando com que elas crescessem em alguns vasilhos, tudo “outdoor”. Fotoperíodo extenso

também ao longo de todo dia, tomando sol o dia inteiro e à medida que elas foram crescendo fui passando para vasos maiores, proporcionais aos tamanhos delas, [...] não ficou muito boa não, mas tá de boa. Fui deixando em vasilhinhos proporcionais aos tamanhos delas até que elas começaram a apresentar traço. Até que elas começaram a apresentar traços de que seriam macho ou fêmea. E aí o pessoal fala, os que me indicaram, outros amigos que também cultivam me indicaram a matar os machinhos. Deixar só as fêmeas. Então quando chegou a esse ponto eu lembro que fiquei com cerca de, desses 18 a 20, eu fiquei com cerca de 6 mudas, 6 pés já nesse momento já eram pés né. O processo todo demorou cerca de... Da germinação até a colheita e o fumo até tá pronto pra consumo né, foi cerca de um ano mais ou menos. E aí como, eu estava dizendo, matei os machos, fui deixando as fêmeas, e a terra também tem que ter um suplemento ali de proteínas, de nutrientes bastante grandes também, como é uma planta dos trópicos, ela demanda muito, e ela acaba também por ter esse período muito extenso assim, acaba evaporando também por muito mais água, tendo uma evapotranspiração maior. Então ela demanda alguns cuidados assim que são diários. Só que aí chegou num certo momento que a gente percebeu que em casa que ela poderia ter sido um pouco mais, a gente tinha uma área boa do lado de fora de casa, a gente colocou ela ali, sacou? Tipo na terra direto [...], e começamos a adubar mais a terra, colocar produtos orgânicos também, sempre, colocamos dentro de uma composteira, aí ela cresceu, cara, quase 2 metros de altura. [...] Eu fiquei surpreso com aquilo então. Mas aí depois, no final, eu acho que com as outras ficou faltando, porque não estava parecido com aquele que eu tinha experimentado daquela vez. Então foi mesmo uma experiência, mas eu tenho vontade de fazer mais uma, fazer mais uma experiência, e agora já eliminando os erros que aconteceram nessa primeira, né! O “buddie” ficou um pouco magro, não ficou tão saboroso [...], mas muito melhor do que o “prensado” que a gente pega a partir do tráfico, né!

Eu: Plantar foi só uma experiência?

“Violão”: Plantar foi uma experiência, mas como eu te disse, eu quero ter uma nova assim diminuindo esses erros que aconteceram na primeira né, pra poder ter um de qualidade mesmo. Inclusive eu até estou com umas sementes aqui já no jeito, uma caixinha aqui, semente pra germinar movimentos aí e ver quantos vão dar e tentar fazer outro processo que eu consiga criar a plantinha até ao ponto dos “buddies” ficarem robustos, verdes, bastante cristalizados, isso demanda uma atenção maior do que a que eu tive na primeira experiência. Então, eu acho que agora, e até eu acho que essa nova experiência também de plantar novamente assim vai ter um outro sentido quanto teve a primeira, porque aquela primeira ali,

como te falei, foi uma experiência e a gente: “Coloca, coloca”, “Vai dar certo, vai dar certo”, vai meio na raça ali mesmo querendo fazer, mas acaba que não saiu muito bem do jeito que a gente queria. Mas a segunda vai rolar, a segunda vai rolar. E aí se der certo, continuo, faço mais um. [...] E é verdade, cara! Essa ideia do cultivar assim o “buddie”, ela traz uma característica de militância também, eu boto fé, tá ligado! Tipo... A gente conversa com outras pessoas, eu conheço algumas pessoas que ‘tão’ envolvidas no meio, tanto político. Político está sempre envolvido, né cara, na real. Mas tá envolvido na militância, tá envolvido na produção, tá envolvido na troca de informações que a produção demanda, no mercado e tal. E tá ali, tem acesso, só que ainda bastante mal vista. A gente tá chegando nessa parte também de conversar a respeito desse caráter moral assim que é colocado sobre o uso de cannabis, [...]. Mas é isso. Vai rolar sim uma experiência, com certeza, cedo ou tarde. Ainda não tem: “Ah, vou fazer tal dia, tal situação”. Vai chegar o ponto e eu quero, eu sou um cara que eu gosto de ter bem controle das coisas, na real, tá ligado! E aí tipo, que eu quero pra poder começar, eu quero ‘tá’ com uma grana na mão em que eu vá embaixo ali e consiga pegar um adubo orgânico de qualidade na mão do produtor que mora lá longe, só que pra isso também demora ir lá buscar, né! Ali embaixo comprar uns nutrientes pra colocar na planta, ou então pelo menos uns pra fazer uma composteira daqui a um tempo ter uma terra de qualidade, ter um orgânico de qualidade, e aí eu posso começar essa produção. Aí eu vou germinar essa semente quando eu tiver com essa certeza, porque como eu disse, eu quero uma coisa dessa vez que realmente sobressaia a anterior.

“Violão” também começou a fumar muito jovem e foi levado a isso, como ele mesmo disse, devido ao meio da rede de interações que estava envolvido, e embora não gostou na primeira vez que fumou, ele continuou o consumo porque se agregou na rede moral dos fumantes. Disse que foi afetado por um “verde” pela primeira vez quando foi prestar vestibular em “Greenville”, no ano 2007, e que desde então já começou a pensar em plantar, e veio fazer isso muito tempo depois. Depois começou a plantar, pois a partir de suas reflexões, viu que assim poderia consumir uma maconha de melhor qualidade, além de não precisar comprar e não financiar a “violência” proveniente do “tráfico”. Mais uma vez aparece a questão de desvencilhar a imagem da imagem do “traficante”, o que me parece uma tentativa de limpeza simbólica. A “limpeza simbólica”, conforme sugerido por Machado (2008), seria uma tentativa de separação que os moradores das favelas tentam fazer de si para com os traficantes, uma vez que as desaprovações morais dos primeiros em relação aos segundos se constituem como fronteiras morais para os separarem. Algo semelhante, mas não idêntico à de

Machado (2008), em relação à limpeza simbólica, se apresenta nessa pesquisa, uma vez que os plantadores-usuários sempre buscam separar suas imagens da dos traficantes, inclusive às vezes compram o ideário de que o “traficante” é de fato um dos maiores inimigos da sociedade brasileira para assim tentar constituir uma fronteira moral entre suas práticas. Durante a gravação ele escondeu que planta, mas depois da entrevista me mostrou duas plantas no quintal e inclusive permitiu eu expor isso no relatório final de pesquisa, embora não me deixou tirar fotos. Essas plantas não dão para prover o sustento próprio e ele tem de recorrer ao comércio ilegal para conseguir manter seu consumo diário, mas que são para ter um fumo diferente para ocasiões específicas.

Em suma, deste subcapítulo pode-se concluir que, a partir do espectro dos pontos de vistas dos entrevistados, que tanto começar a fumar, como já foi percebido por Becker (1952), quanto plantar, são práticas que se estabelecem a partir de relações sociais e de interações específicas de suas redes morais de amigos. Essas relações sociais são firmadas a partir das redes morais específicas de suas redes de interações e, sendo assim, as associações morais estabelecidas em parte de suas redes agregam atores morais que adquiriram o gosto de fumar e, posteriormente, de plantar a própria maconha, alterando a relação entre humano e inumano, configurando um novo sentido para esta relação de afeto e determinação de sentimento de simpatia e afeição. Foi observado que em alguns casos fumar maconha era visto como um tabu a ser quebrado e, depois do tabu ser quebrado, a prática de fumar, assim como de plantar, passa a ser algo normal e ganha uma conotação inócua. Existem então alguns sentimentos e ideias comuns entre esses atores entrevistados que os agregam moralmente, pois suas práticas configuram uma moral *sui generis*, e daí suscita uma solidariedade específica. A partir dessa solidariedade essas pessoas estabelecem outras relações sociais, como de reciprocidade, reconhecimento e aceitação moral.

4.2. As vantagens e as desvantagens sobre cultivar a própria maconha

Como pôde ser percebido na seção anterior, que apesar de ter sanções legais, muitas pessoas plantam sua própria maconha assim mesmo. Ninguém deixa de fazer algo porque é proibido, mesmo que a proibição inflija punições formais e informais severas, assim como condenações morais diversas. As transgressões dos controles sociais, tanto os formais quanto informais, podem ser vistos como uma escolha resultada da apreciação dos benefícios e ônus interligados às diferentes opções de ações, de modo que a moral se constitui através de uma série de interconexões de motivações morais entre diferentes atores sociais, que no caso do uso e plantio de maconha vão desde a iniciação, continuação e/ou cessação do ato,

centralizando as escolhas e os processos de decisão no ato de se envolver com a droga (BERGERON, 2012). Os atores que plantam e usam maconha – conforme a perspectiva proposta por Magalhães (1994) – podem agir de tal maneira porque acreditam dogmaticamente que podem contornar uma ordem para estabelecer uma “boa” ordem. Os atos de plantar e consumir maconha para diversos fins, sobretudo o recreativo, podem também perpassar por uma série de entrelaçamentos de escolhas dos atores que compõem a malha desse plano cartesiano moral, ou seja, das associações dessa rede moralmente tecida e configurada. Nessa perspectiva, foi feita a seguinte pergunta aos entrevistados: Do seu ponto de vista, quais as principais vantagens e as desvantagens de cultivar maconha para o uso próprio? Segue então as respostas dos entrevistados para essa questão.

A resposta de “Maestro” em 25/04/2018: A principal vantagem é você fumar uma parada de qualidade, e dependendo do uso que você estiver fazendo, por exemplo, se você tiver tendo um problema para concentrar para alguma coisa, com problema para estudar, você não vai fumar uma maconha tipo uma sativa boa, por exemplo, se eu tivesse oportunidade, eu ia ter sementes automáticas de sativa e de indica, com três meses eu ia colher só indica e com três meses eu ia colher só sativa e ia deixar guardado para fumar só aquilo ali, porque assim você pode escolher a onda da maconha, porque você sabe se ela é “sativa” ou “indica”, você pode escolher uma maconha se você quiser dormir, por exemplo, você só fuma “indica” mais forte. A vantagem de ser “*grow*” é essa, você pode escolher a espécie que vai plantar e a espécie que vai fumar, se você tem grana para comprar sementes ou se tem gente para te dar, né! E você vai fumar uma coisa de qualidade, você vai saber que é uma parada que, tipo assim, não vem mofada, não tem crescimento de bactérias, é outro sabor, outra qualidade, e é uma parada que não tem muito porque você estar restrito de plantar uma parada dentro de sua casa, a vantagem é que é só uma planta como qualquer outra planta que você vai colocar uma semente para germinar e depois você vai só colher ela, se a gente tivesse plantando alecrim pra fazer chá e vender, seria outra parada, está ligado! E a maior desvantagem é porque é ilegal, é a única desvantagem que eu vejo de plantar maconha.

Eu: Qual a desvantagem em ser ilegal?

“Maestro”: O risco, só o risco.

Eu: A ilegalidade traz um risco, né?

“Maestro”: É! A ilegalidade é sem sentido, né!

Como benefícios de plantar a própria maconha, “Maestro” expôs alguns pontos interessantes, como a qualidade e poder escolher o efeito psicoativo através da escolha da

espécie que pode plantar. Outra coisa é ser afetado melhor pela maconha, uma vez que a “prensada” pode vir mofada, com fungos e bactérias diversas, de modo que a saúde do maconheiro sofresse menos danos. Como desvantagem “Maestro” relata uma coisa que soou como um coro entre os entrevistados, o aspecto ilegal de plantar a própria maconha. O único ônus seria praticar algo ilegal, uma vez que a ilegalidade traz o risco do “*grower*” virar uma vítima perante a lei ao ser autuado como “traficante” e ser encarcerado. Interessante notar que a limpeza simbólica em relação ao “traficante” é algo que aparece recorrentemente.

Também fiz a mesma pergunta para “Ronaldo” e “Gilberto”, em 28/04/2018, na primeira entrevista que realizei com duas pessoas simultaneamente. Perguntei: Então, assim, do ponto de vista de vocês, quais as principais vantagens e desvantagens de cultivar a própria maconha para o uso próprio?

“Ronaldo”: Na minha concepção, depois que eu comecei a plantar e tive a experiência de colher meu primeiro pé, eu fumei muito menos maconha por valorizar mais a maconha, e ver que não é aquela coisa absurda, e por eu estar aprendendo, eu também não tive muito, então eu tive que aprender a controlar um pouco mais, e gostei muito mais, igual eu te falei, a onda para mim é completamente diferente, então eu preferi muito mais usar da maconha plantada do que a prensada, e você? [Ele mesmo perguntou para “Gilberto”].

“Gilberto”: As principais vantagens...

“Ronaldo”: Fala logo, “Gilberto!” [“Ronaldo” que chamou “Gilberto” por esse nome, pois ele ficou um pouco irritado por “Gilberto” falar seu verdadeiro nome durante a gravação, e apesar de “Ronaldo” ter ficado um pouco irritado, a situação foi seguida por muitos risos de todos].

Eu: “Gilberto”, é assim que vou colocar seu nome fictício no relatório da pesquisa, tá? “Gilberto!” [muitos risos de todos novamente].

“Gilberto”: Então, as principais vantagens, além de você fumar uma coisa de qualidade e ter uma onda muito boa, você gasta menos dinheiro, muito menos dinheiro do que comprando, e subindo em favela, porque é perigoso, você corre o risco de “rodar”, corre o risco de ser assaltado, você está contribuindo para o tráfico, saca? É que tem muita coisa envolvida nisso, tem crianças de 10 anos e que não sabe nem o que está fazendo lá, saca?

Eu: E desvantagens? Tem algo que vocês gostariam de acrescentar?

“Gilberto”: Essa é uma das desvantagens, né? Você está contribuindo para isso tudo.

“Ronaldo”: Eu acho que desvantagem é só a cultura, na minha concepção, a repressão que a gente recebe pela sociedade.

Para “Ronaldo” os benefícios de plantar a própria maconha é valorizar mais o que se colhe, e sua fala também aponta para uma relação diferenciada com a planta, ou seja, outra relação entre humano e inumano, esta que se apresenta bem diferente quando se trata da relação com a maconha “prensada”. Por dar mais valor à planta que colhe, ele também deixa evidente que desta forma passou a controlar mais o consumo, isto é, fumar menos maconha. Sendo assim, ele preferiu deixar de fazer uso do “prensado” e usar apenas a maconha plantada por si e para si. “Gilberto” relata como principais vantagens ter um produto final de qualidade superior aos produtos oriundos do comércio ilegal. Alega que plantar a própria maconha é não contribuir para o tráfico e suas consequências. A limpeza simbólica e moral reaparecem.

Sobre as desvantagens eles não falaram muito, “Ronaldo” apenas salientou que a desvantagem é a repressão que quem planta sofre, não apenas da lei, mas também do julgamento da sociedade, ou seja, das regras informais. Ambos deixaram transparecer que sabem que aquilo que fazem também é ilegal e imoral, e que isso pode acarretar consequências para eles, mas eles concebem que plantar a própria maconha é menos errado e menos danoso do que adquirir do tráfico, que também é considerado ilegal e imoral, inclusive por eles mesmos. Existe então uma tentativa, por parte dos usuários-produtores, de tentar separar a sua moral do que seria a moral do mal afamado “tráfico” de drogas.

Sobre a mesma pergunta, “Samba” responde em 04/05/2018: É como eu te falei, né! Tipo assim, no meu ver a principal vantagem é essa, é não contribuir com o tráfico, de poder usar a droga, a substância sem me ligar a isso de certa forma, porque assim a gente participa indiretamente de toda a cadeia do tráfico, então a minha ideia de plantar é justamente por isso, de poder quebrar essa cadeia, ser mais um a poder quebrar isso. E desvantagem são as leis que a gente tem hoje, eu não posso fazer isso legalmente, eu posso ser enquadrado como um traficante, mesmo que a minha proposta seja acabar com o tráfico, e a gente acaba sendo refém de uma legislação que acaba que não julga adequadamente, é o risco que a gente corre.

A partir da resposta de “Samba” pode-se observar o início da saturação dos mesmos argumentos para os benefícios e ônus de plantar a própria maconha. Ele também relata que é uma forma de não contribuir para o “tráfico”, reafirmando a forte representação contra o que é considerado “tráfico” de drogas, além de poder usar uma substância de melhor qualidade e menos insalubre. Existe uma ciência dele de que plantar a própria maconha também é errado e não está em conformidade com a lei, mas ele considera que o “tráfico” é pior, isto é, mais imoral do que plantar a própria maconha. O único ônus que considera para sua prática também é o risco de ser preso e virar vítima das regras formais e informais ao possivelmente

ser enquadrado como “traficante”. A partir das próximas entrevistas a saturação dos mesmos argumentos ficaram cada vez mais evidentes.

Em 10/05/2018 “Shangri-la” disse: A vantagem é só vantagem no sentido de que se puder plantar ali você não vai querer fumar um “prensado”, você não vai alimentar o tráfico por um lado, já é uma vantagem e, você vai consumir uma planta de melhor qualidade, você vai consumir menos porque o que você vai fumar é mais forte, você não vai precisar consumir tanto quanto uma planta dessa [ele apontou para o baseado que estava fumando], quanto um prensado. A desvantagem é dependendo da casa que você mora é o gasto, se você não tiver um terreno pra você fazer fora, “outdoor”, você vai ter um gasto com energia, você vai ter que fazer uma estufa. Mas se você tem o terreno, a desvantagem é a preocupação é de ficar visado e alguém denunciar, porque, eu acho pra mim, eu tenho a concepção que a principal causa de pessoas que plantam serem presas, rodar com a polícia, é denúncia, denúncia de vizinho que viu, gente conservadora. A principal causa que é uma questão até cultural, né! E isso é uma desvantagem, é essa questão de você poder ser a qualquer momento preso, essa é a única desvantagem que eu vejo nisso de você plantar. [...] É a ilegalidade da parada, é você ficar à margem, né?

Sobre as desvantagens “Shangri-la” trouxe algumas novidades, que é o gasto, uma vez que se a pessoa não puder fazer o plantio “outdoor” ela terá um alto gasto com energia, mas podendo fazer “outdoor” também existe a preocupação com as possíveis denúncias, coisa que ele acredita ser o principal fator de problemas com a polícia e com a lei, pois as denúncias seriam uma das formas da cultura popular julgar a prática como ilegal e moralmente errada. “Shangri-la” expressa um sentimento de que as regras e os julgamentos informais são mais severos que os formais, uma vez que ele acredita que através do primeiro é que se chega ao segundo, ou seja, por meio dos julgamentos morais de vizinhos é que as pessoas se sentem na obrigação de denunciar para a polícia, fazendo com que os cultivadores sejam vítimas dos julgamentos morais informais antes mesmo dos formais.

Também responderam sobre isso “Maria Joana” e “Ramos”, em 22/05/2018:

“Maria Joana”: Eu acho que a vantagem é a qualidade, que você deixa de comprar esse outro que vem mofado, com amônia. E também você não está contribuindo também com o tráfico, que aí você pode estar plantando sem estar nesse círculo de violência, que você vê nas periferias... e essa coisa também que a gente sabe que é ilegal, aí você acaba que fica com medo por estar correndo o risco também, tendo que comprar. Mas ao mesmo tempo de ter em casa é a desvantagem que você também corre um risco de alguém te denunciar e você também

rodar por causa de uma planta que você tem em casa, e igual o “Ramos” falou, e você é taxado como um marginal só porque você tem uma planta dentro de casa.

“Ramos”: É... Eu acho que eu fui contemplado pelas falas dela, porque é bem isso, porque a principal a desvantagem é essa, é a questão de correr o risco e grande parte das pessoas que eu já ouvi que tiveram um problema com a polícia em geral é questão de denúncia mesmo de vizinho, esse tipo de coisa, então eu acho que isso é o mais preocupante, é a maior desvantagem mesmo.

Perguntei a “Ramos”: Tem alguma vantagem que você queira falar ou é isso mesmo?

“Ramos”: Sim, eu acho que é isso, a questão da qualidade mesmo, de você acompanhar e ver plantinha desde o nascimento.

No meio da entrevista eu me lembrei de um episódio e perguntei à “Maria Joana”: Eu acho que vi você compartilhando um vídeo no “Facebook” de um empresário, eu acho que da Califórnia, experimentando um “prensado” do Brasil...

“Maria Joana”: Sim, e no final ele fala um negócio legal, porque lá nos EUA eles têm a fiscalização contra microbiológicos, para ver se têm fungos, se tem bactéria, se pode contaminar o pulmão e dar uma doença super séria nas pessoas que fumam, por causa desses “beck” que vêm mofados, e ele fala que enquanto você não tiver uma lei que permite, e que regularize, as pessoas vão correr o risco de consumir essas coisas que nem sabe de onde vem, igual ele falou, tem de ter um controle de qualidade, onde vão pegar e vender a flor limpinha. E ele falou que isso que a gente compra aqui, eles pegam a planta inteira e ‘prensa’, depois te vende cortado em pedaços.

Como benefícios “Maria Joana” e “Ramos” disseram praticamente o mesmo dos entrevistados anteriores, e como ônus trazem a questão de poderem ser taxados como marginais por terem uma planta dentro de casa, ou seja, o risco de serem denunciados e se tornarem vítimas da lei que não só eles, mas todos os entrevistados consideram como injusta.

Em 30/06/2018 “Ruderal” respondeu: Oh, as vantagens são todas possíveis, a desvantagem é você estar fazendo uma coisa ilegal e poder do dia para a noite arrumar um problema sério assim com a justiça e tudo, mas eu continuo achando que vale a pena mesmo assim, vale a pena, o risco compensa! Se você gosta de maconha igual eu gosto, cara! Vale muito a pena! [...] E eu vou te falar, eu não posso ficar esperando a lei brasileira para tomar atitude de plantar, ainda mais num país hipócrita igual a este que a gente vive, você tem que fazer o que você tem de fazer, faz! Não espera não, porque a única coisa que se pode esperar

daqui é a crueldade desse sistema e mais nada. Então vou te dizer: “melhor viver hoje como um leão do que 50 anos como uma ovelha”.

Para “Ruderal” a única desvantagem também é praticar algo ilegal, mas ele diz uma coisa que mesmo os outros entrevistados não terem dito, serve também para todos, isto é, o risco compensa para quem realmente gosta de maconha, ou seja, para quem gosta de verdade de maconha não é viável esperar a legislação brasileira permitir e o melhor é tomar a atitude e plantar a própria maconha o quanto antes, enfatizando que do Estado e das leis a única coisa que se pode esperar é a crueldade desse sistema. Mais uma vez isso deixa evidente como a relação entre humano e inumano é mais profunda e apaixonada quando se trata de plantar a própria maconha, o que exprime uma paixão ébria pela prática de algo que é considerado tanto ilegal quanto imoral, mas que para estes atores é ao contrário, é legal, no sentido de denotação de qualidades positivas, e moral, no sentido de justo e correto. Em sua fala também acontece uma reafirmação de grande parte dos entrevistados: não querer participar do “tráfico”.

Na última entrevista, em 05/07/2018, também perguntei à “Violão”: Então do seu ponto de vista quais as principais vantagens e desvantagens de cultivar a maconha para o seu próprio uso?

“Violão”: Vou te falar sobre vários benefícios, cara. Sabe, tipo, se você compara, por exemplo, com que a gente chama de “prensado”, né? Que é o que a gente tem acesso por meio do tráfico, eu acho que, sobretudo por uma questão de, vou começar por uma questão de saúde, porque a maconha é isso. Ela não deve ser tratada como uma questão militar. Não é a polícia que deve tomar conta de usuário de maconha. É um problema de saúde pública. Não só maconha, drogas no todo. [...] Agora, pra mim, o meu cultivo caseiro aqui é não fomentar o tráfico e também não fomentar uma legislação que é completamente arbitrária. Então assim, aqui é uma coisa que eu entendo que, como eu te disse sobre controlador as coisas em um espaço que eu posso controlar, posso fazer uso dele do jeito que eu achar que é necessário e ninguém pode falar comigo o contrário né. [...] Eu acho que no todo é isso, cara. Também é ideia de a satisfação de poder saber que eu conheci todo o processo de produção daquilo que eu estou consumindo, né! É parecido, por exemplo, quando eu vou comprar, me indicam tal remédio pra alguma coisa assim, eu sempre brinco com eles, falando com a galera: “Pô, remédio que eu uso é própolis, babosa e maconha”. Só disso que eu preciso e tal, porque ali eu sei. Eu não vou à farmácia comprar remédio, tá ligado! Tipo, eu não preciso, eu não vou ao hospital assim, cara. E estou falando com você que eu não vou não é por teimosia. Eu não vou

é porque eu não preciso, sacou? Então é assim, né! Cara, por conta disso, porque sabe, eu to consumindo uma parada que eu sei que é algo que eu produzi, algo que eu vi, caso da babosa aí, tem mudas e mudas babosa espalhada pela casa afora, própolis tem, tá faltando a maconha, mas tá rolando já. O “Shangri-la” tá fazendo ali o dele também, e aí é isso, mas tem maconha aí que agora a gente conseguiu um “prensadinho” de maconha de qualidade aí e tal. Acabou rolando, tá bom de fumar mais assim.

Eu: E as desvantagens de plantar?

“Violão”: [...] Cara, desvantagem de plantar é a repressão que você sofre, né! [...] É uma parada que tem que ser um pouco mais por baixo dos panos aí, sacou! Então a gente não pode ter. Não dá pra dar muita margem. A desvantagem é unicamente isso. A desvantagem é a falta de diálogo, cara, tá ligado! [...] Maconha já é falta de diálogo. E é isso, cara. A gente não poder fazer, é até meio contraditório com o que eu disse, mas é isso! A gente inevitavelmente, eu estou querendo fazer ali o uso do meu espaço, mas eu não posso fazer porque outra pessoa pode se sentir incomodada por qualquer questão moral ou ética que ela pense assim, porque mesmo a legislação traz essa ideia, moral e ética. Legislação, poder legislativo e religião, sacou? É o que eu estou ouvindo, sacou, quando fala isso. E aí a pessoa se sente na obrigação de fazer uma denúncia e por essa ideia de cidadania, que é criado para as pessoas ao longo dos tempos. Cá pra nós, é ao longo dos tempos assim. A pessoa denuncia, cara, e dá um problema assim por conta dessa arbitrariedade que a legislação tem, né? Vai subindo as escadas, moral e ética, daí a arbitrariedade, e por fim você tá preso, sacou? Então é isso. Essa falta de diálogo é a falta de percepção das várias vozes que estão caracterizadas no uso canábico, tá ligado?

Neste subcapítulo foi possível observar que as colocações dos entrevistados foram demasiadamente permeadas dos mesmos pontos de vistas. Então, a partir dos pontos de vistas expressos pelas falas dos próprios entrevistados, pode-se concluir que os principais benefícios de plantar a própria maconha são todos possíveis. Especificamente aparecem como justificativa de eles estarem certos, a questão da qualidade do produto final de suas práticas, pois todos entrevistados acreditam que a maconha plantada faz menos mal para a saúde, visto que não possuem mofo ou amônia, além de possuir melhor sabor. Escolher as espécies que vão plantar e usar, assim como a procedência do que vão usar, também são pontos vistos como benefícios. Não gastar dinheiro também aparece como um ponto em comum, e isso faz com que essas pessoas também consumam menos maconha, pois dão mais valor ao resultado final da planta que acompanharam e se relacionaram desde o início, controlando melhor o

uso. Outra coisa que também foi expresso praticamente nas falas de todos é que suas práticas visam não contribuir financeiramente com o tráfico e a violência oriunda disso, embora nem todos possuem um plantio capaz de sustentar o próprio uso e, portanto, ainda recorrem ao comércio ilegal de maconha para poderem fazer o uso diário. Isso aparece como algo paradoxal, pois ao mesmo tempo em que tentam propor uma limpeza simbólica e moral em relação ao tráfico, ainda recorrem ao mesmo para fumar diariamente, principalmente entre os atores que não possuem um plantio que dê para prover o próprio sustento. Portanto, para essas pessoas plantar maconha é uma coisa normal, e isso não se constitui um absurdo, e como é uma coisa que está ganhando conotações cada vez maiores de normalidade entre um número cada vez mais elevado de pessoas, também tem agregado cada vez mais atores morais em torno dessa prática que é ilegal, então para quem gosta de maconha de verdade o risco compensa e fica evidente que as pessoas não vão deixar de fazer isso porque é proibido.

Em relação às desvantagens, também ecoou como um coro que o único ônus decorrente da prática é o risco proveniente da ilegalidade, uma vez que qualquer um que cultiva maconha em casa pode ser enquadrado como traficante a qualquer momento e se tornar mais uma vítima da lei. A legislação então pode ser vista como um dispositivo de poder (FOUCAULT, 1999). A repressão formal não é a única desvantagem, mas também a repressão da cultura e da sociedade, ou seja, as punições informais e os julgamentos morais, uma vez que quase todos consideraram a possibilidade de serem denunciados. Para essas pessoas a ilegalidade é uma coisa sem sentido, e o risco os coloca como reféns da lei, uma vez que a ilegalidade é um sistema cruel em que coloca os cultivadores como vítimas de suas próprias práticas, isto é, se o ilegalismo for visto como um crime, e o crime tem uma vítima, essas pessoas que plantam em suas casas a própria maconha se consideram as únicas vítimas de suas práticas e ninguém mais.

4.3. Os pontos de vistas sobre a legislação de drogas brasileira

O Brasil tem um histórico de leis que tratam de questões relacionadas ao uso, tráfico, e produção de substâncias psicoativas, e a partir de 2006 a lei no Brasil estabeleceu procedimentos para a repressão de pessoas não autorizadas à produção de substâncias psicoativas, incluindo o cultivo e produção ilícita de maconha (FRAGA e SILVA, 2017b). Desde o início do século XX, segundo Brandão (2017), começou a se difundir hipóteses que associavam o uso de maconha ao desenvolvimento de doenças e distúrbios mentais e sociais. O crime exprime um novo valor moral e, nessa perspectiva, considera-se crime atos que

invocam contra seu autor uma reação punitiva por parte da sociedade (MAGALHÃES, 1994). Nessa perspectiva, os argumentos morais se mostraram imprescindíveis para associar o uso da maconha às práticas violentas e ao cometimento de crimes, fazendo leis como dispositivos disciplinares e de controle (FOUCAULT, 1999). Porém, ao tratar as regras e sua imposição sobre os *outsiders*, estes últimos que não se conformam com tal imposição e concebem que os desvios estão nas regras e em seus impositores, Becker (2009) propõe que os estágios de imposição e conformação às regras são conflituosos, pois certos valores morais gerais que permeiam as regras formais geralmente podem ser guias insatisfatórios para ações individuais, como foi o caso da “Lei Seca” nos Estados Unidos, assim como pode ser no caso das leis sobre o plantio e uso de maconha no Brasil e em outros países.

Considera-se então que a autonomia da ação implica na concentração de poder nas mãos de quem a detém, e isso apresenta “o problema do controle da ação autônoma. A hierarquia normativa *versus* a autonomia do agente enquanto unidade de interesse” (MAGALHÃES, 1994, p. 120). Decorre daí então que, intrinsecamente à situação de transgressão e imposição das regras estabelecidas nos processos e relações entre essas pessoas, ou seja, das que infringem e impõem regras, os atores transgressores “desenvolvem ideologias completas para explicar por que estão certos e porque os que os desaprovam e punem estão errados” (BECKER, 2009, p. 16-17). Levando esses preceitos em consideração, foi indagado aos entrevistados o seguinte: (3.1) o que você pensa sobre a lei de drogas brasileira; (3.2) quais consequências você acredita que a lei pode acarretar às suas práticas de cultivo e uso; (3.3) acredita que a legislação deveria mudar; (3.4) se sim, como? E foram dadas as seguintes respostas.

“Maestro” foi o primeiro a responder e disse o seguinte sobre a questão: A lei de drogas brasileira já é muito velha, ela nem supre a demanda populacional, porque a gente tem uma quantidade de usuários de drogas muito grande, e eu acho que a lei já está defasada, pois não há propósito de proibir uma coisa em que há uma grande quantidade de usuários, assim você só vai superlotar o sistema carcerário e não vai solucionar o problema, porque é questão de, vou colocar de saúde pública mesmo, porque se você tem uma grande quantidade de usuários na sociedade, é um problema de saúde pública, você tem que tratar aquilo ali como saúde pública, e não como, sei lá, uma atitude ilícita, né? Mas o problema básico das leis brasileiras é que elas não são voltadas para o povo, né? Principalmente a lei antidrogas, pois tem um interesse muito maior das drogas continuarem ilegais, serem proibidas, elas não vão ser legalizadas, inclusive a maconha, porque ela pode trazer prejuízo para o sistema financeiro

tanto nacional quanto internacional se ela for legalizada. Se ela se tornar uma droga comum, uma droga não, uma planta comum, como qualquer outra planta. [...] Então eu acho que a lei é extremamente falha ao colocar o usuário como bandido, em colocar o usuário na mesma categoria do traficante, por exemplo, e tratar o usuário com o mesmo olhar de um criminoso, porque o usuário não é criminoso, de maneira alguma, pois ele não está cometendo delito algum, e a lei do cultivo caseiro também, porque eu acho que não faz sentido de você proibir uma planta de crescer, eu acho que faz sentido de você proibir o tráfico dela, eu acho que faz sentido proibir o transporte, isso faz sentido. Eu estava pensando outro dia se eu fosse escrever um projeto de lei sobre a legalização (passa esse cinzeiro para cá), se a gente submeter vários projetos de lei e colocar as assinaturas para ir para o Senado e Congresso, e eu estava pensando em um projeto idealizador que a galera pensasse: “Esse aqui não tem como, porque ele é muito perfeito!”, flagra? Eu acho que ao invés de se fazer usuários independentes, poderia fazer mais ou menos como fez no Uruguai, na Califórnia também tem, que tem os clubes de “*growers*”, né? Imagina se o governo legalizasse o cultivo caseiro de maconha para o uso recreativo, a minha vontade é que seria que fosse assim: “só pode plantar se você tiver filiado a um clube e só o clube pode ter posse”. Então olha como o governo faria para ganhar dinheiro: “ia ter as casas de ‘*grow*’, ninguém pode plantar em casa, é cultivo, mas não é caseiro, mas seria em um clube, mas quantas pessoas? Pode ser infinitas, mas o clube ia ter controle de quantas plantas iam estar saindo e quantas estavam colhendo, e a carteirinha de todos que são usuário”. Como eles dividem a maconha do clube, como faz, o governo tem nada a ver, se o cara chegar com 10 plantas e quiser colher as 10, ia ter espaço para ele lá, dentro do clube, e a pessoa só vai poder plantar se tiver filiada ao clube. Então vamos dar exemplo, se o cara quiser plantar em casa também, ele tem que ter no clube que ele tirou para levar para a casa dele, no máximo, sei lá, cinco plantas por casa, e o cara levou do clube para casa. Se a polícia chegar lá na casa dele está o recibo do clube, sobre o clube tal, certificando que o cara tem 5 plantas em casa e esse seria o número máximo que ele pode ter. Então todo mundo vai ter, sei lá, cinco plantas em casa e as plantas no clube, uma casa, e esse clube pode ser em qualquer lugar, com CNPJ e tudo mais. Seria outro nível de produção, está ligado? Você não ia dar trampo para o tráfico, porque esses clubes não iam poder vender, porque estaria registrado o que eles estariam produzindo, e teria uma vigilância exclusiva, a PM poderia visitar esse clube, a polícia ia chegar e falar: “Quero ver como está esse clube”. Como se fosse uma vigilância mesmo, eles iam falar: “Essas plantas estão grandes, quantos quilos vocês estão pensando em colher?”. Tipo isso, flagra? Tendo uma fiscalização daquilo ali

poderia acabar com o tráfico, está ligado? Acabou! Não tem porque traficar, não tem porque alguém não plantar. Se você fuma, não vai ter porque não plantar. “Ah, mas eu não quero que o governo saiba”, “Mano, é o único jeito de você ter maconha boa é se o governo souber e você ter uma carteirinha”. Enfim, eu acho que é só utopia, né? Mas...

Eu: Mas isso é interessante, dentro dessa pergunta eu ia te perguntar: “como você acha que a legislação deveria mudar?”. E você já respondeu isso.

Para “Maestro” as regras formais que perpassam pela legislação são defasadas, e considera que a lei é injusta ao proibir e reprimir uma prática que já possui um grande número de adeptos. Há uma ideia que começou a aparecer em suas falas de que o tráfico só existe por causa da lei, e existe um interesse maior de que a lei continue assim, então existe também um interesse que a maconha nunca seja considerada como uma planta comum. Nesse sentido, a lei aparece como um dispositivo que permite o surgimento de práticas discursivas de transgressão e, conseqüentemente, um contrapoder. Aqui também começa a aparecer a ideia de que o usuário não é bandido, inclusive os cultivadores da própria maconha. A limpeza simbólica em relação ao “traficante”, que é visto pelo ideário moral comum como um dos maiores inimigos da sociedade brasileira, aparece novamente. O estágio de imposição e conformação às regras, como foi proposto por Becker (2009), são conflituosos, e isso ficou evidente não só nas falas de “Maestro”, mas também nas colocações dos demais entrevistados, como poderá ser observado a seguir.

Sobre a mesma questão, com “Ronaldo” e “Gilberto” sucedeu o seguinte.

“Ronaldo”: Essa é uma pergunta muito complexa para mim, porque política é muito mais do que aparece na televisão, do que é falado aí, flagra? Eu boto fé que tem muito mais coisa envolvida ali dentro, e na minha concepção, pelos países que estão mostrando aí a legalização da maconha, flagra? Para fins medicinais, recreativos, independente de qualquer coisa, melhora muito, só que eu acho que não é simplesmente mudar uma lei, porque tem a cultura que também influencia muito, flagra? Eu acho que a gente está muito longe, além da política, ainda mais da forma cultural. Como você acha que minha mãe e meu pai enxerga hoje em dia a maconha legalizada? Então isso está muito distante para eles, flagra? Para mim não está, mas para eles está muito distante. E eu acho, dando exemplo, se legalizasse a maconha aqui e agora, muita gente da sociedade brasileira não ia gostar.

“Gilberto”: Muita gente não ia gostar, mas... Hoje em dia até que está, por tantas pesquisas, por tantas coisas boas que eles estão desenvolvendo na medicina a partir da

maconha, e tal a cabeça de muita gente está mudando, saca? Porque eu já conversei com a minha mãe, e a minha mãe ela é muito careta, tipo, sempre foi muito, muito...

“Ronaldo”: Conservadora?

“Gilberto”: Conservadora, isso! E... aí eu estava falando, conversando com ela sobre isso, mostrando vídeo para ela sobre remédio, deles aplicando CBD na gotinha em um moleque que estava tendo um ataque, e em coisa de 30 segundos ele fica tranquilo, saca? Então isso aí mudou um pouco a cabeça de minha mãe, e tipo, eu acho que assim como ela, muitas pessoas ainda estão no processo de aceitação do negócio, saca? Mas eu acho que daqui um tempo, se o governo quiser investir em propaganda seria um choque muito forte, diretamente se chegar e botar uma propaganda, mas, sei lá, se algum meio de inserção dar para um pouco da aceitação da cannabis, mas eu acho que não é muito de interesse deles, do governo, não.

“Ronaldo”: Pela grana também, que eu acho que está envolvida no tráfico.

Eu: Vou tentar fazer a mesma pergunta, mas de outra forma. Por exemplo, igual vocês comentaram do pessoal aí que estão “rodando”, né? Entre aspas “rodando”, vocês acreditam que a prática de cultivo de vocês, vocês poderiam ser presos ou acontecer alguma coisa assim?

“Ronaldo”: Na minha concepção eu acho que não.

Eu: Você acha que seria mais tranquilo? Vamos supor que se a polícia pegasse vocês, veria vocês apenas como usuários e não vendem drogas? Igual foi mostrado e disseram que o pessoal também vendia drogas e tal...

“Ronaldo”: Uhum! Pelas experiências que eu já tive com a polícia, alguns policiais foram muito educados e pareceram pessoas conscientes. Só que eu tenho muito medo, porque depende muito da ocasião, eu nunca vendi droga [bateu na mesa], eu nunca vou vender droga [continuou batendo na mesa], e isso é uma questão minha [bateu no peito], isso é uma questão pessoal minha [bateu na mesa mais algumas vezes], eu não tenho o que fala que eu vendi, então não tem como provar nada que eu já vendi, só que eu acho que se chegassem aqui e se eu tivesse com minhas plantas aqui, com certeza eu seria oprimido, iam levar minhas plantas, me levar para delegacia, fazer boletim, depois que conhecesse minha história provavelmente eu seria liberado, mas o transtorno que eu ia passar apenas por estar plantando dentro de minha casa e fumando minha maconha, flagra? Eu acho muito pesado. E você “Gilberto”?

“Gilberto”: Então, eu acho que “rodar” todo mundo pode, sabe? E pode ser pela mínima coisa, um vizinho está passando e olha ali, vê e denuncia, por exemplo, mas eu acho

que pelo que eu sei até hoje, acho que a gente está bem tranquilo, poucas pessoas sabem, só as pessoas ideais sabem, saca? Então, eu também penso, tipo, não vale a pena vender droga, sacou? E a partir do momento que você vender, você também vai começar a entrar no tráfico, né? Se você vender, você já traficou drogas.

“Ronaldo” achou a pergunta complexa, mas entende que a lei também está errada e deveria mudar para reconhecer juridicamente as pessoas que plantam e usam a própria maconha. Ele percebe que a questão da legalização, que é diferente de descriminalização, é uma coisa muito complicada e que uma parcela da sociedade não aceitaria isso facilmente, inclusive ele acredita que boa parte de sua família seria totalmente contra. Portanto, o conflito moral inerente à legislação é evidente, pois embora “Ronaldo” acha que deveria legalizar, ele também entende que muitas pessoas da sociedade brasileira não iriam gostar. “Gilberto”, por seu turno, também tem um entendimento semelhante, e acredita que a mentalidade das pessoas está mudando em relação a isso, mas ainda existem muitas pessoas conservadoras, como sua mãe, que ele citou como exemplo, e relata que ela não aceitaria de forma abrupta uma mudança de legislação que permitisse o uso social recreativo de maconha. Eles também entendem que o que fazem é considerado ilegal e, portanto, isso pode acarretar consequências formalmente legais para suas práticas, como a opressão por parte da polícia, caso fossem autuados, mas acreditam que a abordagem das formalidades da lei não iria acarretar autuação como “tráfico” para eles caso fossem autuados, inclusive eles repudiam moralmente o comércio ilegal de maconha e que não tem nada que os possa ligar a isso. Em relação à lei formal, sua efetividade e mudança, os conflitos morais se acentuam a cada entrevista.

“Samba” também discorreu sobre a lei de drogas: Igual eu te falei, o medo é da interpretação que o juiz vai ter no meu caso, porque eu acho que cada caso pode ser interpretado de uma forma, mas até ser interpretado eu posso pegar um tempo de cana, ou ter que passar por alguma situação desnecessária, quer queira ou não, além de mim como muitos outros, a gente veio de uma família boa, tem um rolê de que a gente sempre estudou e trabalhou, a gente não tem envolvimento com o crime em âmbito nenhum, a não ser às vezes ter que interagir com o tráfico, e a gente acaba sendo julgado pior do que esses que estão na rua fazendo o rolê, flagra? Então a grande desvantagem é essa, é o risco que se corre de poder ser preso, e a legislação não perdoa a gente porque a gente está só com duas ou três plantas, até justificar e provar que é para consumo próprio, dá um trabalho do caramba.

Eu: Você acredita que a legislação deveria mudar? Se sim, como?

“Samba”: Com certeza! Primeiro ponto que eu acho, velho, tipo assim, no Brasil tem que parar de tratar droga como problema de segurança e passar a tratar como problema de saúde pública, não só a maconha, mas o álcool, o tabaco e todas as outras drogas que a gente tem na sociedade, então elas não devem ser mais tratadas como situação de segurança, pela polícia, justiça, etc. Então se têm pessoas que fazem o cultivo para poder driblar esse sistema do tráfico e poder reduzir, porque não arrumar uma maneira legal de registrar essas pessoas? No Uruguai mesmo mostrou ser capaz de fazer isso: “Você quer plantar? Então você vai fazer um registro, vai ter seu pé registrado, catalogado, você é uma pessoa que vai ter direito a ter tantos pés de maconha legalmente e pronto!”. O negócio é que o Brasil tem esse preconceito ainda, até com o próprio uso da droga, então quem dirá com a produção, mas a gente já está vendo aí como está quebrando alguns pacientes, pois eles estão precisando plantar, eles estão liberando aos poucos para alguns, principalmente para pessoas precisam realmente no âmbito medicinal e etc., mas no âmbito recreativo a gente está engessado, o debate está travado, porque ninguém quer aprovar nada, ninguém quer falar disso, e fica foda!

“Samba” também sabe que o que faz é considerado ilegal e imoral, e concebe a lei como errada e que o desvio está na legislação formal, e não em sua prática de cultivo da própria maconha. Afirma que o que ele tem mais medo é da interpretação subjetiva do juiz caso fosse autuado. Ele se vê como uma pessoa que não é criminosa, e menos ainda como bandido, que a sociedade não o vê como uma ameaça, porque planta escondido e quase ninguém sabe disso. Ele entende que o que ele faz não tem nada a ver com o “tráfico” de drogas, inclusive ele considera que faz uma coisa ilegal e imoral para burlar o “tráfico”, que também é considerado ilegal e imoral, então prefere o primeiro ao segundo. Ele acredita que a legislação deveria mudar e aceitar juridicamente a sua prática de cultivo da própria maconha, de modo que isso deixasse de ser um problema público de segurança e passasse a ser entendido como um problema de saúde, como são os casos do álcool e tabaco. Mas pondera que a sociedade ainda tem muito preconceito em relação à maconha e seus usos sociais, ou seja, que a planta e seus usuários, ainda mais quem planta, carregam um estigma social moralmente depreciativo.

Em relação à mesma pergunta, “Shangri-la” disse o seguinte: É que a lei no Brasil ela trata essa questão do consumo de maconha como um problema, como se diz, não é uma questão de saúde pública o consumo de maconha, é uma questão individual, uma liberdade individual que tá sendo reprimida e que não faz sentido nenhum, não cabe esse julgamento assim essa ilegalidade da planta. Não que o consumo de outras drogas justifique, mas o

próprio, a legalidade do álcool e no entendimento pleno de que jamais vai ser possível tornar o álcool ilegal e reprimir o consumo é a mesma lógica e tinha que servir pra maconha e pra outras drogas também, porque no final das contas o ser humano existe há milhares de milhares de anos e sempre consumiu drogas, sempre consumiu substâncias que alteram o estado de consciência. Isso é um fato! Enquanto isso não for alterado, esse pensamento, essa ideia não for um senso comum assim das pessoas, vai está atrasada. Então a política de drogas no Brasil, ela é atrasada nesse sentido que ela ainda trata como uma questão que pode ser controlada, não controlado, mas reprimido, e não pode. Tem que ser controlado! E é uma política de guerra às drogas. Na verdade a gente tem que ter uma política de educação, de controle, de informar a população desde o começo sobre o malefício da droga e oferecer condições sabendo que isso sempre vai existir, tem de oferecer condições pra minimizar os danos, fazer um cuidado paliativo sobre isso. Então a política de drogas do Brasil ela vê a situação de uma forma errada. Acho que na verdade, eu acho que a tendência geral no mundo é já ir transformando pra outra coisa que já vem sendo em vários locais do mundo pensado, né! Que a questão não é combater as drogas, isso é uma guerra perdida isso, vários documentários já apontam isso. Quem não aceita isso tá se recusando enxergar uma verdade que não tem volta. Tipo direitos humanos, não tem volta. A liberdade de expressão, por exemplo, é uma coisa que não tem volta, você não vai conseguir nunca mais reprimir isso e as pessoas aceitarem. Sempre vai ter alguém ali que vai ficar falando “Não, mas péra aí, não é assim que as coisas funcionam”.

Eu: Você acha que a lei pode trazer consequências pra sua prática?

“Shangri-la”: Exatamente. É a lei que diz que eu vou ir preso, sacou? Se eu plantar, vou cair no meio de um sistema prisional falido com pessoas que cometeram, às vezes, crimes muito piores que eu, e vai ser muito pior, vai acabar com a minha vida, tipo a carreira que eu tenha seguido, que é a universitária, vai ficar fichado. Sou uma pessoa que não tem ficha nem nada. Sou um cidadão comum e que fumo minha maconha. Sobre ser preso, é a lei que vai me fazer ser preso, depois disso meu futuro vai ser outro, vai ser pra pior, porque você vai ter ficha na polícia se você for preso, isso é extremamente negativo pra você conseguir qualquer emprego. Então a lei, nesse sentido, interfere em nossa vida individual, né! Uma questão que não cabe ao Estado decidir se eu vou fumar ou não. Eu não estou prejudicando ninguém. Eu estou fumando minha maconha ali, eu estou prejudicando a mim mesmo e só, questão de fumar né, que faz mal. Mas tem que ser controlado no sentido de informar, pô! Pessoas às vezes que já tenham uma tendência genética desenvolver um, como é que chama? Uma

doença mental lá é... A síndrome do pânico, esquizofrenia. Então a maconha potencializa nesse sentido. Mas eu vejo de tanto fumar e conviver com pessoas que fumam que é uma coisa quase natural também. As pessoas que se sentem mal quando fumam maconha, que sentem síndrome do pânico, conheço. Morei com uma menina que ela fumava e ficava com síndrome do pânico. Parou de fumar, não fuma mais e não tem vontade de fumar. Isso é um movimento natural das pessoas mesmo, mas é lógico que cabe também uma orientação, informar. Quanto mais informadas as pessoas forem, menos, por exemplo, essa pessoa, ela em vez dela se forçar a várias vezes a fumar, se ela tivesse tido essa informação de que, pô, maconha pode potencializar isso e isso e essa sensação, a pessoa já ia falar: “Pô, toda vez que eu fumo eu sinto isso. Então é isso. Eu não vou fumar, porque vou ter isso”. Se ela tiver acesso a essa informação seria melhor ainda. Agora proibir a parada é que não é o caminho.

Eu: Você acha que a legislação deveria mudar? Se sim, como? O que você acha que seria uma boa legislação? Talvez seja uma pergunta complicada, mas talvez você tenha uma resposta.

“Shangri-la”: É uma coisa que eu reflito sobre. Pô, se pode mudar? Com certeza, né! De acordo com tudo que eu já falei pra você, com certeza deve mudar. E a legislação, não conseguiria falar nada muito pontual, mas em aspectos mais gerais, mudar toda essa política de guerra, de combate para uma política de legalização. Tornar todas essas drogas, colocar elas num contexto de legalidade assim, de controle, da onde vai ser vendido, como vai ser vendido, pra quem vai ser vendido. Desde todas as drogas, velho, porque querendo ou não as pessoas vão consumir LSD, mano. O cara descobriu o LSD lá e todo mundo gosta, vai consumir, tem que ter um lugar pra você comprar isso, sacou? Uma parada que vai ser dosada, sacou? Que você vai ter uma informação real de quanto que você tá tomando ali, que se você toma um LSD, por exemplo, você não sabe o quê que você tá tomando no fundo no final das contas. [...] Então bota um lugar que vai vender drogas querendo ou não. Uma drogaria é um lugar que vende drogas, é a farmácia, sacou? Mas é só pela atribuição de sentido ali, né? Todo o aspecto simbólico que as pessoas fazem diferente, drogaria não é visto como um lugar que vende droga, mas que vende remédios que vão te curar. Mas esse fato, a droga é uma parada que faz mal. A droga que você compra lá no morro é a droga que faz mal. A droga que você compra na farmácia vai te curar. É totalmente pela questão simbólica de sentido, na cabeça das pessoas, isso que tem que transformar, mas isso é uma coisa que leva anos. Então a legislação não basta também só legislação mudar, tem que ter todo movimento de mudança na cabeça das pessoas e no fim das contas cultural, e que leva tempo, é geracional. Eu tenho

impressão pra mim que essa geração anos, já vem tipo assim, 98 pra frente, 96, essa galera já foi crescendo mais tranquila. E maconha não é uma coisa horrorosa assim não, como era pelo menos na minha geração, a família inteira, todos os meus amigos da escola, professores, a maconha é um monstro, maconha é a porta de entrada pras outras drogas. E eu acho que essa geração que tá vindo agora já não cresceu com isso martelando na cabeça deles. Então já é uma possibilidade aí. Então a legislação tinha que fazer esse controle, né! Botar as drogas num contexto de legalidade, apontar onde vai ser vendido, instituir um órgão que vai fazer o controle de produção dessas drogas, onde vai ser produzido, quem vai produzir, aonde vai vender, quem que vai poder comprar, o quê que vai ser necessário pra você comprar, apontar tudo isso. Porque isso tiraria do contexto ilegal o tráfico gigantesco que existe, está fora do controle do Estado e da sociedade se não fosse essa parte aí.

“Shangri-la” também sugere que é a lei que está errada, pois esta trata o consumo de maconha como um problema, e para justificar porque ele está certo e a lei errada, insinua que o consumo é uma questão de liberdade individual que está sendo reprimida e que isso não faz sentido para ele. Ele entende que a prática do plantio próprio de maconha se constitui um ilegalismo, mas como é impossível tornar o consumo de álcool ilegal, também o é em relação à maconha, argumentando que os seres humanos consomem substâncias psicoativas há milhares de anos, e mesmo querendo a lei não é capaz de controlar e reprimir isso. Ele também é ciente de que a lei pode trazer consequências para sua prática de cultivo, como a prisão, inclusive porque é essa regra formal que traz isso como punição, e que isso poderia acabar com sua carreira moral, sobretudo com sua carreira universitária. A lei então é vista como algo negativo, que o poderia prejudicar e o transformar em vítima, e não cabe a este dispositivo decidir se as pessoas podem ou não fazer uso social recreativo de maconha. “Shangri-la” entende que não só a lei deve mudar, mas também a moralidade das pessoas, propondo que lugar de vender drogas hoje consideradas ilegais seria nas farmácias, ou melhor, nas drogarias.

Em 22/05/2018, enquanto conversei com “Maria Joana” e “Ramos”, eu também indaguei a eles: Você acabou tocando no assunto do próximo bloco de questões, então o que vocês pensam sobre a lei de drogas brasileira?

“Ramos”: Ah, eu acho que é totalmente falha, porque gera todos esses, assim, eu só vejo malefícios. Igual a gente estar sujeito a um produto assim totalmente sem passar por qualquer critério de qualidade, que pode às vezes ser pior, igual muitas pessoas sempre relatam achar um pedaço de inseto, um pedaço de algodão, ou um pedaço de cigarro, é assim,

sem controle de qualidade nenhum, ou questões bacteriológicas e microbiológicas, que nem foi citado. Então têm essas questões, tem a questão social também, que é uma das maiores, porque acaba que dificilmente você vê alguém rico, ou algum estudante ou pessoa mais importante sendo presa com relação às drogas, acaba sendo uma criminalização da pobreza, das periferias, só dessas pessoas, pois elas sofrem todos os impactos disso desde o momento em que causa crime e violência em certos locais e tudo mais. Então essa política é muito falha, eu nem sei se vale a pena entrar no mérito financeiro, que é o que a gente sempre vê também o quanto de impostos isso arrecada em outros países em que a atividade está regularizada, porque aqui a gente sabe que infelizmente nem sempre, não sei se a gente obtivesse esses impostos, acho que eles poderiam ser traduzidos para algum benefício da sociedade, deveriam, pelo menos, mas como a gente conhece como é a política aqui, não necessariamente a gente pode dizer que esse impacto econômico poderia ser positivo, mas acho que só considerando as questões sociais, de saúde em termos de qualidade do produto de você adquire, acho que a lei é totalmente falha.

“Maria Joana”: Isso que o “Ramos” falou do negócio da lei não ser igualitária, assim, dela atingir a uns mais que a outros, você vê claramente quando você está na graminha lá na universidade, aí passa um carro de polícia e você vê vários grupos de estudantes fumando, e eles já vão direto aos cidadãos lá que eles veem que são nativos, não são estudantes, mas estão lá fumando um do mesmo jeito que todos os outros, ou quando você está na porta do “Bar Rock”, aí você está lá no meio de uma roda gigante de estudantes fumando, eles passam no meio da roda para poder pegar os meninos que estão sentados lá na escadinha, geralmente são negros e periféricos. Aí você vê que a lei que é para Pedro não é para Paulo. Tipo, a lei têm diferenças, ou melhor, ela é aplicada diferentemente dependendo de quem ela está atingindo, se é estudante pode fazer vista grossa, se é pessoa periférica ou negra, pode parar que é marginal, é assim, dá pra ver que o tratamento é bem excludente.

“Ramos”: Né? Até aí é interessante é deixar claro nesse ponto que nem é a questão de ser preso, acho é que ninguém deveria ser preso, na verdade essa é uma atividade que deveria acontecer de uma maneira diferente, tipo assim, a gente vê que no final a lei não é de combate as drogas em si, é como se fosse um motivo para a criminalização da pobreza, eu sinto que é assim.

Eu: Então, quais consequências vocês acham que a lei pode acarretar para vocês sobre a prática do cultivo de maconha?

“Maria Joana”: Olha, a gente pode ser preso a qualquer momento porque a gente planta, só porque a gente cultiva uma planta, e ser julgado e ficar preso com outras pessoas que matam, que estupram, que não sei o quê, e que nem se compara, só porque o país não permite plantar. E existem muitas outras drogas que são lícitas e que são muito mais degradantes, tanto na questão da saúde quanto no social, elas geram muito mais problemas sociais e de saúde, e não a maconha, ela talvez, eu não sei, porque nunca pesquisei sobre isso, mas talvez ela não é liberada porque ela não tem como ser controlada, ou quantificado esse imposto, mas ao mesmo tempo eu acho que eles estão esperando a hora certa de legalizar, tanto que as indústrias já sabem disso, tanto que elas já patentearam marcas como Bob Marley e usam há mais de 15 anos, as roupas já tem o nome dele, mas vai vir um ‘macinho’ escrito Bob Marley, então eu acho que por enquanto isso é estratégico, e também porque a gente tem problema cultural, a gente tem uma bancada evangélica, uma bancada cristã muito grande, e isso vai contra a moral e os costumes deles, então eles também não vão liberar isso, igual não vão liberar o aborto, porque vai contra a ideologia deles, e eles fazem também uma pressão no governo para que não libere e em troca eles votam a favor de outros projetos, tem todo um esquema por trás, não é uma coisa assim: “ah, a gente não legaliza e pronto”, tem todo um esquema por trás.

“Ramos”: Sim, têm muitos entraves políticos.

Eu: Vocês acreditam que a lei de drogas poderia mudar? Se sim, como e de que forma? Vocês já pensaram alguma coisa sobre isso?

“Maria Joana”: Eu acho que a lei deveria ser extinta e criada outra, porque essa lei é antidrogas, né? Eu acho que deveria ser criada uma que legisle questões de comercialização, de cultivo, que aí seria uma outra lei, porque essa lei que existe hoje ela só fala o que não pode e é proibido, então deveria ser criada uma nova lei que fizesse a regulamentação onde ela criaria parâmetros para o cultivo, para comercialização e até mesmo para preservar o cliente final de estar consumindo um produto de qualidade como qualquer outro produto, tipo carne, que também é uma coisa que você consome. Então, já que tem tanta gente que consome, eu acho que tem que ser regulamentado, para que as pessoas não tenham danos, porque imagina comprar um negócio lá que tem uma superbactéria, aí você pega uma bactéria no pulmão, pega uma pneumonia e morre, enquanto por outro lado você poderia ter um produto de qualidade, eu simplesmente acho que poderia ser assim.

“Ramos”: Eu acho que têm muitas coisas assim que deveriam ser mudadas, eu lembro exatamente todas as características, mas eu lembro que na época que eu dei uma lida

nos principais exemplos que a gente tem, tipo Colorado, Holanda, Uruguai, eu lembro que um dos que tinha mais me atraído a atenção foi o do Uruguai, que eu acho uma das leis mais interessantes, porque eu morei na Holanda, por conta do intercâmbio, e lá a legislação lá dá pra ver que é muito falha, é muito interessante a ideia dos “*coffeeshops*” em si, alguns ambientes legais e também que você tinha os cardápios, podia escolher e saber os percentuais daquela planta, saber as características, e tinha limitações de quanto que cada pessoa poderia comprar por dia, por exemplo, várias coisas interessantes, mas lá tinha um grande problema, porque os “*coffeeshops*” eram permitidos vender, mas eles não permitiam cultivar, então onde é que ele consegue se eles não podem cultivar e ninguém lá pode cultivar? Teria de ser adquirido de uma maneira ilegal, né? Tinha uma falha bem grande lá nesse sentido.

“Maria Joana”: Ninguém podia cultivar ou tinha alguém que podia cultivar? [Indagou com um tom de surpresa na voz].

“Ramos”: Então, eu acho que tinha um limite de plantas, se eu não me engano, mas para produzir para um “*coffeeshop*” não é só uma ou duas plantinhas que você pode ter em casa, entendeu? Tem de ser uma produção em larga escala, para ter sempre e de várias espécies. Então é uma falha que a própria galera de lá reclamava, e a gente vê lá como um modelo, mas lá também tinham vários entraves e a galera também batalha muito para continuar com os “*coffeeshops*”, porque tinha pressões políticas e tal da galera para não ter mais, acho que lá eles nem liberam licença para “*coffeeshops*” novos, é só os que já têm mesmo, então tem vários problemas. E o do Uruguai eu acho interessante porque desde o começo que eles estavam pensando a legislação, foi pensado várias coisas por conta disso, eu lembro que em umas reportagens que eles calcularam quantas áreas por hectares eles precisavam para cultivar e poder produzir o suficiente para abastecer a população que precisava, porque se eles não pudessem produzir o suficiente, a galera ia ter que conseguir por fontes ilícitas, por exemplo, então foi uma coisa um pouco mais bem pensada, não sei se na prática está tudo funcionando assim direitinho, mas eu acho que lá é um dos modelos mais interessantes por isso, por ter sido muito bem pensado, a questão do cultivo também, porque as pessoas podem ter um cultivo próprio de um determinado número de plantas e podem montar grupos também para cultivar outras espécies juntos, então assim, eu acho um bom modelo nesse sentido, bem pensado e contemplando as várias fases do cultivo, da pessoa poder plantar ou não, do cultivo pelo governo, acho que todas essas questões deveriam estar presentes numa eventual legislação brasileira.

“Ramos” vê a legislação como causadora de todos os malefícios, desde a saúde do usuário, devido à má qualidade da maconha oriunda do comércio ilegal, até a violência contra certas camadas que estão à margem da sociedade, de modo que a lei de drogas brasileira valha apenas para pobres e não para ricos, isto é, essa regra formal só serve para criminalizar a pobreza. “Maria Joana” reafirma a questão da regra não ser aplicada de forma igualitária através de alguns exemplos. Existe uma crença de que a lei promove uma seletividade penal. Ambos acreditam que ninguém deveria ser preso ou sofrer qualquer punição formal ou informal por fazer uso social recreativo ou mesmo plantar a própria maconha. E ambos também são cientes que suas práticas são consideradas ilegais e imorais, e que inclusive podem vir a ser punidos e virarem vítimas da lei a qualquer momento, e consideram que outras drogas lícitas são mais degradantes que a maconha, então a maconha deveria passar a ser uma droga lícita, e para isso a legislação de drogas deveria ser extinta e criada outra, pois consideram que esta regra formal, do jeito que foi implementada, está completamente equivocada e não tem capacidade de efetividade prática.

Em 30/06/2018, “Ruderal” também expõe seu ponto de vista sobre a legislação brasileira, e ele traz o seguinte:

“Ruderal”: Olha, eu acho que a lei de drogas brasileira, como muitas outras leis brasileiras, elas não tratam o problema na realidade, pois no foco eles tratam o assunto na forma moral, ética, social, que é uma tristeza! Um estado que não é laico, carrega muito esse ranço religioso dentro da lei, e outros desequilíbrios também, não só racial, e tudo mais. Igual eu estava te explicando, a lei brasileira é uma lei muito estúpida, porque a mesma coisa pode acontecer com pessoas distintas, elas podem ser tratadas de forma muito diferentes, depende de quem ela está prendendo, qual a situação ali, qual a sua situação, se você é branco ou se você não é, se você tem grana ou educação, ou se não tem. Então eu acho ridícula a lei brasileira, eu acho que precisa evoluir urgentemente, porque está enchendo os presídios aí de gente pega fumando com 25 gramas de maconha, enquanto tem traficante mesmo como deputados, essas drogas chegam como nas favelas? Essas drogas vêm de fora do Brasil, como elas chegam lá em cima do morro? Quem será que entrega isso lá? E ainda tem as armas e tudo mais. E quando eles falam que você que financia o tráfico, isso é ridículo, uma pessoa falar isso, o que financia o tráfico são leis que proíbem e criam essa brecha para existir um mercado paralelo de um produto que você poderia estar produzindo em sua horta. Então a culpa é sua? Porque a maconha vem sendo usada pela humanidade há mais de milênios, e a culpa é nossa porque a gente continua fumando maconha? A gente vai sempre fumar

maconha, se o corpo produz canabinóides, se o corpo tem os receptores para ele, então está tudo aí, a planta e você. Então não tem como não ter essa combinação não. A questão é só a hipocrisia por trás disso, a falta de informação, a geração dos nossos pais, que para eles foi dito que maconha era uma droga pesada, que foi uma coisa totalmente marginalizada, o termo maconheiro ficou pejorativo, e eles não conseguem enxergar além disso. Então a gente vai precisar que tenha uma substituição de geração, que esses ‘caras’ morram, e que venha a nova geração entendendo um pouco melhor o problema. E a gente está vendo um país em que a massa de jovens são um bando de idiotas, não tem a capacidade de enxergar, são mais conservadores que os pais, então está complicado. Eu acho que o grande erro daqui do Brasil se chama religião, pois isso está pesando aí na cannabis até hoje.

Eu: Você acredita que essa lei pode acarretar consequências para suas práticas? Você acha que a lei deveria mudar? Se sim, como você acredita que seria uma boa legislação?

“Ruderal”: Ah, boa legislação em relação à cannabis, eu acho que só se liberar o cultivo caseiro é suficiente para erradicar o tráfico, só o cultivo caseiro, sei lá, e não precisa ter o controle, quem quiser produzir 10 quilos lá dentro da casa dele, problema é dele, tem que regulamentar é a venda, acho que o Estado pode interferir nisso, se você quer vender maconha como quer vender cerveja, você não vai lá e produz aquele tanto de cerveja e tem que passar pelo Ministério da Fazenda, você tem que ter os alvarás e tudo mais, é só fazer a mesma coisa com a cannabis, se você quiser virar produtor para vender, você produz, regulamenta o produto, tem que ter padrão de qualidade do produto, o controle de pragas, ver os químicos que estão na planta, mostrar o que está vendendo e o consumidor saber o que está comprando. E quem tiver a capacidade de produzir, que nem é todo mundo que consegue ter uma horta em casa, então não é todo mundo que consegue ter uma planta de maconha, essa que é a verdade. Mas as pessoas podem produzir e vender para as outras, eu acho isso totalmente normal, eu acho que tinha que ser incorporado de novo na nossa cultura o cânhamo, ou a utilização das sementes para nutrição, nos EUA, por exemplo, eu tomava leite de cannabis, tirado da semente, igual tem o leite de castanha. A galera faz de semente de cannabis lá, eu tomava esse leite que é muito mais saudável que esse leite de vaca. Eu comprava granola de semente de cannabis também, tudo isso você pode incorporar na dieta, e é coisa super nutritiva e barata. O cânhamo, eu tenho várias roupas que são produzidas com fibra de maconha e são de alta qualidade, pois é um tecido muito mais duradouro que o algodão. Tem várias práticas assim, várias coisas em que o cânhamo pode ser usado e que a gente usa hoje do derivado de petróleo, que é muito mais poluente, sacou? São coisas muito mais agressivas para o meio

ambiente, então eu acho que tem um mercado, o mercado da ‘cannabis’ é gigantesco, fora a cultura pop mesmo da cannabis, de fumar maconha ser legal, isso gera todo um mercado, tipo as tabacarias que vendem pipe, vende tudo o que é relacionado com a maconha, mas que não é vendido para maconha, vende como se fosse para “tabaco”, entre aspas, e vai um monte de coisas, tipo bong, seda e um monte de outras coisas, então eu acho que é uma grande cadeia de dinheiro que está na mão do tráfico porque o Estado é hipócrita, ou interessa ao Estado também, vai saber, né? Às vezes o Estado quer que continue assim, para vender armas, para morrer gente, para continuar prendendo negros e pobres, eu acho que é por aí, nós estamos num momento assim.

Para justificar porque está certo e porque a lei está equivocada, “Ruderal” expõe que a lei não trata a questão na realidade, e sim de forma moral, pois considera que o Estado é laico apenas nas ideias, mas que na realidade carrega um ranço religioso e isso causa diversos desequilíbrios, como na questão racial e do uso de maconha. A lei, do ponto de vista de “Ruderal” coincidentemente aparece como um dispositivo de poder de Foucault (1999), então ela é vista como uma coisa completamente estúpida e incapaz de resolver o problema que ela mesma propõe, e que essa regra formal só serve para superlotar presídios de pessoas que estão à margem da sociedade, enquanto que os reais “traficantes”, que ele considera que são deputados e senadores, usufruem o melhor da vida. “Ruderal” sugere que as pessoas que gostam de fazer uso recreativo de maconha vão sempre fumar maconha independentemente das regras formais permitirem isso ou não, e que pensar ao contrário é demonstrar a incapacidade de enxergar a realidade. Ele também é ciente que sua prática de plantar a própria maconha é considerada ilegal e imoral, ou seja, se constitui como um ilegalismo popular (FOUCAULT, 2015), e que a lei deveria apenas liberar o cultivo caseiro, pois isso já seria o suficiente para erradicar o comércio ilegal proveniente do “tráfico” de maconha.

Em 05/07/2018, ao ser questionado sobre o que ele pensa da legislação brasileira e quais consequências tal legislação poderia acarretar à sua prática, “Violão” expõe:

“Violão”: Cara, pelo que a gente tem visto aí [...]. A pressão, ela está aí, ela acontece porque ela também alimenta o tráfico que está envolvido com algo que fica além dos holofotes. O tráfico está nos holofotes exatamente pensando nisso, porque não é só o tráfico que se alimenta da grana que rola no tráfico, pessoas que inclusive têm no poder aí e atuam muito por esse mercado. É por isso que no Brasil não se discute a respeito de legalização, né? Porque os impostos cobrados sobre a produção ou até mesmo a venda em pontos legalizados, põe farmácia legalizada, como acontece em outros países, eu acho que a arrecadação nisso

seria muito menos do que se acontece atualmente, de forma ilegal. Então estou falando contigo que é uma máquina repressiva que ela não quer ver ponta solta, você está ligado? E você está fazendo, plantando seus dois pezinhos ali pro seu consumo pra você não comprar na mão do tráfico, você vai sofrer repressão, tá ligado? [...] Então é assim que você vai ser tratado. Você é uma ponta solta. Você tem que deixar de está ali, né? Então, cara, eles vão me prender, sacou. Eles vão me prender, vão chegar aqui e vão me levar embora, vão me prender com certeza, cara, tá ligado? Conversando lá com o delegado, aí é outra coisa também, que a gente tem que conversar, a forma como a pessoa é tratada ali, né? E eu acredito assim que possivelmente como encontrariam pouca quantidade, encontraria um, dois pés aí, se for só por mim, iam levar, iam me autuar, iam chegar e conversar com o delegado, talvez ficasse lá algum tempo, mas possivelmente depois, por ser branco, universitário, ia ficar mais fácil para mim do que numa outra situação com outras pessoas assim. Mas eu acredito que deixar de ser repreendido não ia não com certeza, sacou? Com certeza iria!

Eu: Você acredita que a legislação deveria mudar? Se sim, como? O que você acha que seria uma boa legislação de drogas?

“Violão”: Cara, então [...] é clichê, já tá virando clichê, então todo mundo sabe a guerra contra o tráfico deu errado, sacou? Contra o narcotráfico, no mundo todo, na real. Alguns países que tratam isso com seriedade, a gente vê exemplos aqui na América do Sul, do Uruguai, por exemplo, que trata essa ideia com seriedade. E lá eles têm a legalização do consumo, produção e o uso da maconha. Em alguns estados nos Estados Unidos também. Quando vê isso com seriedade, querendo conversar a respeito de saúde pública, não querendo ganhar só dinheiro, como a gente estava falando, aí a coisa anda! Como eu te disse, aqui no Brasil não precisa [...] a gente precisa conversar sobre isso urgentemente, cara! Falar disso com seriedade e a gente só consegue nos espaços autônomos e por vezes anônimos, por vezes tendo que ser no anonimato assim, cara, tá ligado? Por causa dessa repressão que se sofre. Não sei até quando a gente vai continuar alimentando o mercado que tá alimentando pessoas que já tem dinheiro pra caralho, matando pessoas, sacou? Derramando sangue de gente inocente aí por tudo quanto é lugar, a gente conversa sobre legislação de drogas assim com seriedade. [...] Então, a cannabis precisa ser tratada com respeito que ela merece, porque ela tem contextos históricos em várias culturas pelo mundo afora, ela não tem essa característica de como a gente está dizendo de dependência como outras substâncias que viciam. Maconha é uma substância que tem no organismo aí, cara, tá ligado? As drogas sintéticas e tal, eu acredito que, não sei, pode até soar um pouco contraditório, mas não é a ideia de se

repreender, mas é uma coisa que eu acho que de fato deve ser tratado como uso, como caso de saúde pública assim mesmo, né?

Através das respostas dos entrevistados pode-se perceber que essas foram questões complexas, pois existem muitas coisas envolvidas na lei de drogas brasileira e cada pessoa possui um ponto de vista diferente para justificar porque estão certos e porque a lei está errada, e isso fica ainda mais evidente quando se trata de como que a lei deve mudar ou se for extinta e criada outra legislação. Também é comum a percepção dos entrevistados de que se a maconha fosse legalizada muitas pessoas não iriam gostar. Mas há padrões de sentimentos que trazem muitas concordâncias entre os entrevistados, como, por exemplo, que a atual legislação é falha, defasada, que é ela que traz malefícios tanto para os usuários, transformando estes em vítimas da própria lei, quanto para os não usuários, e a regra não trata o problema na realidade, então é a lei que alimenta o tráfico, uma vez que é ela que cria o problema do comércio ilegal e ao mesmo tempo propõe combater o tráfico. Isso coincide com o que Foucault (1999) chama de dispositivo. Outra coisa que todos concordam é que a lei deveria permitir o usuário a plantar a própria maconha, e a lei é falha justamente por isso, pois muitas vezes colocam os usuários como bandidos ao tratarem a questão das drogas como problema de segurança pública. Ainda, eles discorrem sobre a lei trazer tratamentos diferentes para pessoas diferentes, isto é, consideram que a lei só serve para criminalizar a pobreza. Outra coisa trazida nos relatos é que a lei que é responsável por lotar o sistema carcerário, além de trazer de brinde o tráfico de armas e a corrupção policial e política. Exemplo de lei que a maioria dos entrevistados citou como um projeto interessante é a atual legislação do Uruguai.

Do ponto de vista desses atores morais, plantar a própria maconha não é crime e eles não estão errados em fazer isso, e sim a lei que está errada ao não permitir o plantio da própria maconha. Embora todos eles entendam que é ilegal e imiscui o risco de serem autuados e, como consequência, caírem em um sistema prisional falido e que prejudica apenas a pessoa que planta e usa, transformando-as em vítimas, esse é justamente o único risco que a legislação oferece, da interpretação subjetiva do juiz autuar um cultivador como traficante, ou seja, não entender que se trata de ilegalismos distintos. Para essas pessoas o cultivo de maconha é algo legal, não no sentido de conformidade com a lei, mas no sentido informal de que algo que está em ordem e que é uma coisa certa, ou melhor, que denota qualidades positivas, e é exatamente isso que exprime sentimentos de satisfação e concordância entre esses atores morais, e possivelmente é um dos princípios de agregação moral dessa rede. Uma

boa legislação para essas pessoas, nesse sentido, seria uma que permitisse o cultivo caseiro, e isso seria o suficiente. Outra questão que apareceu é que lugar de vender drogas é na drogaria, tipo nas farmácias, então uma boa legislação também deveria permitir não só o uso, mas também a venda de drogas em lugares devidamente regularizados por lei. Mas, por outro lado, há também a sustentação de uma crença de que há um interesse dos políticos, através das leis, de manterem algumas drogas ilegais, como a maconha, por exemplo.

4.4. As percepções dos entrevistados sobre as relações morais com a sociedade

O poder de punir também se encontra difundido pela sociedade, o que sugere que uma rede de poder punitiva também se encontra diluída informalmente pela mesma (FOUCAULT, 2015). Para Becker (2009) uma pessoa “normal” também não deve satisfazer seus interesses por narcóticos, pois se coloca moralmente em jogo o prazer com muitas outras coisas, como o emprego, a família, reputação com vizinhança, dentre outras coisas. Isto também pode se aplicar às pessoas que têm interesse por narcóticos, sobretudo aos indivíduos que plantam a própria maconha para uso social recreativo, pois diversas sanções morais informais podem ocorrer no plano punitivo que perpassa pelas rotinas cotidianas, como nas rotinas que se estabelecem no trabalho, vizinhança, família e outras instâncias da vida cotidiana. Conforme Becker (2009), usuários de narcóticos podem ser capazes de se ocultarem dos não usuários com que se associam e interagem, e isso também pôde ser observado no caso dos atores que plantam maconha para uso recreativo próprio. Para analisar como ocorrem essas relações, foram feitos os seguintes questionamentos aos entrevistados durante as conversas: (4.1) como você percebe os impactos morais da sociedade sobre suas práticas? (4.2) têm amigos que não plantam e não usam? (4.3) qual a sua relação com pessoas que não plantam e não usam (como no caso de vizinhos, familiares ou outras pessoas)? (4.4) você costuma ocultar suas práticas de outras pessoas? Seguem então as colocações dos entrevistados sobre esses questionamentos.

“Maestro”: [...] Aqui em “Greenville” a gente vive numa bolha diferenciada, que querendo ou não tudo é um pouco mais aceito ou um pouco mais sutil, mas em alguns lugares ninguém sabe que sou “*grower*”, muitas pessoas não sabem que sou “*grower*”, é porque não é uma parada que a gente deve divulgar, então as pessoas que normalmente sabem são muito próximas, não é uma coisa que eu divulgo ou faço questão de contar, não é uma coisa que necessariamente eu escondo, se a pessoa entrar no assunto eu até discuto sobre isso, e num dado momento eu vou confessar, dependendo do diálogo, né? Então as pessoas mais afastadas eu não tenho noção do que elas pensam sobre isso. Sobre eu fumar eu acho que depende da

idade da pessoa e do círculo que você está, na maioria das vezes as pessoas mais novas, de 20 anos, você encontrar como usuário de maconha é tão normal quanto você encontrar um fumante, não faz tanta diferença assim, dos 20 para baixo, até em camadas mais conservadoras igual as religiosas, está ligado? “Greenville”, “Outra Cidade”, qualquer lugar hoje está muito mais normalizado entre os jovens o consumo de maconha do que antigamente, muito mais. Meu pai era maconheiro na década de 80, 85, meu pai era maconheiro da década de 80. Então eram os grupos de maconheiros e os grupos de não maconheiros, hoje não faz tanta diferença de distinção assim, e muitas pessoas sabem que sou usuário, não recriminam, muitos deles nem percebem, às vezes, que eu estou fumado e estou trocando ideia, às vezes fumo um e estou trocando ideia com a pessoa e a pessoa nem faz juízo de valor daquilo ali, está ligado? Não tem nem noção, porque nem faz tanta diferença. Que a droga não altera meu modo de funcionar. E os familiares, alguns eu exponho e não recrimino, não considero uma penalidade assim, os mais conservadores eu não faço questão de contar ou de que eles saibam, apenas deles desconfiarem ou até saberem mesmo, e relação em plantar, algumas pessoas, até das mais, que eu considerava mais conservada na opinião, um pouco mais correta na opinião, tipo assim, eu acho que a pessoa não tem necessidade de saber, então com essas pessoas que eu conversei, por incrível que pareça, algumas pessoas falaram: “acho que o melhor que você está fazendo é estar plantando mesmo”.

Eu: Você falou, por exemplo, que seu pai fuma, ele sabe que você planta?

“Maestro”: Ele fuma, ele sabe! Meu pai já teve vontade de plantar.

Eu: Ele já fumou um “verde” com você?

“Maestro”: Ele já, minha irmã fuma, meu irmão fuma, só minha mãe que não fuma, mas ela sabe que eu fumo, mas ela não é a favor não, ela é bem contra. Ela falou para o pai, e tal, mas ela só sabe de mim, ela não sabe de mais ninguém lá em casa. [...] Todo mundo fuma, menos ela. Mas é engraçado, porque é uma visão conservadora da parada, minha mãe é muito metódica, os familiares dela acham que maconha é uma droga que causa complexos, distúrbios e alucinações na pessoa, está ligado? Tem um tio meu que acha que a maconha causa isso, está ligado? Já da família do meu pai, como tiveram vários tios meus que foram usuários e tal, inclusive meu pai, já não é tão ‘arrrg’, apavorador! Tipo: “fulano de tal está fumando maconha, olha!”. Tenho primos que fumam e todo mundo fala muito dessa parte da família paterna, sabe? Como eu tenho contato, alguns sabem, desconfiam, e eu acho que eles nem se perguntam não, está ligado? Em relação a eu ser “*grower*”, eu acho que eles não têm noção, não tem nem noção não. Mas se legalizasse eu contaria, eu faria questão de contar, está

ligado? Porque se legalizasse a galera ia debater muito mais a questão. [...] Porque é um tabu que você quebra e vários outros vem sendo quebrados depois.

“Maestro” reconhece “Greenville” como um lugar diferenciado por ser uma cidade universitária interiorana, onde os critérios de aceitação moral (TELLES e HIRATA, 2007) são mais flexíveis e permeáveis, mas não são todas as pessoas que ele conhece que sabem que ele cultiva a própria maconha. Embora ele relate que não esconde que planta a própria maconha, isto não é uma coisa que ele sai por aí divulgando, então as pessoas mais próximas sabem dessa sua prática, mas as mais afastadas ele evita de comentar, pois não sabe qual seria a posição moral dessas pessoas sobre isso. Isso aponta para o sentimento de que o estigma e julgamento moral (GOFFMAN, 2004; VELHO, 1981) de plantar a própria maconha é mais vexatório do que o de apenas fumar, inclusive para pessoas que ele considera mais conservadoras, como sua mãe, que ele cita como exemplo. Em relação a apenas fumar, muitos de seus primos e outros familiares sabem disso e inclusive fazem uso social recreativo junto a ele, mas sobre “Maestro” plantar a própria maconha os primos e familiares não têm noção, pois para “Maestro” isso ainda é um tabu moral a ser quebrado para com alguns amigos e familiares.

Na entrevista com “Ronaldo” e “Gilberto”, indaguei: Como vocês percebem os possíveis impactos morais da sociedade sobre suas práticas de plantio? Por exemplo, igual você falou, “Gilberto”, que sua mãe é muito conservadora e tal, vamos supor que se ela viesse aqui te visitar, você esconderia as plantas? Você acha isso poderia ter impactos para você?

“Gilberto”: Eu acho que sim, porque está em um momento de transição ainda, ela não tem nem 50% de aceitação da maconha, saca? Então teria que esconder sim de algumas pessoas, e minha família, eu acho que essa questão de família depende muito de pessoa, entendeu? Porque minha família, por exemplo, acho que uns 80% sabem que eu fumo maconha, e minha família ela nunca foi totalmente careta, ela é bem que alternativa, talvez, então até que tem uma aceitação de boa em relação a isso.

Eu: “Ronaldo”, e quanto a você?

“Ronaldo”: Eu também provavelmente teria de esconder, minha mãe e meu pai sabem, algumas pessoas da minha família sabem, mas infelizmente eles não aceitam, não gostam, e minha mãe já falou várias vezes que ela prefere que eu fume cigarro, que faz mal, mais mal, do que eu fume maconha, só porque é proibido. Meu pai já falou comigo, minha mãe já falou, e o único argumento que eles têm é: “Porque é proibido!”. E você não vai quebrar esse argumento nunca, aí eu falo: “Então tá!”.

“Gilberto” considera que ainda é um momento de transição de aceitação (TELLES e HIRATA, 2007) e reconhecimento moral (HONNETH, 2003) para a sociedade em relação ao consumo social recreativo de maconha, inclusive de seus familiares, então ele tem de esconder que fuma e, principalmente, que planta de seus pais, pois ele ainda depende dessa parte de sua família para se sustentar em “Greenville” e estudar, mas ele relata que também têm familiares que fazem uso social recreativo de maconha, e esses sabem que ele faz esse tipo de uso e que inclusive costumam se juntar para fazer isso. “Ronaldo” também diz que tem de esconder que planta a própria maconha, considerando que isso dificilmente seria moralmente aceito, e seus pais e alguns familiares sabem que ele usa maconha, mas não aceitam isso muito bem, inclusive a sua mãe já disse para ele fumar cigarro ao invés de maconha, e cigarro é uma coisa que “Ronaldo” considera pior que maconha e, senso assim, repudia moralmente. O argumento que aparece como coerção moral (DURKHEIM, 1983a) dos familiares de “Ronaldo” é que o uso social recreativo de maconha é proibido, então por isso ele deveria parar de usar, e isso é um argumento que ele alega que não tem como quebrar, então ele apenas concorda e fica por isso mesmo.

Em 04/05/2018 também fiz as mesmas questões para “Samba”, que respondeu:

“Samba”: Ó, é engraçado porque depois que a gente começa a fazer uso parece que nosso ciclo de amizade quase todo usa, então eu tenho amigos das antigas e que eu conheço há muito tempo antes de começar a usar, então ainda são meus amigos e não usam, alguns já usaram, mas não usam mais, e não plantam e não tem nenhum tipo de ligação, mas sabem que eu uso, meus pais sabem que eu fumo, meu pai é policial militar (PM) e tem conhecimento que eu uso, minha mãe também tem conhecimento, não me julgam e me respeitam, pois já tivemos uma conversa muito aberta em relação a isso. Mas sobre o plantio não tem como eles saberem, porque eu acho que o julgamento do plantio seria muito mais pesado, por mais que seja uma coisa que na minha concepção não tem esse peso todo, até acho menos pior eu fazer isso do que subir no morro para fazer alguma coisa, e no fim das contas, seu ciclo fecha, a maioria dos seus amigos fumam e plantam, ou pelo menos fumam.

Eu: Você costuma ocultar suas práticas de outras pessoas? Vamos supor, de pessoas que não fumam, como seus pais, por exemplo? Como que você faz isso?

“Samba”: Sim, de pessoas que não fumam, de pessoas que fumam e que eu julgo não serem confiáveis, porque é como a gente já comentou em outras questões, porque tem um risco legal de ser preso e tal. O primeiro risco que eu corro é de uma denúncia, então para alguém me denunciar tem que ter visto. Então eu tento tomar cuidado tanto com as pessoas

externas à minha casa, que tem acesso à minha janela, os vizinhos e tal, quanto com as pessoas que frequentam minha casa, mesmo que esteja dentro do guarda-roupa, está lá fechado e tal, mas às vezes um feixe de luz, o barulho do cooler, alguma coisa pode chamar a atenção, então eu evito levar as pessoas que não são confiáveis para dentro do meu quarto, a pessoa que às vezes é amigo de um amigo, mas que não é amigo meu. Então a gente acaba dando uma ocultada, porque além da denúncia tem o boca a boca também, o outro chega para o outro e diz: “Nossa, mano! Fui na casa de um cara ontem que tinha um pé e não sei o quê, mó legal! É fulano de tal, amigo de fulano de tal”. Então gera uma preocupação, de certa forma, por causa da exposição que você está sujeito, quanto mais pessoas sabem, maior o seu risco de sofrer uma denúncia ou outra situação qualquer.

“Samba” alega que depois que ele começou a fazer uso social recreativo de maconha as suas redes de amizades e interações parecem quase que se restringem apenas a esses atores morais, mas ele também tem amigos que já usaram e pararam, e que nunca usaram, assim como seus pais, inclusive seu pai é PM, e sabem que ele usa maconha, e essas pessoas não o recriminam moralmente, ou seja, essas pessoas o aceita e o respeita. Mas sobre o plantio é diferente, porque isso é uma prática que ele considera que essas pessoas não podem saber, uma vez que ele poderia ser moralmente recriminado e desrespeitado (HONNETH, 2003). Para “Samba” plantar a própria maconha é melhor do que recorrer ao comércio ilegal, mas esse tipo de pensamento ainda seria inconcebível por seus pais e alguns amigos. Então ele tenta esconder que planta de muitas pessoas, inclusive dos pais e amigos que não fazem uso social recreativo de maconha, pois teme o risco de ser denunciado e sofrer punições formais, através da lei, e informais, por julgamentos morais que poderia estigmatizá-lo.

Em 10/05/2018 também questionei “Shangri-la”: Como você percebe os impactos morais da sociedade sobre suas práticas? Você tem amigos que não plantam, não usam? Qual é a sua relação com essas pessoas? Familiares, eles vão à sua casa? Sabem que você fuma, se planta?

“Shangri-la”: Então, é uma coisa doida também, porque quando, como eu falei, quando eu comecei a fumar, quando eu era bem novinho assim, 16 anos, eu andava com o pessoal da minha sala lá no Ensino Médio e a gente bebia e aí, como te falei, a gente fumava uma vez a cada dois meses, mas ainda assim não era todo mundo que fumava, alguns achavam até meio paia assim, e com outros, a gente fumava e achava engraçado, rachava o bico. Aí quando eu passei na faculdade, comecei a fumar diariamente depois de que eu falei, né? Que eu comecei a morar com esses meninos que fumavam muito. Aí essa galera que eu

andava antes eles começaram meio que a não gostar de mim e me afastar, assim, tipo, reprimir moralmente assim com palavras e tal, falando: “É, não sei o que, fumando maconha, fumar “macoinha”. Aqueles comentários assim provocativos para ti. Pesado! Aí final das contas eu vi que eu gostava mesmo era de fumar maconha, eu falei: “Velho, vou andar com essa galera trouxa não, vou andar com quem gosta também”. Comecei a andar com a galera que fuma, e aí eu passei a ver que é uma coisa super normal entre milhões e milhões de pessoas, porque na verdade é um mundinho fechado de pessoas que não tem contato ali e que vivem nessa. Mas ainda assim minha família toda né, todo mundo sabe que eu fumo, mas ninguém nunca falou diretamente sobre isso. É um tabusão [tabu] mesmo assim, a galera tem medo, no sentido social. Tem tabu nenhum comigo, sacou? Não tem, não fico desconfortável, nem com vergonha. Se falar também eu falo e a gente conversa abertamente. Mas pra esse pessoal é até difícil deles conversar sobre isso. Geralmente são sempre comentáriozinhas assim, soltos em piadas, em alguns momentos, numas reuniões de família. E no ambiente de trabalho, no ambiente acadêmico isso é super aceito, [...] no contexto de “Greenville” isso é muito naturalizado, no contexto que eu vivo principalmente. Mas assim, rola preocupação, né? Porque querendo ou não tem uma carga toda que vai ser atribuída. Então independente de eu ser super tranquilo, de eu ‘tá’ num lugar que é super tranquilo, eu tenho a maioria das pessoas que ‘tão’ ao meu redor sabem que eu fumo e isso não é um problema de forma alguma, ainda existe uma preocupação de fumar no meio da rua, assim, pra todo mundo. É uma pressão moral e que por mais a vontade que eu esteja aqui nesse contexto, ela existe.

Eu: E sobre, por exemplo, a questão de plantar, ninguém da sua família sabe? Você oculta isso até de pessoas que fumam?

“Sangri-la”: Minhas irmãs sabem, né? Mas minhas irmãs até já fumaram, sim. A minha irmã mais velha eu acho que ela gosta, mas também é assim, vez ou outra está numa festa, aí fuma um baseadinho, vai fica muito doida. Não fuma em casa.

Eu: Ela já fumou um “verdinho” com você?

“Shangri-la”: Já. A minha irmã mais nova fumou, mas assim, dá uma bola, passa e já tá de boa. Tem medo, tem medo!

Eu: E amigos assim que fumam e até mesmo não fumam, mas vão à sua casa, sabe que você planta, não sabe?

“Shangri-la”: Saber é lógico que sim, mas a gente sempre tenta controlar.

Eu: Algumas pessoas sabem e outras não?

“Shangri-la”: A questão de plantar você tenta controlar um pouco quem fica sabendo pra não ficar muito boca-boca, assim: “Ah, lá na casa de fulano, de fulano tem as plantas lá”. Que aí quando vê ele fala isso num boteco lá, daí tá um paisano do lado lá e ouve, sacou? Aí que dá ruim. Então a questão de plantar é só quem é muito próximo mesmo, e a gente vai compartilhando. Mas no geral assim quem vai lá em casa que fuma, fica super a vontade, porque é um ambiente de fumante e quem não fuma, assim, fica tranquilo, porque se a pessoa não é tranquilo com fumar maconha, não fuma e não é tranquilo com fumar maconha, é uma pessoa que não vai ser próxima do meu contexto, do meu dia a dia, não vai na minha casa, provavelmente. Mas se for um caso extremo que a pessoa for à minha casa, ela não fuma e não gosta que fuma, aí eu não fumaria e pediria para os moradores: “Ó, vai vir uma pessoa aí que não rola e tal, pedi pra vocês aí não fumar e tal”. Geralmente quando vêm pais, tipo, pais de outras pessoas que moram, aí a galera já avisa e fala: “Ó, o meu pai vai vir aí, tal, não fuma não”. E a gente não fuma, a gente respeita. Claro que às vezes a gente até esquece e quando vê já tá uma marofa, né? Mas acontece, mas a gente costuma respeitar aí.

“Shangri-la” volta ao assunto de quando começou a fumar e aos poucos foi se dissociando das redes morais de amigos que o julgavam (VELHO, 1981) por fazer uso social recreativo de maconha, então a partir daí ele optou por ter mais amizades com pessoas que fumam, e quanto a pessoas que não fazem uso, só com quem o aceita e o respeita. Quanto mais ele começou a se associar em redes morais que fazem uso social recreativo de maconha, mais ele passa a perceber isso como uma coisa cada vez mais normal e inócua, e cada vez mais vai se associando à moralidade dessas redes. Mas sobre plantar a própria maconha é diferente, ele evita comentar e procura controlar quem sabe disso, e de sua família apenas sua irmã que fuma sabe que ele já plantou, mas ele esconde que ainda planta. Então o controle sobre quem vai saber que ele planta é algo almejado e, portanto, atingido.

Na entrevista com “Maria Joana” e “Ramos”, em 22/05/2018, perguntei também: Então, acho que vocês já tocaram nisso por cima, mas vamos tentar aprofundar um pouco mais. Como vocês percebem os impactos morais da sociedade sobre as práticas de cultivo e uso da maconha?

“Ramos”: Eu acho que eu falei um pouco, mas eu acho que é isso, isso que é o mais esquisito para mim, tipo, saber se eu tiver na varanda daqui de casa agora e passar uma viatura de polícia e me ver fumando um, o cara teria tipo o direito de pular aqui dentro para vir me impedir de tal prática, porque eu estaria fazendo algo tão imoral ou tão ilegal quanto estar assassinando uma pessoa ou estar comentando outro crime pior. Então, assim, isso para mim é

muito esquisito, infelizmente acaba pela pressão da grande influência cristã e moralista no país, muitas pessoas já nascem e vão para a escola e são lapidadas pelos pais com a visão de que a maconha é uma coisa absurda e tal. Igual eu comentei da galera lá que foi presa, você via a galera comentando umas coisas no “Facebook” que não dava para entender, a galera nunca viu maconha ou os meninos que foram presos, então a galera comentava como se fosse só pelo fato de um único dado que eles conheciam era isso, um era doutorando, outro mestrando, outro quase formando em engenharia ambiental, mas que retirando isso, só pelos fatos deles estarem, nem vendendo, só plantando em casa, eles eram monstros, que não mereciam estar na sociedade, que era uma vergonha para a universidade, que nem mereciam ter essas oportunidades que tiveram, umas coisas que não fazem sentido nenhum. Então vê se pode você pegar uma pessoa que julgar ela assim, é tipo falar: “Agora aquele fulano ali é pior porque ele planta rabanetes ali na casa dele, e eu não gosto de rabanetes!”. Então falam coisas que não fazem muito sentido.

“Maria Joana”: Esse negócio de ser contra quem fuma maconha eu acho que é uma coisa bem cultural, é questão, não é ética, é moral, né? É uma questão moral! Então eu acho que o cristianismo, o que acontece com ele, tudo o que vem de outras práticas é pagão, é imoral. Então como fumar é uma coisa de que vem de outras culturas, principalmente negros, então eu acho que deve ter muitas influências desses preconceitos, por ser uma coisa que é da Jamaica, de Jah, por ser um culto a outro deus, então torna uma coisa inadmissível, porque o único deus verdadeiro é o cristão. E é assim, as pessoas crescem dentro dessa moral, dessa igreja e é passado de geração em geração, igual sendo exemplo, lá em casa os três filhos, hoje meu irmão não fuma, mas os três filhos fumavam na época quando eu morava lá também, então lá em casa sempre foi um lugar onde todos os amigos nossos de infância ia para fumar maconha, entendeu? O dia inteiro ia amigos lá para poder fumar, e minha mãe e meu pai nem tinham o controle sobre isso, e meu pai ele ficava puto, mas ele não falava, só falava com a gente. E é muito engraçado, porque os xingamentos dele, tipo no trânsito ou vendo futebol: “Maconheiro!”. E era muito engraçado, e teve uma vez que ele estava vendo jogo de futebol, e ele é cruzeirense fanático, ele estava sentado na sala assistindo futebol, aí os amigos todos foram lá dar uma olhada, porque estava tenso o momento no jogo lá, aí ele gritou: “Nossa, que cara maconheiro!”. E quando ele olhou ao redor só tinha maconheiro na sala, aí eu vi que ele foi só diminuindo, ficando pequeno porque ficou sem graça. E hoje em dia ele meio que parou, ele não xinga mais as pessoas como maconheiro, acho que o preconceito diminuiu, não que ele não tenha mais preconceito, mas não tem tanto mais quanto tinha. Mas eu queria

chegar nesse ponto porque ele xinga de maconheiro como se fosse uma coisa tipo assim: “Seu marginal”. Maconheiro é um xingamento, entendeu? Maconheiro é igual à coisa ruim, se você fez uma coisa e não é boa, você é maconheiro. Então para ele, ele cresceu achando que quem fuma maconha é bandido, e ele sempre falou: “Isso aí ou dá cadeia ou dá em caixão”. Olha só as ideias dele: “Maconha vai dar em cadeia ou vai dar em caixão”. Aí, tipo assim, umas coisas desse jeito. Hoje ele já tem outra cabeça, falo isso de 15 anos atrás.

Eu: Vocês têm amigos que não plantam e não usam? Quais as relações de vocês com pessoas que não plantam e não usam maconha? Têm pessoas que vêm à casa de vocês, tipo amigos, vizinhos e parentes?

“Ramos”: Hoje em dia sei lá, tipo com minha mãe, eu julgaria minha relação com minha mãe como que ela não sabe que eu fumo, eu não continuo fumando, pelo menos, ou eu finjo que não sei que ela sabe, e eu continuo. Então a gente fica meio que nessa relação, ela não gosta, nunca gostou, mas não sei por que ela tem um pouco de preconceito, porque todos os amigos dela falam que fumavam e ela era a única que nunca fumou, e eu acho que o negócio de mãe é isso, a sua mãe sempre vai ficar preocupada de você não dar conta de fazer suas coisas, seja por qualquer motivo, pode ser por qualquer motivo, não precisa ser droga, pode ser uma festa ou qualquer coisa que possa te impedir de alcançar suas coisas, então sua mãe fica preocupada. Hoje em dia, sei lá, depois que eu já formei, fazendo agora pós-graduação, acho que ela já tem uma relação de mais confiança, então ela, não vamos dizer que aprova, mas aceita. Não sei, se ela viesse aqui em casa, não sei se eu ia querer esconder as plantas, por exemplo, acho que hoje em dia eu também já pago minhas contas, então a relação vai mudando um pouco mais. Mas com amigos eu acho que, em geral, a grande maior parte de meus amigos todos fumam, então não tem problema.

“Maria Joana”: A gente fez os amigos fumando, né?

“Ramos”: Exatamente! Praticamente se for olhar bem, todas as pessoas que a gente conhece fumam, para você ver, eu e a “Maria Joana” moramos juntos, a gente fuma e planta, e foi uma amizade que aconteceu no gramado da universidade fumando um. Então eu acho que é, eu falaria assim, eu acho que pelo menos 90% dos meus amigos fumam, aí acaba que o resto são aqueles amigos de turma, ou de uma matéria, que apenas convive de boa.

“Maria Joana”: Tipo a “Fulana”, ela não fuma, mas está todos os dias com a gente.

“Ramos”: E o “Ciclano” também, ele não fuma, mas está sempre com a galera, a namorada dele fuma, o resto da galera da república dele também fuma.

“Maria Joana”: Mas eu não escondo de ninguém, eu não escondo da minha mãe ou do meu pai, eu escondo é da polícia ou de alguém que possa me denunciar para a polícia. Imaginando se minha mãe e meu pai vierem aqui em casa, acho que eles nem identificam as plantas, eles vão olhar e achar que é apenas mais uma planta ali, porque eu tenho tantas plantas. Até mesmo porque eles estão acostumados a ver a maconha prensada, todas as vezes que eles acharam lá em casa foi prensada, porque assim, eu sou de Belo Horizonte (BH), e lá em BH não é normal ver do “verdinho”, quando eu falo com meus amigos de BH que eu planto, eles acham a coisa mais legal que existe, quando eu levei e apliquei a galera, eles ficaram doidos, porque nunca viram do “verdinho”, é diferente, minha irmã, por exemplo, ela fica doida, porque não é uma coisa normal para eles, eles fumam haxixe ou outras coisas, mas lá eles não fumam do “verdinho”. E aí eles acham um barato isso, porque aqui em “Greenville”, eu acho que “Greenville” têm a fiscalização, mas ela não é tão incisiva. Na cidade grande corre mais risco, porque o policiamento é muito maior, tem um investimento maior, não tem muita amizade com vizinhos.

Eu: Vocês costumam ocultar as práticas de cultivo de outras pessoas? Acho que vocês já falaram, né? Mais de vizinho e polícia?

“Ramos”: Foi bom você lembrar, eu queria comentar isso. Eu acho que, sei lá, um pouco do que eu vou falar é baseado no sentido de que eu tenho objetivo de ser professor, e aí você fica nesse dilema, porque você como professor, você sempre vai ser o exemplo, ou o bom exemplo ou o mau exemplo, alguma coisa você vai deixar para a galera ali. Então ao mesmo tempo em que se pensa que mostrar às pessoas, os alunos, por exemplo, que você fuma e que você é só um ser humano normal como qualquer outro, que vai e toma uma cerveja, que gosta de sair e se divertir, e têm suas obrigações também, têm seus momentos tensos aí da trajetória e tal, mas ao mesmo tempo você fica naquele negócio, tipo: “Pô, eu vou fumar, o que os alunos vão pensar?”. Podem pensar: “Esse é um maconheiro, não boto fé no que ele fala!”. Tem alguns conceitos, infelizmente, que implica em preconceito da sociedade, como a imagem do maconheiro como aquele cara que fica só deitado em casa, não faz nada, e isso é totalmente diferente no nosso ambiente, porque têm várias galeras que fumam o bagulho pra caramba e são pessoas muito agilizadas, que fazem várias coisas, é ao contrário, são ótimos estudantes ou em várias outras coisas que fazem.

“Ramos” alega que isso é o que ele acha mais esquisito das relações sociais, de saber que ele não pode desfrutar de um baseado na varanda de sua casa sem ser moralmente coagido pela polícia ou vizinhança, e reclama que dentro de sua casa ele deveria ter esse

direito, aceitação e reconhecimento. Ele considera o aspecto imoral e ilegal de plantar a própria maconha muito diferente do aspecto imoral e ilegal de cometer um homicídio ou roubo, que para ele estes últimos sim seriam crimes que lesam outras pessoas. Ao recorrer ao episódio em que teve os amigos presos por plantar maconha, ele fala dos comentários moralmente depreciativos e carregados de estigmas (GOFFMAN, 2004) que ele viu no “Facebook”, em que as pessoas achavam que esses estudantes universitários eram monstros só por plantar a própria maconha, mas para “Ramos” isso é inconcebível e não faz sentido nenhum, do mesmo jeito que não faz sentido uma pessoa ser considerada um monstro por plantar rabanetes. Os julgamentos (VELHO, 1981) informais e carregados de estigmas (GOFFMAN, 2004) são vistos como tão ruins quanto os formais oriundos das leis.

“Maria Joana” considera que as pessoas serem contra quem fuma maconha é uma coisa cultural e de cunho moral, e considera que o cristianismo teve um papel fundamental para essa construção moral contra quem fuma maconha ou faz uso social recreativo de outras drogas, pois estas práticas são vistas como coisas pagãs e que remetem a outros deuses, sendo inaceitável para a moralidade cristã. Quanto aos seus familiares, ela relata que eles sempre foram tranquilos em relação a ela e seus irmãos fazerem uso social recreativo da maconha, mas que seu pai utilizava o termo “maconheiro” para injuriar as pessoas, ou seja, como categoria de acusação. Em relação a plantar, ambos disseram que já estão em um estágio da vida que se fossem visitados pelos pais não esconderiam as plantas, da mesma forma que não escondem de amigos que os visitam, mas eles têm cautela em relação a quem fica sabendo e, portanto, eles só escondem da polícia ou de quem pode denunciá-los.

Ao perguntar o mesmo para “Ruderal”, em 30/06/2018, ele respondeu:

“Ruderal”: Tipo, eu tenho propriedade para falar de religião porque minha família é muito religiosa, e eu já quebrei vários paradigmas e tabus dentro de minha família por ter a personalidade que eu tenho, de falar o que eu acho e tudo mais. Só que isso gera vários impactos, pois eu já sofri vários preconceitos com isso, saca? Por usar cannabis e não esconder, eu sou ativista, a minha relação com a cannabis é totalmente pública, eu não tenho problema nenhum em admitir que eu sou usuário de cannabis, eu não posso dar meu nome nessa entrevista porque eu não posso me expor em uma prática ilegal, mas eu não vejo mal nenhum no que eu faço, entendeu? E dentro das coisas sociais que eu faço, tipo os esportes, meu ambiente de trabalho e meu ambiente de estudo, as pessoas em volta de mim normalmente elas já sabem que eu sou maconheiro, primeiro pelo meu jeito de ser mesmo, minha forma de expressar já passa certa imagem, e eu não tento esconder isso, sempre que o

assunto surge eu falo abertamente, eu não tenho problema nenhum com isso, eu não tento não ser eu. Eu acho que as pessoas deveriam ser mais assim, só sendo assim para conseguir quebrar esse tabu e as pessoas entenderem que mesmo que a pessoa use maconha, ela também pode ser uma pessoa normal assim como o cara que bebe uma cerveja, e vai por aí. Então falta mais um pouco das pessoas, eu tenho muitos amigos que fumam maconha, plantam e tudo, mas se escondem para caramba do estereótipo, não quer ser vinculado com nomes, sacou? Eu acho isso ruim, porque são pessoas que já estão num certo nível social que deveriam encarar melhor isso, ser eles mesmo e ajudar a gente desenrolar isso aí, essa nuvem negra em cima da proibição da parada, sacou?

Eu: Eu ia te perguntar se você tem amigos, você falou a sua relação com pessoas que não plantam também, mas você costuma ocultar suas práticas de outras, a de plantar?

“Ruderal”: Sim! A de plantar é só com um grupo seletivo mesmo de pessoas que eu discuto esse assunto. E que eu trago aqui na minha casa e que eu deixo ver, eu não me exponho justamente por isso, eu tenho que manter uma certa privacidade para garantir que eu vou conseguir continuar fazendo isso sem ter problemas pelo máximo de tempo que eu puder. Esse é um dos planos, o segredo! [...] Então, o negócio de fazer, de você fazer um plantio, é justamente como esconder isso, esse que é o grande xeque-mate da questão, quando você consegue um bom plano para fazer o negócio mocado [escondido], e você vai embora! Essa que é a dificuldade que a galera tem, de ter as manhas de fazer escondido.

“Ruderal” também atribui à moral religiosa o principal tabu social em relação ao uso social recreativo de maconha, e que já sofreu muitos preconceitos e estigmas por causa disso. Alega que não esconde o uso de maconha, mas que em relação a plantar sim, pois é uma prática ilegal, mas ele não vê mal nenhum no que faz, inclusive sustenta a crença de que plantando a própria maconha ele faz menos mal à sociedade do que recorrer ao comércio ilegal. Mas em relação a plantar é um grupo muito seletivo que sabe sobre “Ruderal”, e que são poucas pessoas que vão à sua casa que ele deixa ver as plantas, e que a privacidade e o segredo são fundamentais para plantar a própria maconha e não ter problemas com as relações sociais e, conseqüentemente, com a polícia. Por fim, o segredo e fazer escondido seriam considerados não só para “Ruderal”, mas também para os demais entrevistados, como a chave para o sucesso de plantar a própria maconha e não ter problemas com as regras formais e informais.

Por último, em 05/07/2018 foi “Violão” que expôs sua visão em relação a essa pergunta.

“Violão”: [...] A gente sempre sentiu essa coisa assim da, de ter que fazer a coisa ali meio no anonimato, escondido mesmo e tal. Morava na casa da minha mãe lá e aí tem um tio que mora por cima, e ele sempre também reprendia assim exatamente por conta dessa ideia de moral. Sempre falava comigo: “Eu tenho meus filhos aqui em cima, você fica fumando seu baseado e tal”. E aí, cara, veja a discrepância do negócio. Cara chegava lá em casa, casa dele, casa que era por cima da casa da minha mãe lá, toda noite chapado, bêbado e assim, bebão mesmo, né! Muito mais transformado do que eu, muito mais, sei lá. Ele mudava de personalidade assim mesmo. As coisas que estavam repreendidas nele ali e é isso que o álcool faz. Essa dependência do álcool fazia as coisas repreendidas sair no momento do álcool, no momento de tá embriagado. E assim, ele chega já querendo discussão, querendo brigar com todo mundo, fazendo barulho, caso pessoal aí, fazendo barulho assim tal e é exatamente assim que eu fico quando eu estou bêbado também, sabe? Não no mesmo nível dele assim, mas fico chapado você já fica mais ali, sei lá, um pouco mais tenso né. Aquele monte de gente assim você já fica mais propenso com algumas coisas que quando você, estou fazendo uma comparação mesmo, cara, pra poder entender como é que é absurdo essa ideia, de que essa coisa de causar dependência. Dizem que quando você fuma um baseado você fica mais violento, mais agressivo aí tipo, você fuma um quando você bebe um álcool, e quando você fuma um baseado, você fica exatamente o contrário, sacou. Você fala: “Não quero chegar perto daquela galera ali, porque tá esquisito, meu irmão, vou ficar aqui na minha, sossegado, fumando um cigarrinho”. Aí você toma uma cerveja.

Eu: Então você acha que a galera que só bebe fica muito mais exaltada?

“Violão”.: Muito mais, cara! Muito mais exaltada. Mas é isso né, cara. Mas assim, sobre o convívio com essas pessoas é completamente normal. Teve esse negócio com meu tio, essa coisa de repressão, mas depois quando foi tomando outras características para mim e eu também podendo e já sabendo me posicionar melhor, cara, aí eu acabei ficando desinibido, sacou? Então, assim, hoje que minha mãe sabe que eu sou usuário de maconha, minha família sabe que eu sou usuário de maconha, todos os meus amigos sabem que eu sou usuário de maconha, os mais íntimos sabem que eu tive uma experiência com produção de maconha. É, obviamente que eu não vou contar pra uma pessoa que eu acabei de conhecer se ela não tiver no mesmo meio, né? Porque é uma coisa que nunca pode se expor para qualquer um, uma questão assim mesmo de procedência cotidiana assim, uma coisa séria, né? Pô, eu estou conversando com uma pessoa num contexto X, não cabe eu colocar minhas intimidades pra pessoa, né cara? Então é assim.

Eu: Pra todo mundo se você souber que planta que você fala que planta?

“Violão”: [...] Oh, sinceramente assim então, eu não teria nenhum problema em falar isso assim com nenhuma pessoa, na real, sacou? Conversar a respeito. Inclusive eu acho que é uma coisa que eu coloquei aqui, isso é uma coisa que a gente tá precisando conversar, a gente não entende, precisa conversar sobre isso na escola, sacou? A gente precisa conversar sobre isso em casa, precisa conversar sobre isso no trabalho, tá ligado? A gente precisa conversar por uma questão política, cara, sabe? Uma coisa que envolve a todos nós assim. É igual álcool, é igual o idiota que acha que a gente tá aí no meio da Copa do Mundo agora e que esses mega eventos que o futebol no todo não acaba influenciando nas nossas vidas. Claro que influencia, cara, tá ligado? E essa coisa também da legislação de drogas também influencia, sacou? Porque se você mora num contexto X, onde tem a guerra do tráfico, guerra do tráfico contra a polícia, você sofre os impactos diretamente. [...] Então é isso, eu não teria nenhum problema conversar a respeito disso, mas com a seriedade que precisa ter. Só que pra gente poder ter essa seriedade, primeiro a gente precisa quebrar vários paradigmas e talvez até alguns dogmas que a sociedade têm, né? Isso que é mais complicado. Então a gente precisa mesmo conversar sobre isso, dessa forma. Não teria problema em falar nada com ninguém, sacou, conversaria de boa e teria que ser nesse viés assim. Só que infelizmente eu acabo por varias vezes, assim pela forma como a situação se apresenta, optando por não colocar nada a esse respeito, porque eu sei que vai ter essa demanda e de repente não é nesse contexto ali que ela precisa ser trabalhada, precisa trabalhar um ou outro assim, mas é um assunto que não tá presente, sobretudo na escola, tá ligado. É isso.

Baseado no que foi exposto pelos entrevistados, pode-se considerar que ocultar a prática do plantio é comum e o segredo da prática é uma das chaves para o sucesso. Por essa via, é comum para estes atores esconderem que plantam a própria maconha de alguns amigos que não confiam e da família, dentre os nove entrevistados apenas três disseram que não se importam em deixar as plantas onde estão caso sejam visitados por familiares. Então não é comum divulgar para outras pessoas que eles plantam, o que já é bem diferente em relação a fumar, pois todos não escondem que fumam, nem da família e nem de amigos. É interessante notar que essas pessoas têm as amizades mais próximas apenas com pessoas que fazem uso social recreativo de maconha, embora tenham também amizades com aqueles que não fumam e não julgam moralmente o estigma de maconheiro e, portanto, essas pessoas fazem amizades fumando maconha, ou melhor, firmam agregações nessas redes morais.

Plantar a própria maconha é, em suma, algo feito às escondidas, uma vez que reconhecem que a sociedade, sociedade aqui tomada no sentido genérico, pode julgar o ato como imoral, e a lei como ilegal. Existe também um reconhecimento de ser xingado de maconheiro seria como ser taxado de marginal, mas sobre plantar o julgamento é mais fatigante. Pôde ser observado que quase todos deixaram de ter amizades com atores “caretas” e “julgadores morais”, pois todos já sofreram impactos e preconceitos por apenas fumar maconha, e consideram que o julgamento seria pior no caso de plantar. Logo, ocultar a prática é comum, não só de pessoas que não fumam e de familiares, mas também de pessoas que fumam, não plantam e não são consideradas confiáveis. Então só é possível assumir que plantam quando constituem relações sociais com outros atores morais em que são estabelecidos sentimentos de confiança e, dessa forma, não sentem o risco de serem denunciados, pois a denúncia anônima é um receio que existe inclusive em relação a amigos maconheiros que possivelmente poderiam ser invejosos.

4.5. As relações com outras pessoas que também plantam

Indivíduos que têm em comuns ideias, interesses, sentimentos ou ocupações que o resto da população não partilha com eles, podem se atrair pelas semelhanças e entrarem em relações (DURKHEIM, 1983a). Estas relações aqui são entendidas como associações restritas em redes no seio da sociedade, e que se desprende dessa associação uma vida moral específica. Um grupo, ou melhor, uma associação não é apenas uma autoridade moral que rege a vida de seus membros, mas também uma fonte de vida *sui generis*, uma vez que o efeito moral produzido daí suscita um sentimento de solidariedade entre duas ou mais pessoas, formando sua coesão (DURKHEIM, 1983a). Como fonte de atividade moral, essa rede moral de atores ultrapassa o apego individual para o social por alguma coisa, que neste caso é o apego pelo plantio de maconha para o uso recreativo, pois desse apego emerge uma associação restrita no seio da sociedade geral e desprende-se dessa associação uma vida moral própria. A cooperação e a solidariedade, nesse sentido, configuram relações de reciprocidade nas redes morais dos atores que cultivam maconha em suas casas, sobretudo dos que têm conhecimentos avançados em relação aos intermediários e iniciantes da prática.

Entende-se então que a moral é a fonte de agregação social e que visa assegurar a interdependência e cooperação com os diversos indivíduos sociedade afora, principalmente aos conectados à rede de relações sociais dos “*growers*”. Por se reconhecem e se aceitam moralmente uns nos outros, esses cultivadores estabelecem relações de reciprocidade nas trocas de conhecimentos e informações sobre o plantio e cuidado com as plantas de maconha.

Nessa perspectiva, foi perguntado o seguinte aos entrevistados: (5.1) você conhece ou se relaciona com outras pessoas que também cultivam maconha para o uso próprio? (5.2) se sim, como decorre tal relação?

“Maestro”: às vezes você está no rolê e chega um cara e fala: “Você é *grower*?”. Eu falo: “Oh irmão, como assim? Como assim?”. “Ah não, é porque sou ‘*grower*’ também”. “Mas o quê você planta?”. E eu começo a trocar ideia com o cara. Se o cara tiver a liberdade de chegar e abrir o jogo com você, em algum momento você pode chegar e abrir o jogo também, abrir liberdade de trocar ideia com o cara na moral. É por isso que a gente conhece pessoas e “*growers*”, senão a gente não conheceria. Se não se identificasse a gente não aumentaria a rede, a gente não troca necessariamente só informação, mas às vezes a gente troca planta, mas não necessariamente troca informações por “Whatsapp”, mas pessoal, porque muitos têm que começar, têm muitas pessoas querendo começar, e eu acho que essas pessoas precisam de um norte, se elas estão levando a mesma conduta que estou levando. [...] Se ela quiser fumar um “*green*” e ficar de boa dentro de casa, eu ficaria de boa em ajudar a pessoa, está ligado? Mas continua sendo ilegal, isso que é palha! [...] Aí volta no assunto daquela pergunta, por ser uma parada ilegal, na constituição a partir de quatro pessoas é formação de quadrilha, e a partir do momento que tem formação de quadrilha, você pode ter associação com o tráfico de drogas, então quando a gente fala de pessoas que plantam maconha, então todo mundo fica muito, mas com muito pé atrás, está ligado? E se for uma pessoa que for vacilar com você? Ela vai vacilar com você e com mais um monte, então acaba que os “*grow*” são a galera que é assim de boa, não gosta de esparrar, a gente tem contato, vários, inúmeros “*growers*”.

“Maestro” expõe que quando se identifica com outros cultivadores, ele sempre se dispõe a ajudar a pessoa a começar, uma vez que outras pessoas que se dispõem em levar a mesma conduta, que é considerada ilegal e imoral, precisam de um norte para começar, então ele sempre busca ajudar quem quer começar a plantar a própria maconha. Sobre as relações de solidariedade, reciprocidade e cooperação, ele relata que trocam não apenas informações e conhecimento, mas às vezes trocam também genética de plantas e outras coisas. No final da resposta ele parece ter receio de falar mais, e começa a falar sobre formação de quadrilha e associação com o “tráfico” de drogas, então fica na sua e diz não querer esparrar, mas que tem contato com inúmeros cultivadores e trocam cooperativamente muitas coisas relacionadas ao plantio da própria maconha.

Na entrevista com “Ronaldo” e “Gilberto”, em 28/04/2018, também indaguei: Vocês conhecem outras pessoas que plantam maconha?

“Ronaldo”: Conheço! Conheço alguns amigos.

Eu: Como vocês se relacionam? Trocam às vezes, tipo informações sobre como fazer e de como plantar? Ou plantas?

“Ronaldo”: Informações de como fazer, manipular melhor a planta, sim! Com certeza o conhecimento tem de ser passado, e maconha é uma planta normal, e a agricultura está ligada diretamente...

“Gilberto”: Há um enorme potencial assim.

“Ronaldo”: Vários potenciais!

“Gilberto”: Agrícola, medicinal...

“Ronaldo”: E sim, a gente troca informações para poder plantar um pouco melhor. Maconha é uma planta muito boa, é uma planta!

“Gilberto”: É uma planta, né!

“Ronaldo” e “Gilberto” também mostraram receio em falar sobre suas relações com outras pessoas que cultivam a própria maconha, mas relataram que conhecem e se relacionam com essas pessoas, que cooperam entre si através de troca de informações de como fazer diversas coisas, como manipular a planta. Percebe-se em suas falas que partilhar reciprocamente conhecimento sobre a planta é muito relevante e, nesse sentido, pode-se observar que a solidariedade também se estabelece em suas relações com outros atores morais que plantam a própria maconha.

Em 04/05/2018 também fiz a mesma pergunta para “Samba”, da seguinte forma: Você conhece ou se relaciona com outras pessoas que cultivam para o consumo próprio? Se sim, como decorre tal relação? Vocês trocam informações sobre o plantio, ou trocam maconha? Como ocorre essa relação?

“Samba”: Sim, sim! Conheço! Eu até brinco com a galera que a gente está começando uma coisa que tem no Uruguai, né! Que são os clubes de ‘cannabis’, que a galera se reúne para poder plantar para o consumo comunitário e coletivo. E aqui a gente tem meio isso sim, eu e mais uns amigos a gente planta, a gente sabe que todos plantam, e a gente troca informação, uma coisa que dá errado com um e dá certo com outro, a gente cruza essas informações de utilização mesmo do ‘*grow indoor*’, tempo de luz, etc., ventilação, troca de muda. Então a gente faz um sistema bem coletivo de troca de informação, de semente, de muda, de poder ajudar a quem se disponha a correr esse risco e poder no objetivo que é colher

e todo mundo poder fumar da flor de verdade, né! Sem ficar dependendo do prensadão, é foda! [...] É... eu estou pensando aqui, porque a galera que eu conheço mesmo é a galera que você fez as entrevistas, os meninos e tal. Porque a gente, é igual eu te falei: “Eu estou fazendo isso”. E o outro: “Eu também estou fazendo isso”. E então nós estamos juntos então. E quando vê têm cinco ou seis que fazem, às vezes moram juntos, às vezes não. Então começa a meio que fazer uma sociedade ali de pessoas com o mesmo fim, né? Todo mundo correndo o mesmo risco, mas com o mesmo intuito de sair dessa ideia do tráfico e poder também ter esse sustento próprio sem depender de nada.

“Samba” também conhece e se relaciona com outras pessoas que plantam a própria maconha, inclusive que com alguns amigos mais próximos existe uma pretensão de formar uma coisa que é ilegal no Brasil, mas que existe legalmente no Uruguai, isto é, um clube de pessoas que plantam a própria maconha. Nas relações de solidariedade, reciprocidade e cooperação estabelecidas nessa rede moral de amigos, “Samba” expõe que eles trocam informações sobre coisas que dão errado, cruzam informações diversas e outras coisas, como trocar plantas e “camarão”. É interessante que em sua exposição ele deixa claro que sempre se dispõe em ajudar outras pessoas que se disponham a correr o mesmo risco. O risco, nesse sentido, começa a aparecer como um sentimento que pode ser visto como uma das fontes de agregação dessa rede moral e, logo, de coesão moral.

Em 10/05/2018 “Shangri-la” disse: Sim. Sim, informações. Que nem esse amigo meu que eu falei mais cedo que é da minha cidade, que plantava e tal. Ele plantava num esquema muito bruto, ele fazia uns materiais até pra gente ler e ver tudo que ele fez e tal. Então a gente compartilhava bastante informação. Daí ele parou de plantar, parou de fumar muito, aí não troco muita informação mais, mas se for o caso de eu perguntar, ele vai saber me ajudar e responder e me ajudaria. E aqui em “Greenville” tem a galera que planta também, mas eu acho que todo mundo fica meio nessa, não fica falando por aí que planta, sacou? Então às vezes você fala que você tá com um pezinho lá, numa hora você tá num bar lá bebendo uma, aí o amigo fala: “Ah, tem um pezinho lá também assim, assim e assado”. Daí que rola isso de compartilhar de informação. Mas uma ou outra pessoa que você sabe mesmo que planta e você compartilha informação, eu busco sempre. Tem outro amigo que planta também e que ele produz até o próprio adubo, mas é na composteira mesmo, daí sai aquele líquido, processo bem profissional mesmo que ele fez lá e aí ele fortalece esse adubo, tem um nome o adubo, mas esqueci. É uma parada líquida. Não vou lembrar não. Deixa ver se eu, espera aí. É, enfim, aí ele fortalece em troca de, às vezes, de uma salvinha aqui, outra ali, ou só fortalece também.

Ele vai compartilhando as coisas, informação, etc., eu vou na casa dele, ele mostra. Esse amigo meu ele é bem... A gente sabe já que um outro planta e a gente compartilha as paradas. Mas é uma coisa também bem restrita ainda, por causa dessa coisa de ninguém ficar falando muito também que planta e tal. Você vê como é que a ilegalidade reflete nisso, sacou? E se não fosse ilegal todo mundo ia tá falando, ia tá compartilhando informação, ia tá compartilhando espécie de planta, variedade.

Eu: Ia acabar virando uma coisa normal?

“Shangri-la”: Ia ser uma coisa naturalizada total. Um processo. Mas que eu acho que isso é inevitável também. Uma hora, eu acredito que dentro de 20 anos, por aí, isso aí já vai ser outro cenário. Vai ser muito mais normal plantar.

“Shangri-la” deixa evidente que ele troca informações com quem planta, e que também conhece muitas pessoas que cultivam a própria maconha, e elas sempre estão dispostas a ajudá-lo em suas dúvidas, assim como o contrário. Achei interessante no momento em que ele expôs que seu amigo que o iniciou na volição do plantio da própria maconha parou de plantar, mas que ainda é solidário e o ajuda quando é preciso. “Shangri-la” conhece mais pessoas que moram em “Greenville” e plantam a própria maconha, e com esses conhecidos ele troca informações quando necessário e, às vezes, até uma “salva”. Mas essa troca de informações, genéticas de plantas, salvas e outras coisas, ocorrem apenas com uma rede restrita de pessoas, não é com qualquer um que aparece e fala que está plantando. Para “Shangri-la” a ilegalidade é o maior empecilho, e que se não fosse ilegal plantar a própria maconha a prática ia se tornar uma coisa normal pela sociedade afora.

Na entrevista simultânea com “Maria Joana” e “Ramos”, que ocorreu em 22/05/2018, eu também indaguei: Vocês também falaram um pouco nisso, mas vamos tentar aprofundar um pouco mais. Vocês conhecem ou se relacionam com outras pessoas que cultivam maconha para o uso próprio? Se sim, como ocorre essa relação? Vocês trocam informações sobre cultivo? Técnicas? Enfim, genética?

“Maria Joana”: Eu costumo trocar, até mesmo porque eu não tenho muito conhecimento sobre plantio, então eu pergunto mais a um pessoal que eu conheço, principalmente o pessoal que tem mais tempo e tem muitos amigos na agronomia que entendem um pouco mais da composição de solos e tal, e dão umas dicas, mas eu tenho pouco conhecimento sobre, mas eu estou sempre trocando ideias, qualquer coisa que acontece a gente sai perguntando quem tem conhecimento a mais pra gente se orientar.

“Ramos”: Eu acho que é isso, troca de experiências e de espécies, de genética, eu lembro que isso foi maior, principalmente na época do sítio, que a gente tinha o sistema “indoor”, dava para utilizar bastante as questões de clone, e aí rolava bastante troca, porque se você consegue fazer um clone, você nem sabe qual vai vingar, mas você faz 10 e dá 5 da mesma espécie, você não precisa de 5 plantas da mesma espécie, às vezes você vai e troca com outro os clones, ou em sementes mesmo. Então sempre é legal ver essa questão, e não só com a gente, mas a gente vê que acontece isso bastante, porque quando eu estava na Holanda eu tinha experimentado uma genética lá que eu acho muito boa, que chama “*Hawaiian Snow*”, é uma genética muito boa e não tinha na época que eu plantava com esse pessoal no sítio, não tinha dessa genética, e eu voltei e daí já tinha, e eu fumei com uma pessoa, deu um tempo e todo mundo tinha na cidade de uma planta que não tinha. Isso acontece porque uma pessoa planta, a outra vai e clona, e passa para a outra, que passa para a outra, e quando você vai ver já tem uma genética rodando na cidade toda. É bacana isso!

“Maria Joana” relata firmar relações de reciprocidade e cooperação com outros atores morais que também plantam a própria maconha, até mesmo porque ela tem pouco conhecimento sobre o assunto, então quando ela tem algumas dúvidas, ela sempre recorre a alguns conhecidos, estes últimos que dão dicas e sanam as dúvidas sobre as suas questões. “Ramos” afirma as relações de solidariedade que perpassam pelos interesses mútuos de plantar a própria maconha, e isso com ele já foi maior no passado, quando morava em um sítio, mas que no dia da entrevista isso ainda existia com uma rede restrita de pessoas. Trocar informações não é a única prática, mas também genética de plantas e outras coisas afins ao cultivo da própria maconha. A solidariedade, reciprocidade e cooperação dentro dessa rede moral de atores que plantam a própria maconha vai ficando cada vez mais evidente a cada resposta das entrevistas.

Em 30/06/2018 também perguntei para “Ruderal”: Você conhece ou se relaciona com outras pessoas que também cultivam maconha para o próprio uso?

“Ruderal”: Sim, sim! Eu acho que hoje em dia isso se popularizou bem, existem muitas pessoas fazendo isso, muito mais do que na época que eu comecei, e é legal hoje em dia, porque o pessoal troca informação, troca genética de plantas, troca as experiências e tal. Está muito mais fácil hoje em dia para ter acesso a esse tipo de coisa, né? Se a pessoa quiser começar hoje em dia, ela sempre tem um amigo aí que já conhece, que já fez ou que já fez, que tem as manhas, saca? Hoje em dia está bem mais fácil.

“Ruderal” já tem oito anos que fuma só da própria maconha cultivada, portanto é um cultivador muito experiente. Ele relata que nos dias atuais o cultivo da própria maconha se popularizou bastante, e sugere que cada vez mais existem mais pessoas que aderem à prática, mesmo sendo uma prática considerada ilegal e imoral. Na sua exposição também aparecem as relações solidárias através das trocas de informações, genética de plantas e outras experiências de cultivo. Ele então diz que hoje em dia está mais fácil devido às redes sociais, e isso realmente foi observado nos grupos do “Facebook” que foram acompanhados no decorrer da pesquisa. Logo, pode-se presumir que a solidariedade, reciprocidade e cooperação existem tanto nas relações estabelecidas nas redes morais face a face quanto nas redes morais virtuais.

E por último, em 05/07/2018, eu também perguntei para “Violão” o seguinte: Você conhece outras pessoas que plantam maconha? Se sim, qual a sua relação com essas pessoas? Vocês trocam informações? Mudas? Talvez “buddie”?

“Violão”: Cara, eu conheço vários amigos assim íntimos. Múltiplos não. Vários amigos, eu tenho um ciclo de amigos e tal, que produzem também. Mas não seja talvez assim, é mais na camaradagem, e a gente troca algumas informações vez ou outra, e de repente um *brother* fala produziu um que tá bonito, me dá um “buddiezinho” ali pra eu fumar. Mas conheço várias pessoas, várias pessoas que plantam, alguns amigos mais próximos, outros nem tanto. Conheço sim. A relação é troca informações, “buddie”, e é isso, tipo, alguns são amigos mais íntimos, mas eu também sei que tem outra galera. [...] Mas tem uma galera que está mais, está mais envolvida, que eu já vi mesmo assim produzindo umas coisas, né? Que eu queria também produzir. Então, assim, é uma coisa também que eu vou logo mesmo fazer um, ali um relatoriozinho também a respeito, sacou? Porque eu quero saber o passo a passo, como é que foi a produção X assim dum *brother* para eu tentar fazer também.

Através dessas perguntas foi possível observar que as relações de cooperação e reciprocidade estão para além dos grupos firmados em redes sociais, mas também nas redes morais face a face. Existe então uma relação de reciprocidade e cooperação que forma uma solidariedade entre esses atores morais para ajudar uns aos outros, mas principalmente os iniciantes e, nessa perspectiva, oferecer um norte para quem se dispõe a levar a mesma conduta ilegal, isto é, formam relações solidárias de disposição a ajudar quem se dispõe a correr o risco de plantar a própria maconha. As relações morais dessa rede de atores pode ser o fundamento para essas outras relações sociais que aparecem, ou seja, as relações de solidariedade, reciprocidade e cooperação. Todos os entrevistados trocam conhecimentos, experiências e informações sobre como lidar com as plantas, inclusive experiências que deram

errado. Além disso, em “Greenville” esses atores morais trocam também sementes, mudas, clones, adubos, genéticas de plantas e até mesmo camarão de maconha já pronto para fumar. Isso ficou evidente nas falas que discorreram sobre a proliferação de genéticas de plantas em “Greenville” entre os cultivadores, e como isso se popularizou e está cada vez mais fácil, pois cada vez mais tem mais e mais pessoas aderindo à moralidade de cultivar a própria maconha.

Essas pessoas consideram a maconha uma planta normal, assim como consideram normal e firmam uma moralidade peculiar em torno de plantar a própria maconha, e como existe um reconhecimento de que ela está ligada à agricultura, existe também um reconhecimento de que o conhecimento tem de ser passado adiante e proliferado. Esses atores morais não ficam falando por aí com quaisquer outros que plantam, pois isso é uma coisa restrita entre conhecidos, mas alguns também o fazem em redes sociais, como em grupos do “Facebook”, por exemplo. Portanto, quando esses atores conhecem outros atores que também cultivam e se identificam, eles se dispõem a se ajudar na mesma prática do ilegalismo popular de plantar a própria maconha para os seus diversos usos sociais e, dessa forma, configuram diversas relações de solidariedade, reciprocidade e cooperação com os atores que se associam em suas redes morais.

CONCLUSÃO

A partir de um trabalho de campo que envolveu observação, interação e entrevistas qualitativas com atores que fumam e plantam a própria maconha para o uso social recreativo, assim como de leituras teóricas das ciências sociais e da articulação dessas duas diretrizes, presume-se que estes atores se associam através de agregações configuradas no decurso de suas redes morais. Neste sentido, rede é aqui entendida como conexões sociais que interligam atores que estão envolvidos em relações de similitudes morais, uma vez que atores que têm em comuns interesses, ideias e sentimentos que outras redes morais não partilham, podem se atrair pelas semelhanças e entrarem em relações sociais, e dessas associações em redes morais se desprendem vidas morais específicas e heterogêneas sociedades afora. O efeito moral produzido daí suscita um sentimento de solidariedade entre esses atores interligados, solidariedade essa que se desprende do reconhecimento e aceitação moral oriunda de uma reciprocidade de interesses, sentimentos e ideias.

Então, conjectura-se que o plantio caseiro da própria maconha pode ser visto como uma fonte de atividade moral *sui generis*, pois nessas redes morais que estes atores firmam acontece a ultrapassagem do apego individual para o social da prática do ilegalismo popular configurado nos atos do plantio caseiro da própria maconha, ou seja, o sentido atribuído a essa prática é imputado pelo comportamento de outros atores que plantam a própria maconha. Em suma, plantar a própria maconha para o uso social recreativo, nesta pesquisa, se apresentou como um sentimento moral de libertação em relação às repressões formais e informais que esses atores sofrem, e isto faz com que eles estabeleçam relações de solidariedade, cooperação e reciprocidade de sentimentos, pois eles possuem ideias e sentimentos comuns que configuram normalidades morais contextualizadas em suas agregações em redes.

Considera-se que é papel do sistema penal gerir diferencialmente os ilegalismos populares, e no Brasil a legislação formal coloca os atores autuados por plantar a própria maconha diante de circunstâncias diversamente embaraçosas, uma vez que as subjetividades morais dos juízes que analisam e deliberam sobre os processos podem acarretar inconsistências na economia da punição, e isso têm provocado diferentes pesos e diversas medidas nas economias das punições aplicadas a essa prática. É interessante salientar que as interpelações da PM e as autuações dos delegados também são cruciais na construção do processo penal. Acontece que cultivar a própria maconha para uso pessoal ou social e o que é considerado “tráfico” drogas são atividades que são consideradas pelos cultivadores como demasiadamente distintas, mas elas também podem ser vistas como atividades análogas pelos

atores que compõem o sistema penal e constroem os processos penais, e embora se trate de ilegalismos distintos, pode ocorrer a mesma penalidade para ambas as práticas, isto é, tanto os “traficantes” podem ser enquadrados como “usuários” quanto os cultivadores da própria maconha como traficantes. Sendo assim, usuários-produtores da própria maconha buscam fazer uma separação da imagem deles com a imagem do “traficante”, isto é, uma limpeza simbólica, uma vez que o ideário moral da sociedade geral, e até mesmo dos *growers*, consideram o “traficante” um dos maiores inimigos da sociedade brasileira.

A criminalização das práticas atreladas aos usos sociais da maconha no Brasil pode ser entendida como um ato corriqueiro de empreendedorismo moral que tinha por objetivo incriminar algumas práticas culturais e sociais, sobretudo dos povos africanos escravizados. Disso pode-se considerar que alguns ideais morais relacionados aos usos de maconha são enfadonhos, pois eles associam a introdução dos usos sociais de maconha no Brasil como práticas desses povos, fazendo com que isso conecte estreitamente os usos sociais ao vício, ao crime e à violência e marginalidade social. Além disso, a legislação não condiz com um viés menos punitivo, estabelecendo a prisão, sobretudo em um sistema prisional falido e ineficaz que só piora as condições dos encarcerados, como principal forma de punição. Se o sistema penal gere diferencialmente os ilegalismos populares, então é sua função controlar e codificar as práticas lícitas e ilícitas, assim como as infrações a serem passíveis de punições. O pior é que existe uma confusão na legislação brasileira de drogas, pois ela não define claramente uma separação entre o que é considerado “usuário” do que é considerado “traficante”, o que coloca em xeque uma possível gerência justa desses ilegalismos por parte da rede que penaliza formalmente as práticas do plantio, consumo e comércio ilegal. Acredita-se que mesmo se a lei diferenciasse “usuário” de “traficante” a perseguição e encarceramento a partir de critérios econômicos, raciais, morais e por outras distinções sociais poderiam continuar.

Não é possível a existência de uma unidade social onde visões convergentes e divergentes estão separadas, mas somente quando estas estão entremeadas e entrelaçadas, e essa unidade resulta da síntese total das diferenças entre atores morais, possibilitando também a consideração de múltiplas unidades moralmente conflituosas. A lei de drogas no Brasil então é vista como parte de um conflito moral que, através da proibição e repressão, visa aniquilar uma das partes. Por outro lado, existem também as redes de atores morais que mesmo proibidos e repreendidos, quando é o caso, e mesmo de forma considerada ilegal e imoral usam drogas, e no caso da maconha isso se acirra quando o usuário planta a própria maconha, firmando outros conflitos morais no ato de plantar a própria maconha em suas

residências. O conflito, por essa via, também aparece como algo integrador, ou seja, o conflito possui uma dimensão agregadora, pois ele preserva os limites das redes morais, até mesmo os limites e conflitos internos, ao mesmo tempo em que estabelece unidades tanto homogêneas quanto heterogêneas entre elas.

A tentativa de controle e disciplina sobre um ilegalismo popular é caracterizado por dois padrões de ação que estão estreitamente interconectados e são mutuamente dependentes, sendo eles os controles formais, exercidos por agências estatais e pela justiça criminal enraizada, e os controles sociais informais, inerentes às atividades diárias e interações cotidianas. As instituições formais de controle do que é considerado crime tendem a ser reativas e adaptativas, uma vez que complementam os controles sociais informais da vida cotidiana. À medida que os caracteres da vida cotidiana muda, seus hábitos e rotinas em mudanças geralmente produzem consequências nas redes desses controles informais que, por sua vez, podem gerar problemas tanto para o funcionamento quanto para a eficácia das instituições dos controles formais. Portanto, as redes que propõem o controle do que é considerado crime entrelaça diversas atividades de produção da ordem social das autoridades, e também as atividades de atores morais e suas agências privadas com suas vidas e hábitos diários, estes últimos que podem tanto manter e legitimar o controle moral formalizado, através da ordem, quanto tentar reagregá-los e reafirmá-los através da “desordem” e “subversão”, como pôde ser observado no caso do plantio caseiro da maconha para uso social recreativo.

A tentativa de controle através da lei e de sua imposição sugere que os estágios de imposição e conformação a elas são conflituosos, pois certos valores morais que permeiam certas leis formais geralmente podem ser guias insatisfatórios para outras práticas de redes morais. Se a autonomia da ação implica na concentração de poder nas mãos de quem a detém, então se apresenta o problema do controle da ação autônoma. Atores que infringem leis geralmente não aceitam a imposição de uma lei pela qual são julgados, pois podem encarar que os seus julgadores não são competentes ou que não são legitimamente autorizados para fazê-lo. Os atores que plantam e usam a maconha própria, nesta perspectiva, agem de tal maneira porque acreditam dogmaticamente que podem contornar uma ordem para estabelecer uma “boa” ordem. Logo, a partir da análise da vida moral específica de quem planta a própria maconha, pôde-se observar como esses atores transgressores desenvolvem os seus argumentos para explicar por que estão certos e porque os que os desaprovam e punem estão errados e,

portanto, como eles conferem um sentido próprio àquilo que pensam e fazem, mesmo que seja através de uma prática considerada ilegal e imoral por outras redes morais.

Os supostos problemas trazidos por esses transgressores de regras formais e informais, quando se trata da ordem social e sua antítese, perpassam por critérios intrínsecos às ações sociais e aos conflitos políticos que suscitam, pois a política está relacionada a qualquer ação intencional e estratégica que envolve o problema de poder, seja este formal ou informal, tornando as disputas de certos atores morais com seus eventuais acusadores também em um conflito político. Nessa perspectiva, não se pode ignorar o aspecto político do fenômeno do poder de plantar a própria maconha em casa para seus diversos usos sociais, que aqui o enfoque foi no uso social recreativo. Em suma, o que é considerado como um ilegalismo popular, pelo lado do sistema penal pode ser um mecanismo de poder disciplinar, mas, por outro lado pode também ser visto como um ato de poder e, portanto, a prática discursiva de plantar a própria maconha configura um conflito político em sua prática, estreitando a relação entre o que é considerado “desvio” e “poder”, pois onde há poder, há resistência, e onde há resistência, há também o “contrapoder”, uma espécie de poder que não pode ser ignorada.

O uso de drogas, sobretudo o de maconha, nesse sentido pode ser considerado um fenômeno normal, assim como uma disputa de poder, visto que nossa sociedade contemporânea tolera algumas drogas psicoativas, tornando-as lícitas, legais e morais, ao mesmo tempo em que proíbe e estigmatiza outras, ao categorizá-las como ilícitas, ilegais e imorais. Sendo assim, o sistema penal e suas regras formais configuram um problema político deveras conflituoso ao tentar equacionar a ilegalidade de uma droga por meio da repressão policial aos seus usos, como no caso do plantio e consumo de maconha para os seus diversos usos sociais. Por outro lado, é inegável que em torno da maconha e de seus usos sociais configuram diversos motores morais, estes que configuram redes de agregações e reagregações morais em torno dos usos sociais da maconha. Essas redes morais se formam e exprimem os conflitos morais que perpassam pelas tentativas de coibir os exercícios das paixões ébrias dos atores morais que as permeiam. Portanto, através do plantio caseiro da própria maconha para os seus usos sociais, seja medicinal, religioso ou recreativo, ou mesmo do ato de fumar maconha “prensada” ou utilizar outras drogas comercializadas pelo famigerado “tráfico”, pode-se afirmar que ninguém deixa de fazer algo porque é proibido.

Em suma, as ações negadoras, reflexivas e contrapostas às associações formais e informais de poder estabelecem novos valores e outros atores morais e, nessa perspectiva,

entrelaçam-se em diversos tipos de subjetivação que processam atores diversos a partir do poder de transgressão. A legislação que tem por objetivo proibir e reprimir os usos sociais da maconha no Brasil, assim como o seu plantio caseiro para uso próprio, é uma “lei para inglês ver”, pois se trata de uma lei demagógica, extremamente moralista e que na prática não é efetiva, uma vez que não são e jamais serão cumpridas, mesmo que a penalidade para isso fosse alterada para a pena de morte, pois existem moralidades fortemente consolidadas a partir dos usos sociais de drogas, sejam elas lícitas e socializadas ou ilícitas e estigmatizadas. Logo, uma lei menos demagógica e menos moralista se mostra interessante para trazer a aceitação moral e o reconhecimento jurídico dessas práticas, e assim tentar reverter o estigma que paira sobre esses atores morais e normalizar suas atividades. Normalizar no sentido de tornar as práticas ligadas aos usos sociais da maconha, ou até mesmo de outras drogas categorizadas como ilícitas, em práticas morais normais e que não sejam inconvenientes para a sociedade geral.

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, Marcos César; FRAGA, Paulo César Pontes; CAMPOS, Marcelo da Silveira. Apresentação: perspectivas atuais sobre políticas, produção, comércio e uso de drogas. **Tempo Social**, v. 29, n. 2, p. 1-14, 2017.
- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**: coleção pesquisa qualitativa. Bookman Editora, 2009.
- BARROS, André; PERES, Marta. Proibição da maconha no Brasil e suas raízes históricas escravocratas. **Periferia**, v. 3, n. 2, 2012.
- BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Zahar, 2009.
- _____. Becoming a marihuana user. **American journal of Sociology**, v. 59, n. 3, p. 235-242, 1953.
- BERGERON, Henri. **Sociologia da droga**. Aparecida: Ideias & Letras, 2012.
- BLOOMER, Julian. Using a political ecology framework to examine extra-legal livelihood strategies: a Lesotho-based case study of cultivation of and trade in cannabis. **Journal of Political Ecology**, v. 16, n. 1, p. 49-69, 2009.
- BRANDÃO, Marcílio Dantas. Em Marcha: maconha e a reversão de um estigma. **Praça: Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE**. Volume 1, Número 1, 2017.
- BRASIL. **Lei Nº 11.343**, de 23/08/2006. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111343.htm>. Acesso em 26/03/2017.
- _____. **Portaria Nº 344**, de 12/05/1998. Disponível em <http://www.anvisa.gov.br/hotsite/talidomida/legis/portaria_344_98.pdf>. Acesso em 26/03/2017.
- CALDEIRA, Tereza Pires. A presença do autor e a pós-modernidade na antropologia, p.133-157. **Novos Estudos**. CEBRAP: São Paulo, nº 21, 1988.
- CARLINI, Elisaldo Araújo; RODRIGUES, Eliana; GALDURÓZ, José Carlos F. **Cannabis sativa L. e substâncias canabinóides em medicina**. São Paulo: CEBRID, 2005.
- CARNEIRO, Henrique. As drogas: objeto da Nova História. **Revista USP**, n. 23, p. 84-91, 1994.
- DORIA, Rodrigues. **Os fumadores de maconha**: efeitos e males do vício. imprensa oficial do Estado, 1916. Disponível em <https://growroom.net/download/livros/maconha_coletanea_01.pdf> Acesso em 08/09/2018
- DUGARIN, J.; NOMINÉ, P. Toxicomanie: historique et classifications. **Confrontations psychiatriques**, nº. 28, p. 9-61, 1987.
- DURKHEIM, Emile. **Da divisão do trabalho social**. In: Os Pensadores: Émile Durkheim. São Paulo, Abril Cultural, 1983a, p. 1-70.

_____. **Lições de Sociologia: a Moral, o Direito e o Estado**. São Paulo: Edusp, 1983b.

DURHAM, Eunice. “A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas”, p.17-34. In R. CARDOSO (org.). **A Aventura antropológica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FOUCAULT, Michel. **A sociedade punitiva**: curso no Collège de France (1972-1973). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.

_____. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

_____. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. Disponível em <<http://lelivros.live/book/baixar-livro-microfisica-do-poder-michel-foucault-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>> Acesso em 11/02/2018.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**: Coleção Pesquisa qualitativa. Bookman Editora, 2009a.

_____. **Qualidade na pesquisa qualitativa**: Coleção Pesquisa Qualitativa. Bookman Editora, 2009b.

FRAGA, Paulo Cesar Pontes. Plantios ilícitos no Brasil: notas sobre a violência e o cultivo de cannabis no polígono da maconha. **Cadernos de Ciências Humanas-Especiaria**, v. 9, n. 15, p. 95-118, 2006.

FRAGA, Paulo César Pontes; SILVA, Joyce Keli do Nascimento. A participação feminina em mercados ilícitos de drogas no Vale do São Francisco, no Nordeste brasileiro. **Tempo Social**, v. 29, n. 2, p. 135-157, 2017a.

_____. Police Action and the Drug Business in Brazil. In: Riccio, V and Skoogan, W. (Org). **Police and Society in Brazil**, 1ed, v. 1, p. 93-106. London: Taylor and Francis, 2017b.

FRY, Peter. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GARLAND, David. **La cultura del control**: crimen y orden social en la cultura contemporánea. Barcelona: Gedisa Editorial, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. E-book, 2004. Disponível em <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3245337/mod_resource/content/1/GOFFMAN%2C%20E.%20Estigma%20notas%20sobre%20a%20manipula%C3%A7%C3%A3o%20da%20identidade%20deteriorada..pdf> Acesso em 13/02/2018.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34, 2003.

LANG, Marina. **Fumaça na nuvem**: a busca por “maconha” no Google e no Facebook. 133 f. 2015. Dissertação (Mestrado em História)—Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

LATOURE, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria ator-rede**. Salvador: Edufba; Bauru: Edusc, 2012.

_____. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. **Objectos impuros: experiências em estudos sobre a ciência**. Porto: Afrontamento, p. 39-61, 2008.

MACHADO, Luiz Antonio da Silva. **Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 35-76, 2008.

MACRAE, Edward John Baptista das Neves; SIMÕES, Júlio Assis. **Rodas de fumo: o uso da maconha entre camadas médias**. EdUFBA, 2000.

MAGALHÃES, Raul Francisco. **Crítica da razão ébria: reflexões sobre drogas e a ação imoral**. São Paulo: Annablume, 1994.

_____. **O que é imoralidade**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

MISSE, Michel. Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria “bandido”. **Lua Nova**, n. 79, 2010.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred. Os Parentescos por Brincadeira. In: **Estrutura e Função na Sociedade Primitiva**. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

RODRIGUES, Luzania Barreto; DA SILVA RIBEIRO, Monique; FRAGA, Paulo César Pontes. O envolvimento de adolescentes no tráfico de drogas em Juazeiro-Norte da Bahia: uma análise do fluxo dos processos judiciais da vara da infância e da juventude. **Teoria e Cultura**, v. 12, n. 1, 2017.

SAAD, Luísa G. **“Fumo de negro”: a criminalização da maconha no Brasil (c. 1890-1932)**. 139 f. 2013. Dissertação (Mestrado em História)–Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em História Social, Salvador, 2013.

SILVA, Felipe Figueiredo Gonçalves da. **“Não compre, plante”? A tipificação penal das situações de cultivo de canábis pelo Tribunal de Justiça de São Paulo**. 255f. 2016. Dissertação (Mestrado em Direito) - Fundação Getúlio Vargas: São Paulo, 2016.

SIMMEL, Georg. A natureza sociológica do conflito. in Moraes Filho, Evaristo (org.) **Simmel**. São Paulo: Ática, p. 122-134, 1983.

TELLES, Vera da Silva; HIRATA, Daniel Veloso. Cidade e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito. **Estudos avançados**, v. 21, n. 61, p. 173-191, 2007.

VELHO, Gilberto. **Nobres & Anjos: um estudo sobre tóxicos e hierarquia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

_____. **Dois categorias de acusação na cultura brasileira contemporânea**. In Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Parte I, Cap. 3, p. 55-64. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VERÍSSIMO, Marcos. **Maconheiros, fumons e growers**: um estudo comparativo dos consumos e cultivos caseiros de canábis no Rio de Janeiro e em Buenos Aires. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

VIDAL, Sérgio. A regulamentação do porte, cultivo e distribuição não-comercial de cannabis sativa: um paradigma legal de redução de danos (p. 61-96). Nery Filho, A. *et al.* (Org.). **Toxicomanias: Incidências clínicas e socioantropológicas**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2009.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, n. 44, 2016.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. v. 1. Brasília: UnB, 2009.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

GLOSSÁRIO

Barato	Efeito causado pelo uso social recreativo de maconha.
Bolador	Pessoa que sempre enrola o baseado para os amigos fumarem.
Camarão	Jeito de chamar a flor da maconha plantada em casa para fumar.
Careta	Pessoa que não usa maconha e reprime moralmente o uso.
Dichavador	Instrumento da cultura canábica utilizado para dichavar a maconha.
Dichavar	Triturar em pedaços o camarão ou maconha prensada.
Green	O mesmo que camarão.
Grower	Pessoa que planta a própria maconha.
Haxixe	Substância mais ativa extraída da própria maconha.
Indoor	Forma de plantio de maconha dentro de casa, como em guarda roupas, cômodas etc.
LSD	Dietilamida do ácido lisérgico, uma das mais conhecidas substâncias alucinógenas.
Outdoor	Forma de plantio de maconha fora de casa, no quintal, lage, terraço, etc.
Prensado	Modalidade de maconha comprimida em prensa comercializada ilegalmente.
Salvar	Ato de enrolar um baseado para quem não tem maconha fumar.
Seda	Tipo de papel utilizado para enrolar a maconha para fumar.
Verde	O mesmo que camarão e green.